



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

JOSÉ HENRIQUE BENEDETTI PICCOLI FERREIRA

**Sócio-sexualidade e Desconto do Futuro: mecanismo de alocação
de investimentos e tomada de decisão**

São Paulo
2009

JOSÉ HENRIQUE BENEDETTI PICCOLI FERREIRA

**Sócio-sexualidade e Desconto do Futuro: mecanismo de alocação
de investimentos e tomada de decisão**

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia
Experimental – Comportamento Animal.
Orientadora: Profa. Dr. Vera Silvia Raad
Bussab

São Paulo

2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Ferreira, José Henrique Benedetti Piccoli.

Sócio-sexualidade e desconto do futuro: mecanismo de alocação de investimentos e tomada de decisão / José Henrique Benedetti Piccoli Ferreira; orientadora Vera Silva Raad Bussab. -- São Paulo, 2009.

247 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Sexualidade 2. Atitudes sexuais 3. Diferenças individuais 4. Diferenças sexuais (humano) 5. Comportamento de risco I. Título.

HQ21

FOLHA DE APROVAÇÃO

José Henrique Benedetti Piccoli Ferreira

Sócio-sexualidade e Desconto do Futuro: mecanismo de alocação de investimentos e tomada de decisão

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Experimental – Comportamento Animal.

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À minha pequena e grande família.

AGRADECIMENTO

A Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo pelo incentivo e estrutura que permitiram a realização do curso de mestrado

Ao Departamento de Psicologia Experimental pelo ótimo trabalho e incentivo, disponibilizando recursos para o desenvolvimento dessa pesquisa.

À FAPESP, por acreditar na importância e potencial do projeto, disponibilizando apoio financeiro.

Ao Instituto do Milênio e todos que dele fazem parte pelo grande trabalho de desenvolvimento e divulgação da perspectiva evolucionista do comportamento humano principalmente no Brasil, pelo incentivo dado aos estudantes de pós-graduação para a pesquisa e a formação de vínculos entre os mesmos e com pesquisadores renomados.

À Profa. Vera por esses primeiros anos de cuidado alo-parental, tendo me aceito calorosamente como aluno no Bacharelado e incentivado minha permanência e desenvolvimento de diversas pesquisas, sempre com muito apoio e atenção quanto às nossas necessidades.

À Profa. Patrícia, pelo incentivo, pelas inúmeras contribuições e apoio, seja durante as monitorias, aulas ou na qualificação.

À Profa. Emma, pelo incentivo, dicas e conselhos, principalmente no início do projeto, os quais foram fundamentais para seu desenvolvimento, pelo apoio e incentivo nas monitorias e pesquisas paralelas, e por facilitar a ocorrência de um contato mais direto com Margo e Marin.

À Briseida, por atender meu pedido e contribuir de maneira significativa no período da qualificação.

Ao Prof. Fernando, pelas dicas e conselhos sobre o meu projeto, as quais foram fundamentais durante seu desenvolvimento.

Ao Prof. César Ades, pelo incentivo, dicas e conselhos, e pela promoção e divulgação de nosso trabalho do grupo Ciência Vista.

Ao Prof. Eduardo, pelo apoio e incentivo dos estudos desenvolvidos na monitoria, e pelas longas e ricas discussões.

À Sônia, funcionária do Departamento de Psicologia Experimental pela paciência e imensa gentileza e disponibilidade aos incansáveis e esquecidos alunos de pós-graduação.

À todos os funcionários da Secretaria de Pós-graduação pela eficiência e disponibilidade nos momentos mais corridos e trapalhados do nosso curso.

Aos demais funcionários do Instituto de Psicologia, sejam eles concursados ou terceirizados, eternos ou temporários, pelo belo serviço prestado à universidade e seus habitantes.

Aos alunos de monitoria pelas contribuições teóricas e práticas ao mestrado, à psicologia evolucionista brasileira e à minha prática didática.

Ao Marco, companheiro dos episódios constante de megalomania, pelas horas compartilhadas dentro e fora das paredes do laboratório, sempre contribuindo significativamente para nossas pesquisas e amizade.

Ao Altay, pelas contribuições significativas no início da caminhada estatística, pelo apoio e companhia na universidade e fora dela, principalmente nos eventos mais inusitados e repentinos.

Aos outros componentes da gangue, César, Lucas e Cai, com os quais sinto que compartilho alto coeficiente de parentesco, pelos dias e noites compartilhados dentro e fora da universidade.

Aos componentes permanentes e itinerantes da nossa banda, pelos momentos de descontração e espontaneidade durante o mestrado.

À Renata e Tiozão pela companhia e troca de idéias e angústias durante o mestrado e perspectivas futuras.

A todo pessoal dos laboratórios de Psicologia Comparativa e Etologia, estudantes de macacos pequenos ou grandes, pelas contribuições e companhia em diversos momentos.

Ao casal Margo Wilson e Martin Daly pelos elogios e contribuições teóricas e práticas à presente e às futuras pesquisas, assim como pela conceitualização do Desconto do Futuro dentro da perspectiva evolucionista, sem a qual não seria possível desenvolver essa pesquisa.

Ao Prof. David Schmitt por nos ter aceito como contribuidores do ISDP-2, projeto inter-cultural de sexualidade, assim como por ter nos convidado a participar do Congresso Internacional de Psicologia em Berlim.

Ao Prof. Jerry Hogan, nosso irmão mais velho, pelas discussões teóricas e críticas sobre ciência, assim como pela companhia garantida nos períodos de descontração.

Ao pessoal das Missões de Estudos, pela companhia e contribuições acadêmicas e pessoais.

À minha linda namorada, Suzana, e sua família, por todos esses anos de paciência, carinho e apoio incondicional às minhas escolhas.

Aos meus pais, principalmente à minha mãe, por sempre ter apoiado financeira e emocionalmente minha as minhas escolhas, acreditando no meu potencial e me dando liberdade quase ilimitada de decisão do rumos que gostaria e acreditava que deveria tomar na minha vida.

Aos meus familiares, por sempre contribuírem apoiando mais escolhas e por mostrarem sempre interesse em compreender os meus estudos.

Aos meus amigos de longa data, mesmo que se encontrem dispersos, estão sempre preparados a compartilhar alegrias e angústias.

A todos vocês meu muito obrigado.

“In the distant future I see open the fields for far more important researches. Psychology will be based on a new foundation.”

Charles Robert Darwin (1859), *On the Origin of Species*.

RESUMO

FERREIRA, J. H. B. P. **Sócio-sexualidade e Desconto do Futuro: mecanismo de alocação de investimentos e tomada de decisão**. 2008. – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Seriam as estratégias de Desconto do Futuro e as Estratégias Sexuais resultante de um mecanismo cognitivo comum de alocação de investimento? O Desconto do Futuro refere-se ao fato das pessoas (e outros organismos) normalmente preferirem consumir e adquirir recursos de maneira mais iminente do que esperar por um futuro incerto, envolvendo comportamentos impulsivos e de risco (Daly & Wilson, 2001). As estratégias sexuais são um sistema integrado de adaptações que organizam e guiam a alocação dos esforços reprodutivos dos indivíduos. Influenciando como os indivíduos selecionam parceiros, no quanto investem nas esferas de acasalamento e parental, etc (Buss & Schmitt, 1993). As variações encontradas entre os sexos e os indivíduos nessas duas estratégias comportamentais são resultado da alocação diferencial de investimento parental. A existência comum de variação entre os sexos e individuais, assim como a correlação direta das duas estratégias apoiaria a existência de um mecanismo comum. No presente trabalho foram realizados dois estudos. No primeiro estudo foram encontradas somente para as mulheres, relações diretas entre as estratégias, em que mulheres mais descontadoras eram sexualmente mais irrestritas, além de variações comuns entre as estratégias e fatores ontogenéticos e comportamentais. No segundo estudo foram confirmadas a relação direta feminina e foi encontrada a mesma relação para os homens, além de variações comuns entre as estratégias e fatores comportamentais. Os resultados apóiam a hipótese de mecanismo cognitivo comum de alocação de investimento, mostrando diferentes especificidades e sensibilidade entre os sexos.

Palavras-chave: Sexualidade, Atitudes sexuais, Diferenças individuais, Diferenças sexuais,
Comportamento de risco.

ABSTRACT

FERREIRA, J. H. B. P. **Sociosexuality and Discount of the Future: decision making and investment allocation mechanism.** 2008. – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Could Future Discounting and Sexual Strategies result of a common cognitive mechanism of investment allocation? Future Discounting refers to the fact that people (and other organism) usually prefer to consume and acquire resources in a more imminent way than wait for a uncertain future, involving impulsivity and risky behavior (Daly & Wilson, 2001). Sexual Strategies are a integrated system of adaptations that organize and guide individual allocation of reproductive efforts, influencing how individuals select partners, how much they invest in the mating and parental spheres, etc (Buss & Schmitt, 1993). Variations found between sexes and individuals in this behavioral strategies are resultant of differential parental investment allocation. The existence of common variation between sexes and individuals, such as correlations of the two strategies, support the existence of a common mechanism. In the present work were realized two studies. In the first study was found, only for women, direct relationship between the strategies, where the more discounting women are more sexually unrestricted, and were found common variation between the strategies and ontogenetic and environmental factors. In the second study was conformed the direct relationship to women and was found the same relationship to men, and common variations between the strategies and behavioral factors. The results support the hypotheses of common cognitive mechanism of investment allocation, showing different specificities and sensibilities between sexes.

Key Words: Sexuality, Sexual attitudes, Individual differences, Sexual differences, Risky behavior.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Níveis de organização do ciclo de vida.....	28
Tabela 2. Sumário de Diferenças entre homens e mulheres, quanto a variáveis nominais e métricas.....	70
Tabela 3. Média dos Escores da Escala de Estilo de Apego Adulto para os Três Clusters.....	93
Tabela 4. Análise descritiva e diferença de média entre homens e mulheres para variáveis paramétricas.....	96
Tabela 5. Análise descritiva e diferença de média entre homens e mulheres para variáveis não-paramétricas.....	96
Tabela 6. Sumário de correlações intra-sexuais.....	98

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa Perceptual da Associação entre o sexo dos participantes e o curso de origem.....	71
Figura 2. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto à altura.....	72
Figura 3. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto a quantidade de irmãos e irmãs.....	73
Figura 4. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e o sexo dos irmãos mais velhos dos mesmos.....	75
Figura 5. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e estar ou não namorando.....	77
Figura 6. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e estar ou não apaixonado.....	78
Figura 7. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e o hábito de freqüentar festas.....	80
Figura 8. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto aos hábitos.....	82
Figura 9. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto a Taxa de Desconto do Futuro.....	84
Figura 10. Gráfico de distribuição das escolhas masculinas no instrumento de desconto do futuro.....	85
Figura 11. Gráfico de distribuição das escolhas femininas no instrumento de desconto do futuro.....	86

Figura 12. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e grupo de desconto do futuro ao qual pertencem.....	87
Figura 13. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e o quartil de desconto ao qual pertencem.....	88
Figura 14. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto a sócio-sexualidade e seus componentes.....	90
Figura 15. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto aos fatores de relacionamento.....	92
Figura 16. Mapa Territorial com três centróides e a distribuição dos estilos de apego determinados pela análise de cluster.....	94
Figura 17. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e os estilos de apego.....	95
Figura 18. Gráfico de diferença de média do IOSS Atitude entre os homens que freqüentam ou não freqüentam festas.....	116
Figura 19. Gráfico diferença de média de IOSS Atitude entre homens que possuem ou não o hábito de fumar.....	116
Figura 20. Gráfico diferença de média da Sócio-sexualidade e seus componentes entre homens que possuem ou não o hábito de fumar em festas.....	118
Figura 21. Gráfico diferença de média da Sócio-sexualidade e seus componentes entre homens que possuem ou não o hábito de consumir bebidas alcoólicas em festas.....	119
Figura 22. Gráfico diferença de média de IOSS Tática e Comportamento entre homens que já possuíram ou não algum tipo de DST.....	120

Figura 23. Gráfico diferença de média da auto-avaliação de expectativa de vida entre homens quanto ao quartil de desconto ao qual pertencem.....	121
Figura 24. Gráfico diferença de média do Fator Ansiedade entre homens quanto ao quartil de desconto ao qual pertencem.....	122
Figura 25. Gráfico diferença de média no Fator k entre homens com pais divorciados ou não durante a sua infância.....	122
Figura 26. Gráfico diferença de média no Fator K entre homens quanto ao estilo de apego ao qual pertencem.....	123
Figura 27. Gráfico de diferença de média da Sócio-sexualidade e seus componentes entre mulheres quanto ao hábito de fumar ou não diariamente e em festas.....	125
Figura 28. Gráfico de diferença de média de IOSS tática entre mulheres quanto ao hábito de consumir ou não bebidas alcoólicas em festas.....	126
Figura 29. Gráfico de diferença de média de IOSS Estratégia entre mulheres quanto à afirmação de estar ou não apaixonada.....	127
Figura 30. Gráfico de diferença de média na Sócio-sexualidade e seus componentes entre mulheres que já possuíram ou não algum tipo de DST.....	128
Figura 31. Gráfico de diferença de média da Sócio-sexualidade e IOSS Atitude entre mulheres quanto ao quartil de desconto ao qual pertencem.....	129
Figura 32. Gráfico de diferença de média no Fator K entre mulheres quanto ao sexo dos irmãos mais velhos.....	130
Figura 33. Gráfico de diferença de média no Fator K entre mulheres que já possuíram ou não algum tipo de DSTs.....	131

Figura 34. Gráfico de diferença de média no Fator K entre mulheres quanto à sua classificação no Critério de Classificação Econômica Brasil.....	132
Figura 35. Mapa Perceptual de associação entre o quartil de desconto ao qual o participante pertence e ordem de nascimento.....	133
Figura 36. Mapa Perceptual da associação entre o quartil de desconto ao qual o participante pertence e o sexo dos irmãos mais novos.....	134
Figura 37. Mapa Perceptual da associação entre o quartil ao qual o participante pertence e a existência de divórcio durante a infância.....	135
Figura 38. Mapa Perceptual da associação entre o quartil de desconto ao qual o participante pertence e o estilo de apego.....	136
Figura 39. Mapa Perceptual da associação entre o quartil de desconto ao qual o participante pertence e o histórico de DSTs.....	137
Figura 40. Gráfico de diferença de idade da primeira menarca entre as diferentes classes sócio-econômicas nas quais as participantes se encontram segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil.....	157
Figura 41. Mapa Perceptual de associação entre o sexo dos participantes e o curso ao qual pertencem.....	181
Figura 42. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto a características da musicalidade dos participantes, como a frequência com a qual cantam ou tocam e o quanto apreciam música.....	183
Figura 43. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e a participação em relacionamento amoroso de longa duração.....	184

Figura 44. Mapa Perceptual de associação entre o sexo dos participantes e estar ou não apaixonado.....	185
Figura 45. Gráficos da distribuição das escolhas masculinas na primeira e segunda bateria do instrumento de desconto do futuro.....	187
Figura 46. Gráficos da distribuição das escolhas femininas na primeira e segunda bateria do instrumento de desconto do futuro.....	188
Figura 47. Mapa Perceptual de associação entre o sexo dos participantes e o grupo de desconto (segunda bateria) ao qual pertencem.....	189
Figura 48. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e o quartil de desconto do futuro ao qual pertencem.....	190
Figura 49. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto a sócio-sexualidade e seus componentes.....	192
Figura 50. Gráfico do efeito de ativação contextual da música no estado de ânimo de homens e mulheres. Legenda: FN – fatores negativos; FP – fatores positivos; H – homens; M – mulheres; MA – música alegre; MT – música triste.....	194
Figura 51. Gráfico do efeito de ativação contextual da música na taxa de desconto do futuro de homens e mulheres. Legenda: H – homens; M – mulheres; MA – música alegre; MT – música triste.....	194

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO	24
1.1 Adaptações	25
1.2 Alocação de Investimento	26
1.3 Teoria Evolutiva dos Ciclos de Vida	27
1.4 Seleção Sexual	31
1.5 Teoria do Investimento Parental	32
1.6 Teoria Pluralistas das Estratégias Sexuais	33
1.6.1 Teorias das Estratégias Sexuais	38
1.6.2 Teoria do Pluralismo Estratégico	40
1.7 Desconto do Futuro	43
1.8 Sócio-Sexualidade	46
1.9 Diferenças intra-sexuais ou individuais	48
1.9.1 Modelo do Nível dos Andrógenos Pré-natais	52
1.9.2 Modelo do Ambiente de Criação	55
2. ESTUDO 1	59
2.1 Objetivo Geral	60
2.2 Objetivos Específicos	60
3. MATERIAL E MÉTODOS	62
3.1 Participantes	62
3.2 Material	62
3.2.1 Inventário de Orientação Sócio-Sexual (IOSS)	64
3.2.2 Questionário de Desconto do Futuro	65

3.2.3 Questionário de Relacionamento (QD)	67
3.2.4 Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB)	68
3.3 Procedimento	68
3.4 Análise	69
4. RESULTADOS	70
4.1 Análise descritiva geral e Comparações Intersexuais	70
4.2 Correlações, Comparações e Associações Intra-sexuais	97
4.2.1 Correlações intra-sexuais masculinas	97
4.2.1.1 Sócio-sexualidade e Componentes	97
4.2.1.2 Desconto do Futuro	104
4.2.2 Correlações intra-sexuais femininas	106
4.2.2.1 Sócio-sexualidade e Componentes	106
4.2.2.2 Desconto do Futuro	113
4.2.3 Comparações intra-sexuais masculinas	115
4.2.3.1 Sócio-sexualidade e Componentes sócio-sexuais	115
4.2.3.2 Componentes de Desconto do Futuro	120
4.2.4 Comparações intra-sexuais femininas	123
4.2.4.1 Sócio-sexualidade e Componentes sócio-sexuais	123
4.2.4.2 Componentes da Sócio-sexualidade e Desconto do Futuro	128
4.2.4.3 Desconto do Futuro	129
4.2.5 Associações intra-sexuais masculinas	132
4.2.6 Associações intra-sexuais femininas	136
4.3 Regressões	137
4.3.1 Homens	138
4.3.2 Mulheres	140

5. DISCUSSÕES	142
5.1 Diferenças entre homens e mulheres	144
5.2 Diferenças Intra-sexuais	148
5.2.1 Modelo de Masculinização Cognitiva	150
5.2.2 Modelo do Ambiente de Criação	156
5.2.3 Mecanismo cognitivo de alocação de investimento	162
5.2.4 Componentes Táticos e Estratégicos	166
6. ESTUDO 2	171
6.1 Introdução	172
6.2 Objetivo	176
7. MATERIAL E MÉTODOS	176
7.1 Participantes	176
7.2 Material	177
7.2.1 Inventário de Orientação Sócio-sexual	177
7.2.2 Questionário de Desconto do Futuro	177
7.2.3 Questionário de auto-avaliação de ânimo (PANAS)	178
7.3 Procedimentos	178
7.4 Análise	179
8. RESULTADOS	180
8.1 Análise Descritiva Geral e Comparações Intersexuais	180
8.2 Comparação de Média de Medidas Repetidas	192
8.2.1 Homens	192
8.2.2 Mulheres	193
8.3 Correlações	195
8.3.1 Correlações masculinas	195

8.3.1.1 Sócio-sexualidade e componentes	195
8.3.1.2 Desconto do Futuro, Sócio-sexualidade e componentes	196
8.3.1.3 Desconto do Futuro	197
8.3.2 Correlações femininas	197
8.3.2.1 Sócio-sexualidade e componentes	197
8.3.2.2 Desconto do Futuro, Sócio-sexualidade e componentes	199
8.3.2.3 Desconto do Futuro	199
9. DISCUSSÃO	200
9.1 Diferenças entre homens e mulheres	200
9.2 Diferenças Intra-sexuais	203
9.2.1 Ativação contextual pela música	204
9.2.2 Mecanismo cognitivo de alocação de investimento	206
10. DISCUSSÃO GERAL	210
11. CONCLUSÕES	220
12. REFERÊNCIAS	223
ANEXO A - Material Metodológico (Estudo1)	234
ANEXO B - Termo de consentimento livre e esclarecido (Estudo 1)	240
ANEXO C - Aprovação do Comitê de Ética com seres Humanos do IPUSP	241
ANEXO D – Material Metodológico (Estudo 2)	242
ANEXO E – Termo de consentimento livre e esclarecido (Estudo 2)	247

1. INTRODUÇÃO

No último século, o desenvolvimento das teorias evolutivas buscando explicações para o comportamento dos animais trouxe à tona a discussão da aplicabilidade de tais interpretações para o comportamento humano. A discussão se acentuou nas três últimas décadas, após o lançamento do livro *Sociobiologia* por Wilson (1975), que prometia uma nova síntese da vida e das ciências sociais baseadas em alguns dos novos princípios da biologia evolutiva. O debate de como esses princípios poderiam ser precisamente aplicados aos comportamentos humanos levou à rápida abertura de novos campos de pesquisa (Gangestad & Simpson, 2007). Nos anos seguintes abordagens alternativas já podiam ser encontradas, incluindo a ecologia comportamental humana (Chagnon & Irons, 1979), a co-evolução gene-cultura (Boyd & Richerson, 1985) e a psicologia evolucionista (Tooby & Cosmides, 1989).

A Psicologia Evolucionista se destaca das outras abordagens, por ser não somente resultante do desenvolvimento das teorias evolutivas que embasavam o comportamento, mas por resultar de um processo de co-evolução entre a biologia evolutiva e as ciências cognitivas e sua perspectiva computacional da mente (Ades, 2009; Evans & Zarate, 1999; Gangestad & Simpson, 2007). Nessa nova perspectiva a visão darwiniana adaptacionista é aplicada aos mecanismos cognitivos, sendo esses interpretados como adaptações mentais (módulos mentais) selecionadas para a resolução de problemas adaptativos específicos (Pinker, 1998). A grande questão a ser respondida pela psicologia evolucionista é a função evolutiva de tais mecanismos e suas estratégias comportamentais, assim como, quais eram as pressões seletivas enfrentadas por cada mecanismo específico (problemas adaptativos). As respostas para essas questões são encontradas nas pressões seletivas de nosso ambiente ancestral e no modo como nossos módulos mentais são construídos, seus processamentos de informação e suas respostas

frente a diferentes contextos ecológicos (Buss, 2005; Gangestad & Simpson, 2007; Otta & Yamamoto, 2009).

1.1. Adaptações

Adaptações são mecanismos que possibilitaram aos indivíduos a resolução de problemas adaptativos encontrados no ambiente ancestral, aumentando sua capacidade de sobrevivência e reprodução em relação aos outros indivíduos possuidores de outras variações do mesmo mecanismo (Alcock, 2001; Crawford & Krebs, 1998). As adaptações são identificadas por apresentarem traços e respostas específicas relacionados a um “projeto especial” (Williams 1966), mostrando especificidades, eficiência e economia na produção de respostas particularmente benéficas. A existência de adaptações para a resolução de problemas específicos aumenta flexibilidade adaptativa de um comportamento e diminui os custos e o tempo de resolução (Tooby & Cosmides 1992). Esses mecanismos devem operar de acordo com regras específicas de decisão que são ativadas por determinados sinais do ambiente, produzindo respostas eficientes e estáveis, projetadas para solucionar problemas adaptativos. Essas decisões não estão necessariamente sob controle consciente. Por exemplo, as bases da atração por um potencial parceiro amoroso, as suspeitas a respeito da infidelidade de um parceiro, ou a interpretação de um flerte são todas respostas a sinais específicos do ambiente e são governados por regras inconscientes, implícitas nas tomadas de decisão.

Segundo a psicologia evolucionista, nosso cérebro seria um sistema modular integrado de adaptações mentais, compostas por diversos mecanismos psicológicos de domínio-específico e domínio-geral, selecionados evolutivamente para a resolução de problemas adaptativos encontrados em nosso ambiente de adaptabilidade evolutiva, como a alocação de investimentos ao longo de nosso ciclo de vida e as tomadas de decisão frente aos dilemas

evolutivos (Brase, 2002; Geary & Huffman, 2002; Moura & Oliva, 2009; Ratcliffe, 2005; Seok, 2006).

1.2. Alocação de investimento

Indivíduos investem considerável tempo, esforço e energia na tentativa de maximizar sua aptidão abrangente de acordo com as restrições ecológicas as quais são expostos (Volland, 1998). A aptidão abrangente é uma medida composta pela reprodução direta do indivíduo e pelo aumento da taxa de sobrevivência e reprodução de seus parentes (Hamilton, 1964); ambos os ganhos podem ser expressos nas mesmas unidades genéticas. Tal medida nos permite determinar o sucesso genético relativo de duas ou mais estratégias comportamentais (Alcock, 2001).

A alocação de investimentos está diretamente relacionada em como manejar os recursos de modo a aumentar a aptidão abrangente. Esses fatores são importantes não somente porque colocam o indivíduo em risco (podendo diminuir seu sucesso reprodutivo futuro em detrimento de benefícios imediatos), mas porque cada indivíduo pode usá-lo de maneira diferente. Essa alocação diferencial é responsável pela variação inter e intra-sexual. A alocação de investimento é de grande importância adaptativa devendo depender de adaptações psicológicas especializadas na solução dos dilemas evolutivos, como proposto por Kaplan e Gangestad (2005). As adaptações responsáveis pela alocação possuem custos associados, que resultam na perda de benefícios da aptidão devido ao modo como o uso dos recursos é realizado.

A especificação dos dilemas de custos e benefícios envolvidos na alocação de tempo, energia e esforço pelos indivíduos de modo a aumentar sua aptidão abrangente é a principal meta da análise evolutiva. Os dilemas são ilustrados pela alocação diferencial de esforços

entre atividades que necessitam alto ou baixo investimento na esfera parental. O investimento parental é qualquer investimento realizado pelos pais em relação a um filho que aumente as chances desse sobreviver e se reproduzir, em detrimento da sua capacidade de investir em outros filhos (Trivers, 1972). Essa definição implica em um dilema básico encontrado nas estratégias sexuais. O investimento parental pode aumentar a probabilidade da prole sobreviver e conseqüentemente se reproduzir, aumentando sua aptidão. Entretanto, o investimento parental também tem seus custos. A quantidade de investimento é medida em unidades de perda de benefício de investimentos alternativos, como a perda da oportunidade de investir em outros filhos. Indivíduos que escolhem investir na esfera parental poderiam fazer outras coisas com seu tempo e energia limitados, como alocar esforço na busca de um grande número de parceiros amorosos. Esses custos incluem os benefícios perdidos em atividades que serão deixadas de lado.

Desse modo, a psicologia humana pode ser entendida como um complexo sistema de processamento microeconômico, responsável pela alocação eficiente de tempo e energia em funções alternativas e competidoras, de acordo com regras baseadas na busca de benefícios a curto ou longo prazo. Tornando possível a previsão de mecanismos cognitivos gerais para a alocação de investimentos e resolução dos dilemas evolutivos, como no caso da alocação de investimento parental.

1.3. Teoria Evolutiva dos Ciclos de Vida

A Teoria Evolutiva dos Ciclos de Vida é a teoria responsável pelo estudo da alocação de investimento (energia, tempo e esforços) pelos indivíduos para diferentes domínios da vida, permitindo a compreensão do surgimento das variações inter e intra-sexuais (Geary, 2002; Roff, 1992).

Os Ciclos de Vida teriam evoluído para maximizar a contribuição do material genético para as gerações seguintes (Voland, 1998). A maximização é realizada através da alocação de esforços em diferentes domínios (Figura 1.). Os domínios de alocação de investimento incluem os somáticos, que incluem qualquer investimento em crescimento, desenvolvimento (físico e mental), diferenciação, manutenção do corpo e aprendizagem, o que permite o acúmulo de potencial reprodutivo, aumentando o valor reprodutivo residual do indivíduo. No domínio reprodutivo os esforços são investidos, explorando o potencial reprodutivo do indivíduo, diminuindo seu valor reprodutivo residual (Williams, 1966). O domínio reprodutivo pode ser dividido em três segmentos: os imediatos, que envolvem a alocação na esfera do acasalamento (competição intra e intersexual, a busca e o cortejando de múltiplos parceiros); os futuros, que envolvem a alocação na esfera parental (retendo parceiros e investindo na produção e criação de filhos); e o nepotismo extraparental, que envolve o investimento de esforços em parentes mais distantes (Crawford & Krebs, 1998; Geary, 2002; Voland, 1998). Desde que os esforços sejam limitados, sua alocação enfrenta um dilema entre os diferentes domínios. Estando a vantagem da expressão de um traço relacionada freqüentemente à custos e limitações associados à expressão de outro traço (Williams, 1966).

Ciclo de Vida					
Esforço Somático			Esforço Reprodutivo		
Infância e Juventude		Vida	Anos de Vida Reprodutiva		
Crescimento	Desenvolvimento	Manutenção (Sobrevivência)	Acasalamento	Parental	Nepotismo

Tabela 1. Níveis Organizacionais do ciclo de vida.

Como a “unidade de esforço” pode ser investida somente uma única vez, a evolução lapidou os organismos para que possuíssem estratégias reprodutivas, através das quais é

constantemente necessária a tomada de decisões a respeito da melhor possibilidade de alocação dentre os seus investimentos limitados. Algumas dessas decisões de alocação (regras de alocação) foram geneticamente fixadas nos organismos ao longo da evolução, enquanto outras requerem ajustes espontâneos dependentes do contexto ecológico (Volland, 1998). A avaliação de custos e benefícios, em muitos casos pode ser realizada através de alguns traços como: a quantidade de filhos, padrões de crescimento, idade e tamanho em que chegam à maturidade, estimativa das idades de nascimento e morte, e número e proporção de sexo dos filhos (Crawford & Krebs, 1998; Stearns, 1992; Volland, 1998).

Dentre os diversos conflitos que podem existir, quatro grandes dilemas se destacam. Primeiro encontramos o dilema entre a alocação de esforços no domínio somático ou no domínio reprodutivo. Deveria um indivíduo continuar investindo nele mesmo, aumentando seu valor reprodutivo, através do reforço de características físicas e sociais, através de reparos, com o acúmulo de recursos somáticos, ou deveria começar a reproduzir, buscar parceiros e competir por eles? O segundo envolve o dilema entre a reprodução direta ou indireta. Deveria um indivíduo reproduzir-se, ou ao invés disso, ele deveria apoiar e investir na reprodução de seus parentes, como o cuidado de netos ou sobrinhos? O terceiro encontra-se dentro do domínio reprodutivo, e está relacionado ao dilema entre investir na esfera do acasalamento versus investir na esfera parental. Deveria um indivíduo investir em diversos parceiros amorosos, maximizando sua taxa de fertilização (caso masculino) e a competição espermática (caso feminino), ou deveria investir em poucos ou apenas um único parceiro, maximizando seu investimento parental? O quarto dilema está relacionado em investir em qualidade ou quantidade de filhos. Deveria um indivíduo investir em poucos filhos, os quais ele poderia investir de maneira elevada, ou deveria investir em um grande número de filhos, maximizando o seu número de descendentes? Todas essas decisões dependem das estratégias

reprodutivas que os indivíduos possuem, e das condições ecológicas favoráveis para cada escolha (Volland, 1998).

Durante o curso de vida humano, dilemas são solucionados em relação a um padrão normativo específico, como: antes da puberdade, os domínios somáticos recebem todos os esforços, sendo eventualmente uma parte desses esforços deslocada para o domínio do nepotismo extraparental, especialmente quando irmãos mais novos estão presentes. Com a puberdade (maturação sexual) entra-se no estágio reprodutivo, sendo necessário um deslocamento considerável de investimento para o domínio reprodutivo. Os esforços reprodutivos atingem seu pico no início da vida adulta e decrescem com o passar do tempo, dando mais e mais espaço ao cuidado de parentes de modo geral, incluindo o cuidado aloparental promovido pelos avós (Penke, 2005).

Acompanhando essas diferenças ontogenéticas normativas, observamos diferenças inter-sexuais na alocação das estratégias, até em uma mesma faixa etária de uma população. Essas diferenças relacionadas com a alocação de esforços para domínios reprodutivos e seus subdomínios são denominados como estratégias reprodutivas ou sexuais, as quais compõem o dilema central dos ciclos de vida, sendo o principal eixo de alocação de investimento, envolvendo uma negociação entre esforços para a procura e o cortejamento de parceiros e esforços para a retenção de um parceiro e o investimento parental (Penke, 2005), ou seja, entre a reprodução precoce e imediata, ou a tardia (Crawford & Krebs, 1998).

A idade do início da puberdade e a idade da primeira relação sexual são influenciadas pela taxa de mortalidade e a longevidade da população e parecem funcionar como indicativas da resolução desse dilema de alocação de recursos em diferentes condições ambientais. Em ambientes de risco, a reprodução mais imediata possível é favorecida em relação à reprodução tardia. Nos humanos, observamos que a maioria das mães adolescentes provém das classes econômicas menos abastadas, nas quais as taxas de mortalidade são maiores e a longevidade

menor em comparação com as mais abastadas. Os indivíduos são sensíveis às incertezas do seu ambiente, podendo escolher uma tática reprodutiva precoce, na tentativa inconsciente de maximizar seus recursos reprodutivos no contexto de sua história de vida, mesmo que isso reduza suas chances de ter uma alta fertilidade e diminua o investimento em seus filhos (Crawford & Krebs, 1998; Penke, 2005). A influência do ambiente e as conseqüentes tomadas de decisão frente ao dilema evolutivo são as responsáveis pela abertura do leque das variações individuais.

1.4. Seleção Sexual

Os dilemas reprodutivos ganharam um aprofundamento em sua análise, a partir do momento em que Darwin observou a intensa disputa e tomada de risco envolvida na maximização do sucesso reprodutivo. A Seleção Sexual, como foi proposta originalmente por Darwin (1871), refere-se à evolução de características que dão aos organismos vantagens reprodutivas, em contraste às vantagens da sobrevivência, através de uma dinâmica de alocação de esforços reprodutivos na competição por parceiros ou no investimento parental (Geary, 2002). Três mecanismos se destacam na busca por vantagens reprodutivas: (a) competição intra-sexual, na qual indivíduos do mesmo sexo disputam o acesso a parceiros do outro sexo, resultando na evolução de diferenças entre os sexos quanto a traços que facilitem essa competição. Um dos principais meios de expressão de competição intra-sexual é o desenvolvimento de traços físicos e armamentos; (b) atração inter-sexual, na qual indivíduos de sexos diferentes utilizam-se de sinais para a atração do parceiro do sexo oposto, sinais esses que podem ser de dois tipos: atributos que representam sinais de qualidade de “bom provedor” e atributos que sugerem que o indivíduo pode ter “bons genes” (Gangestad & Simpson, 2000). O sexo que investe mais na esfera parental tende a ser o responsável pela

escolha dos parceiros reprodutivos, ao invés do o outro sexo, como ocorre no caso do sexo feminino (Geary, 2002); (c) competição inter-sexual, na qual indivíduos do sexo oposto competem por vantagens reprodutivas, levando ao desenvolvimento de uma corrida armamentista, que resulta em características como ovulação oculta no caso dos humanos e o infanticídio masculino (Drea & Wallen, 2003).

Em muitas espécies, o número de parceiros que um dos sexos pode obter está direta e fortemente relacionado ao seu sucesso reprodutivo. No entanto, há diferença entre os dois sexos. Na maioria dos mamíferos as fêmeas são fatores limitantes dos recursos reprodutivos dos machos, que competem para atrair parceiras. Observando essa disparidade, podemos indagar que as pressões da seleção sexual devem ter se exercido mais intensamente na competição intra-sexual masculina e em sinais especializados às preferências femininas (Trivers, 1972). Os resultados de tais pressões seletivas são as variações inter-sexuais, dentre as quais destacamos as encontradas quanto às estratégias reprodutivas (Schmitt, 2005), escolha de parceiros (Rhodes, Simmons & Peters, 2005), variação na aceitação de risco (Daly & Wilson, 2001) e desconto do futuro (Daly & Wilson, 2005). No entanto, é importante destacar que taxas elevadas de investimento parental masculino na espécie humana interfere na tradicional dinâmica de seleção sexual encontrada nos demais mamíferos. Resultando em maior frequência de escolha masculina de parceiros e competição intra-sexual feminina

1.5. Teoria do Investimento Parental

As variações intersexuais seguem a lógica estabelecida na Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972; Buss & Schmitt, 1993). Trivers (1972) propôs que a força central subjacente à seleção sexual é o grau de investimento parental de cada sexo na prole. Como já apresentado à cima, o investimento parental é qualquer investimento realizado pelos pais em

relação a um filho que aumente as chances desse sobreviver e se reproduzir, em detrimento da sua capacidade de investir em outros filhos (Trivers, 1972). O investimento parental das mulheres é direto, envolvendo a gestação e amamentação, selecionando uma estratégia feminina peculiar, pois o nível mais intenso de investimento na prole pressionam as mulheres a serem mais exigentes e mais recatadas na escolha de um parceiro. Os homens, cujo investimento na prole não é direto, têm uma estratégia vinculada a uma menor exigência e maior competitividade pelo acesso às mulheres (Buss, 1994, 2003; Daly & Wilson, 2001; Buss & Barnes, 1986; Buss & Schmitt, 1993). Portanto, quanto maior for a diferença no investimento parental entre os sexos, maiores serão as diferenças das estratégias reprodutivas (Buss & Schmitt, 1993).

1.6. Teorias Pluralistas das Estratégias Sexuais

A aplicação dessa lógica baseada na diferença de investimento parental tem esclarecido as preferências masculinas e femininas, ao levar em conta características sexuais e reprodutivas relevantes evolutivamente, tais como a ovulação oculta, a ocorrência de fertilização interna, a extensão do período de gestação e de dependência por parte do bebê de cuidados maternos e da amamentação, além da necessidade de um investimento masculino nos filhos bastante alto (Wright, 1996; Buss, 2003; Simpson & Lapaglia, 2005). Ao mesmo tempo, a junção das teorias da Seleção Sexual e Evolutiva dos Ciclos de Vida, permite a compreensão e a especulação a respeito dos mecanismos proximais e as possíveis pressões seletivas que dariam origem às variações ancestrais e atuais entre os indivíduos, quanto a essas estratégias (Geary, 2002). Essa fusão é realizada através de uma análise conjunta dos conceitos de competição intra e intersexual, e atração inter-sexual pertencentes à Teoria da Seleção Sexual e os dilemas evolutivos de alocação de investimento que compõem a Teoria

Evolutiva dos Ciclos de Vida. Permitindo um estudo mais realístico e factível da variação individual nas estratégias sexuais.

As estratégias, de modo geral, podem ser definidas como programas geneticamente embasados (ex: regras de decisão), usados pelos indivíduos para alocar seus esforços somáticos e reprodutivos em um fenótipo alternativo específico (táticas); as estratégias estão relacionadas a soluções adaptativas ligadas a um problema específico, como identificar um parceiro adequado ou um competidor à altura. As estratégias funcionam através de mecanismos fisiológicos, neurológicos e ontogenéticos, que detectam sinais evolutivamente relevantes, acionando as regras estratégicas de decisão. As táticas, por sua vez, são fenótipos (ações e comportamentos) resultantes da estratégia, usados pelos indivíduos dependendo das condições de seu ambiente imediato, de acordo com a sua estratégia (Gross, 1996). As estratégias sexuais, por sua vez, podem ser definidas como um sistema integrado de adaptações que organizam e guiam a alocação dos esforços reprodutivos dos indivíduos. Influenciando como os indivíduos selecionam parceiros, no quanto investem nas esferas de acasalamento e parental, etc. As estratégias sexuais com frequência envolvem uma grande variedade de táticas comportamentais (Gangestad & Simpson, 2000).

Nas últimas duas décadas a estratégia sexual humana tem sido uns dos principais focos da abordagem evolucionista do comportamento humano. Estudos de seleção de parceiros amorosos e de preferências temporais quanto a relacionamentos amorosos têm recebido destaque (Schmitt *et al.*, 2001). As pesquisas vêm tentando responder algumas questões fundamentais. São os seres humanos fundamentalmente monogâmicos, desenhados para procurar e possuir um único parceiro durante toda a vida? Ou seriam os humanos essencialmente promíscuos, desenhados para a procura de múltiplos parceiros? Poderiam eles optar por um cardápio temporalmente misto, dentro da diversidade das estratégias sexuais? E

homens e mulheres divergiriam fundamentalmente no seus componentes temporais de estratégia sexual?

O debate a respeito da dimensão temporal de nossas estratégias deu origem a diversas teorias. De acordo com uma teoria evolucionista, os humanos foram desenhados para possuírem uma monogamia seriada. A formação de casais durante o período necessário para o surgimento e desenvolvimento primário de um único filho, tendo um intervalo de duração de 3 a 4 anos (Fisher, 1992). As conclusões são resultado de observação de grupos de caçadores coletores encontrados na atualidade. Segundo Fisher (1992), a estratégia seria igualmente vantajosa para homens e mulheres, desconsiderando o declínio mais abrupto encontrado no valor reprodutivo feminino com o passar da idade (Williams, 1975), como por exemplo as mudanças resultantes do período da menopausa, que reduzem a zero a possibilidade das mulheres alocarem esforços na esfera reprodutiva direta. Enquanto os homens, apesar da redução na contagem espermática e diminuição na qualidade dos espermatozoides, continuam férteis até os últimos dias de suas vidas.

Uma segunda teoria sugere que os humanos são fundamentalmente desenhados para viver em relacionamentos de longa duração, e qualquer desvio nesse padrão representaria uma ruptura de nossa sexualidade natural (Zeifman & Hazan, 1997). Os autores argumentam que nossa estratégia sexual teria co-evoluído com os mecanismos de apego, o que permitiria uma maior estabilidade dos relacionamentos, que não seriam encontradas na ausência de uma formação de vínculo através do apego romântico. Nessa perspectiva os estilos de apego inseguro seriam vistos como mal-adaptativos, ao invés, de estratégias alternativas viáveis. Pois, através de uma perspectiva evolutiva, teriam levado à imposição de riscos à sobrevivência e posterior reprodução da prole, ao mesmo tempo, seriam proximalmente mal-adaptativas, por gerarem instabilidade nos relacionamentos. A teoria de Zeifman e Hazan recebe apoio de Miller e Fishkin (1997), que de maneira mais extremista declaram os

relacionamentos de curta duração e os estilos de apego inseguro como perturbações ou desvios da nossa estratégia espécie-típica de formação de relacionamentos duradouros. Sendo resultado de fontes não naturais e atuais de variabilidade do cuidado parental, que teria emergido somente após o Pleistoceno.

Por outro lado, encontramos perspectivas que escolhem a estratégia de curto prazo como a estratégia fundamental dos seres humanos, e igualmente vantajosa e aplicável a homens e mulheres. Silverstein (1996) argumenta que homens e mulheres são fundamentalmente promíscuos, dando grande atenção ao nosso parentesco com os bonobos, e suas taxas elevadas e indiscriminadas de atividade sexual. No entanto, através de comparações filogenéticas e evidências empíricas, poucos argumentos dão suporte a essa posição (Hrdy, 1981).

Outras perspectivas envolvem uma visão pluralista, onde existiriam diferenças de gênero e individuais em relação à adoção de estratégias e táticas reprodutivas de curto prazo ou de longo prazo (Buss & Schmitt, 1993; Clark, 2004; Gangestad & Simpson, 2000; Voland, 1998).

Essas diferenças entre estratégias masculinas e femininas tornam-se mais evidentes nos relacionamentos de curta duração. As estratégias reprodutivas humanas devem ser muito sensíveis ao contexto temporal do nível de envolvimento da relação amorosa (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998). Estratégias de curto prazo e de longo prazo teriam evoluído em resposta a diferentes pressões seletivas que cada sexo enfrentou, conforme aumentava o tempo de envolvimento amoroso da relação e a exigência de investimentos na prole (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998).

A estratégia de curto prazo consiste em manter um grande número de relacionamentos de curta duração e proporcionar pouco investimento parental. Essa estratégia está ligada a uma ênfase nos atributos e recursos adaptativos que poderiam ser transmitidos genética ou

socialmente para os filhos, sem contar com os cuidados diretos do parceiro ocasional. A estratégia poderia ser vantajosa tanto para homens quanto para mulheres, em determinadas circunstâncias, porém, é mais comumente adotada por homens, devido aos baixos gastos fisiológicos para gerar um filho (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1999).

A estratégia de longo prazo, por sua vez, consiste em entrar em poucos relacionamentos exclusivos de longa duração, com uma ênfase em investimento parental elevado de ambos os pais para seus filhos (Buss & Schmitt, 1993; Simpson & Gangestad, 1991). Essa estratégia também pode ser vantajosa tanto para homens quanto para mulheres, porém, é mais comumente adotada por mulheres devido ao seu alto gasto para gerar um filho (Buss 1994, 2003; Wright, 1996).

As Teorias Pluralistas das estratégias sexuais estão baseadas na alocação de investimento e nas subseqüentes teorias da Seleção Sexual, do Investimento Parental e dos Ciclos de Vida, e argumentam que os seres humanos possuem um complexo repertório de estratégias reprodutivas, as quais são ativadas diferentemente, dependendo do contexto ambiental e temporal (Volland, 1998). O repertório estende-se aos dois sexos, tanto para relacionamentos de curto, como de longo prazo. As duas principais Teorias Pluralistas são a Teoria das Estratégias Sexuais e Teoria do Pluralismo Estratégico. As duas Teorias contrastam quanto à interpretação de quais mecanismos estão relacionados à propensão e escolha de determinado relacionamento, além de divergirem a respeito das causas evolutivas dos relacionamentos de curto prazo no sexo feminino. A Teoria das Estratégias Sexuais tem uma peculiaridade na interpretação desses relacionamentos femininos de curto prazo, pois os considera uma estratégia complementar a serviço da identificação de um parceiro adequado para um relacionamento de longo prazo, enquanto a teoria do Pluralismo Estratégico julga que a tática de curto prazo tenha um valor adaptativo específico, ligado à escolha de “bons genes”.

1.6.1. Teoria das Estratégias Sexuais

Buss e Schmitt (1993) partem da idéia de que os relacionamentos humanos são escolhidos de forma estratégica e que as diferentes estratégias são encontradas em ambos os sexos. Os autores acreditam que homens e mulheres sofreram diferentes pressões durante a evolução, o que os levou a possuir preferências diferentes e responder diferentemente às variações do contexto ambiental e temporal (Buss, 1998).

Devido às diferentes pressões evolutivas encontramos uma variação nas ligações entre o investimento parental e a seleção sexual, fazendo com que o sexo que investe mais na prole (feminino) seja mais discriminativo na escolha do parceiro (atração intersexual); o sexo que investe menos na prole (masculino) deveria competir mais vigorosamente pelo acesso a membros do sexo oposto (competição intra-sexual) (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998). Na teoria citada, os autores tomam como base, as idéias de Trivers (Gangestad & Simpson, 2000).

A Teoria das Estratégias Sexuais apresenta dados de pesquisas, os quais corroboram a hipótese de que os relacionamentos de curto prazo estão mais diretamente ligados aos homens (sexo que investe menos) e que as mulheres (sexo que mais investe) têm uma preferência pelos relacionamentos de longo prazo. No entanto, ambas as estratégias são encontradas nos dois sexos, o que leva a uma argumentação a respeito das diferentes vantagens encontradas para cada sexo (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998).

Pela utilização do termo estratégia (programas geneticamente embasados) e uma argumentação com base na Teoria de Investimento Parental de Trivers, Buss e Schmitt apresentam, em sua teoria das estratégias sexuais, argumentos a favor das diferenças entre os sexos quanto à escolha da melhor estratégia sexual, mas não conseguem explicar as diferenças individuais.

Segundo a Teoria das Estratégias Sexuais, a estratégia de curto prazo para os homens é importante, pois possibilita a aquisição de um grande número de parceiras, através das quais podem disseminar seus genes. Por outro lado a estratégia de longo prazo traz grande vantagem reprodutiva, pois oferece a possibilidade de ter controle sobre os recursos reprodutivos femininos durante toda a sua vida fértil, resolver em parte o problema da dúvida do período fértil e da paternidade. Além de promover cooperação econômica, aliança duradoura com os parentes da parceira, e a obtenção de uma mulher de alto valor reprodutivo, aumentando a qualidade genética dos filhos (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998).

A estratégia de curto prazo para as mulheres é o ponto mais discutido pelos autores. Embora considerem as vantagens do curto prazo, como a extração imediata de recursos materiais e a proteção por curto prazo de tempo, revertem o raciocínio ao apontar como principal vantagem a possibilidade de uso do curto prazo para avaliar um parceiro para um relacionamento posterior de longo prazo. Em outras palavras, o curto prazo não passaria de um estratagema feminino a serviço dos relacionamentos de longo prazo, que possibilitaria vantagens duradouras como o investimento parental, recursos e proteção para a mulher e os filhos (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998). Como podemos ver, em tal interpretação, a estratégia de curto prazo não é a rigor uma opção feminina, ela sempre possui uma relação e tem por finalidade o estabelecimento de um relacionamento de longo prazo.

Seguindo a lógica da Teoria das Estratégias Sexuais, de que possuímos estratégias sexuais básicas de acordo com nossa taxa de investimento parental, concluímos que os homens sofreram uma maior pressão sobre a capacidade de avaliar o número de mulheres férteis com as quais eles pudessem ter sucesso na inseminação, enquanto as mulheres, uma maior pressão reprodutiva relacionada à capacidade de avaliação de parceiros que mostrem habilidade e estejam propensos a investir recursos nelas e nos filhos (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998). Os autores apresentam argumentações quanto às vantagens de alocação de

esforços e uma estratégia de curto e longo prazo, com maiores ganhos de recurso genético para os homens e recursos genéticos e materiais para as mulheres. No entanto, não apresentam os fatores sócio-ecológicos que serviriam de pressão para a escolha das diferentes táticas.

As idéias de Buss e Schmitt foram questionadas, argumentando-se que sua teoria não explica as significativas variações intra-sexuais, restringindo-se a explicar as variações intersexuais para os comportamentos reprodutivos (Gangestad & Simpson, 1990; 2000), e desconsidera a influência que o controle de recursos pelas mulheres pode promover na escolha de estratégias para os dois sexos (Gangestad & Simpson, 2000). A partir dessas críticas à Teoria das Estratégias Sexuais, Gangestad e Simpson (2000), desenvolveram a Teoria do Pluralismo Estratégico, promovendo uma reflexão mais profunda a respeito das diferenças individuais.

1.6.2. Teoria do Pluralismo Estratégico

Gangestad e Simpson (2000) estruturam sua teoria com base na idéia de que ambos os sexos têm táticas de curto e longo prazo e devem ter sofrido pressões evolutivas diferenciadas, para responder de modo contingente aos diferentes fatores ambientais relevantes, estratégias condicionais, resultando em um pluralismo de táticas de seleção de parceiros (Gangestad & Simpson, 2000; Simpson & Lapaglia, 2006). Como podemos observar, diferentemente da Teoria das Estratégias Sexuais, a Teoria do Pluralismo Estratégico estabelece uma análise das táticas sexuais, destacando a importância do ambiente imediato e dos fatores ali encontrados para o estabelecimento de uma escolha e o surgimento das diferenças individuais.

Os autores acreditam que as diferenças inter e intra sexuais resultam dos jogos de força envolvidos nos dilemas do ciclo de vida, relacionados à alocação diferencial de esforços parentais e da atividade reprodutiva. Portanto, a chave das adaptações pode ser um cenário de

regras de decisão a respeito de quando e como alocar os esforços reprodutivos de maneira sensata e contingente, ao contrário de um desejo universal por algum tipo de relacionamento, como indica a Teoria das Estratégias Sexuais (Gangestad & Simpson, 2000; Simpson & Lapaglia, 2006).

A Teoria do Pluralismo Estratégico (TPE) focaliza primeiramente a natureza e a dinâmica de negociação das variações das estratégias de seleção de parceiros que existem dentro de cada sexo. Desenvolve um modelo humano para a seleção de parceiros que funde os dois princípios da atração inter-sexual da Teoria da Seleção Sexual: o dos “bons genes” e do “bom provedor”. Os dois princípios devem ter gerado variações e efeitos contextuais, associados às táticas de curto e longo prazo encontradas nos dois sexos. Os “bons genes” parecem estar associados particularmente aos relacionamentos de curto prazo e o “bom provedor” aos de longo prazo (Gangestad & Simpson, 2000; Simpson & Lapaglia, 2006).

Embora abranjam os dois sexos, os autores focalizam primeiramente as estratégias e táticas femininas. Trazendo as mulheres para o primeiro plano, a TPE desenvolve uma nova predição de que na seleção de parceiros, as mulheres devem ter desenvolvido, durante a evolução, valores e preferências, que lhes dão a capacidade de promover negociações e reconhecer evidências das habilidades e propensões masculinas para o investimento parental. A tática e a preferência sexual que as mulheres adotam dependem da natureza e qualidade do seu ambiente imediato. Se tal ambiente for precário e exigir cuidado biparental, as mulheres darão maior peso ao potencial de investimento dos possíveis parceiros e menor peso a seus indicadores de “bons genes”, o que resulta numa grande proporção de mulheres adotando quase exclusivamente táticas de longo prazo. Se por outro lado, no ambiente imediato houver uma prevalência de patógenos, as mulheres darão mais peso a indicadores de “bons genes” dos possíveis parceiros. Portanto, em alguns ambientes, a maior parte das mulheres estaria propensa a engajar-se em relacionamentos de curto prazo e extramaritais, permitindo a

aquisição de benefícios genéticos de homens com baixo investimento parental, e com o risco de perder o investimento parental de seus parceiros primários. As táticas e as preferências sexuais das mulheres são consideradas um reflexo da natureza e da qualidade do ambiente (Gangestad & Simpson, 2000).

Assim como as mulheres se ajustam ao ambiente, os homens se ajustam às táticas e preferências sexuais femininas do ambiente em que vivem. Se a maioria das mulheres estiver à procura de alto investimento parental, a maioria dos homens oferecerá mais investimento parental, ou até mesmo exclusividade, dedicando uma grande porção de seus esforços a táticas reprodutivas de longo prazo e ao investimento parental. Se a demanda feminina por benefícios genéticos aumentar, alguns homens dedicarão mais esforços a táticas de curto prazo, ou extramaritais, aumentando a variação do sucesso reprodutivo entre os homens (Gangestad & Simpson, 2000; Simpson & Lapaglia, 2006).

Seguindo a lógica da Teoria do Pluralismo Estratégico, concluímos que as mulheres respondem de forma contingente às variações do ambiente para a escolha de suas táticas reprodutivas, estando suas preferências baseadas nos “bons genes” ou no “bom provedor”, promovendo uma variação no contexto temporal dos relacionamentos. Diferentemente das mulheres, os homens sofreram uma maior pressão sobre a capacidade de avaliar de maneira contingente como alocar seus esforços, desenvolvendo adaptações que satisfizessem as preferências femininas (Gangestad & Simpson, 2000; Simpson & Lapaglia, 2006).

As tomadas de decisão envolvidas na escolha de táticas sexuais de acordo com o contexto ecológico são resultado da alocação diferencial de investimento parental. Usando a noção de adaptação mental e dilemas evolutivos, poderíamos sugerir que os ajustes encontrados nas estratégias sexuais, através de sua sensibilidade a sinais ecológicos evolutivamente relevantes, seriam controlados por um mecanismo cognitivo de alocação de investimento parental. Esse mecanismo seria responsável e teria sido selecionado para a

resolução dos problemas adaptativos existentes no enfrentamento do dilema reprodutivo direto, entre a alocação de investimento na esfera parental e na esfera de acasalamento (Voland, 1998).

Avaliando as variações do comportamento de risco e de tomada de decisão de ambos os sexos, com base nas estratégias e táticas sexuais contingentes aos fatores ambientais, a estratégia de desconto do futuro e suas tomadas de decisão também estariam relacionadas ao mesmo dilema evolutivo, podendo resultar de um mecanismo cognitivo comum de alocação de investimento parental.

1.7. Desconto do Futuro

A Teoria do Desconto do Futuro de Wilson e Daly argumenta que as pessoas (e outros organismos) normalmente preferem consumir e adquirir recursos imediatos que esperar por um futuro incerto. A preferência pelo mais imediato em relação ao tardio é adaptativa, porque o adiamento do ganho de recursos ou benefícios pode aumentar o risco de que eles sejam perdidos. Em condições equivalentes, a seleção natural favorecerá a reprodução que ocorrer mais cedo em comparação com a tardia. Entretanto, em condições específicas, o adiamento pode ser mais ajustado e seguro. Além disso, uma indiferença em relação ao futuro e ênfase no presente pode encorajar formas imprudentes e violentas de tomada de risco (Daly & Wilson, 2001; 2005).

Analisando tais idéias do ponto de vista dos Ciclos de Vida, encontramos um dilema evolutivo envolvido na alocação dos recursos no domínio reprodutivo: a reprodução precoce normalmente produz maiores taxas de sucesso reprodutivo do que a reprodução tardia e, portanto, quanto mais se posterga o acesso, maior será a chance de perder recursos. Segundo a seleção natural, esse dilema reprodutivo é dependente de quão rápido o valor reprodutivo

esperado declina com o passar do tempo, o que é altamente determinado pelas taxas intrínsecas de risco de mortalidade e senescência. Então, essa linha de pensamento sugere que as taxas de desconto exibirão variações adaptativas nas preferências entre os sexos durante a vida e, de maneira contingente, às circunstâncias que são previsíveis do futuro (Daly & Wilson, 2001; 2005; Wilson & Daly, 1998).

Discussões fundamentadas na Teoria da Seleção Natural e dos Ciclos de Vida sugerem que as preferências e a tomada de decisões devem ter evoluído de maneira sistemática quanto à variação de idade. Evidências de estudos sobre expectativa de vida dão apoio a essa idéia, pois homens jovens maximizam esforços e intensificam as tomadas de risco, na forma de competição intra-sexual (Daly & Wilson, 2001; 2005; Wilson & Daly, 1998).

A Teoria da Seleção Sexual com seu princípio da competição intra-sexual esclarece a maximização encontrada entre os jovens e o sexo masculino, com a hipótese de que as diferenças sexuais quanto à avaliação dos recursos naturais pode ser especialmente conspícua nos estágios da vida nos quais os homens foram selecionados para competir o mais intensamente possível por oportunidades reprodutivas (Daly & Wilson, 2001; 2005).

A Teoria do Investimento Parental complementa a explicação das diferenças entre os sexos quanto ao desconto de futuro, pois o investimento parental é mais intenso nas mulheres, selecionando uma estratégia feminina peculiar, pois o nível mais intenso de investimento na prole pressionou as mulheres a serem mais exigentes e pensarem mais a longo prazo, limitando seus esforços a acessar recursos materiais e demandar energia aos seus filhos. Enquanto os homens, que investem menos na prole, caracterizam-se por ter uma estratégia vinculada a uma menor exigência e maior competitividade pelo acesso às mulheres, levando a ter um horizonte temporal mais curto. (Trivers, 1972; Daly & Wilson, 2001; Buss, 1994, 2003; Buss & Barnes, 1986; Buss & Schmitt, 1993). Portanto, quanto maior for a diferença no investimento parental entre os sexos, maiores serão as diferenças das estratégias reprodutivas

de curto e longo prazo (Buss & Schmitt, 1993), o que nos leva a pensar que a diferença entre os sexos quanto ao comportamento de “desconto do futuro” possa seguir em parte a lógica da Teoria das Estratégias Sexuais.

As conclusões quanto ao desconto do futuro, depois de um grande número de estudos, são as de que o ajuste do horizonte de tempo deve ter sido uma resposta adaptativa a informações que predizem a estabilidade da ordem social do indivíduo, propriedades e expectativa de longevidade (Daly & Wilson, 2005). Ao decorrer da vida, é possível que o horizonte de tempo ou taxa de desconto, assim como as recompensas futuras tornem-se relativamente menos atrativas. Quanto à diferença entre os sexos, os homens apresentam-se mais propensos que as mulheres a correr riscos e a descontar o futuro, provavelmente porque os ancestrais masculinos tenham sido subjugados por intensa seleção sexual em comparação às fêmeas, com efeitos resultantes em vários atributos de diferenciação sexual, incluindo adaptações para a competição intra-sexual e avaliação de risco. Essa hipótese, hoje em dia, parece apresentar uma resposta às evidências de diferença intersexual quanto às altas taxas masculinas de acidente, homicídio, suicídio, uso de drogas e contração de doenças sexualmente transmissíveis, em comparação às femininas (Daly & Wilson, 2001). Num estudo brasileiro do Núcleo de Estudo da Violência (NEV) da USP, lançado no ano de 2007, o 3º Relatório Nacional sobre os Direitos Humanos no Brasil 2002-2005, encontra-se a taxa geral de homicídios de 2004, que confirma amplamente essa diferença entre homens e mulheres: 44.519 homens foram assassinados, contrastando com as 3.830 mulheres assassinadas no mesmo período. As mulheres representam menos de 10% dos casos constatados. Estudos brasileiros com universitários (Varella, 2007) e adultos (Ferreira, 2007) encontraram diferenças significativas entre os sexos quanto a comportamentos de risco, como consumo de álcool e cigarro. No Canadá, Wilson e Daly, compararam taxas de homicídio em relação à idade, para homens e mulheres, em homicídios envolvendo pessoas não aparentadas

do mesmo sexo, no Canadá, de 1974 a 1992, e em Chicago, de 1965 a 1989, assim como os estudos brasileiros, homens apresentavam maiores taxas e foi observado um aumento da taxa de homicídio com a entrada na puberdade e um pico aos 25 anos, declinando com o passar do tempo. Concluindo, as escolhas quanto a estratégias de curto ou longo prazo dependem do estágio do ciclo de vida em que os indivíduos se encontram e são contingentes às mudanças dos fatores ambientais presentes e futuros.

Analogias entre padrões de desconto de futuro e orientação sócio-sexual de curto e de longo prazo são muito factíveis, pois a própria definição da sócio-sexualidade diz respeito a uma orientação para o presente – relacionamentos de curto prazo – e uma orientação para o futuro – relacionamentos de longo prazo. Apesar disso, ainda não existem estudos que façam essa comparação entre o desconto e a tomada de risco com a sexualidade, e nem estudos que investiguem as diferenças intra-sexuais ou individuais do desconto do futuro, resultantes de um grande número de ajustes contingentes dos organismos às mudanças do ambiente, considerados na Teoria do Pluralismo Estratégico. Como tais estudos já vem sendo feitos no contexto da Sócio-sexualidade, a integração dessas duas vertentes teóricas dos estudo do comportamento humano pode contribuir para a compreensão das diferenças individuais quanto à sexualidade e o desconto do futuro, além de permitir o estudo dos mecanismos comuns de alocação de investimento parental e as tomadas decisão envolvidas na resolução desse dilema.

1.8. Sócio-Sexualidade

A Sócio-sexualidade estuda a variação intra-sexual em relação às estratégias e táticas reprodutivas de curto e longo prazo (Simpson & Gangestad, 1991; Simpson & Gangestad,

1992; Mikach & Bailey, 1999). Portanto, difere da maioria dos estudos com estratégias reprodutivas, que têm focalizado somente as diferenças entre os sexos.

O conceito de sócio-sexualidade refere-se à tendência individual para adotar relacionamentos amorosos de curta-duração ou de longa-duração, pois, a orientação sócio-sexual indica o quanto alguém exige de envolvimento afetivo e emocional prévio à relação sexual ou o quanto alguém está inclinado a engajar-se em relações sexuais casuais, sem comprometimento (Simpson & Gangestad, 1991).

A avaliação Sócio-Sexual distingue as intenções e atitudes a respeito de sexo casual, identificando orientações sócio-sexuais de tipo *irrestrito*, ou seja, maior propensão em utilizar estratégias de curto prazo, ou uma orientação de tipo *restrito*, ou seja, maior exigência de envolvimento afetivo nas relações sexuais, utilizando a estratégia de longo prazo (Simpson & Gangestad, 1991; Simpson & Gangestad, 1992). Esse instrumento recentemente pesquisado interculturalmente pela primeira vez em 48 nações, por Schmitt et al. (2005), mostrou uma validação e confiança adequada tanto intra quanto entre diferentes culturas.

A diferença entre homens e mulheres com relação à orientação sócio-sexual (homens são mais irrestritos que mulheres) é prevista pela Teoria do Investimento Parental e documentada na literatura (Simpson & Gangestad, 1991), além de recentemente confirmada na pesquisa intercultural de Schmitt et al. (2005). Porém, a variação intra-sexual das estratégias reprodutivas ainda tem suas origens discutidas e só agora começa a ser mais bem estudada (Clark, 2004; 2006; Gangestad & Simpson, 2000).

Nosso grupo de pesquisa analisou as variações inter e intra-sexuais da sócio-sexualidade em jovens universitários brasileiros (Varella, 2007), e em adultos (Ferreira, 2007), em função de características de gênero e dos ambientes ontogenético e imediato. As diferenças típicas entre homens e mulheres foram amplamente confirmadas nas duas faixas etárias, resultado que reitera a importância da teoria de Investimento Parental diferencial.

Entretanto, as variações individuais dentro do mesmo sexo também reiteram um efeito relativo do ambiente de criação, diferente para homens e mulheres, e um efeito relativo do ambiente imediato, em especial para mulheres. Em virtude do panorama e da complexidade dos resultados, da aplicabilidade parcial das teorias em questão, e da importância da compreensão dos processos relacionados à sexualidade humana, tanto em termos conceituais quanto aplicados, acreditamos que desdobramentos dessas investigações, com o aporte do conceito de desconto do futuro possam ser heurísticos.

1.9. Diferenças intra-sexuais ou individuais

Diferenças fenotípicas entre indivíduos podem ser adaptativas (produto de seleção natural e sexual), não-adaptativas ou mal-adaptativas (Buss & Greiling, 1999; Wilson, 1994). Diferenças individuais adaptativas podem ser resultado de variação genética ou de mecanismos de plasticidade fenotípica que permitem que um simples genótipo adote várias formas (Buss & Greiling, 1999; Volland, 1998; Wilson, 1994).

Há poucas décadas, diferenças entre populações de uma mesma espécie eram vistas como produto de deriva genética, e as diferenças dentro das populações eram vistas como produto de mutações e recombinação (matéria-prima na qual a seleção natural agiria), enquanto isso, as diferenças individuais como resultado de processos evolutivos continuavam somente no campo das possibilidades (Wilson, 1994). Nos últimos anos, o avanço dos estudos empíricos e a utilização da abordagem da Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida, nos deram suporte para o estudo da variação individual sob uma perspectiva adaptacionista.

A variação adaptativa pode ocorrer em três diferentes níveis proximais de organização (Buss & Greiling, 1999; Crawford & Krebs, 1998; Geary, 2002, Volland, 1998; Wilson, 1994). O primeiro nível é genético, a variação pode ocorrer através da existência de

polimorfismo. É possível conceber que variações de uma estratégia comportamental possam ser o resultado de diferentes genótipos, ou seja, a existência de variações de um mesmo conjunto de genes. O polimorfismo pode ser exemplificado pela variação genética que dá origem aos diferentes traços de personalidade em humanos (Ridley, 2004). O segundo nível é o ontogenético, onde as variações resultam de ajustes realizados ao longo do desenvolvimento do indivíduo (considerado por muitos autores como sendo o intervalo que vai do período pré-natal até a puberdade (Geary, 2002), desconsiderando a fase adulta e suas mudanças, como a menopausa), de acordo com sinais ecológicos evolutivamente relevantes encontrados em períodos sensíveis do seu ciclo de vida, ou contextos ecológicos que permaneçam inalterados por longo período de tempo, através de mecanismos específicos de norma de reação evolutivamente selecionados. Como prevê a Teoria dos Ciclos de Vida, ao longo do desenvolvimento, onde os organismos responderiam às condições ecológicas de maneira normativa adaptativa, gerando estratégias alternativas (ajuste das preferências e propensões). As respostas ontogenéticas adaptativas a contextos ecologicamente relevantes podem ser exemplificadas por ajustes na estratégia reprodutiva humana, onde mulheres expostas a um ambiente de desenvolvimento com condições estressantes possuem uma calibração de suas estratégias reprodutivas, tornando-se reprodutivamente maduras precocemente (menarca) e iniciando sua vida reprodutiva mais cedo, tendo o primeiro filho mais jovens (Chisholm, Quivilan, Petersen & Coall, 2005; Wilson & Daly, 1997). O terceiro nível é o contextual/imediato, onde um simples genótipo poderia produzir diversos fenótipos adaptativos (respostas comportamentais ou táticas). A variação é resultado de ajustes resultantes da identificação de sinais ecológicos relevantes no ambiente imediato, levando à utilização de uma diversidade de táticas comportamentais, que possibilitem a solução do problema adaptativo envolvido. A plasticidade fenotípica resultante de ajuste ao ambiente imediato pode ser exemplificada pelos estudos de ativação contextual, como realizado por

Wilson & Daly (2003) com a modificação das taxas de desconto do futuro através da apresentação de fotos de mulheres bonitas para homens, fazendo com que os mesmos estabelecessem uma tática comportamental mais descontadora frente a sinais reprodutivos.

As tomadas de decisão, frente ao ambiente imediato, são muitas vezes regulamentadas por regras de heurística, que são regras intuitivas de julgamento de probabilidade e frequência, utilizadas na tomada intuitiva de decisão (Brandstätter, Gigerenzer & Hertwig, 2006; Tversky & Kahneman, 1974; 1981). As regras na estão baseadas em modelos estatísticos matemáticos, não seguindo padrões estatisticamente previsíveis, envolvendo muitas vezes erros sistemáticos (Tversky & Kahneman, 1974). Sendo vistas por muitos como versões imperfeitas de procedimentos estatísticos ótimos, complicados demais para serem realizados por nossas mentes (Tversky & Kahneman, 1974). Em contraste, autores consideram as heurísticas como estratégias adaptativas que teriam co-evoluído com mecanismos psicológicos fundamentais. Isso pode ser exemplificado através da heurística de reconhecimento, uma das heurísticas mais básicas, que permite a realização de inferências a respeito de padrões de conhecimentos perdidos. Essa heurística é encontrada em adaptações que permitem uma vasta, sensível e confiável capacidade de reconhecimento de padrões ecológicos, como o reconhecimento de alimentos, evitando situações de risco como intoxicações, e o reconhecimento da fisionomia e nome de pessoas, para a formação de vínculos sociais, estabelecimento de alianças, ou até mesmo o reconhecimento de parentes, ou dos próprios pais durante as fases iniciais da vida (Goldstien & Gigerenzer, 2002).

É importante destacar que os três níveis causais, não são mutuamente exclusivos e certamente existem sobreposições, principalmente entre o ambiente ontogenético e contextual/imediato. Estudos de genética do comportamento realizados com gêmeos facilitam a compreensão da diferenciação e interação entre os três níveis e estratégias comportamentais. Estudo realizado com mais de 6.000 gêmeos vietnamitas, monozigóticos e dizigóticos

masculinos, identificou variações e interações dos diferentes níveis causais de variação individual, para a idade da primeira relação sexual e o engajamento em atividade sexual com múltiplos parceiros (10 ou mais parceiros por ano). Nos estudos de gêmeos os três níveis causais são divididos da seguinte maneira: genético, ambiente compartilhado ou comum (ontogenético) e ambiente não compartilhado, individual ou único (contextual). Em seus resultados observamos a influência de todos os níveis causais de variação, tendo o ambiente não compartilhado maior importância na determinação das estratégias comportamentais das duas características estudadas, e assim como esperado, os gêmeos idênticos apresentam maior similaridade para as duas características em comparação com os não-idênticos (Lyons, *et al.*, 2004).

Através da diferenciação dos três níveis proximais é possível desenvolver hipóteses que testem as respostas adaptativas das estratégias sexuais, respectivamente: no programa genético, selecionado filogeneticamente, no qual estão organizadas as diferentes estratégias; nos programas somáticos, que possibilitam o acesso e a realização das estratégias (através das preferências e propensões) e ao mesmo tempo estão à mercê de interferências ambientais durante a ontogênese; e as táticas, que são responsáveis pelas avaliações e as tomadas de decisão, resultantes da interação dos programas somáticos com as condições do ambiente imediato (Crawford & Krebs, 1998; Wilson, 1994).

Dentro dessa perspectiva, algumas teorias tentam explicar as diferenças intra-sexuais existentes na sócio-sexualidade, como: o modelo do nível dos andrógenos pré-natais de Mikach e Bailey (1999); e o modelo do contexto de criação, de Belsky, Steinberg e Draper (1991), Chisholm (1996), Gangestad e Simpson (2000) apoiados empiricamente por estudo inter-cultural realizado por Schmitt *et al.* (2004, 2005). Caso as estratégias sexuais e de desconto do futuro sejam o resultado do mesmo mecanismo psicológico de alocação de investimento e tomada de decisão, é possível que o teste das hipóteses de variação intra-

sexual disponibilizem evidências de tal vínculo, mostrando influência equivalente do ambiente de criação na taxa de desconto do futuro e na sócio-sexualidade.

1.9.1 Modelo do Nível dos Andrógenos Pré-natais

Partindo da constatação de que os homens são mais irrestritos do que as mulheres, o modelo de masculinização cognitiva de Mikach e Bailey (1999), propõe que em certo sentido, mulheres irrestritas poderiam ser de um modo geral, quanto a diversos outros indicadores tipicamente dimórficos, mais masculinas, e analogamente, homens restritos seriam mais femininos com relação a esses indicadores. Variações nos níveis hormonais embrionários apresentam evidências empíricas (Baron-Cohen, 2004) da determinação de padrões mais masculinizados. Segundo os autores seria possível considerar que as variações existentes na dimensão bipolar (restrição-irrestrição) da orientação sócio-sexual, opostas às que seriam previstas tipicamente para cada sexo, podem resultar em parte por padrões diferenciados de andrógenos durante o desenvolvimento neuro-hormonal. Seria esperado que os padrões atípicos de homens restritos e mulheres irrestritas estivessem associados a padrões atípicos de outras características determinadas pelos níveis de andrógenos pré-natais, além da apresentação de estratégias comportamentais típicas do sexo oposto.

As pesquisas realizadas para a investigação de relações entre indicadores de masculinização e feminilização com a sócio-sexualidade, ou características relacionadas às estratégias sexuais, costumam usar indicadores como: a orientação de gênero (Moreira, et al. 2003); a taxa digital 2D:4D, que é a comparação entre o comprimento de dedo indicador (2D) em relação ao anelar (4D), a maior exposição à testosterona leva a um maior desenvolvimento do dedo anelar, portanto, homens tipicamente possuem valores inferiores de relação (Clark, 2004); a capacidade de rotação mental também é utilizada como indicador de masculinização,

homens em média possuem capacidade mais elevada (Baron-Cohen, 2004; Clark, 2004); e sistemas mais abrangentes e complexos como o de empatia/sistematização também vem sendo testados (Ferreira, 2007; Varella, 2007), baseados em características cognitivas sexualmente dimórficas, em que homens são melhores em sistematização e mulheres melhores em empatia (Baron-Cohen, 2004; Baron-Cohen & Wheelwright, 2004), onde a empatia envolve a capacidade de percepção mental alheia e uma dimensão reativa emocional, enquanto a sistematização está relacionada à noção intuitiva dos sistemas mecânicos que regem os objetos e corpos físicos, incluindo noções como a de rotação mental (Baron-Cohen, 2004; Baron-Cohen & Hammer, 1997; Baron-Cohen et al., 2003;).

Indicadores de perfil cognitivo demonstram uma alta taxa de hereditariedade, assim como os recentes estudos de sócio-sexualidade com gêmeos (Bailey, *et al.*, 2000). Taxas elevadas de hereditariedade foram encontradas indivíduos portadores de Autismo e da Síndrome de Asperger, síndromes em que há um prejuízo nas capacidades que determinariam um perfil mais feminino e um bom desempenho quanto às capacidades consideradas masculinas (Bailey, Le Couteur & Gottesman, 1995; Baron-Cohen, 2003).

Levando em conta os achados empíricos, os modelos de “masculinização” e “feminilização” podem ser interpretados como associados, ou até mesmo resultantes da estratégia sexual dos indivíduos. O que nos permite, através da perspectiva da Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida e da Seleção Sexual, classificá-los mais corretamente como padrões de comportamento de “baixo investimento parental” e de “alto investimento parental”, permitindo uma expansão dessa perspectiva e maior variabilidade de estudos. Apesar disso, a definição de comportamentos como tipicamente “masculinos” pode facilitar a compreensão da diferença de sensibilidade encontrada entre os sexos para diferentes parâmetros já estudados na literatura (Clark, 2004; Gangestad & Simpson, 2000; Geary, 2002).

A Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida nos permite essa definição, pois homens e mulheres enfrentam o dilema relacionado à alocação de esforços no domínio reprodutivo direto, entre as esferas de acasalamento e parental. E no caso das estratégias “masculinas” e “femininas”, a literatura nos mostra que essas estratégias, encontradas tanto em homens como em mulheres, estão relacionadas, respectivamente a um maior investimento na esfera do acasalamento e um maior investimento na esfera parental. A junção dessas idéias com os conceitos da Teoria da Seleção Sexual permitem-nos prever outros padrões que deveriam ser encontrados para os indivíduos que utilizam estratégias mais típicas do sexo oposto, gerando um modelo alternativo do modelo de masculinização cognitiva.

O modelo alternativo se encaixa na visão da Teoria do Investimento Parental. Segundo Trivers (1972), organismos com alta taxa de investimento parental possuiriam uma estratégia sexual mais recatada, investindo seus esforços no cuidado da prole e na manutenção de um ou poucos parceiros em relacionamentos duradouros, além de possuir um maior poder no mercado de escolhas de parceiros sexuais. Por outro lado, organismos com baixa taxa de investimento parental possuem uma estratégia sexual mais agressiva, focada na competição, busca e conquista de uma grande variedade de parceiros de curta duração, investindo maciçamente na competição intra-sexual, o que os levaria a uma maior propensão a comportamentos de risco (ex: consumir substâncias tóxicas e praticar sexo sem preservativos). Relações como essas já foram encontradas por estudo empírico realizado com universitários brasileiros, onde os homens eram mais irrestritos e consumiam mais doses de álcool em festas do que as mulheres, ao mesmo tempo mulheres mais irrestritas possuíam comportamentos mais “masculinos” como consumir mais doses de álcool em festas (Varella, 2007), o que apóia o modelo alternativo.

1.9.2. Modelo do Ambiente de Criação

Diversas combinações da teoria dos ciclos de vida (Low, 1998) e da teoria do apego (Bowlby, 1969) sugerem que experiências críticas durante a infância são determinantes no desenvolvimento das estratégias sexuais humanas (Belsky et al., 1991; Draper & Harpending 1988; MacDonald, 1997).

Belsky et al. (1991) apresentaram a Teoria Evolucionista da Socialização, segundo a qual diferentes estratégias reprodutivas e sexuais teriam sido selecionadas em função do contexto de criação. Padrões divergentes no desenvolvimento infantil, adaptativos nas situações em que emergem, determinariam as características de socialização no adulto, inclusive a estratégia reprodutiva e sexual predominante. Um desses padrões decorreria de um ambiente de criação infantil estressante (com discórdia marital e recursos inadequados), fator associado ao desenvolvimento de apego inseguro aos pais e ao desenvolvimento de subsequente orientação interpessoal oportunista, com puberdade e sexualidade precoce na adolescência, ligações instáveis de curto prazo e investimento parental limitado. Portanto, indicadores de contextos de criação estressantes, como a ausência de um dos pais, estresse familiar e apego inseguro, comporiam conjuntos de fatores potencialmente associados à determinação da formação no adulto de uma orientação sócio-sexual irrestrita. A suposta vantagem adaptativa estaria na adoção de uma estratégia sexual quantitativa oportunista, ajustada a ambientes de risco, que aumentaria as chances de propagação dos genes pelo aumento do número de parceiros, com reduzido investimento parental. O outro padrão é exatamente o oposto do primeiro - baixo estresse familiar, presença de ambos os pais na família, e apego seguro – e estaria associado a uma sócio-sexualidade restrita no adulto (Belsky et al., 1991; Mikach & Bailey, 1999; Schmitt et al., 2004).

Todas as crianças viriam equipadas com uma sócio-sexualidade potencialmente restrita ou irrestrita, e com adaptações psicológicas sensíveis às condições locais do ambiente, que influenciariam desejos e comportamentos sócio-sexuais no adulto de modo adaptativo (Belsky et al., 1991).

Muitas pesquisas deram suporte ao modelo de Belsky et al. (1991), indicando que a sócio-sexualidade irrestrita está positivamente relacionada com a ausência de um dos pais e a presença de padrastos (Hoier, 2003), com maior incidência de divórcio (Barber, 1998), com estilos inseguros de apego para homens e mulheres (Schmitt, *et al.*, 2005b), com estilo de apego inseguro em mulheres, mas seguro para homens (Barber, 1998) e estilo de apego rejeitador e preocupado para homens, mas sem correlação para mulheres (Moreira et al., 2003). Conforme pode se verificar por esses resultados, embora haja uma indicação geral de correlação entre estilo de apego inseguro e sócio-sexualidade irrestrita, há uma interação complexa entre os fatores relacionados aos estilos de apego e ao sexo, que merece ser mais bem investigada.

As teorias de apego adulto tiveram origem nos estudos de apego infantil (Bussab, 2003; Scheroki, 2004; Schmitt *et al.*, 2004). A teoria do apego entende que necessidades universais humanas embasam a formação de vínculos afetivos e, neste sentido, a teoria comporta tanto uma concepção normativa para a compreensão do sistema de apego universal, típico humano, como para a explicação das diferenças individuais nos estilos de apego (Bussab, 2003). O apego infantil é caracterizado pela busca da redução de distância em relação às pessoas, capazes de fornecer segurança e proteção, e é constituído por um sistema cognitivo comportamental e emocional determinado, biologicamente, segundo a função de sobrevivência e reprodução no ambiente de adaptabilidade evolutiva, mediado por outros sistemas que promovem a proximidade da figura de apego e estabelecem o senso de segurança (Bowlby, 1973, 1979; Bussab, 2003; Scheroki, 2004).

Os comportamentos de apego, que se desenvolvem desde o nascimento com a figura de referência, proporcionam à criança uma base emocional primária para relacionamentos. Segundo Bartolomew e Horowitz (1991), essas experiências promovem o desenvolvimento de um conceito de si positivo ou negativo (relacionado à concepção do sujeito de ser ou não merecedor de cuidado, atenção e amor) e de um conceito do outro positivo ou negativo (relacionado à concepção de o outro ser merecedor de confiança).

Com o desenvolvimento cognitivo da criança, essa base emocional primária tende a se cristalizar e ser guiada por modelos representacionais internos. Os modelos internos de funcionamento das relações constituem a representação das relações do indivíduo com o mundo, representações de si mesmo e do outro. No adulto estes modelos internos constituem mapas cognitivos e emocionais que orientam a percepção, interpretação e comportamentos em diversos contextos relacionais, incluindo as relações amorosas, de trabalho, religiosas entre outras (Bussab, 2003; Scheroki, 2004; Schmitt et al., 2004).

A hipótese básica derivada deste modelo referente ao relacionamento entre a sócio-sexualidade e os estilos de apego é: quanto mais irrestrita for a sócio-sexualidade mais inseguro será o estilo de apego, com os modelo internos de si e/ou do outro negativos. Esta hipótese foi testada em conjunto com hipóteses secundárias derivadas da incidência de divórcio entre os pais. Espera-se uma correlação positiva entre divórcio dos pais, ou falecimento de um dos pais, e orientação irrestrita (Hoier, 2003).

Uma teoria próxima foi proposta por Chisholm (1996; 1999a). Chisholm argumenta que condições ambientais relacionadas a altas taxas de estresse e falta de recursos, agem como sinais que de maneira contingente modificam a estratégia reprodutiva humana (Weinrich, 1977). Em culturas com alta taxa de mortalidade e imprevisibilidade de recursos, a estratégia reprodutiva ótima seria a reprodução precoce e constante, estratégia relacionada a um apego inseguro, uma orientação temporal de curto prazo e uma sócio-sexualidade irrestrita

(Chisholm 1999b). Em culturas com taxas baixas de mortalidade e abundante em recursos, a estratégia ótima seria investir maciçamente em um pequeno número de filhos, resultado de uma orientação temporal de longo prazo e uma sócio-sexualidade restrita.

Em sentido contrário às teorias apresentadas, Gangestad e Simpson (2000) propuseram a Teoria do Pluralismo Estratégico. De acordo com essa teoria, os seres humanos possuem opções de estratégias reprodutivas alternativas que podem ser seguidas (Buss & Schmitt 1993; Gross 1996; Simpson & Orina 2003; Thiessen 1994). A estratégia a ser seguida por cada indivíduo dependerá das condições ambientais. Em um ambiente exigente, onde as dificuldades para o cuidado da prole são elevadas, a necessidade adaptativa do cuidado biparental aumenta. Porque num ambiente exigente o sucesso de ter uma prole viável exige um alto investimento tanto de homens como de mulheres, Gangestad e Simpson argumentam que a importância da fidelidade e de um investimento maciço na prole deve aumentar correspondentemente. Em ambientes onde o investimento dos homens é necessário e valorizado, as mulheres devem ser menos propensas a engajarem-se em relacionamentos de curto prazo e com parceiros extras. Em resposta a isso, os homens devem aumentar a sua alocação de investimento na prole.

Ao mesmo tempo, em culturas onde o cuidado biparental é menos necessário para uma criação de sucesso da prole, Gangestad e Simpson (2000) esperam que a monogamia prevaleça menos. Eles postulam que ambientes com baixo estresse e disponibilidade adequada de recursos, as adaptações psicológicas humanas devem de maneira facultativa calibrar-se em direção a um aumento da sócio-sexualidade (podendo as pessoas serem mais promíscuas). Gangestad e Simpson propõem que no ambiente ancestral, quando o cuidado biparental não era tão crucial, os homens podiam deslocar seus investimentos em relacionamentos de curto-prazo e uma sócio-sexualidade mais irrestrita. As mulheres também poderiam se beneficiar de

relacionamento de curto-prazo tendo uma diminuição da sua dependência dos recursos e investimentos de um relacionamento de longo-prazo.

Deparando-se com uma robusta discussão teórica a respeito das influências do ambiente de criação na determinação da estratégia sexual e os vários resultados contraditórios encontrados na literatura, David Schmitt desenvolveu uma pesquisa inter-cultural na tentativa de solucionar essa questão. Em seus resultados, a influência do ambiente de criação na estratégia sexual está de acordo com a teoria do Pluralismo Estratégico, onde ambientes desfavoráveis levam ao estabelecimento de uma estratégia de longo-prazo (Schmitt et al., 2005a), o contrário do que seria esperado por Belsky et al. (1991) e Chisholm (1996). E em um segundo estudo (Schmitt et al, 2004) os resultados de estilo de apego, ambiente de criação e estratégia sexual vão de acordo com as expectativas de Belsky et al. (1991) e Chisholm (1996), em uma ambiente de criação estressante existe o estabelecimento de estilos de apego inseguros, e na vida adulta alguns estilos de apego inseguro estão relacionados a uma estratégia sexual de curto-prazo.

2. ESTUDO 1

O primeiro estudo realizado testou a hipótese de um modelo integrado de alocação de investimento reprodutivo responsável pelas estratégias sexuais e a estratégia de desconto do futuro. O teste foi realizado através da comparação de resultados encontrados entre os escores de sócio-sexualidade e desconto do futuro, além do pareamento de seus resultados no teste da hipótese de variação intra-sexual do contexto de criação (Belsky, Steinberg & Draper, 1991; Chisholm, 1996; Gangestad & Simpson, 2000) e da hipótese alternativa derivada do modelo dos níveis de andrógenos pré-natais ou de masculinização cognitiva (Mikach & Bailey, 1999), além da relação das duas estratégias com os demais fatores demográficos.

2.1. Objetivo Geral

Investigar diferenças inter e intra-sexuais que expliquem a variação encontrada nas estratégias sexuais e no desconto do futuro, a fim de testar a hipótese de modelo integrado de alocação de investimento reprodutivo.

2.2. Objetivos Específicos

(1) Investigar diferenças intersexuais:

- (a) Homens: são sócio-sexualmente mais irrestritos, mais descontadores e iniciam-se sexualmente mais cedo (de acordo com a Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972) e a Seleção Sexual (Darwin, 1871) e a Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002));
- (b) Homens: são mais propensos a comportamentos de risco, como o consumo de substâncias tóxicas, como bebidas alcoólicas e cigarro, e possuem mais probabilidade de adquirir DSTs (de acordo com a Teoria do Desconto do Futuro (Wilson e Daly, 2001) e o modelo alternativo de masculinização cognitiva).

(2) Investigar diferenças intra-sexuais quanto à Sócio-Sexualidade e Desconto do Futuro:

- (a) Sócio-sexualidade irrestrita diretamente relacionada a uma maior taxa de desconto do futuro, relação esperada para os dois sexos (de acordo com a hipótese de mecanismo cognitivo integrado de alocação de investimento reprodutivo).

- (3) Investigar diferenças intra-sexuais da Sócio-sexualidade e Desconto do Futuro em relação ao de ambiente de criação e os estilos de apego:
- (a) Sócio-sexualidade irrestrita relacionada a estilos de apego inseguros (de acordo com o modelo de Belsky, Steinberg & Draper (1991), o mesmo é esperado para o desconto do futuro, de acordo com a hipótese de mecanismo cognitivo integrado);
 - (b) Sócio-sexualidade irrestrita relacionada a um ambiente de criação estressante (de acordo com o modelo de Belsky, Steinberg & Draper, 1991 e Chisholm, 1996) **versus** sócio-sexualidade irrestrita relacionada a um ambiente de criação pouco estressante (de acordo com o modelo de Gangestad e Simpson (2000), as mesmas relações são esperadas para o desconto do futuro, de acordo com a hipótese de mecanismo cognitivo integrado).
- (4) Investigar diferenças intra-sexuais quanto ao Desconto do Futuro:
- (a) Taxa de desconto do futuro elevada diretamente relacionada a um status sócio-econômico baixo (de acordo com resultados apresentados por Wilson e Daly, 2005).
- (5) Investigar as relações entre sócio-sexualidade e desconto do futuro com a existência de irmãos, quanto ao sexo, e ordem de nascimento:
- (a) Pessoas que possuem mais irmãos do sexo masculino são mais irrestritos e mais descontadores (de acordo com Varella, 2007);
 - (b) Pessoas que são o segundo filho(a) são mais descontadores e provavelmente mais irrestritos (de acordo com Varella, 2007 e Wilson e Daly 2005).

(6) Investigar as relações entre sócio-sexualidade e desconto do futuro com a atual situação amorosa:

- (a) Indivíduos envolvidos em relacionamentos de longo-prazo são mais restritos e possuem menor taxa de desconto do futuro (de acordo com Wilson e Daly, 2005).

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Participantes

Participaram da pesquisa 237 estudantes universitários da Universidade de São Paulo, campus “Armando de Salles Oliveira”, São Paulo – SP e de outras universidades públicas e privadas do estado de São Paulo, 142 mulheres com idades de 18 a 30 anos (média = 22,15; desvio = 2,75) e 95 homens com idades de 19 a 30 anos (média = 21,96; desvio = 2,66). A amostra selecionada foi a dos estudantes que se encontram cursando ao menos o terceiro ano do ensino superior, distribuídos nas áreas de Humanas, Exatas e Biológicas, nos cursos de Biologia, Engenharia Civil, Filosofia e Psicologia. Tal escolha permite que a amostra seja mais heterogênea, e provavelmente com indivíduos com maior experiência em relacionamentos amorosos.

3.2. Material

O material metodológico (ANEXO A) consistiu de um conjunto de quatro questionários (Inventário de Orientação Sócio-Sexual, Questionário de Desconto do Futuro, Critério de Classificação Econômica Brasil e Questionário de Relacionamento), além de um

cabeçalho contendo a indicação para o fornecimento de dados como: (a) identificação geral: curso, idade, sexo, altura e lateralidade; (b) composição familiar: pais divorciados ou falecidos, número/sexo e ordem de nascença de irmãos legítimos; (c) situação amorosa: envolvimento em namoro, quantas vezes namorou e estar apaixonado; (d) hábitos: consumo médio diário e em festas de número de cigarro e doses de álcool e número de vezes em que vai a festas por mês; (e) ciclo menstrual: uso de contraceptivo oral, ciclo menstrual regular, data da última menstruação e regularidade do ciclo.

Visando acessar uma medida mais fiel do consumo de álcool do que o gasto mensal usado por Clark (2004), as questões envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas foram reduzidas a apenas uma, que avalia o consumo médio de doses de álcool em festas. Essa escolha foi realizada, pois nos estudos de Ferreira (2007) e Varella (2007), que utilizavam uma modificação do questionário usado por Martins, Manzato e Cruz, (2005), após análise fatorial, foi observado que a variável “consumo médio de doses de álcool em festas” explicava a maior parte da porcentagem de variância do fator.

O questionário sobre o uso/consumo de cigarro é uma adaptação do mesmo questionário sobre uso/consumo de álcool, para que os consumos possam ser comparados. E também foi modificado, reduzindo-se a duas perguntas, sobre o número médio de cigarros consumidos diariamente e em festas.

O material metodológico não é identificado. O cabeçalho, bem como os quatro questionários, foram reunidos em um único material metodológico; um teste piloto foi efetuado com o questionário, visando o aprimoramento do material metodológico e do procedimento. Foi passado também um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B). O material e a realização do projeto foram encaminhados ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) e recebeu aprovação do Comitê do Instituto de Psicologia da USP – IPUSP (ANEXO C).

3.2.1. Inventário de Orientação Sócio-Sexual (IOSS)

Instrumento composto por 7 questões. Três delas referentes a comportamentos reais, explícitos ou previsíveis quanto ao número de parceiros sexuais; uma diz respeito à frequência de fantasias com sexo extraconjugal; e as outras três acessam atitudes frente ao sexo casual e sem compromisso. Sendo que nas três primeiras os dados são escritos num espaço apropriado, a quarta, sobre frequência, é respondida numa escala de um a oito, sendo que o “um” corresponde a “nunca” e o “oito” a “pelo menos uma vez por dia”. As três últimas são respondidas numa escala likert de um a nove sendo que o “um” corresponde a “discordo fortemente” e o “nove” a “concordo fortemente”. Quanto maior o valor atribuído às questões, maior a irrestricção (maior propensão ao sexo casual), e quanto menor o valor, maior a restrição (menor propensão ao sexo casual). Inventário de Orientação Sócio-sexual (IOSS) é calculado segundo um sistema de ponderação e inversões proposto pelos autores Simpson e Gangestad (1991):

$$SOI = 5 \times (\text{Questão 1}) + 1 \times (\text{Questão 2}) + 5 \times (\text{Questão 3}) + 4 \times (\text{Questão 4}) + 2 \times (\Sigma \text{ Questões 5, 6 e 7})$$

Simpson e Gangestad (1991) apresentaram evidências da credibilidade do instrumento ao obterem concordância entre o IOSS e relatos independentes oferecidos pelos parceiros amorosos dos sujeitos. No emprego desse instrumento em populações jovens e adultos brasileiros, feito por nosso grupo de pesquisa (Varella, 2007; Ferreira, 2007), também encontramos concordâncias compatíveis com o instrumento usado na literatura. A validação do instrumento também foi realizada inter-culturalmente por Schmitt *et al.* (2005a), encontrando concordância de resultados em 48 nações de culturas variadas. Além da validação, Schmitt *et al.* (2005a) interpreta os dados do IOSS de maneira

compartimentalizada, analisando as quatro primeiras questões como referentes à expressão comportamental da variação sócio-sexual (variável: IOSS Comportamento) e das três últimas questões como referentes à atitudes sócio-sexuais (variável: IOSS Atitude), composição primeiramente proposta por Bailey et al. (1995) e apoiada por trabalhos posteriores (Allen & Bailey, 2007; Jackson & Kirkpatrick, 2007; Webster & Bryan, 2007). O cálculo dessas duas novas unidades de sócio-sexualidade são calculadas com base no sistema de ponderação e inversões já apresentado acima. Além da utilização dos parâmetros usados por Schmitt *et al.* (2005a) o IOSS foi analisado através da separação de seus componentes táticos, como comportamentos realizados e opiniões atuais (envolvendo as questões 1, 3 e 5) e de seus componentes estratégicos, como desejos, fantasias e atitudes ideais (questões 2, 4, 6 e 7), assim como já utilizado por Ferreira (2007) e Varella (2007).

3.2.2. Questionário de Desconto do Futuro

Um questionário referente ao Desconto do Futuro foi selecionado dentre a literatura de Daly e Wilson. O material foi fornecido por Margo Wilson e é referente à primeira parte do instrumento utilizado em Wilson e Daly (2003). O material referente é uma modificação do método utilizado por Kirby e Marokovich (1996) onde participantes são apresentados e postos a escolher entre seqüências de duas opções monetárias. No questionário utilizado é apresentada uma bateria com 9 perguntas a respeito de escolhas monetárias, através da qual o entrevistado deve escolher em cada uma delas entre tomar uma decisão a curto ou a longo prazo (ex: você prefere ganhar R\$ 26,00 amanhã, ou R\$ 30,00 daqui 75 dias). Cada uma das questões de escolha entre uma recompensa menor, mas mais rápida (amanhã) e uma recompensa maior, mas a posteriori (futuro) é identificada pelo seguinte “parâmetro k hiperbólico de desconto” (Kirby & Santiesteban, 2003):

$$k = (\text{future\$} - \text{tomorrow\$}) / [(\text{delay in days} \times \text{tomorrow\$}) - (\text{future\$})].$$

Os valores de “k” variam de 0,000159008 (referente à primeira escolha, entre: ganhar R\$ 34,00 amanhã, ou R\$ 35,00 em 186 dias) a 0,404255319 (referente à nova escolha, entre: ganhar R\$ 11,00 amanhã, ou R\$ 30,00 em 7 dias). As escolhas realizadas dentre as 9 opções, revelam quando os participantes começam a preferir as maiores e futuras recompensas. As taxas individuais de desconto (Fator K) são calculadas através da média geométrica dos valores de k envolvidos na mudança de preferência da recompensa presente para a futura (Kirby & Marakovich, 1996). A taxa de desconto como variável, pode ser interpretada e utilizada como variável métrica (Kirby & Marakovich, 1996; Wilson & Daly, 2003), ou como variável não métrica, já que segundo Kirby & Marakovich (1996), a taxa de desconto pode ser dividida em faixas, pois a variação dos valores nas escolhas monetárias leva a uma modificação no modo dos indivíduos interpretarem e realizarem suas escolhas, podendo essa variação ser explicada através do estudo das heurísticas (Tversky and Kahneman, 1986; Brandstätter, Gigerenzer & Hertwig, 2006).

Juntamente com o Questionário de Desconto do Futuro inserimos uma questão na qual o participante deve auto-avaliar sua expectativa de vida. A maioria dos estudos que utilizam números de expectativa de vida o faz através de dados demográficos provenientes de grandes instituições de pesquisa nacional, como o IBGE, no entanto, o acesso a esse dado através da própria perspectiva do respondente não é menos válido. A não desvalorização dos nossos dados de expectativa de vida se dá, porque participantes utilizam julgamento intuitivo gerenciado por regras de heurística para acessar e disponibilizar a informação. Nesse caso específico as regras usadas são provenientes da heurística de disponibilidade (Tversky & Kahneman, 1974), onde a frequência de uma informação ou probabilidade de um evento são facilmente acessadas influenciam nos julgamentos e nas tomadas de decisão no sentido das

informações acessadas. A disponibilidade de acesso da expectativa de vida de parentes, amigos e da população em que tem mais contato, assim como as taxas de risco do ambiente em que vive e dos próprios comportamentos, permite que uma pessoa estabeleça uma relação entre essas informações e sua própria expectativa de vida. É importante destacar que os acontecimentos mais recentes são de mais fácil acesso, podendo influenciar a tomada de decisão (Tversky & Kahneman, 1974).

3.2.3. Questionário de Relacionamento (QR)

Desenvolvido por Collins e Read (1990) é baseado nos estudos de apego romântico adulto de Hazan e Shaver (1987). O instrumento é composto por 18 afirmações, onde o participante deve assinalar um valor mínimo de um a cinco na escala likert, sendo que um corresponde a “me identifico fracamente” e cinco “me identifico fortemente”. O resultado do cálculo das respostas de cada participante dá origem a três escores: proximidade, confiança e ansiedade. Os escores de proximidade e confiança apresentam uma relação positiva, enquanto o escore de ansiedade não apresenta relação com os demais. Os três escores estão de acordo com os três estilos de apego definidos por Hazan e Shaver (1987), o indivíduo com estilo de apego seguro se sente confortável com a proximidade, confia nos outros e não é ansioso, portanto, possuem altos valores de proximidade e confiança e baixos de ansiedade. O possuidor de estilo evitador encontra-se desconfortável com a proximidade, não confia nos outros e não tem baixa ansiedade, portanto, possuem baixos valores de proximidade e confiança e altos de ansiedade. Finalmente, indivíduos com estilo de apego ansioso sentem-se confortáveis com a proximidade, confiam nos outros, mas são extremamente ansiosos, portanto, possuem valores elevados de proximidade e ansiedade e baixos de confiança. O cálculo dos três escores foi realizado de acordo com o sistema de ponderação e inversões de

Collins e Read (1990). Assim como os autores, também foram realizados no presente trabalho alguns dos testes estatísticos utilizados para a validação do material, para que fosse possível uma análise mais precisa, a comparação do padrão comportamental dos estudantes brasileiros e conseqüentemente a adequação e possíveis ajustes de tal material à realidade e diversidade brasileira.

3.2.4 Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB)

Critério desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa com a finalidade de definir as grandes classes de consumo da sociedade brasileira. O CCEB foi construído com a utilização de técnicas estatísticas baseadas em estudos da realidade sócio-econômica brasileira. O Critério de Classificação Econômica Brasil, enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”. O instrumento é formado por duas tabelas, a primeira acessa a quantidade de alguns itens domésticos (ex: número de geladeiras, ou carros) encontrados na moradia do respondente. Para esse acesso é utilizada uma escala que varia de “0” até “4 ou +”. A segunda tabela acessa o grau de instrução do chefe da família, partindo de um valor mínimo “0” para os Analfabetos e possuidores do Primeiro Grau Incompleto, até o máximo “5” para os possuidores de nível Superior Completo.

3.3. Procedimento

A aplicação do instrumento foi feita em local apropriado, com os devidos cuidados para a realização do questionário em privacidade; as respostas foram dadas individualmente, sendo a aplicação realizada na própria sala de aula, em grupos, seguido do devido

consentimento dos alunos e professores. O primeiro passo consistiu na explicação, por parte do pesquisador, sobre a pesquisa e entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, com a concordância do participante, foi entregue o material metodológico e pedido que todos respondessem de maneira mais sincera e espontânea possível.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que contém a identificação dos sujeitos na forma de abaixo assinado, bem como suas assinaturas, não são vinculados aos questionários, garantindo o sigilo e transparência do procedimento.

3.4. Análises

A tabulação dos dados e o cálculo dos questionários foi realizada no programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences) de análises estatísticas. O cálculo dos questionários foi realizado de acordo com a literatura, como foi apresentado nos materiais. Em alguns dos questionários foram realizadas análises extra, seguindo orientações encontradas nas publicações de validação de tais materiais.

Foram realizadas análises descritivas para todas as variáveis, acompanhadas de testes para averiguação de diferença entre homens e mulheres, como Análise de Variância (ANOVA), teste de diferença de média para variáveis que apresentam homogeneidade de variância (paramétricas), Teste Mann-Whitney e Kruskal-Wallis para variáveis não-paramétricas, e Análise de Correspondência (ANACOR) para a análise de associação entre a variável “sexo” e as demais variáveis não-métricas.

Na análise e cálculo dos questionários foram realizadas análises de dependência (probatórias), como Correlações de Spearman e análises de interdependência (explanatórias), como Análise Fatorial, Análise de Conglomerado ou Cluster.

4. RESULTADOS

4.1. Análise descritiva geral e Comparações Intersexuais

Realizamos análises descritivas de frequência e média, testes de normalidade e homogeneidade, assim como testes de comparação de média e associação em busca de diferenças entre os sexos. A tabela a seguir apresenta um sumário das diferenças significativas encontradas entre os sexos.

Tabela 2. Sumário de Diferenças entre homens e mulheres, quanto a variáveis nominais e métricas.

Variáveis	Sexo	
	Homens	Mulheres
Altura	São Mais Altos	São Mais Baixas
Número de Irmãs	Possuem Menos Irmãs	Possuem Mais Irmãs
Estar Namorando	Não Estão	Estão
Estar Apaixonado	Estão Menos	Estão Mais
Ir a Festas	Vão Menos	Vão Mais
Doses de Álcool em Festas	Consumem Mais	Consumem Menos
Desconto do Futuro	Mais Descontadores	Menos Descontadoras
Grupos de Desconto	Associados aos grupos 5 e 7	Associadas ao grupo 3
Desconto Quartil	Descontador Mediano	Pouco Descontador
Sócio-sexualidade (IOSS)	Mais Irrestritos	Mais Restritas
IOSS Tático	Mais Irrestritos	Mais Restritas
IOSS Estratégico	Mais Irrestritos	Mais Restritas
IOSS Atitude	Mais Irrestritos	Mais Restritas
IOSS Comportamento	Mais Irrestritos	Mais Restritas

(a) Identificação Geral – Coletamos o auto-relato de 237 universitários brasileiros, amostrando 95 homens e 142 mulheres, de diferentes universidades e cursos de graduação. A média de idade foi de 22,07 anos (de 18 a 30 anos, desvio padrão = 2,71). Não foi encontrada

diferença ($F(237) = 0,278$; $p = 0,598$) entre homens ($n = 90$; média = 21,96; desvio padrão = 2,66) e mulheres ($n = 141$; média = 22,15; desvio padrão = 2,75) quanto à média de idade. O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

Foram coletados dados de alunos de diversos cursos, dos 232 respondentes: 33,6% estavam cursando Psicologia, 32,8% cursando Biologia, 23,7% cursando Engenharia, 5,6% cursando Filosofia e 4,3% provenientes de outros cursos. Foi encontrada associação ($\chi^2(4) = 61,423$; $p = 0,000$) entre o sexo dos participantes e o curso, sendo que o sexo feminino estava mais associado aos cursos de biologia, psicologia e outros e o sexo masculino ao curso de engenharia e filosofia (Figura 1.).

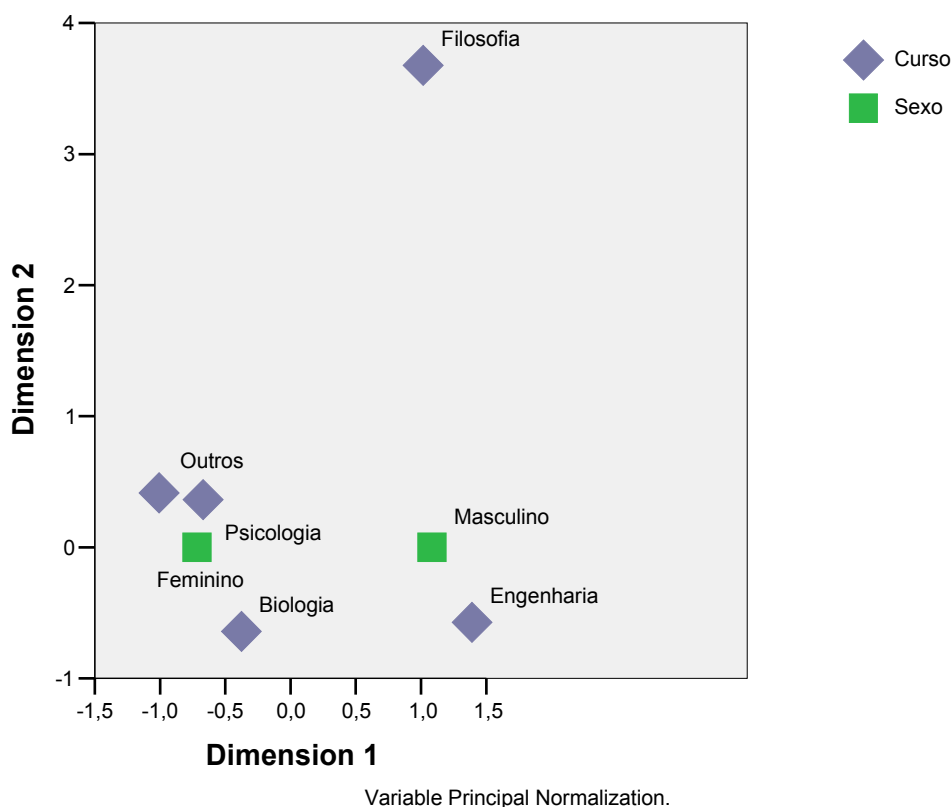


Figura 1. Mapa Perceptual da Associação entre o sexo dos participantes e o curso de origem.

Foram coletados dados de estudantes de diversos graus de instrução, dos 203 respondentes: 91,1% possuíam uma formação superior incompleta, 3,4% formação superior completa e 5,4% estavam na pós-graduação. Não foi encontrada associação entre o grau de formação e o sexo dos respondentes ($\chi^2(2) = 0,467$; $p = 0,792$).

A média de altura para os 237 respondentes foi de 1,68 metro (de 1,50 a 2,00; desvio padrão = 0,089). Foi encontrada diferença ($F(237) = 197,912$; $p = 0,000$) entre homens ($n = 95$; média = 1,76; desvio padrão = 0,073) e mulheres ($n = 142$; média = 1,64; desvio padrão = 0,061) quanto ao valor médio de expectativa de vida (Figura 2.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

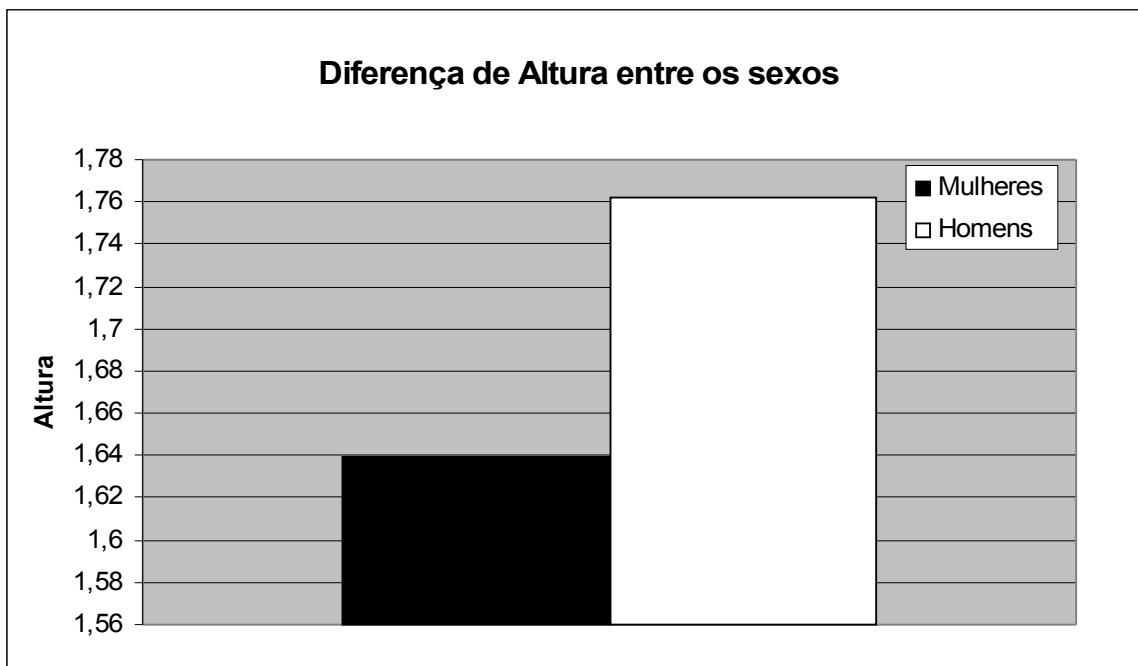


Figura 2. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto à altura.

Quanto à lateralidade, dos 231 respondentes: 6,9% eram canhotos e 93,1% destros. Não foi encontrada associação entre os sexos e a lateralidade dos respondentes ($\chi^2(1) = 0,678$; $p = 0,410$).

(b) Composição Familiar – A média de irmãos para os 234 respondentes foi de 0,71 irmão (de 0 a 3; desvio padrão = 0,72). Não foi encontrada diferença ($F(234) = 1,995$; $p = 0,159$) entre homens ($n = 93$; média = 0,80; desvio padrão = 0,76) e mulheres ($n = 141$; média = 0,66; desvio padrão = 0,70) quanto ao valor médio de irmãos. O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

A média de irmãs para os 234 respondentes foi de 0,65 irmão (de 0 a 3; desvio padrão = 0,71). Foi encontrada diferença ($F(234) = 10,266$; $p = 0,002$) entre homens ($n = 93$; média = 0,47; desvio padrão = 0,65) e mulheres ($n = 141$; média = 0,77; desvio padrão = 0,73) quanto ao valor médio de irmãs, sendo que as mulheres possuíam mais irmãs que os homens (Figura 3.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

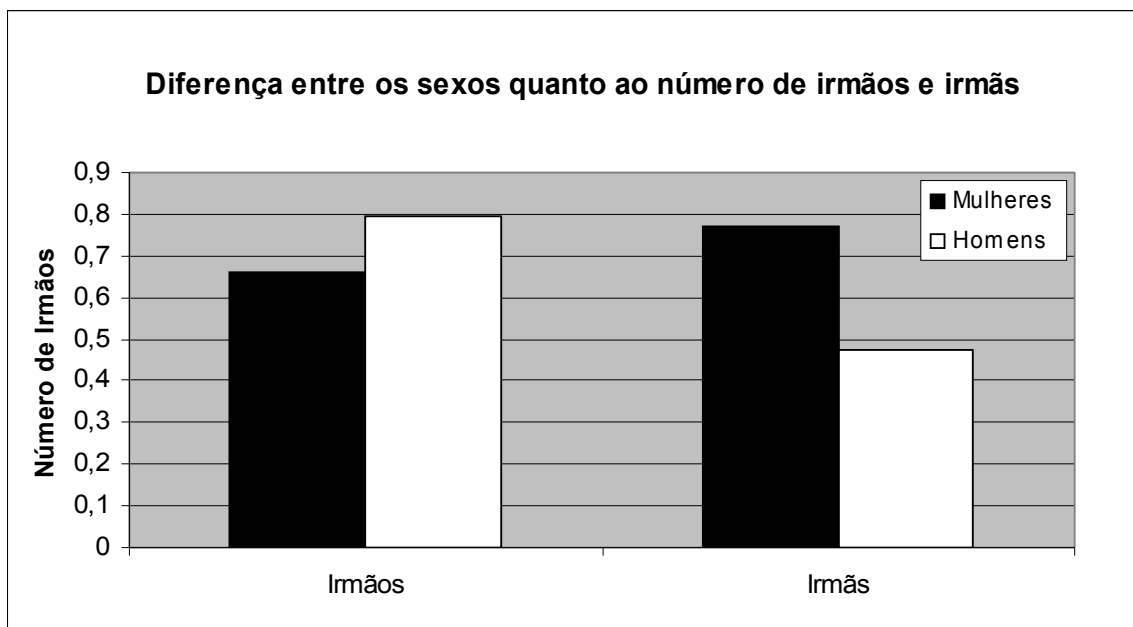


Figura 3. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto a quantidade de irmãos e irmãs.

Foi pedido ao participante que organizassem através do sexo e idade a ordem de nascimento de seus irmãos legítimos e que os mesmos nos mostrassem onde estavam posicionados dentro dessa escala, dos 236 respondentes: 39,8% se encontram na posição de primogênito, 36,4% são o segundo filho, 10,6% são o terceiro filho, 2,5% são o quarto filho e 10,5% são filhos únicos. Não foi encontrada associação entre o sexo do participante e a posição na ordem de nascimento ($\chi^2(4) = 2,881$; $p = 0,578$).

Através das respostas da ordem de nascimento, foi calculada a proporção de irmãos mais velhos quanto ao sexo, dos 234 respondentes: 47,0% não possuíam irmãos mais novos, 7,3% possuíam a mesma proporção de irmãos mais novos do sexo masculino e feminino, 22,2% possuíam irmão mais novos somente do sexo masculino, 22,2% possuíam irmãos mais novos somente do sexo feminino, 0,4% possuíam uma proporção maior de irmãos mais novos do sexo masculino e 0,9% possuíam uma proporção maior de irmãos mais novos do sexo feminino. Não foi encontrada associação entre o sexo do participante e a proporção do sexo dos irmãos mais novos ($\chi^2(5) = 4,271$; $p = 0,511$).

Através das respostas da ordem de nascimento, foi calculada a proporção de irmãos mais novos quanto ao sexo, dos 234 respondentes: 50,9% não possuem irmãos mais velhos, 5,6% possuem a mesma proporção de irmãos mais velhos do sexo masculino e feminino, 22,6% possuem irmão mais velhos somente do sexo masculino, 18,8% possuem irmãos mais velhos somente do sexo feminino, 1,3% possuem uma proporção maior de irmãos mais velhos do sexo masculino e 0,9% possuem uma proporção maior de irmãos mais velhos do sexo feminino. Foi encontrada uma tendência de associação entre o sexo do participante e a proporção do sexo dos irmãos mais velhos ($\chi^2(5) = 10,127$; $p = 0,072$), o sexo feminino se mostrou mais associado à proporção de irmão mais velhos de ambos os sexos e quanto a existência de irmãos mais velhos somente do sexo feminino (Figura 4.).

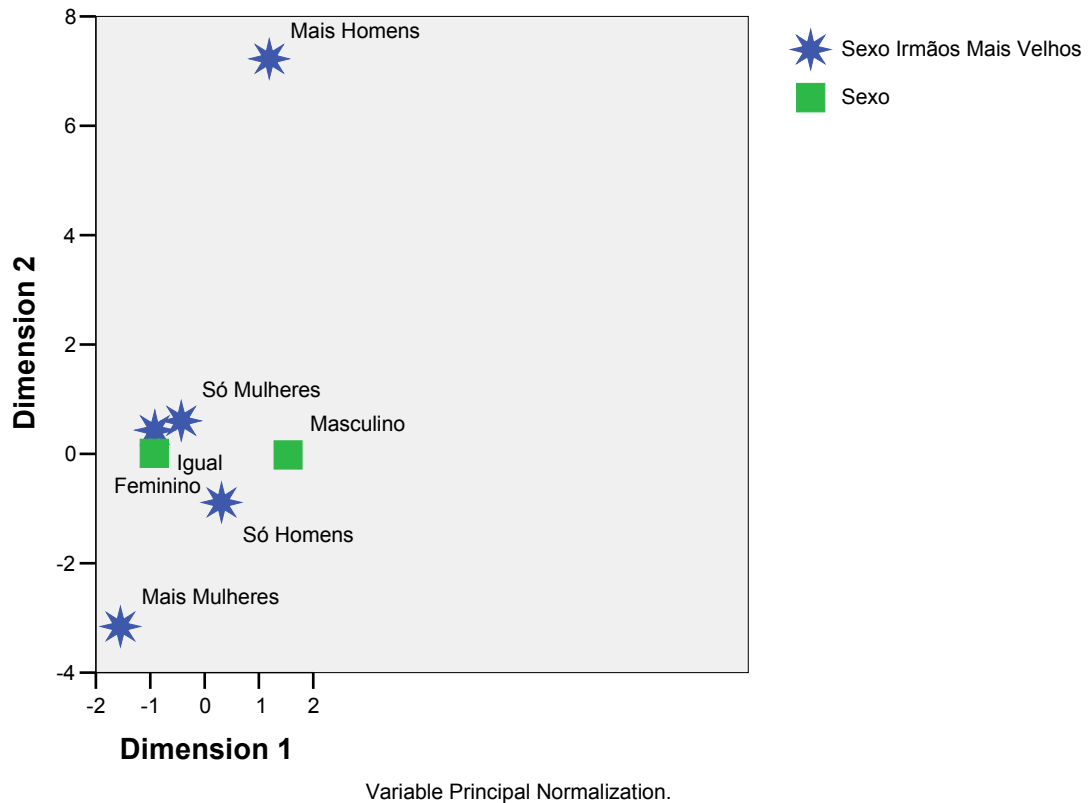


Figura 4. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e o sexo dos irmãos mais velhos dos mesmos.

Foi perguntado aos participantes se durante a infância dos mesmos ocorrera o divórcio dos pais, dos 235 respondentes: 77,9% afirmaram não ter ocorrido divórcio e 22,1% afirmaram ter ocorrido. Não foi encontrada associação entre o sexo do participante e a ocorrência ou não de divórcio na infância ($\chi^2(1) = 0,004$; $p = 0,949$).

A idade média de ocorrência de divórcio dos pais durante a infância dos participantes para os 52 respondentes foi de 8,48 anos (de 0 a 16; desvio padrão = 4,52). Não foi encontrada diferença ($F(52) = 0,460$; $p = 0,501$) entre homens ($n = 21$; média = 9,00; desvio padrão = 4,89) e mulheres ($n = 31$; média = 8,13; desvio padrão = 4,30) quanto à idade de ocorrência do divórcio dos pais.

Foi perguntado aos participantes se durante a infância ocorrera o falecimento de algum dos pais, dos 235 respondentes: 94,5% afirmaram não ter ocorrido falecimento e 4,7%

afirmaram ter ocorrido. Não foi encontrada associação entre o sexo do participante e a ocorrência ou não de falecimento na infância ($\chi^2(1) = 0,143$; $p = 0,705$).

A idade média de ocorrência de falecimento dos pais durante a infância dos participantes para os 11 respondentes foi de 10,45 anos (de 6 a 16; desvio padrão = 3,72). Não foi encontrado diferença ($F = 1,223$; $p = 0,297$) entre homens ($n = 5$; média = 11,80; desvio padrão = 4,49) e mulheres ($n = 6$; média = 9,33; desvio padrão = 2,88) quanto à idade de ocorrência do falecimentos dos pais. O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostra que a distribuição de nossa amostra não é normal, enquanto o teste Levene nos mostra a existência de homogeneidade de variância.

Foi perguntado aos participantes se os pais dos mesmos encontravam-se vivos, dos 237 respondentes: 92,8% afirmaram que ambos os pais se encontravam vivos, 5,1% afirmaram que somente a mãe se encontrava viva, 1,3% afirmou que apenas o pai se encontrava vivo e 0,8 afirmaram que ambos os pais já haviam falecido. Não foi encontrada associação entre o sexo dos participantes e a condição de seus pais ($\chi^2(3) = 2,739$; $p = 0,434$).

(c) Situação Amorosa – Foi perguntado aos participantes se estavam namorando, dos 236 respondentes: 54,7% afirmaram estar namorando e 45,3% afirmaram não estar namorando. Foi encontrada associação ($\chi^2(1) = 6,279$; $p = 0,012$) entre o sexo dos participantes e estar ou não namorando, estando o sexo feminino mais associado com estar namorando (Figura 5.).

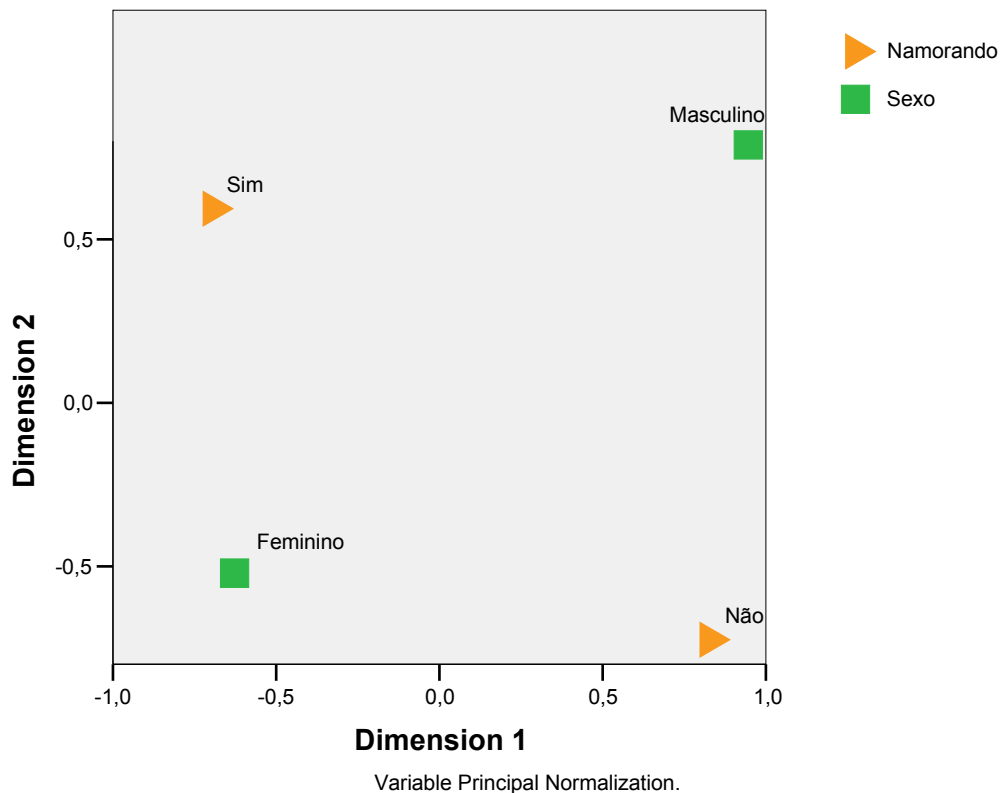


Figura 5. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e estar ou não namorando.

Foi perguntado aos participantes se eram casados, dos 236 respondentes: 95,8% afirmaram não serem casados e apenas 4,2% afirmaram serem casados. Não foi encontrada associação entre o sexo dos participantes e estar ou não casado ($\chi^2(1) = 1,899$; $p = 0,387$).

Foi perguntado aos participantes se estavam envolvidos em relacionamento amoroso de longa duração, dos 232 respondentes: 55,1% responderam positivamente quanto ao envolvimento em relacionamento de longa duração e 44,9% responderam negativamente. Não foi encontrada associação entre o sexo dos participantes e estar ou não envolvido em relacionamento amoroso de longa duração ($\chi^2(1) = 1,633$; $p = 0,201$).

Foi perguntado aos participantes se acreditavam estar apaixonados, dos 232 respondentes: 61,6% responderam positivamente quanto à estar apaixonado e 38,4% responderam negativamente. Foi encontrada associação ($\chi^2(1) = 3,890$; $p = 0,049$) entre o

sexo dos participantes e estar ou não apaixonado, estando o sexo feminino mais associado à declaração de estar apaixonado (Figura 6.).

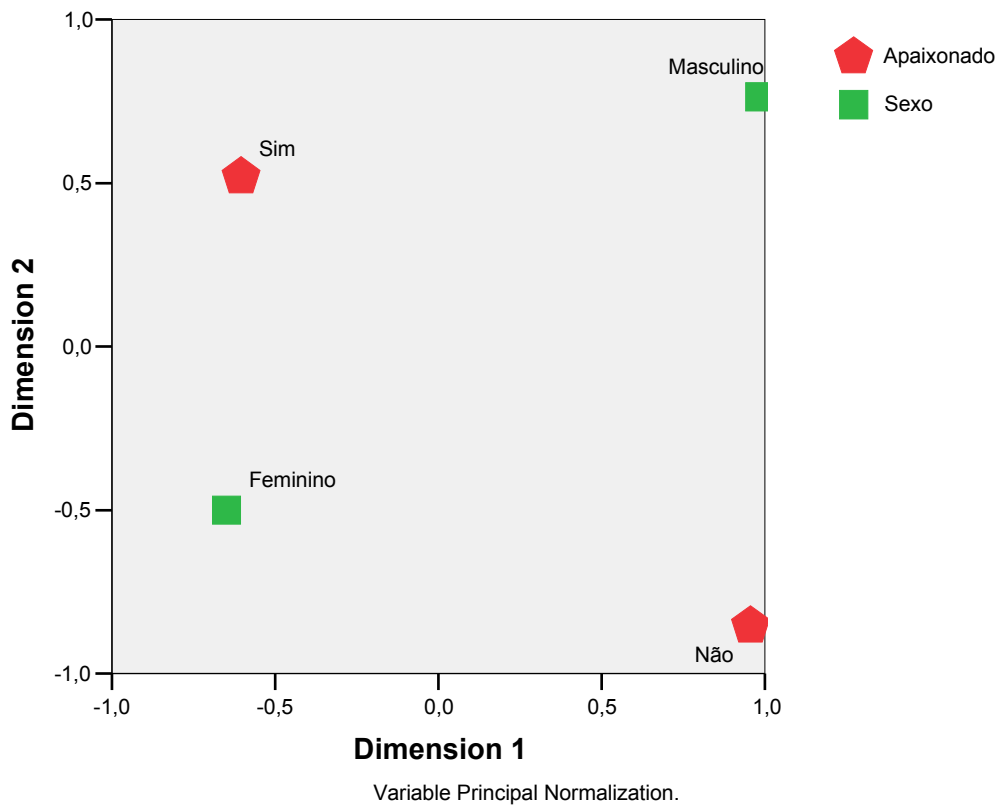


Figura 6. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e estar ou não apaixonado.

A média de relacionamentos amorosos duradouros em que já estiveram envolvidos os 229 respondentes foi de 1,71 relacionamentos (de 0 a 15; desvio padrão = 1,49). Não foi encontrada diferença ($F(229) = 0,119$; $p = 0,730$) entre homens ($n = 91$; média = 1,76; desvio padrão = 1,85) e mulheres ($n = 138$; média = 1,69; desvio padrão = 1,21). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

A média de idade da primeira relação dos 197 respondentes que tiveram relações sexuais foi de 17,43 anos (de 13 a 22; desvio padrão = 1,85). Não foi encontrada diferença

($F(197) = 1,260$; $p = 0,263$) entre homens ($n = 78$; média = 17,24; desvio padrão = 1,76) e mulheres ($n = 119$; média = 17,55; desvio padrão = 1,91).

Foi perguntado aos participantes se os mesmos possuíam ou já possuíram alguma DST, dos 95 respondentes: apenas 6,3% afirmaram possuírem ou terem possuído e 93,7% afirmaram que não. Não foi encontrada associação entre o sexo dos participantes e a ocorrência ou não de DST ($\chi^2 = 0,335$; $p = 0,563$).

(d) Hábitos – Foi perguntado aos estudantes se costumavam freqüentar festas, dos 236 respondentes: 11% declararam que não freqüentavam festas e 89% que freqüentavam festas. Foi encontrada associação ($\chi^2(1) = 3,890$; $p = 0,049$) entre o sexo dos participantes e o hábito de freqüentar ou não festas, sendo que o hábito de freqüentar festas estava mais associado ao sexo feminino (Figura 7.).

A média do número de festas freqüentadas em um mês típico levando em conta todos os 236 respondentes freqüentadores e não freqüentadores de festas foi de 4,92 (de 0 a 20; desvio padrão = 3,66). Não foi encontrada diferença ($F(236) = 0,088$; $p = 0,767$) entre homens ($n = 94$; média = 5,01; desvio padrão = 3,73) e mulheres ($n = 142$; média = 4,87; desvio padrão = 3,62). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

Foi perguntado aos estudantes se possuíam o hábito de fumar, dos 236 respondentes: 92,8% se declararam como não fumantes e 7,2% como fumantes. Não foi encontrada associação entre o sexo dos participantes e o hábito de fumar ($\chi^2(1) = 0,399$; $p = 0,527$).

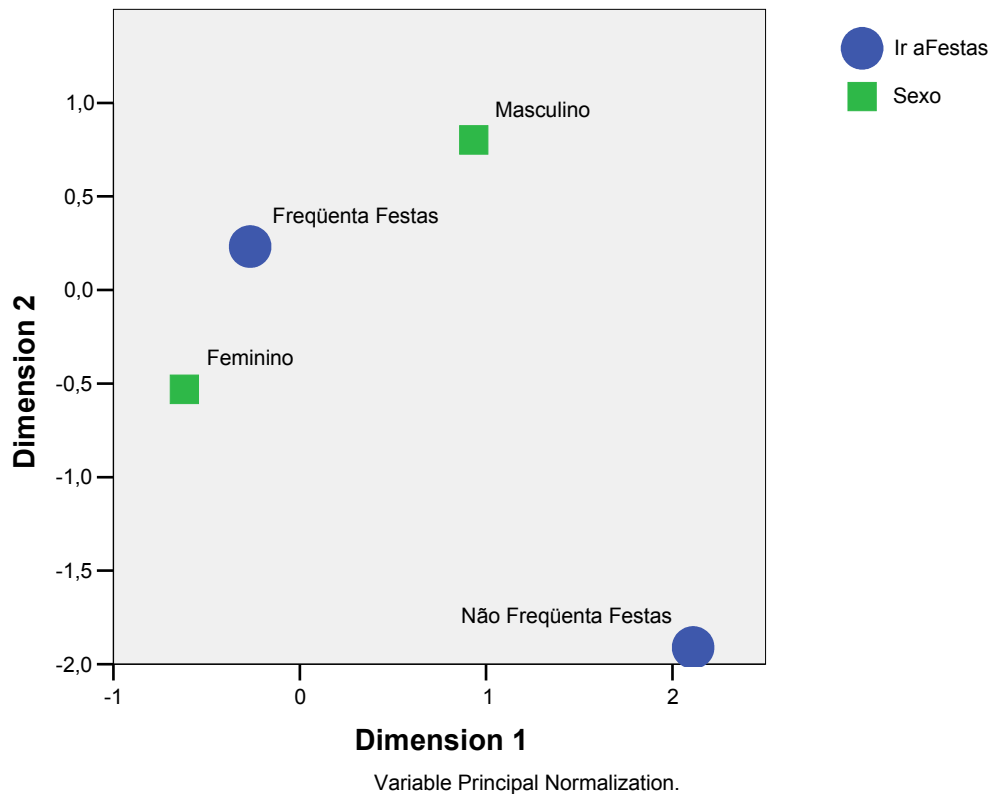


Figura 7. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e o hábito de frequentar festas.

A média de cigarros consumidos por dia levando em relação todos os 236 respondentes fumantes e não fumantes foi de 0,78 (de 0 a 44; desvio padrão = 4,16). Não foi encontrada diferença ($U = 2567,000$; $z = -0,145$; $p = 0,885$) entre homens ($n = 94$; média = 1,28; desvio padrão = 5,91) e mulheres ($n = 142$; média = 0,45; desvio padrão = 2,35). Em relação à média dos 17 respondentes que possuíam o hábito diário de fumar, essa foi de 10,88 (de 1 a 44; desvio padrão = 11,73). Não foi encontrada diferença ($U = 22,500$; $z = -1,306$; $p = 0,200$) entre homens ($n = 8$; média = 15,13; desvio padrão = 15,02) e mulheres ($n = 9$; média = 7,11; desvio padrão = 6,62). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que as distribuições de nossas amostras não eram normais, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância em ambas as amostras.

Foi perguntado aos estudantes se possuíam o hábito de fumar em festas, dos 236 respondentes: 87,7% se declararam que não fumavam em festas e 12,3% que fumavam em festas. Não foi encontrada associação entre o sexo dos participantes e o hábito de fumar em festas ($\chi^2(1) = 0,033$; $p = 0,856$).

A média de cigarros consumidos por festa levando em relação todos os 236 respondentes que fumavam e não fumavam em festas foi de 1,16 (de 0 a 44; desvio padrão = 4,34). Não foi encontrada diferença ($U = 2532,500$; $z = -0,356$; $p = 0,722$) entre homens ($n = 94$; média = 1,60; desvio padrão = 5,80) e mulheres ($n = 142$; média = 0,87; desvio padrão = 3,00). Em relação à média dos 29 respondentes que possuíam o hábito de fumar em festas, essa foi de 9,44 (de 1 a 44; desvio padrão = 8,79). Não foi encontrada diferença ($U = 75,500$; $z = -1,190$; $p = 0,245$) entre homens ($n = 12$; média = 12,50; desvio padrão = 11,67) e mulheres ($n = 17$; média = 7,29; desvio padrão = 5,45). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que as distribuições de nossas amostras não eram normais, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância em ambas as amostras.

Foi perguntado aos estudantes se possuíam o hábito de consumir bebidas alcoólicas em festas, dos 236 respondentes: 28% declararam que não ingeriam bebidas alcoólicas em festas e 72% que ingeriam. Não foi encontrada associação entre o sexo dos participantes e o hábito de ingerir bebidas alcoólicas em festas ($\chi^2(1) = 2,454$; $p = 0,117$).

A média de doses de bebidas alcoólicas consumidas em festas levando em conta todos os 235 respondentes que bebiam e não bebiam em festas foi de 2,98 doses (de 0 a 16; desvio padrão = 2,95). Foi encontrada diferença ($U = 1701,000$; $z = -3,515$; $p = 0,000$) entre homens ($n = 94$; média = 3,78; desvio padrão = 3,35) e mulheres ($n = 142$; média = 2,45; desvio padrão = 2,53), sendo que os homens consumiam em média mais doses de álcool em festas. Em relação à média dos 169 respondentes que possuíam o hábito de ingerir bebidas alcoólicas em festas, essa foi de 4,14 doses (de 1 a 16; desvio padrão = 2,70). Foi encontrada diferença

($F(169) = 10,139$; $p = 0,002$) entre homens ($n = 72$; média = 4,89; desvio padrão = 3,01) e mulheres ($n = 97$; média = 3,59; desvio padrão = 2,30), sendo que os homens em média consumiam mais doses que as mulheres segunda (Figura 8.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que as distribuições de nossas amostras não eram normais, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância na primeira amostra e a existência de homogeneidade na.

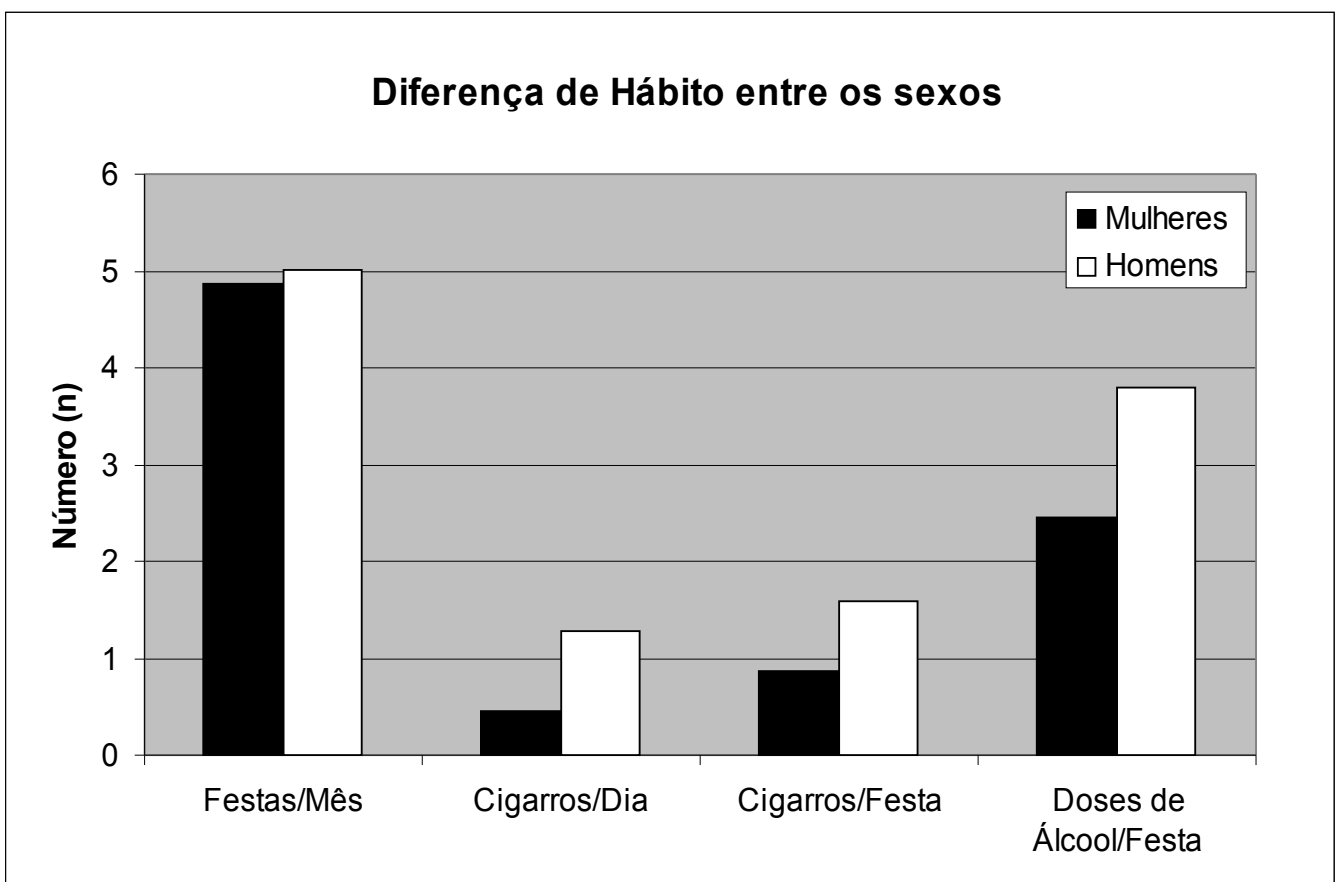


Figura 8. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto aos hábitos.

(e) **Ciclo Menstrual** – Foi perguntado às mulheres se usavam algum tipo de contraceptivo hormonal, das 140 respondentes: 45% não usavam contraceptivos e 55% usavam.

Foi perguntado se o ciclo menstrual dessas mulheres era regular ou não, das 63 respondentes que não utilizam contraceptivo hormonal: 15,9% afirmaram não possuir um ciclo regular e 84,1% afirmam possuir um ciclo regular.

Quanto à duração desse ciclo, a média de duração do ciclo menstrual, das 55 respondentes que não usam contraceptivo hormonal, foi de 28,64 dias (de 18 a 35; desvio-padrão = 2,94).

A média de idade da primeira menarca das 139 respondentes foi de 12,11 anos (de 9 a 15; desvio-padrão = 1,20).

(f) Critério de Classificação Econômica Brasil – Quanto à estimativa do poder de compra das famílias urbanas, dos 225 respondentes: 2,7% foram classificados como pertencentes ao grupo A1, 22,2% como pertencentes ao grupo A2, 34,2% como pertencentes ao grupo B1, 28% como pertencentes ao grupo B2, 11,6% como pertencentes ao grupo C1 e 1,3% como pertencentes ao grupo C2. Não foi encontrada associação entre os grupos e o sexo dos participantes ($\chi^2(5) = 8,239$; $p = 0,144$).

(g) Auto-Avaliação de Expectativa de Vida – A média da expectativa de vida esperada para os 230 respondentes foi de 81,93 anos (de 50 a 130; desvio padrão = 10,51). Não foi encontrada diferença ($F(230) = 0,032$; $p = 0,857$) entre homens ($n = 90$; média = 81,78s; desvio = 10,23) e mulheres ($n = 139$; média = 82,04; desvio = 10,73) quanto ao valor médio de expectativa de vida. O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não foi normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

(h) Desconto do Futuro – A mediana da distribuição do Fator K para os 209 respondentes foi de 0,0096764 (de 0,00016 a 0,24675; média = 0,01336; desvio padrão = 0,02873). Foi encontrada diferença ($U = 4346,500$; $z = -2,222$; $p = 0,026$) entre homens ($n = 85$; média = 0,01679; desvio = 0,03362) e mulheres ($n = 124$; média = 0,01101; desvio = 0,02469) quanto à taxa de desconto do futuro, sendo que os homens possuem valores mais elevados e conseqüentemente são mais descontadores (Figura 9.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

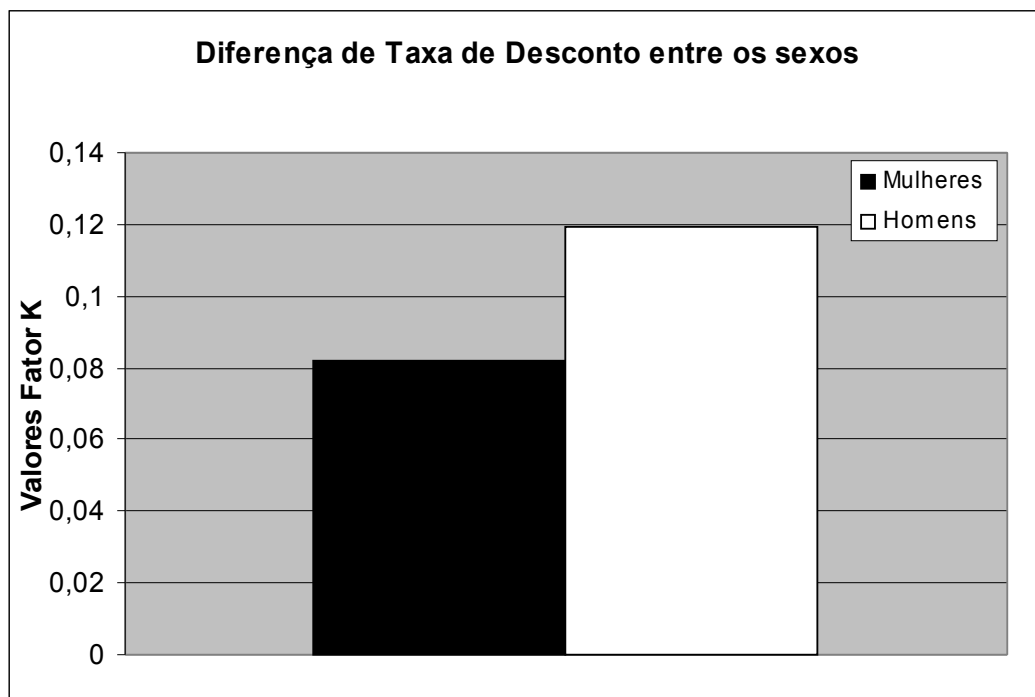


Figura 9. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto a Taxa de Desconto do Futuro.

Segundo Kirby e Marakovich (1996), a grande diferença no “parâmetro k hiperbólico de desconto” levaria os participantes a mudarem suas estratégias enquanto respondem ao questionário, conforme eram apresentadas novas opções com recompensas futuras mais vantajosas e que podem ser obtidas em um intervalo de tempo menor. Visto de maneira o padrão de escolha do respondente pode ser dividido em faixas específicas, que envolvem um

processamento cognitivo com heurísticas e preferências particulares. Levando em conta essa possibilidade, os participantes foram divididos em dez grupos, referentes à mudança de preferência durante as escolhas monetárias do questionário (ex: caso o participante tenha mantido a sua escolha na recompensa mais imediata até a quinta opção de escolha monetária, seguindo para a recompensa tardia na sexta opção, o mesmo foi classificado como pertencente ao grupo de número 5; participantes que se mantiveram sempre na escolha de uma recompensa futura pertencem ao grupo 0; e etc). Nesse tipo de distribuição homens e mulheres parecem apresentar uma distribuição diferenciada quanto ao momento em que mudam de escolha da recompensa imediata para a tardia. Observamos os homens (Figura 10.) com maior mudança de escolha na quinta opção. As escolhas femininas (Figura 11.) encontram-se em maior densidade na terceira e quinta opções. É importante destacar que a seqüência de questões encontra-se organizadas de maneira decrescente quanto ao intervalo de tempo, portanto, quanto mais adiante for a mudança de escolha, maior será a taxa de desconto.

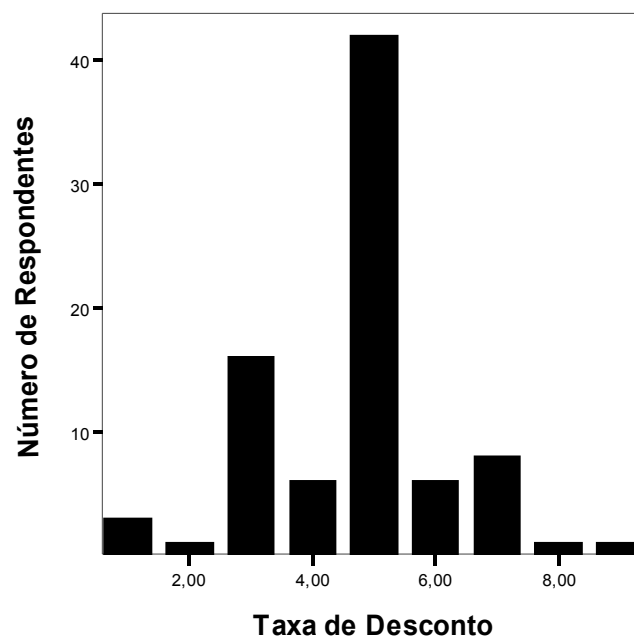


Figura 10. Gráfico de distribuição das escolhas masculinas no instrumento de desconto do futuro.

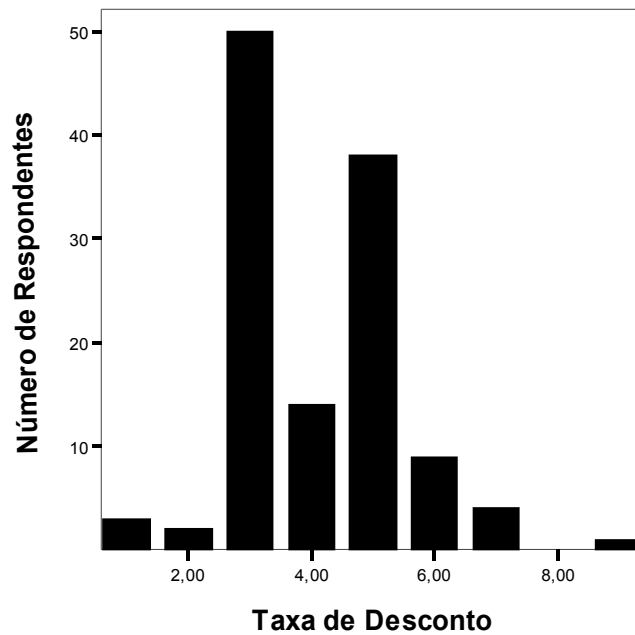


Figura 11. Gráfico de distribuição das escolhas femininas no instrumento de desconto do futuro.

Com a distribuição definida, utilizamos uma ANACOR (Figura 12.) para procurar diferença de associação em o sexo dos respondentes e as suas respectivas classificações dentro dos grupos. A análise nos mostra que não existia aleatoriedade entre os grupos ($\chi^2(9)=19,054$; $p = 0,025$), havendo uma associação entre o sexo feminino e o grupo 3 e o sexo masculino e os grupos 5 e 7.

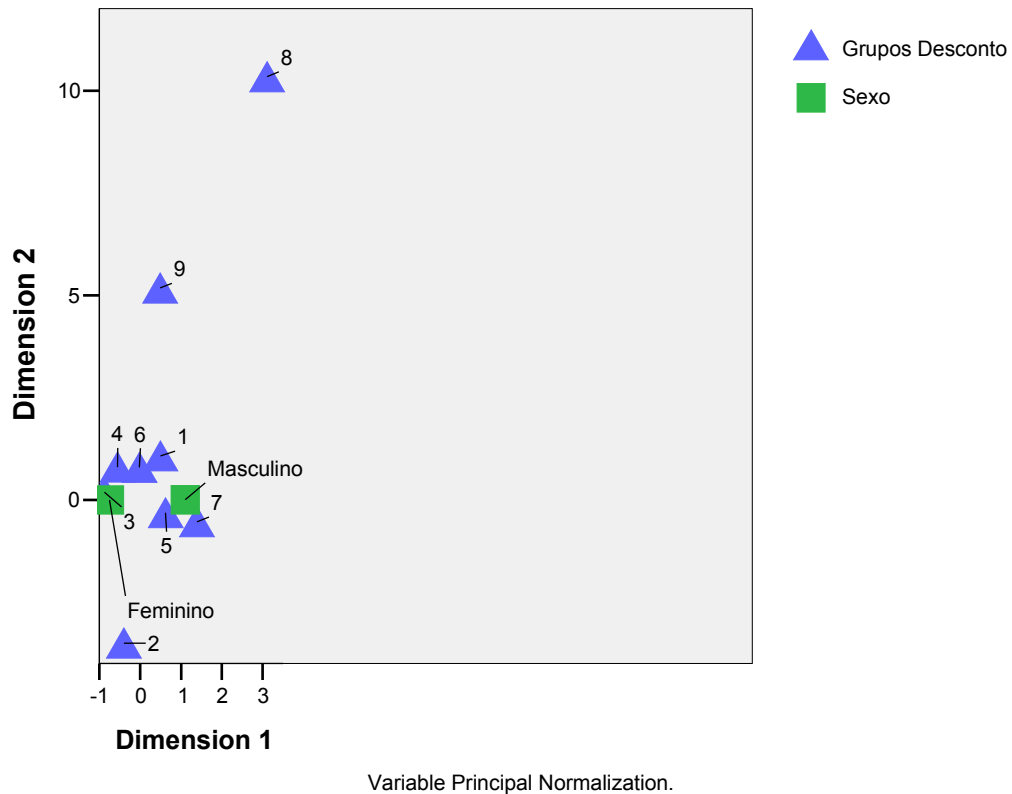


Figura 12. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e grupo de desconto do futuro ao qual pertencem.

Além da divisão dos dez grupos foi aplicada à nossa variável “Fator K” uma análise de frequência com divisão por quartil, a fim de melhorar a análise dos dados de nossa amostra quanto ao Desconto do Futuro. Tendo os resultados da análise de frequência, os participantes foram divididos em 4 grupos quando ao seu score no questionário de Desconto do Futuro. Os quatro grupos receberam os nomes de: “Não Descontador”, “Pouco Descontador”, “Descontador Mediano” e “Grande Descontador”. É importante destacar que a distribuição não homogênea de nossa amostra, assim como os valores padronizados dos resultados do Fator K, não permitiram que os quartis fossem formados com a mesma proporção de respondentes, portanto, dos 209 respondentes: 31,1% possuíam ao grupo “Não Descontador”, 14,4% ao grupo “Pouco Descontador”, 36,4% ao grupo “Descontador Mediano” e 18,2% ao grupo “Grande Descontador”. Foi encontrada associação ($\chi^2 = 8,733$; $p = 0,033$) entre o sexo

feminino e o grupo “Pouco Descontador” e o sexo masculino e o grupo “Descontador Mediano” (Figura 13.).

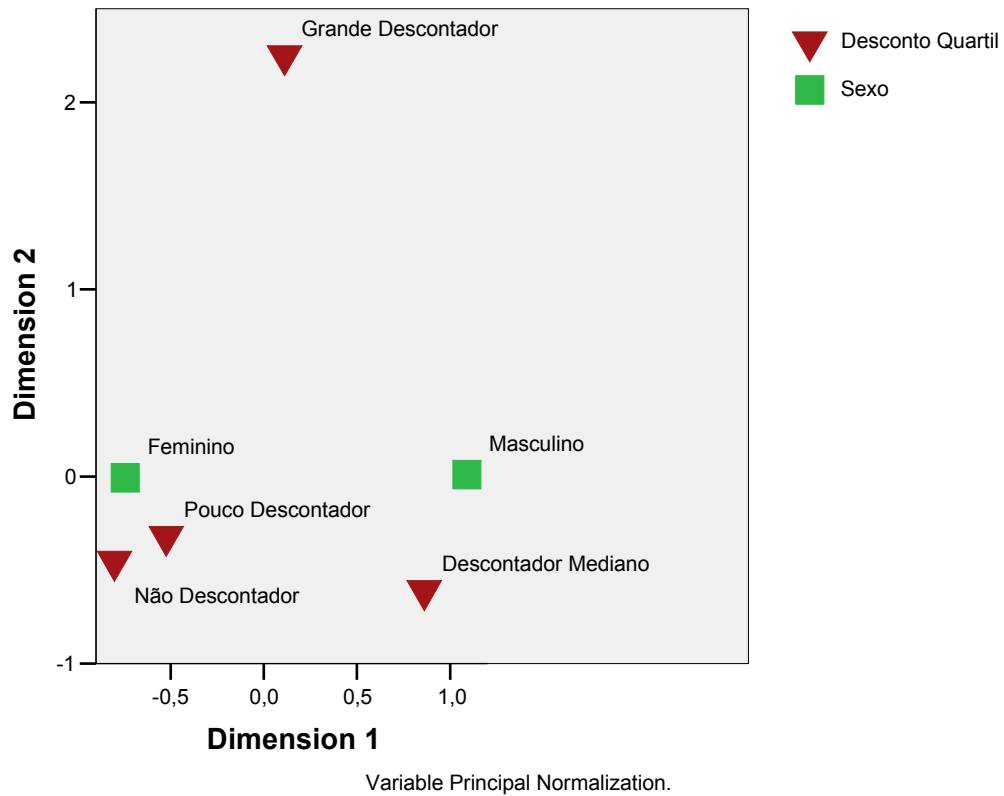


Figura 13. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e o quartil de desconto ao qual pertencem.

(i) Sócio-Sexualidade – A média no Inventário de Orientação Sócio-Sexual para os 224 respondentes foi de 63,19 (de 25 a 315; desvio padrão = 37,95). Foi encontrada diferença ($U = 1.073,000$; $z = -5,949$; $p = 0,000$) entre homens ($n = 90$; média = 81,12; desvio padrão = 46,97) e mulheres ($n = 134$; média = 51,15; desvio padrão = 23,98), sendo que os homens possuíam médias mais elevadas do que as mulheres, sendo conseqüentemente mais irrestritos (Figura 14.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

A média nos componentes táticos para os 233 respondentes foi de 25,87 (de 2 a 223; desvio padrão = 27,59). Foi encontrada diferença ($U = 1.568,000$; $z = -4,003$; $p = 0,000$) entre homens ($n = 93$; média = 34,71; desvio padrão = 35,36) e mulheres ($n = 140$; média = 20,00; desvio padrão = 18,86), sendo que os homens possuíam médias mais elevadas do que as mulheres e conseqüentemente eram taticamente mais irrestritos (Figura 14.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

A média nos componentes estratégicos para os 225 respondentes foi de 14,88 (de 15 a 92; desvio padrão = 36,81). Foi encontrada diferença ($U = 869,000$; $z = -6,579$; $p = 0,000$) entre homens ($n = 90$; média = 45,94; desvio padrão = 16,96) e mulheres ($n = 135$; média = 30,73; desvio padrão = 9,26), sendo que os homens possuíam médias mais elevadas do que as mulheres e conseqüentemente eram estrategicamente mais irrestritos (Figura 14.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

A média quanto à divisão das atitudes sócio-sexuais para os 235 respondentes foi de 28,81 (de 12 a 54; desvio padrão = 7,51). Foi encontrada diferença ($U = 1.409,000$; $z = -4,645$; $p = 0,000$) entre homens ($n = 94$; média = 31,98; desvio padrão = 7,78) e mulheres ($n = 141$; média = 26,70; desvio padrão = 6,54), sendo que os homens possuíam médias mais elevadas do que as mulheres e conseqüentemente eram mais irrestritos quanto às suas atitudes (Figura 14.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

A média nos componentes comportamentais sócio-sexuais para os 224 respondentes foi de 34,43 (de 1 a 277; desvio padrão = 34,03). Foi encontrada diferença ($U = 1.153,000$; $z = -5,637$; $p = 0,000$) entre homens ($n = 90$; média = 49,37; desvio padrão = 43,90) e mulheres

($n = 134$; média = 24,40; desvio padrão = 19,97), sendo que os homens possuíam médias mais elevadas do que as mulheres e conseqüentemente eram mais irrestritos nos seus comportamentos (Figura 14.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

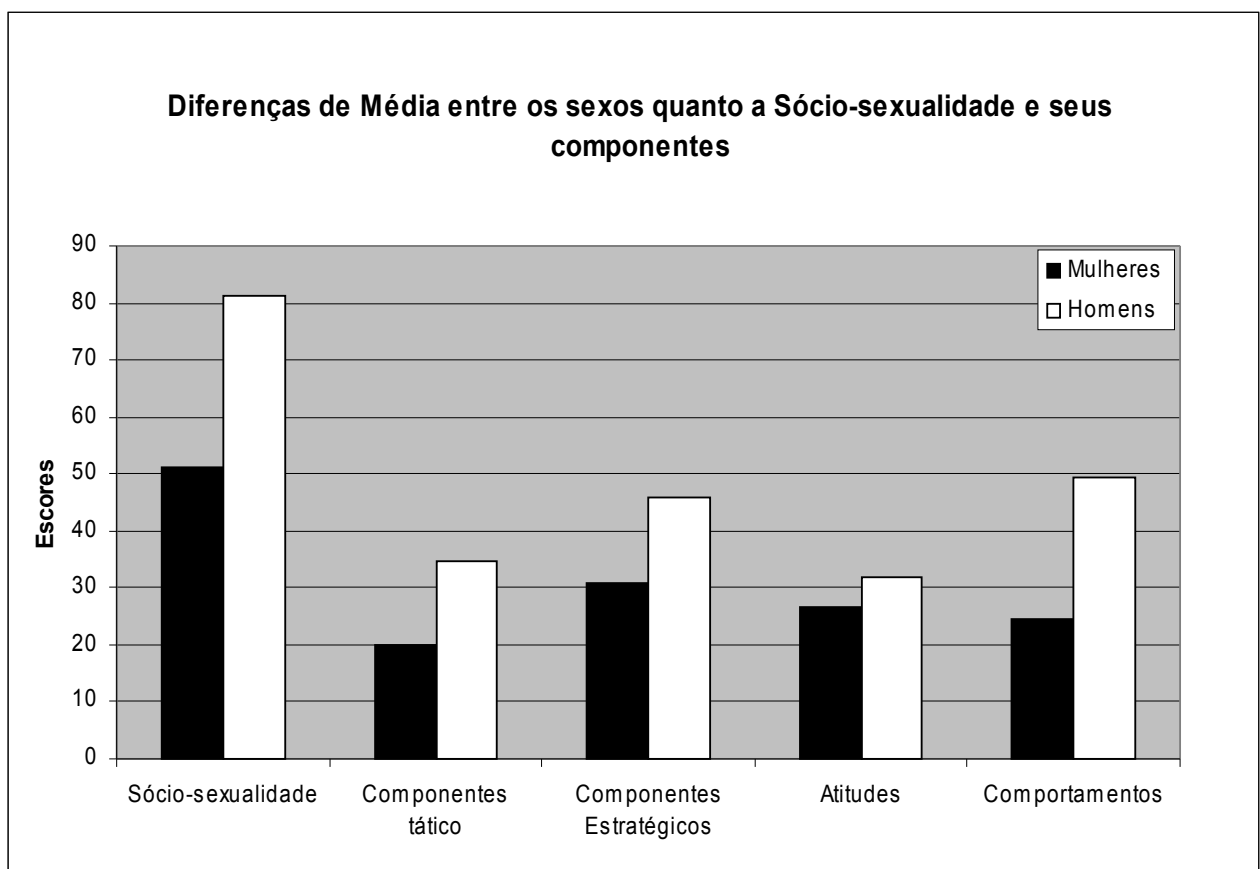


Figura 14. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto a sócio-sexualidade e seus componentes.

(j) Estilos de Relacionamento – A média do fator proximidade resultante do questionário de estilo de relacionamento para os 233 respondentes foi de 21,03 pontos (de 9 a 29; desvio padrão = 3,72). Não foi encontrada diferença ($F(233) = 2,734$; $p = 0,100$) entre homens ($n = 93$; média = 20,54; desvio padrão = 3,98) e mulheres ($n = 140$; média = 21,36;

desvio padrão = 3,51). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

A média do fator confiança resultante do questionário de estilo de relacionamento para os 235 respondentes foi de 20,20 pontos (de 10 a 28; desvio padrão = 3,55). Não foi encontrada diferença ($F(235) = 3,329$; $p = 0,069$) entre homens ($n = 94$; média = 19,68; desvio padrão = 3,53) e mulheres ($n = 141$; média 20,54; desvio padrão = 3,53). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

A média do fator ansiedade resultante do questionário de estilo de relacionamento para os 232 respondentes foi de 15,71 (de 6 a 30; desvio padrão = 4,74). Não foi encontrada diferença ($F(232) = 2,354$; $p = 0,126$) entre homens ($n = 92$; média = 15,12; desvio padrão = 4,44) e mulheres ($n = 141$; média = 16,09; desvio padrão = 4,91). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

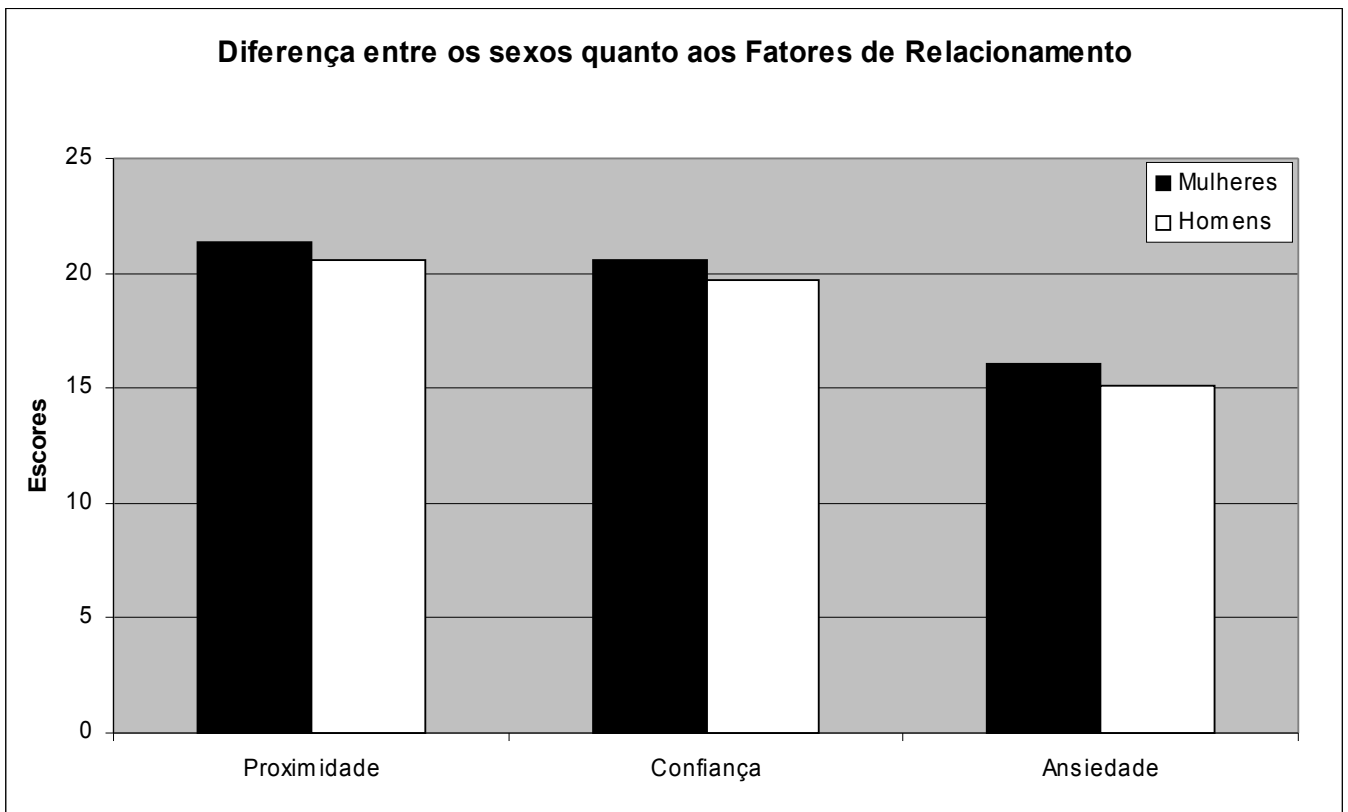


Figura 15. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto aos fatores de relacionamento.

Através do Questionário de Relacionamento obtivemos os estilos de apego. Segundo Collins e Read (1990), a definição dos estilos de apego propostos por Hazan e Shaver (1987), pode ser realizada através da análise da proporção dos três fatores resultantes do cálculo do questionário: proximidade, confiança e ansiedade¹. No entanto, o comportamento dos respondentes nem sempre se encontra bem definido, não permitindo uma definição clara dos estilos de apego de todos os respondentes. Essa indefinição foi resolvida através de uma Análise de Cluster usando o método de padronização Between-groups, a distância quadrática Euclidiana e o escore dos fatores como variáveis do cluster, método também usado na

¹ Seguindo o mesmo processo de validação do Questionário de Relacionamento realizado por Collins e Read (1990), fizemos uma Análise Fatorial, usando a resposta das 18 questões como variáveis. Diferente do que encontrado pelos autores, em nossa análise não foram formados somente três fatores (proximidade, confiança e ansiedade), mas sim cinco fatores, o que pode indicar uma não adequação do material à nossa amostra ou mesmo a variedade de padrões comportamentais e ecológicos brasileiros. No entanto para que seja mantido um padrão e possibilite a comparação com outros estudos da literatura, mantivemos os mesmos cálculos propostos por Collins e Read (1990) para a definição dos estilos de apego pela Análise de Cluster.

validação do instrumento por Collins e Read (1990), com o intuito de definir os estilos de apego. Através dessa análise foram formados três clusters, que puderam ser melhor observados com seus centróides através do mapa territorial de resultante de uma análise discriminante (Figura 16.), os quais foram nomeados de acordo com a proporção que apresentavam dos três fatores (Tabela 3.). Definidos os estilos de apego, dos 229 respondentes: 24,5% foram classificados como possuidores de um estilo Evitador, 29,7% como possuidores do estilo Ansioso e 45,9% como possuidores do estilo Seguro. Foi encontrada uma tendência de associação ($\chi^2(2) = 4,683$; $p = 0,096$) entre o sexo masculino e o estilo de apego evitador (Figura 17.).

Tabela 3. Média dos Escores da Escala de Estilo de Apego Adulto para os Três Clusters.

Dimensões da Escala de Estilo de Apego Adulto	Cluster			F(2,226)
	1 (Seguro)	2 (Ansioso)	3 (Evitador)	
n	121	45	18	–
Proximidade	22,07	22,91	16,82	84,084*
Confiança	21,76	19,68	17,77	30,210*
Ansiedade	11,97	20,91	16,45	204,299*
Collins e Read (1990)				
n	53	43	17	–
Proximidade	23,36	19,74	16,38	27,32*
Confiança	21,28	17,45	16,00	14,92*
Ansiedade	12,50	20,28	11,71	91,81*

Canonical Discriminant Functions

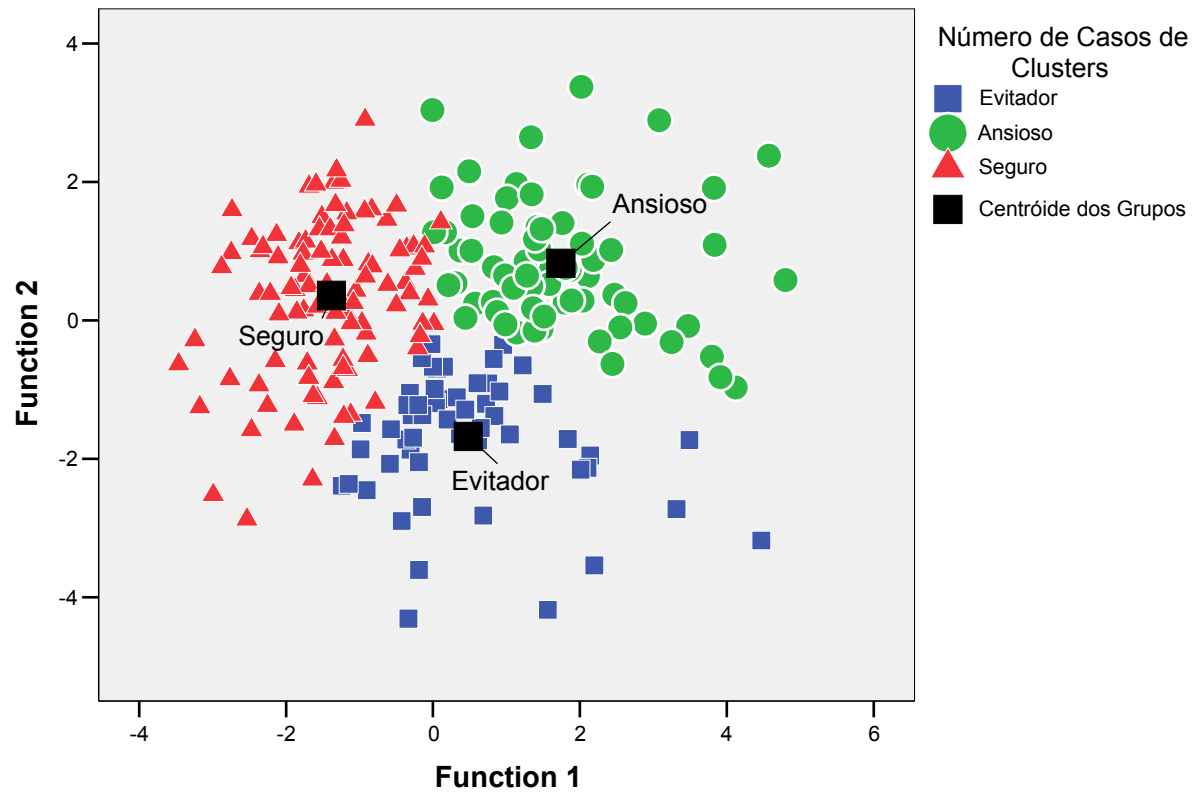


Figura 16. Mapa Territorial com três centróides e a distribuição dos estilos de apego determinados pela análise de cluster.

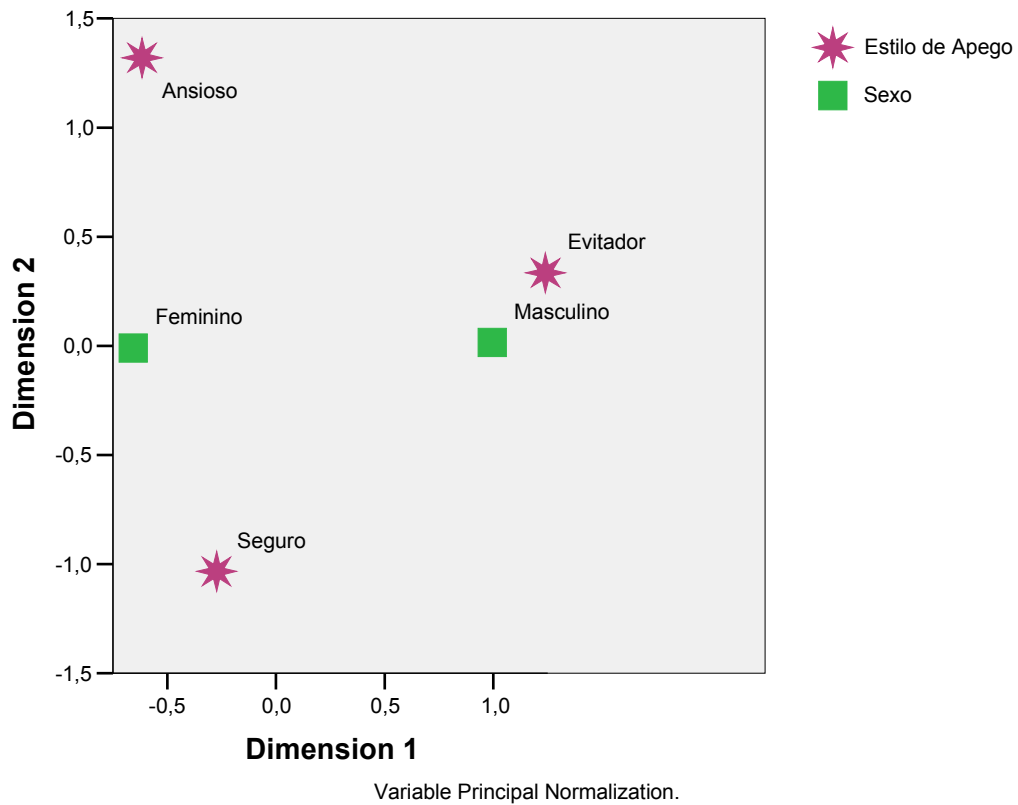


Figura 17. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e os estilos de apego.

O resumo dos resultados de diferença de média entre homens e mulheres para as variáveis métricas para métricas e não-paramétricas encontra-se nas tabelas 4 e 5. Em síntese, os homens apresentaram altura média mais elevada, consomem em média maior número de doses de bebidas alcoólicas em festas, descontam mais o futuro e são mais irrestritos. As mulheres possuem em médias mais irmãs e apresentam valores superiores no fator confiança do questionário de estilo de apego.

Tabela 4. Análise descritiva e diferença de média entre homens e mulheres para variáveis paramétricas.

Variáveis métricas paramétricas	Homens			Mulheres			ANOVA	
	n	média	dp	n	média	dp	Test F	p
Idade	90	21,96	2,66	141	22,15	2,75	0,278	0,598
Altura	95	1,76	0,073	142	1,64	0,061	197,912	< 0,001
Número de Irmãos	93	0,8	0,76	141	0,66	0,7	1,995	0,159
Número de Irmãs	93	0,47	0,65	141	0,77	0,73	10,266	0,002
Idade Ocorrência Divórcio	21	9	4,89	31	8,13	4,3	0,46	0,501
Idade Ocorrência Falecimento	5	11,8	4,49	6	9,33	2,88	1,223	0,297
Relacionamentos Amorosos	91	1,76	1,85	138	1,69	1,21	0,119	0,730
Idade da Primeira Relação	78	17,24	1,76	119	17,55	1,91	1,26	0,263
Festas Frequentadas no Mês	94	5,01	3,73	142	4,87	3,62	0,088	0,767
Doses de Alcool por Festa	72	4,89	3,01	97	3,59	2,3	10,139	0,002
Expectativa de Vida	90	81,78	10,23	139	82,04	10,73	0,032	0,857
Fator Proximidade	93	20,54	3,98	140	21,36	3,51	2,734	0,100
Fator Confiança	94	19,68	3,53	141	20,54	3,53	3,329	0,069
Fator Ansiedade	92	15,12	4,44	141	16,09	4,91	2,354	0,13

Tabela 5. Análise descritiva e diferença de média entre homens e mulheres para variáveis não-paramétricas.

Variáveis métricas não-paramétricas	Homens			Mulheres			Mann-Whitney	
	n	média	dp	n	média	dp	U	p
Cigarros Consumidos por Dia	8	15,13	15,02	9	7,11	6,62	22,500	0,200
Cigarros Consumidos por Festa	12	12,50	11,67	17	7,29	5,45	75,500	0,245
Fator K	85	0,02	0,03	124	0,01	0,02	4346,500	0,026
Sócio-sexualidade	90	81,12	46,97	134	51,15	23,98	1073,000	< 0,001
IOSS Tática	93	34,71	35,36	140	20,00	18,86	1568,000	< 0,001
IOSS Estratégia	90	45,94	16,96	135	30,73	9,26	869,000	< 0,001
IOSS Atitude	94	31,98	7,78	141	26,70	6,54	1409,000	< 0,001
IOSS Comportamento	90	49,37	43,90	134	24,40	19,97	1153,000	< 0,001

4.2. Correlações, Comparações e Associações Intrassexuais

Na tentativa de testar a hipótese de mecanismo comum de alocação de investimento para a Sócio-sexualidade e o Desconto do Futuro, foram realizadas correlações, comparações de média e associações da sócio-sexualidade e seus componentes, assim como do desconto do futuro e de suas variáveis complementares em função das variáveis categóricas (Comparações de Média e Associações) e métricas (Comparações de Média e Correlações de Spearman) de maneira intra-sexual. Um resumo com os perfis de irrestrição sócio-sexual e desconto estão apresentados na Tabela 6.

4.2.1. Correlações intra-sexuais masculinas

4.2.1.1. Sócio-sexualidade e Componentes

(a) Itens de Identificação Geral:

Idade – Não foi encontrada correlação entre a idade dos participantes e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 85$; $\rho = 0,175$; $p = 0,109$). Quanto ao **componente tático**, foi encontrada correlação ($n = 88$; $\rho = 0,231$; $p = 0,030$), onde os homens mais velhos possuem uma tática mais irrestrita. Não foi encontrada correlação com o **componente estratégico** ($n = 85$; $\rho = -0,061$; $p = 0,578$) e o **componente das atitudes** ($n = 89$; $\rho = -0,180$; $p = 0,091$). O **componente dos comportamentos** apresentou correlação ($n = 85$; $\rho = 0,232$; $p = 0,033$), onde os homens mais velhos possuem proporcionalmente comportamentos mais irrestritos.

Tabela 6. Sumário de correlações intra-sexuais.

S E X O	Perfil Irrestrito
	Sócio-sexualidade (IOSS)
H O M E M	Envolvimento em grande número de relacionamento amorosos de longo prazo; Vão mais em festas num mês típico; Consumem mais doses de álcool em festas;
	Perfil Descontador
	Fator K
	–
M U L H E R	Perfil Irrestrito
	Sócio-sexualidade (IOSS)
	São mais velhas; Envolvimento em grande número de relacionamentos amorosos de longo prazo; Vão mais em festas num mês típico; Fumam mais cigarros diariamente (somente para fumantes); Consumem mais doses de álcool em festas; Tiveram a menarca mais tarde;
	Perfil Descontador
	Fator K
	–

Altura – Não foi encontrada correlação entre a altura dos participantes e seus escores de **sócio-sexualidade** ($n = 90$; $\rho = 0,055$; $p = 0,606$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 93$; $\rho = -0,007$; $p = 0,950$), o **componente estratégico** ($n = 90$; $\rho = 0,125$; $p = 0,241$), o **componente das atitudes** ($n = 94$; $\rho = 0,053$; $p = 0,609$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 90$; $\rho = 0,048$; $p = 0,653$).

(b) Composição Familiar:

Idade do Divórcio dos Pais – Essa correlação foi realizada somente com os participantes que afirmaram ter ocorrido divórcio e/ou falecimento de seus pais durante a infância. Não foi encontrada correlação entre a idade do divórcio dos pais e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 20$; $\rho = -0,320$; $p = 0,168$). Quanto ao **componente tático**, foi encontrada uma tendência de correlação ($n = 20$; $\rho = -0,409$; $p = 0,073$), onde os homens com táticas mais irrestritas tiveram os pais divorciados mais cedo. Não foi encontrada correlação com o **componente estratégico** ($n = 20$; $\rho = -0,050$; $p = 0,835$), o **componente das atitudes** ($n = 21$; $\rho = -0,126$; $p = 0,586$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 20$; $\rho = -0,229$; $p = 0,332$).

Idade do Falecimento dos Pais – Essa correlação foi realizada somente com os participantes que afirmaram ter ocorrido divórcio e/ou falecimento de seus pais durante a infância. Não foi encontrada correlação entre a idade do falecimento dos pais e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 5$; $\rho = 0,700$; $p = 0,188$). Quanto ao **componente tático**, foi encontrada correlação ($n = 5$; $\rho = 0,900$; $p = 0,037$), onde os homens com táticas mais irrestritas tiveram o falecimento dos pais mais tarde. Não foi encontrada correlação com o

componente estratégico ($n = 5$; $\rho = -0,300$; $p = 0,624$), o **componente das atitudes** ($n = 5$; $\rho = -0,410$; $p = 0,493$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 5$; $\rho = 0,700$; $p = 0,188$).

Número de Irmão – Não foi encontrada correlação entre número de irmãos e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 88$; $\rho = 0,046$; $p = 0,671$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 91$; $\rho = -0,081$; $p = 0,446$), o **componente estratégico** ($n = 88$; $\rho = 0,165$; $p = 0,125$), o **componente das atitudes** ($n = 92$; $\rho = 0,068$; $p = 0,519$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 88$; $\rho = 0,059$; $p = 0,588$).

Número de Irmãs – Não foi encontrada correlação entre a idade da primeira relação sexual e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 88$; $\rho = -0,057$; $p = 0,600$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 91$; $\rho = -0,007$; $p = 0,949$), o **componente estratégico** ($n = 88$; $\rho = -0,065$; $p = 0,549$), o **componente das atitudes** ($n = 92$; $\rho = -0,024$; $p = 0,821$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 88$; $\rho = -0,059$; $p = 0,585$).

(c) Situação Amorosa:

Número de Relacionamentos – Foi encontrada correlação entre o número de relacionamentos amorosos de longo prazo que os participantes já tiveram e os seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 88$; $\rho = 0,391$; $p = 0,000$), onde a sócio-sexualidade irrestrita está relacionada ao envolvimento em um maior número de relacionamentos. Quanto ao **componente tático**, foi encontrada correlação ($n = 91$; $\rho = 0,452$; $p = 0,000$), onde a tática irrestrita está relacionada ao envolvimento em um maior número de relacionamentos. Não foi encontrada correlação com o **componente estratégico** ($n = 88$; $\rho = 0,162$; $p = 0,131$) e o **componente das atitudes** ($n = 91$; $\rho = 0,077$; $p = 0,467$). O **componente do comportamento**

apresentou correlação ($n = 88$; $\rho = 0,405$; $p = 0,000$), onde homens com comportamentos mais irrestritos se envolveram em um maior número de relacionamentos.

Idade da Primeira Relação Sexual – Não foi encontrada correlação entre a idade da primeira relação sexual e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 87$; $\rho = 0,020$; $p = 0,851$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 90$; $\rho = 0,007$; $p = 0,946$), o **componente estratégico** ($n = 87$; $\rho = 0,078$; $p = 0,472$), o **componente das atitudes** ($n = 91$; $\rho = 0,124$; $p = 0,241$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 87$; $\rho = -0,036$; $p = 0,740$).

(d) Hábitos:

Número de Festas por Mês – Essa correlação foi realizada somente com os participantes que participam freqüentemente de festas. Foi encontrada correlação entre o número de festas freqüentadas por mês pelos participantes e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 77$; $\rho = 0,347$; $p = 0,002$), onde os homens que freqüentam mais festas são mais irrestritos. Quanto ao **componente tático**, foi encontrada correlação ($n = 79$; $\rho = 0,301$; $p = 0,007$), onde os homens taticamente mais irrestritos freqüentam mais festas. O **componente estratégico** apresentou correlação ($n = 77$; $\rho = 0,317$; $p = 0,005$), onde os homens estrategicamente mais irrestritos freqüentam mais festas. O **componente das atitudes** apresentou correlação ($n = 79$; $\rho = 0,121$; $p = 0,290$), onde os homens com atitudes mais irrestritas freqüentam mais festas. O **componente dos comportamentos** apresentou correlação ($n = 77$; $\rho = 0,393$; $p = 0,000$), onde os homens com comportamentos mais irrestritos freqüentam mais festas.

Número de Cigarros Consumidos por Dia – Essa correlação foi realizada somente com os participantes que tem o hábito de fumar. Não foi encontrada correlação entre o número de cigarros consumidos diariamente e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 7$; $\rho = -0,371$; $p = 0,413$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 7$; $\rho = -0,075$; $p = 0,873$), o **componente estratégico** ($n = 7$; $\rho = -0,259$; $p = 0,574$), o **componente das atitudes** ($n = 8$; $\rho = -0,209$; $p = 0,620$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 7$; $\rho = -0,337$; $p = 0,460$).

Número de Cigarros Consumidos em Festas – Essa correlação foi realizada somente com os participantes que tem o hábito de fumar em festas. Não foi encontrada correlação entre o número de cigarros consumidos em festas e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 11$; $\rho = -0,332$; $p = 0,319$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 12$; $\rho = -0,290$; $p = 0,360$), o **componente estratégico** ($n = 11$; $\rho = -0,196$; $p = 0,563$), o **componente das atitudes** ($n = 12$; $\rho = -0,257$; $p = 0,420$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 11$; $\rho = -0,405$; $p = 0,216$).

Doses de Álcool Consumidas em Festas – Essa correlação foi realizada somente com os participantes que consomem bebida alcoólica em festas. Foi encontrada correlação entre o número de doses de álcool consumidas em festas e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 70$; $\rho = 0,570$; $p = 0,000$), onde os homens mais irrestritos consomem bebidas alcoólicas em maior quantidade. Quanto ao **componente tático**, foi encontrada correlação ($n = 72$; $\rho = 0,532$; $p = 0,000$), onde os homens taticamente mais irrestritos consomem mais doses de álcool em festas. O **componente estratégico** apresentou correlação ($n = 70$; $\rho = 0,455$; $p = 0,000$), onde os homens estrategicamente mais irrestritos consomem mais doses de álcool em festas. O **componente das atitudes** apresentou correlação ($n = 72$; $\rho = 0,513$; $p = 0,000$), onde os homens com atitudes mais irrestritas consomem mais doses de álcool em festas. O

componente dos comportamentos apresentou correlação ($n = 70$; $\rho = 0,524$; $p = 0,000$), onde os homens com comportamentos mais irrestritos consomem mais doses de álcool em festas.

(e) Auto-Avaliação de Expectativa de Vida:

Expectativa de Vida – Não foi encontrada correlação entre a auto-avaliação de expectativa de vida dos participantes e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 86$; $\rho = -0,121$; $p = 0,268$). Quanto ao **componente tático**, foi encontrada uma tendência de correlação ($n = 89$; $\rho = -0,190$; $p = 0,074$), onde os homens taticamente mais irrestritos acreditam ter uma menor expectativa de vida. O **componente estratégico** não apresentou correlação ($n = 86$; $\rho = -0,015$; $p = 0,888$). O **componente das atitudes** apresentou correlação ($n = 90$; $\rho = -0,243$; $p = 0,021$), onde os homens com atitudes mais irrestritas acreditam ter uma menor expectativa de vida. O **componente dos comportamentos** não apresentou correlação ($n = 86$; $\rho = -0,067$; $p = 0,540$).

(f) Desconto do Futuro:

Fator K – Não foi encontrada correlação entre o escore do Fator K dos participantes e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 82$; $\rho = -0,056$; $p = 0,618$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 85$; $\rho = 0,018$; $p = 0,873$), o **componente estratégico** ($n = 82$; $\rho = -0,136$; $p = 0,224$), o **componente das atitudes** ($n = 85$; $\rho = -0,099$; $p = 0,365$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 82$; $\rho = -0,020$; $p = 0,859$).

(g) Estilos de Relacionamento:

Proximidade – Não foi encontrada correlação entre o fator de proximidade e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 89$; $\rho = 0,082$; $p = 0,445$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 92$; $\rho = -0,011$; $p = 0,919$), o **componente estratégico** ($n = 89$; $\rho = 0,148$; $p = 0,167$), o **componente das atitudes** ($n = 93$; $\rho = 0,010$; $p = 0,921$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 89$; $\rho = 0,060$; $p = 0,575$).

Confiança – Não foi encontrada correlação entre o fator de confiança e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 90$; $\rho = -0,103$; $p = 0,332$). Quanto ao **componente tático**, foi encontrada uma tendência de correlação ($n = 93$; $\rho = -0,200$; $p = 0,054$), onde os homens mais irrestritos tem menores escores de confiança. Não foi encontrada correlação com o **componente estratégico** ($n = 90$; $\rho = 0,090$; $p = 0,398$), o **componente das atitudes** ($n = 94$; $\rho = -0,064$; $p = 0,541$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 90$; $\rho = -0,068$; $p = 0,523$).

Ansiedade – Não foi encontrada correlação entre o fator de ansiedade e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 88$; $\rho = -0,048$; $p = 0,654$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 91$; $\rho = -0,073$; $p = 0,490$), o **componente estratégico** ($n = 88$; $\rho = -0,025$; $p = 0,816$), o **componente das atitudes** ($n = 92$; $\rho = 0,005$; $p = 0,963$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 88$; $\rho = -0,066$; $p = 0,541$).

4.2.1.2. Desconto do Futuro

(a) Itens de Identificação Geral:

Não foi encontrada correlação entre os escores no Fator K, com a **idade** ($n = 81$; $\rho = -0,153$; $p = 0,173$) e a **altura** dos participantes ($n = 85$; $\rho = 0,079$; $p = 0,475$).

(b) Composição Familiar:

Não foi encontrada correlação dos escores no Fator K, com a **idade que tinham no divórcio dos pais** ($n = 17$; $\rho = -0,438$; $p = 0,078$) e a **idade que tinham no falecimento de algum dos pais** ($n = 5$; $\rho = 0,224$; $p = 0,718$). Foi encontrada correlação com o **número de irmãos** ($n = 83$; $\rho = -0,243$; $p = 0,027$), onde homens mais descontentados possuem menos irmãos. Foi encontrada correlação com o **número de irmãs** ($n = 83$; $\rho = 0,218$; $p = 0,048$), onde homens mais descontentados possuem mais irmãs.

(c) Situação Amorosa:

Não encontrada correlação dos escores no Fator K, com o **número de relacionamentos amorosos de longo prazo** que os participantes já tiveram ($n = 83$; $\rho = -0,183$; $p = 0,098$) e a **idade da primeira relação sexual** ($n = 82$; $\rho = 0,085$; $p = 0,449$).

(d) Hábitos:

Não foi encontrada correlação dos escores no Fator K, com o **número de festas freqüentadas por mês** ($n = 75$; $\rho = 0,040$; $p = 0,735$), o **número de cigarros consumidos diariamente** ($n = 7$; $\rho = -0,046$; $p = 0,922$), o **número de cigarros consumidos em festas** ($n = 11$; $\rho = 0,147$; $p = 0,666$) e o **número de doses de álcool consumidas em festas** ($n = 68$; $\rho = -0,136$; $p = 0,268$).

(e) Auto-Avaliação de Expectativa de Vida:

Não foi encontrada correlação entre a **auto-avaliação de expectativa de vida** dos participantes e seus escores no Fator K ($n = 82$; $\rho = -0,063$; $p = 0,575$).

(f) Estilos de Relacionamento:

Não foi encontrada correlação dos escores no Fator K, com o **fator de proximidade** ($n = 84$; $\rho = -0,128$; $p = 0,245$), o **fator de confiança** ($n = 85$; $\rho = -0,145$; $p = 0,185$) e o **fator de ansiedade** ($n = 83$; $\rho = 0,169$; $p = 0,126$).

4.2.2. Correlações Intra-sexuais Femininas

4.2.2.1. Sócio-sexualidade e Componentes

(a) Itens de Identificação Geral:

Idade – Foi encontrada correlação entre a idade das participantes e seus escores de **sócio-sexualidade** ($n = 133$; $\rho = 0,266$; $p = 0,002$), onde as mulheres mais velhas são mais irrestritas. Quanto ao **componente tático**, foi encontrada correlação ($n = 139$; $\rho = 0,385$; $p = 0,000$), onde as mulheres mais velhas possuem uma tática mais irrestrita. Não foi encontrada correlação com o **componente estratégico** ($n = 134$; $\rho = 0,022$; $p = 0,800$) e o **componente das atitudes** ($n = 140$; $\rho = 0,188$; $p = 0,026$), onde as mulheres mais velhas possuem atitudes mais irrestritas. O **componente dos comportamentos** apresentou correlação ($n = 133$; $\rho =$

0,250; $p = 0,004$), onde as mulheres mais velhas possuem proporcionalmente comportamentos mais irrestritos.

Altura – Não foi encontrada correlação entre a altura das participantes e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 134$; $\rho = -0,020$; $p = 0,822$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 140$; $\rho = -0,053$; $p = 0,533$), o **componente estratégico** ($n = 135$; $\rho = -0,049$; $p = 0,575$), o **componente das atitudes** ($n = 134$; $\rho = -0,096$; $p = 0,258$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 134$; $\rho = 0,022$; $p = 0,803$).

(b) Composição Familiar:

Idade do Divórcio dos Pais – Essa correlação foi realizada somente com as participantes que afirmaram ter ocorrido divórcio e/ou falecimento de seus pais durante a infância. Não foi encontrada correlação entre a altura dos participantes e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 31$; $\rho = -0,236$; $p = 0,201$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 31$; $\rho = -0,284$; $p = 0,122$), o **componente estratégico** ($n = 31$; $\rho = -0,139$; $p = 0,456$), o **componente das atitudes** ($n = 31$; $\rho = -0,273$; $p = 0,137$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 31$; $\rho = -0,205$; $p = 0,269$).

Idade do Falecimento dos Pais – Essa correlação foi realizada somente com as participantes que afirmaram ter ocorrido divórcio e/ou falecimento de seus pais durante a infância. Não foi encontrada correlação entre a altura dos participantes e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 5$; $\rho = 0,553$; $p = 0,334$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 6$; $\rho = 0,045$; $p = 0,932$), o **componente estratégico** ($n = 5$; $\rho = 0,667$; $p = 0,219$), o **componente**

das atitudes ($n = 6$; $\rho = -0,177$; $p = 0,738$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 5$; $\rho = 0,579$; $p = 0,306$).

Número de Irmão – Não foi encontrada correlação entre número de irmãos e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 133$; $\rho = 0,009$; $p = 0,921$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 139$; $\rho = -0,033$; $p = 0,696$), o **componente estratégico** ($n = 134$; $\rho = 0,033$; $p = 0,709$), o **componente das atitudes** ($n = 140$; $\rho = -0,078$; $p = 0,357$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 133$; $\rho = 0,030$; $p = 0,735$).

Número de Irmãs – Não foi encontrada correlação entre a idade da primeira relação sexual e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 133$; $\rho = 0,056$; $p = 0,522$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 139$; $\rho = 0,138$; $p = 0,105$), o **componente estratégico** ($n = 134$; $\rho = -0,037$; $p = 0,670$), o **componente das atitudes** ($n = 140$; $\rho = 0,066$; $p = 0,437$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 133$; $\rho = 0,039$; $p = 0,658$).

(c) Situação Amorosa:

Número de Relacionamentos – Foi encontrada correlação entre o número de relacionamentos amorosos de longo prazo que as participantes já tiveram e os seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 131$; $\rho = 0,197$; $p = 0,024$), onde a sócio-sexualidade irrestrita está relacionada ao envolvimento em um maior número de relacionamentos. Quanto ao **componente tático**, foi encontrada correlação ($n = 137$; $\rho = 0,315$; $p = 0,000$), onde a tática irrestrita está relacionada ao envolvimento em um maior número de relacionamentos. Não foi encontrada correlação com o **componente estratégico** ($n = 132$; $\rho = -0,027$; $p = 0,761$) e o **componente das atitudes** ($n = 138$; $\rho = 0,048$; $p = 0,577$). O **componente do**

comportamento apresentou correlação com o número de relacionamentos amorosos de longo prazo que as participantes já tiveram ($n = 131$; $\rho = 0,259$; $p = 0,003$), onde mulheres com comportamentos mais irrestritos estão envolvidas em um maior número de relacionamentos.

Idade da Primeira Relação Sexual – Não foi encontrada correlação entre a idade da primeira relação sexual e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 134$; $\rho = 0,090$; $p = 0,300$). Quanto ao **componente tático**, foi encontrada uma tendência de correlação ($n = 140$; $\rho = 0,153$; $p = 0,071$), onde uma tática mais irrestrita está relacionada com uma primeira relação sexual tardia. Não foi encontrada correlação com o **componente estratégico** ($n = 135$; $\rho = 0,011$; $p = 0,895$), o **componente das atitudes** ($n = 141$; $\rho = 0,043$; $p = 0,611$) e o **componente dos comportamentos** não apresentou correlação com a idade da primeira relação ($n = 134$; $\rho = 0,077$; $p = 0,375$).

(d) Hábitos:

Número de Festas por Mês – Essa correlação foi realizada somente com as participantes que participam freqüentemente de festas. Foi encontrada correlação entre o número de festas freqüentadas por mês pelas participantes e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 124$; $\rho = 0,217$; $p = 0,015$), onde as mulheres irrestritas freqüentam mais festas. Quanto ao **componente tático**, foi encontrada uma tendência de correlação ($n = 129$; $\rho = 0,170$; $p = 0,055$), onde as mulheres taticamente mais irrestritas freqüentam mais festas. O **componente estratégico** apresentou uma tendência de correlação ($n = 125$; $\rho = 0,170$; $p = 0,057$), onde as mulheres estrategicamente mais irrestritos freqüentam mais festas. O **componente das atitudes** não apresentou correlação ($n = 130$; $\rho = 0,078$; $p = 0,381$). O

componente dos comportamentos apresentou correlação ($n = 124$; $\rho = 0,216$; $p = 0,016$), onde as mulheres com comportamentos mais irrestritos freqüentam mais festas.

Número de Cigarros Consumidos por Dia – Essa correlação foi realizada somente com as participantes que tem o hábito de fumar. Foi encontrada correlação entre o número de cigarros consumidos diariamente e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 9$; $\rho = 0,689$; $p = 0,040$), onde as mulheres mais irrestritas consomem mais cigarros. Quanto ao **componente tático**, foi encontrada correlação ($n = 9$; $\rho = 0,874$; $p = 0,002$), onde as mulheres taticamente irrestritas consomem mais cigarros. O **componente estratégico** não apresentou correlação ($n = 9$; $\rho = 0,477$; $p = 0,194$). O **componente das atitudes** não apresentou correlação ($n = 9$; $\rho = 0,599$; $p = 0,088$). O **componente dos comportamentos** apresentou correlação ($n = 9$; $\rho = 0,807$; $p = 0,009$), onde as mulheres com comportamentos mais irrestritos consomem mais cigarros.

Número de Cigarros Consumidos em Festas – Essa correlação foi realizada somente com as participantes que tem o hábito de fumar em festas. Não foi encontrada correlação entre o número de cigarros consumidos em festas, os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 17$; $\rho = 0,288$; $p = 0,263$) e o **componente tático** ($n = 17$; $\rho = 0,105$; $p = 0,689$). O **componente estratégico** apresentou correlação ($n = 17$; $\rho = 0,505$; $p = 0,038$), onde as mulheres estrategicamente mais irrestritas consomem mais cigarros em festas. Não foi encontrada correlação com o **componente das atitudes** ($n = 17$; $\rho = 0,267$; $p = 0,301$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 17$; $\rho = 0,328$; $p = 0,199$).

Doses de Álcool Consumidas em Festas – Essa correlação foi realizada somente com as participantes que consomem bebida alcoólica em festas. Foi encontrada correlação

entre o número de doses de álcool consumidas em festas e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 91$; $\rho = 0,257$; $p = 0,014$), onde as mulheres mais irrestritas consomem bebidas alcoólicas em maior quantidade. Quanto ao **componente tático**, foi encontrada correlação ($n = 95$; $\rho = 0,320$; $p = 0,002$), onde as mulheres taticamente mais irrestritas consomem mais doses de álcool em festas. Não foi encontrada correlação com o **componente estratégico** ($n = 92$; $\rho = 0,125$; $p = 0,236$) e o **componente das atitudes** ($n = 96$; $\rho = 0,078$; $p = 0,452$). O **componente dos comportamentos** apresentou correlação ($n = 91$; $\rho = 0,294$; $p = 0,005$), onde as mulheres com comportamentos mais irrestritos consomem mais doses de álcool em festas.

(e) Ciclo Menstrual:

Menarca – Foi encontrada correlação entre a idade da primeira menstruação e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 131$; $\rho = 0,191$; $p = 0,029$), onde as mulheres mais irrestritas tiveram sua primeira menstruação mais tarde. Quanto ao **componente tático**, foi encontrada correlação ($n = 137$; $\rho = 0,223$; $p = 0,009$), onde as mulheres taticamente mais irrestritas tiveram sua primeira menstruação mais tarde. Não foi encontrada correlação com o **componente estratégico** ($n = 132$; $\rho = 0,075$; $p = 0,392$) e o **componente das atitudes** ($n = 138$; $\rho = 0,101$; $p = 0,237$). O **componente dos comportamentos** apresentou correlação ($n = 131$; $\rho = 0,207$; $p = 0,018$), onde as mulheres com comportamentos mais irrestritos tiveram sua primeira menstruação mais tarde.

(f) Auto-Avaliação de Expectativa de Vida:

Expectativa de Vida – Não foi encontrada correlação entre a auto-avaliação de expectativa de vida dos participantes e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 131$; $\rho = -0,016$; $p = 0,858$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 137$; $\rho = -0,042$; $p = 0,630$), o **componente estratégico** ($n = 132$; $\rho = 0,002$; $p = 0,982$), o **componente das atitudes** ($n = 138$; $\rho = 0,073$; $p = 0,394$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 131$; $\rho = -0,075$; $p = 0,393$).

(g) Desconto do Futuro:

Fator K – Não foi encontrada correlação entre o escore do Fator K das participantes e seus **escores de sócio-sexualidade** ($n = 119$; $\rho = 0,081$; $p = 0,381$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 122$; $\rho = 0,100$; $p = 0,271$), o **componente estratégico** ($n = 120$; $\rho = 0,130$; $p = 0,157$), o **componente das atitudes** ($n = 123$; $\rho = 0,062$; $p = 0,494$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 119$; $\rho = 0,079$; $p = 0,395$).

(h) Estilos de Relacionamento:

Proximidade – Não foi encontrada correlação entre o fator de proximidade e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 132$; $\rho = -0,030$; $p = 0,731$), nem quanto ao **componente tático** ($n = 138$; $\rho = -0,038$; $p = 0,657$), o **componente estratégico** ($n = 133$; $\rho = -0,013$; $p = 0,879$), o **componente das atitudes** ($n = 139$; $\rho = -0,089$; $p = 0,297$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 132$; $\rho = -0,007$; $p = 0,936$).

Confiança – Não foi encontrada correlação entre o fator de confiança e os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 134$; $\rho = -0,076$; $p = 0,383$), nem quanto ao **componente**

tático ($n = 139$; $\rho = -0,072$; $p = 0,397$), o **componente estratégico** ($n = 135$; $\rho = -0,025$; $p = 0,778$), o **componente das atitudes** ($n = 140$; $\rho = 0,090$; $p = 0,289$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 134$; $\rho = -0,137$; $p = 0,114$).

Ansiedade – Não foi encontrada correlação entre o fator de ansiedade, os **escores de sócio-sexualidade** ($n = 133$; $\rho = -0,045$; $p = 0,605$) nem quanto ao **componente tático**, ($n = 138$; $\rho = -0,082$; $p = 0,340$), o **componente estratégico** ($n = 134$; $\rho = 0,025$; $p = 0,777$), o **componente das atitudes** ($n = 139$; $\rho = 0,029$; $p = 0,736$) e o **componente dos comportamentos** ($n = 133$; $\rho = -0,048$; $p = 0,582$).

4.2.2.2. Desconto do Futuro

(a) Itens de Identificação Geral:

Não foi encontrada correlação dos escores no Fator K com a **idade** ($n = 123$; $\rho = 0,026$; $p = 0,772$) e a **altura** dos participantes ($n = 124$; $\rho = 0,045$; $p = 0,616$).

(b) Composição Familiar:

Não foi encontrada correlação dos escores no Fator K com a **idade do divórcio** ($n = 27$; $\rho = -0,142$; $p = 0,479$) e do **falecimento dos pais** ($n = 6$; $\rho = -0,636$; $p = 0,174$).

Não foi encontrada correlação dos escores no Fator K com o **número de irmãos** ($n = 124$; $\rho = -0,119$; $p = 0,187$) e **irmãs** ($n = 124$; $\rho = -0,062$; $p = 0,491$).

(c) Situação Amorosa:

Não foi encontrada correlação dos escores no Fator K com o **número de relacionamentos** ($n = 121$; $\rho = 0,015$; $p = 0,868$) e quanto à **idade da primeira relação sexual** ($n = 123$; $\rho = 0,064$; $p = 0,482$).

(d) Hábitos:

Não foi encontrada correlação dos escores no Fator K com o **número de festas freqüentadas por mês** ($n = 117$; $\rho = 0,050$; $p = 0,595$), o **número de cigarros consumidos diariamente** ($n = 8$; $\rho = 0,272$; $p = 0,515$) e o **número de cigarros consumidos em festas** ($n = 17$; $\rho = 0,105$; $p = 0,689$) e

Foi encontrada correlação entre o **número de doses de álcool consumidas em festas** e os escores no Fator K ($n = 85$; $\rho = 0,220$; $p = 0,043$), onde as mulheres mais descontadoras consomem mais doses de bebidas alcoólicas em festas.

(e) Ciclo Menstrual:

Não foi encontrada correlação entre a **idade da primeira menstruação** e os escores no Fator K ($n = 121$; $\rho = 0,030$; $p = 0,740$).

(f) Auto-Avaliação de Expectativa de Vida:

Não foi encontrada correlação entre a **auto-avaliação de expectativa de vida** dos participantes e seus escores no Fator K ($n = 122$; $\rho = -0,058$; $p = 0,523$).

(g) Estilos de Relacionamento:

Não foi encontrada correlação dos escores no Fator K com os componentes de **proximidade** ($n = 123$; $\rho = 0,048$; $p = 0,601$), **confiança** ($n = 124$; $\rho = -0,155$; $p = 0,085$) e **ansiedade** ($n = 123$; $\rho = 0,050$; $p = 0,581$).

4.2.3. Comparações intra-sexuais masculinas**4.2.3.1. Sócio-sexualidade e Componentes Sócio-sexuais****(a) Hábitos:**

Participar de Festas – Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente das atitudes** entre os homens que participam ou não de festas ($F(93) = 4,337$; $p = 0,040$), onde aqueles que participavam de festas ($n = 79$; média = 32,76; desvio padrão = 7,54) eram em média mais irrestritos que os demais ($n = 14$; média = 28,14; desvio padrão = 8,24) (Figura 18.).

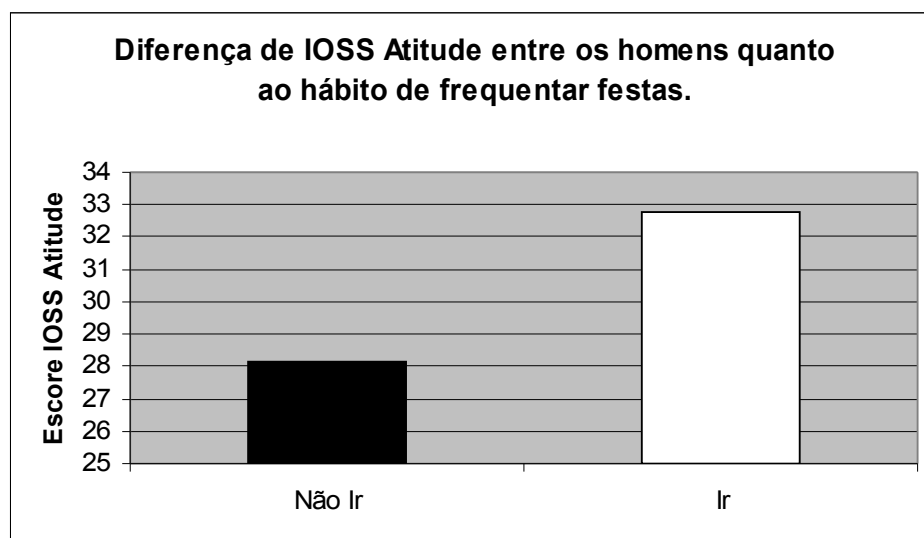


Figura 18. Gráfico de diferença de média do IOSS Atitude entre os homens que frequentam ou não frequentam festas.

Fumar – Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente das atitudes** entre os homens que fumavam ou não fumavam ($F(93) = 9,308$; $p = 0,003$), onde aqueles que fumavam ($n = 8$; média = 39,75; desvio padrão = 8,71) eram em média mais irrestritos de os demais ($n = 85$; média = 31,34; desvio padrão = 7,34)(Figura 19.).

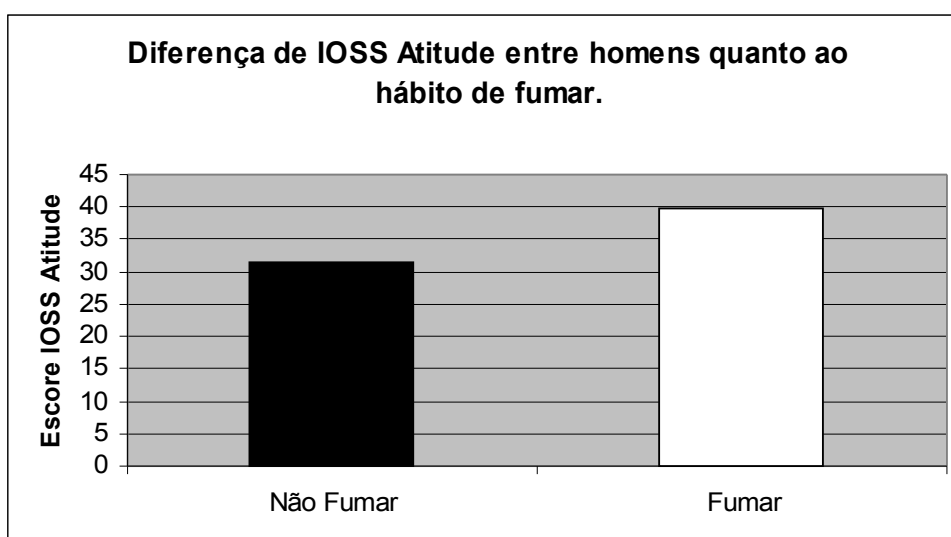


Figura 19. Gráfico diferença de média de IOSS Atitude entre homens que possuem ou não o hábito de fumar

Fumar em Festas – Foi encontrada diferença de média quanto a **sócio-sexualidade** entre os homens que fumavam e os que não fumavam em festas ($F(89) = 5,348$; $p = 0,023$), onde aqueles que fumavam ($n = 11$; média = 111,54; desvio padrão = 41,96) eram em média mais irrestritos que os demais ($n = 78$; média = 77,35; desvio padrão = 46,41). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente estratégico** ($F(89) = 10,848$; $p = 0,001$), onde aqueles que fumavam ($n = 11$; média = 61,09; desvio padrão = 17,19) eram em média mais irrestritos que os demais ($n = 78$; média = 44,03; desvio padrão = 15,94). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente das atitudes** ($F(93) = 9,795$; $p = 0,002$), onde aqueles que fumavam ($n = 12$; média = 38,33; desvio padrão = 7,38) eram em média mais irrestritos que os demais ($n = 81$; média = 31,14; desvio padrão = 7,44). Foi encontrada uma tendência de diferença de média quanto ao **componente dos comportamentos** ($F(90) = 3,611$; $p = 0,061$), onde aqueles que fumavam ($n = 11$; média = 73,00; desvio padrão = 43,00) eram em média mais irrestritos que os demais ($n = 78$; média = 46,45; desvio padrão = 43,43)(Figura 20.).

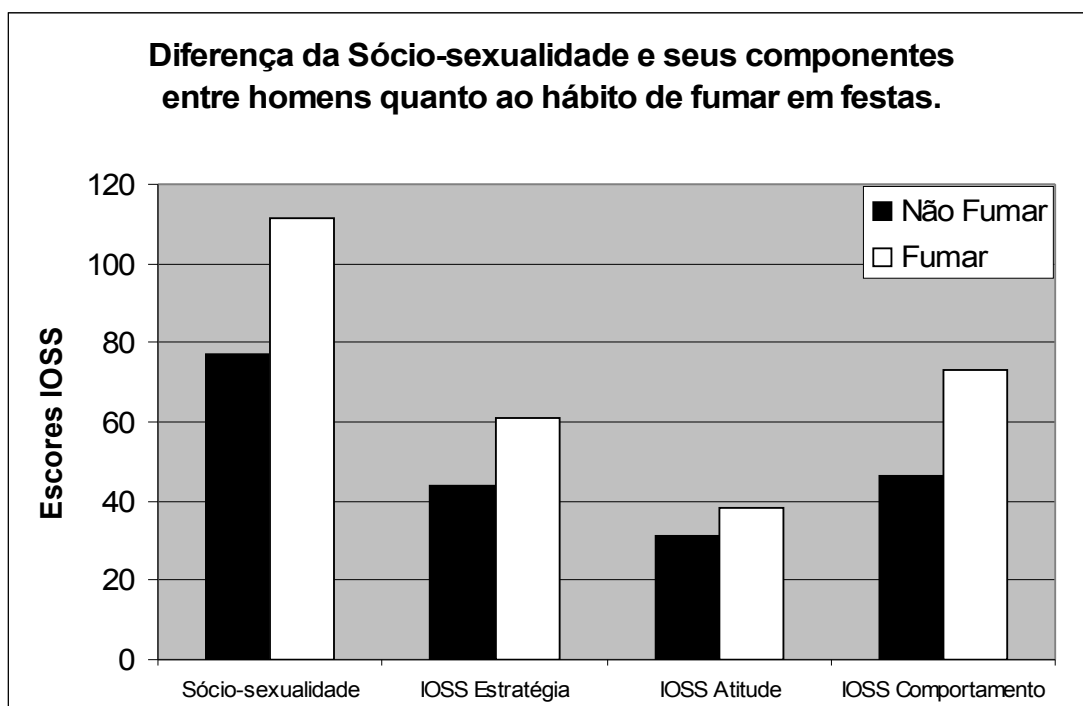


Figura 20. Gráfico diferença de média da Sócio-sexualidade e seus componentes entre homens que possuem ou não o hábito de fumar em festas.

Consumo de Bebidas Alcoólicas em Festas – Foi encontrada uma tendência de diferença de média quanto a **sócio-sexualidade** entre os homens que consumiam ou não bebidas alcoólicas em festas ($F(89) = 3,088$; $p = 0,082$), onde aqueles que bebiam ($n = 71$; média = 85,42; desvio padrão = 50,17) eram em média mais irrestritos que os demais ($n = 18$; média = 63,77; desvio padrão = 28,05). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente tático** ($F(92) = 4,530$; $p = 0,036$), onde aqueles que bebiam ($n = 73$; média = 38,84; desvio padrão = 37,67) eram em média mais irrestritos que os demais ($n = 19$; média = 19,74; desvio padrão = 19,85). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente das atitudes** ($F(93) = 4,361$; $p = 0,040$), onde aqueles que bebiam ($n = 73$; média = 32,65; desvio padrão = 7,10) eram em média mais irrestritos que os demais ($n = 20$; média = 28,70; desvio padrão = 8,88)(Figura 21.).

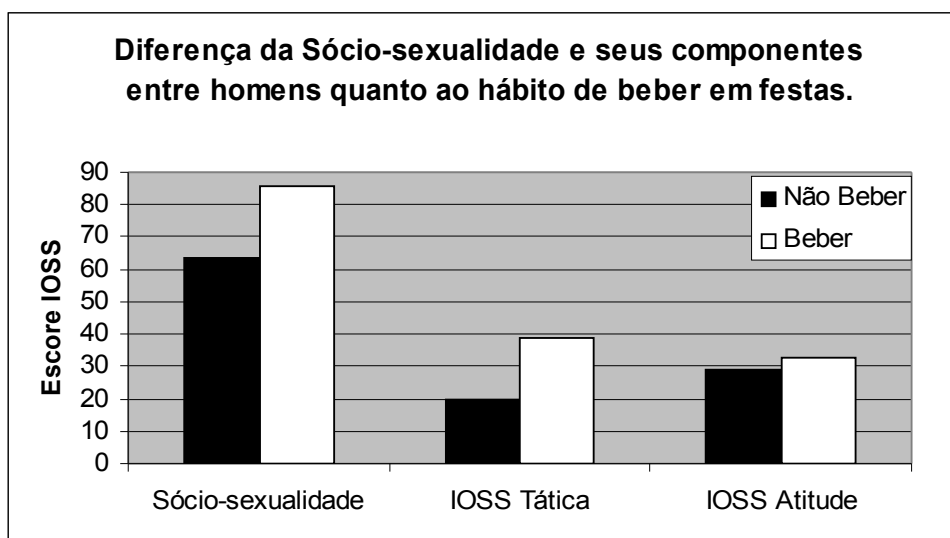


Figura 21. Gráfico diferença de média da Sócio-sexualidade e seus componentes entre homens que possuem ou não o hábito de consumir bebidas alcoólicas em festas.

(b) Situação Amorosa:

DST – Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente tático** entre os homens que possuíam ou já possuíram algum tipo de DST e aqueles que nunca foram contaminados ($F(92) = 6,928$; $p = 0,010$), onde aqueles que já possuíram DST ($n = 6$; média = 70,67; desvio padrão = 44,88) eram em média mais irrestritos que os demais ($n = 86$; média = 32,47; desvio padrão = 33,65). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente dos comportamentos** ($F(89) = 4,685$; $p = 0,033$), onde aqueles que já possuíram DST ($n = 6$; média = 86,50; desvio padrão = 53,97) eram em média mais irrestritos que os demais ($n = 83$; média = 46,99; desvio padrão = 42,43)(Figura 22.).

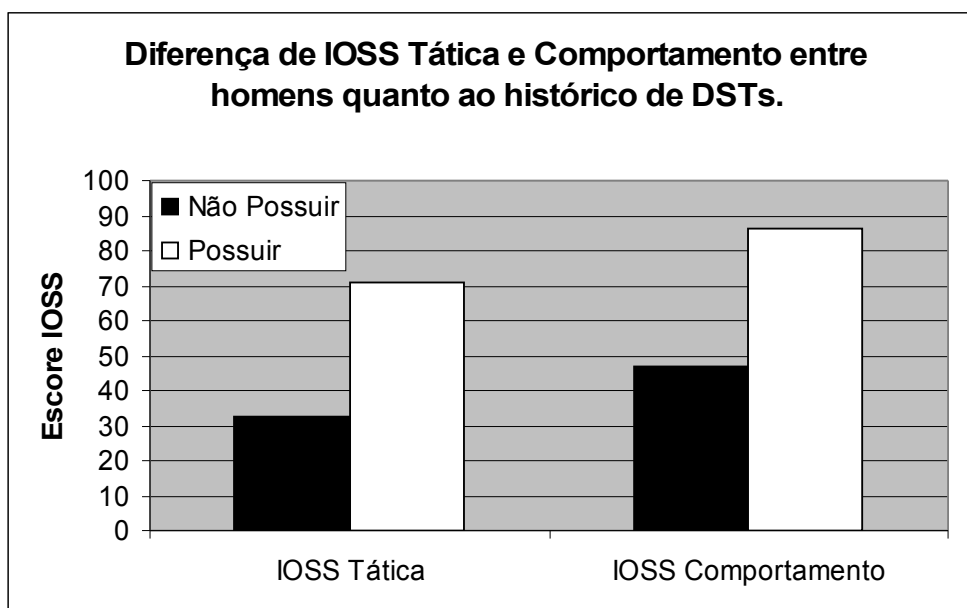


Figura 22. Gráfico diferença de média de IOSS Tática e Comportamento entre homens que já possuíram ou não algum tipo de DST.

4.2.3.2. Componentes de Desconto do Futuro

Desconto Quartil – Foi encontrada diferença de média com relação à **auto-avaliação de expectativa de vida** ($F(82) = 3,129$; $p = 0,030$), onde os homens classificados como descontadores medianos ($n = 40$; média = 84,75; desvio padrão = 8,08) acreditam que viverão em média mais (Tukey, $p = 0,036$) que os grandes descontadores ($n = 14$; média = 76,07; desvio padrão = 14,26)(Figura 23.).

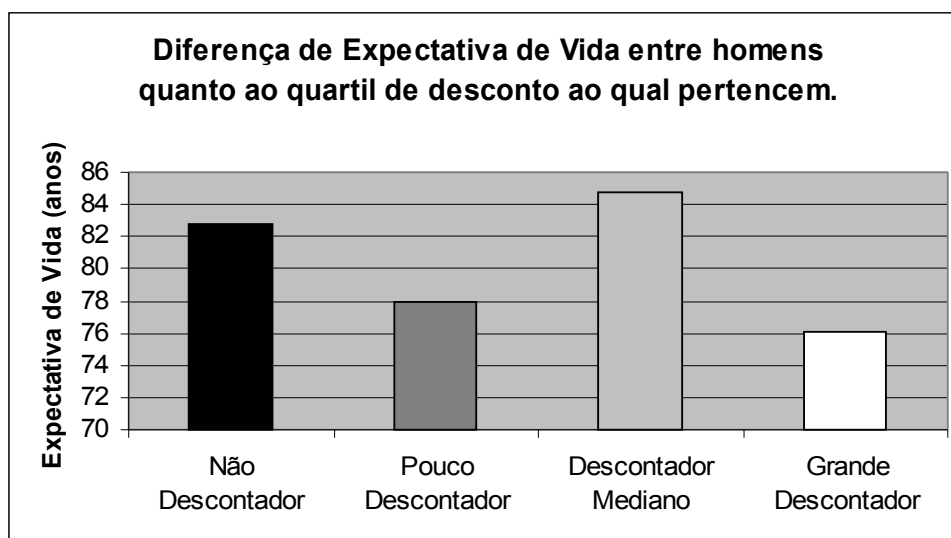


Figura 23. Gráfico diferença de média da auto-avaliação de expectativa de vida entre homens quanto ao quartil de desconto ao qual pertencem.

Foi encontrada diferença de média com relação ao **fator ansiedade** ($F(83) = 4,731$; $p = 0,004$), onde os homens classificados como pouco descontadores ($n = 9$; média = 18,66; desvio padrão = 5,97) possuíam em média escores mais elevados do fator ansiedade (Tukey, $p = 0,031$) em comparação ao grupo dos descontadores medianos ($n = 40$; média = 14,25; desvio padrão = 4,31) e em comparação (Tukey, $p = 0,015$) ao grupo dos não-descontadores ($n = 18$; média = 13,33; desvio padrão = 3,48)(Figura 24.).

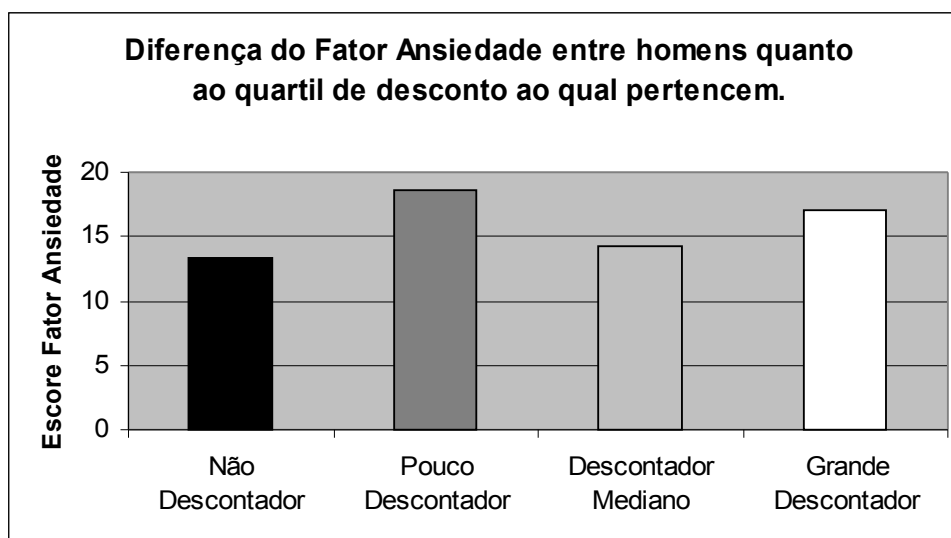


Figura 24. Gráfico diferença de média do Fator Ansiedade entre homens quanto ao quartil de desconto ao qual pertencem.

Fator K – Foi encontrada diferença com relação aos participantes que afirmaram ter ocorrido **divórcio de seus pais durante a infância** dos mesmos ($U = 368,500$; $z = -2,377$; $p = 0,017$), onde aqueles que possuem pais divorciados ($n = 17$; média = 0,0229; desvio padrão = 0,0373) eram mais descontadores que os demais ($n = 67$; média = 0,0154; desvio padrão = 0,0329)(Figura25.).

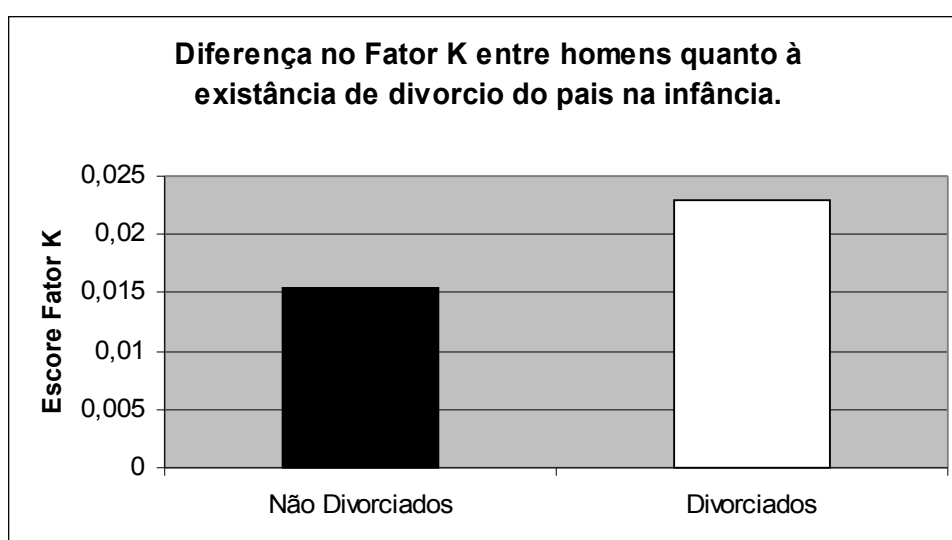


Figura 25. Gráfico diferença de média no Fator k entre homens com pais divorciados ou não durante a sua infância.

Foi encontrada diferença com relação a dois grupos dos **estilos de apego** ($U = 326,000$; $z = -1,978$; $p = 0,048$), onde os homens do grupo do **estilo evitador** ($n = 25$; média = $0,0310$; desvio padrão = $0,0563$) eram mais desconfiados que os pertencentes ao grupo do **estilo seguro** ($n = 36$; média = $0,0093$; desvio padrão = $0,0110$)(Figura 26.).

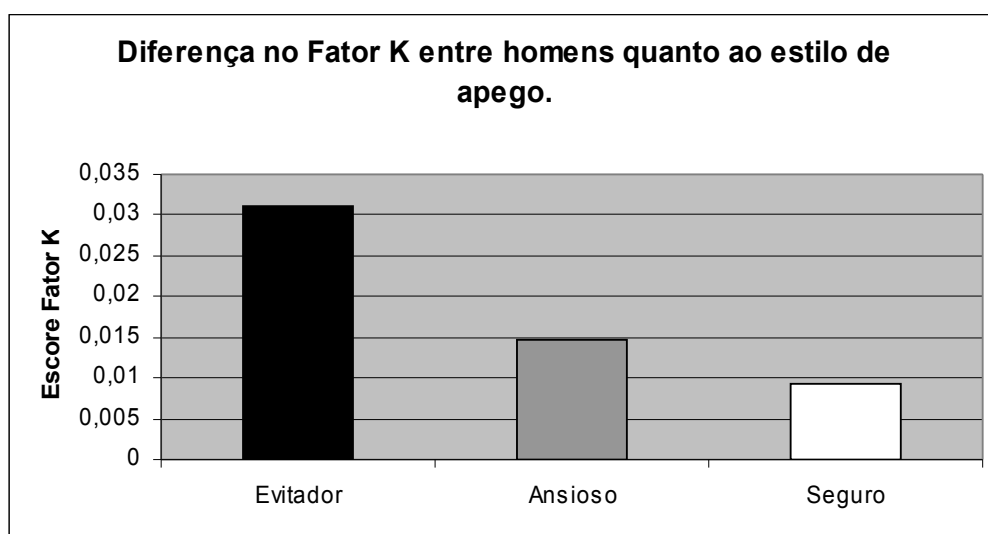


Figura 26. Gráfico diferença de média no Fator K entre homens quanto ao estilo de apego ao qual pertencem.

4.2.4. Comparações intra-sexuais Femininas

4.2.4.1. Sócio-sexualidade e Componentes Sócio-sexuais

(a) Hábitos:

Fumar – Foi encontrada diferença de média quanto a **sócio-sexualidade** entre as mulheres que fumavam ou não fumavam ($F(134) = 9,021$; $p = 0,003$), onde aquelas que fumavam eram em média mais irrestritas ($n = 9$; média = $73,67$; desvio padrão = $17,86$) que as não fumantes ($n = 125$; média = $49,53$; desvio padrão = $22,88$). Foi encontrada diferença de

média quanto ao **componente tático** ($F(134) = 5,206$; $p = 0,024$), onde aquelas que fumavam eram em média mais irrestritas ($n = 9$; média = 33,67; desvio padrão = 17,86) que as não fumantes ($n = 131$; média = 19,06; desvio padrão = 18,62). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente estratégico** ($F(140) = 10,348$; $p = 0,002$), onde aquelas que fumavam eram em média mais irrestritas ($n = 9$; média = 40,00; desvio padrão = 14,70) que as não fumantes ($n = 126$; média = 30,06; desvio padrão = 8,45). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente dos comportamentos** ($F(134) = 9,556$; $p = 0,002$), onde aquelas que fumavam eram em média mais irrestritas ($n = 9$; média = 43,67; desvio padrão = 20,00) que as não fumantes ($n = 125$; média = 23,02; desvio padrão = 19,31).

Fumar em Festas – Foi encontrada diferença de média quanto a **sócio-sexualidade** entre as mulheres que fumavam ou não fumavam em festas ($F(134) = 4,405$; $p = 0,038$), onde aquelas que fumavam eram em média mais irrestritas ($n = 17$; média = 62,41; desvio padrão = 26,12) que as não fumantes ($n = 117$; média = 49,51; desvio padrão = 23,32). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente tático** ($F(140) = 4,520$; $p = 0,035$), onde aquelas que fumavam eram em média mais irrestritas ($n = 17$; média = 29,00; desvio padrão = 16,52) que as não fumantes ($n = 123$; média = 18,76; desvio padrão = 18,88). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente dos comportamentos** ($F(134) = 5,942$; $p = 0,016$), onde aquelas que fumavam eram em média mais irrestritas ($n = 17$; média = 35,23; desvio padrão = 20,82) que as não fumantes ($n = 117$; média = 22,83; desvio padrão = 19,43) (Figura 27.).

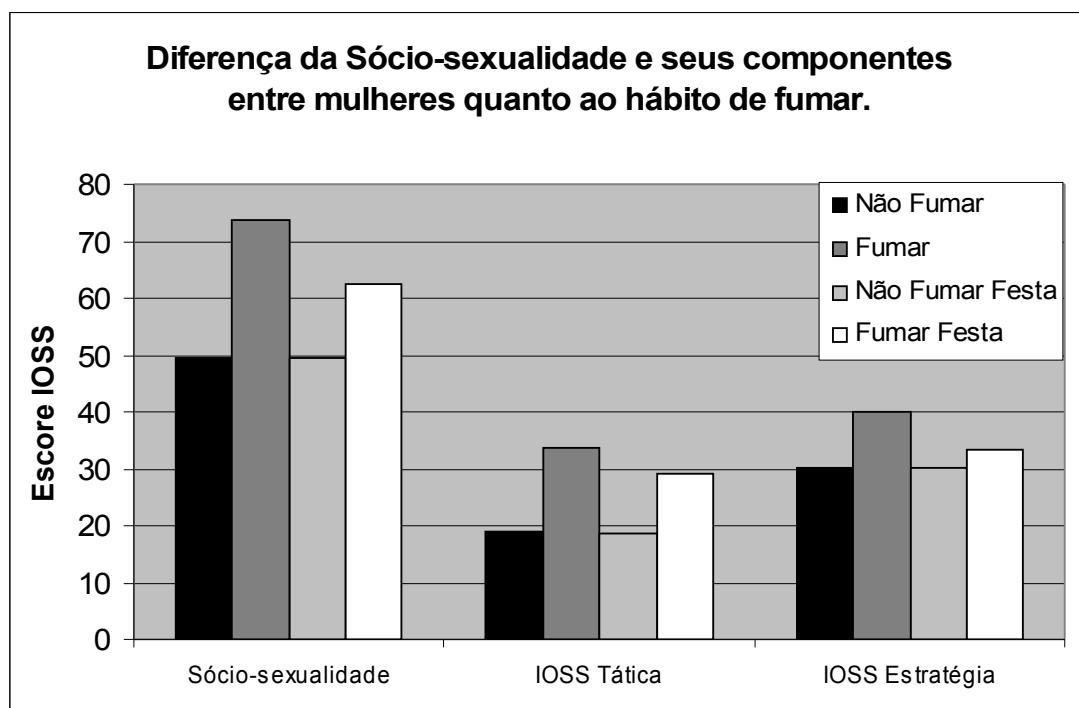


Figura 27. Gráfico de diferença de média da Sócio-sexualidade e seus componentes entre mulheres quanto ao hábito de fumar ou não diariamente e em festas.

Consumo de Bebida Alcoólica em Festas – Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente tático** entre as mulheres que consumiam ou não bebidas alcoólicas em festas ($F(140) = 4,361$; $p = 0,039$), onde aquelas que consumiam eram em média mais irrestritas ($n = 95$; média = 22,26; desvio padrão = 20,20) do que aquelas que não consumiam ($n = 45$; média = 15,22; desvio padrão = 14,73) (Figura 28.).

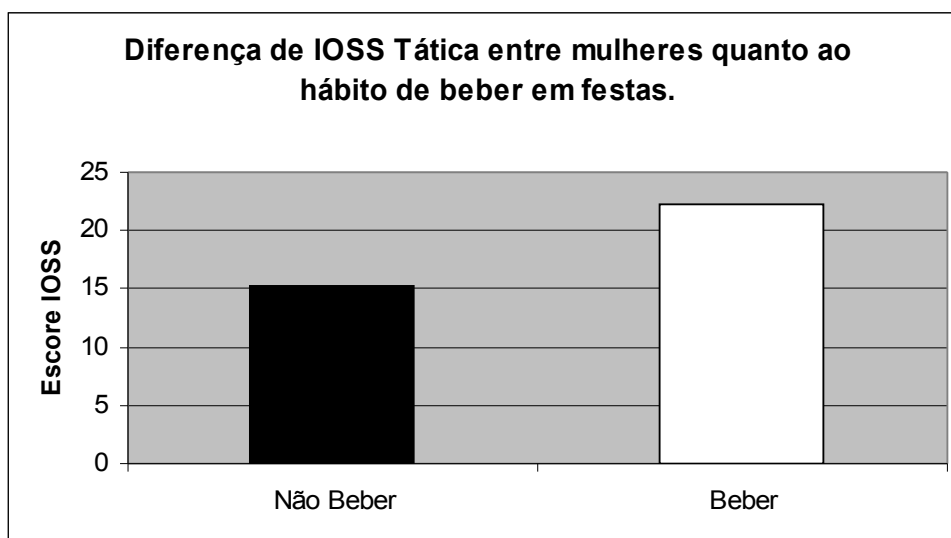


Figura 28. Gráfico de diferença de média de IOSS tática entre mulheres quanto ao hábito de consumir ou não bebidas alcoólicas em festas.

(b) Situação Amorosa:

Apaixonado - Foi encontrada uma tendência de diferença de média quanto ao **componente estratégico** entre as mulheres que estão ou não apaixonadas ($F(133) = 3,881$; $p = 0,051$), onde aquelas que não estavam apaixonadas eram mais irrestritas ($n = 40$; média = 33,13; desvio padrão = 9,30) que as apaixonadas ($n = 93$; média = 29,69; desvio padrão = 9,19) (Figura 29.).

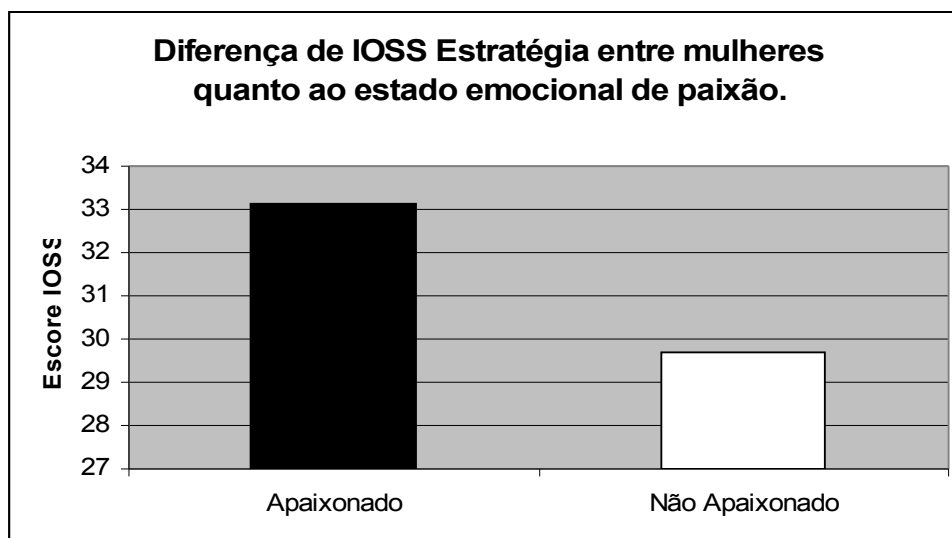


Figura 29. Gráfico de diferença de média de IOSS Estratégia entre mulheres quanto à afirmação de estar ou não apaixonada.

DST – Foi encontrada diferença de média quanto a **sócio-sexualidade** entre as mulheres que possuíam ou já possuíram algum tipo de DST e aquelas que nunca foram contaminadas ($F(134) = 13,264$; $p = 0,000$), onde aquelas que já possuíram eram mais irrestritas ($n = 12$; média = 74,17; desvio padrão = 29,32) do que aquelas que não possuíram ($n = 122$; média = 48,89; desvio padrão = 22,27). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente tático** ($F(140) = 15,650$; $p = 0,000$), onde aquelas que já possuíram eram mais irrestritas ($n = 12$; média = 39,58; desvio padrão = 21,65) do que aquelas que não possuíram ($n = 128$; média = 18,16; desvio padrão = 17,57). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente das atitudes** ($F(141) = 9,762$; $p = 0,002$), onde aquelas que já possuíram eram mais irrestritas ($n = 12$; média = 32,17; desvio padrão = 8,92) do que aquelas que não possuíram ($n = 129$; média = 26,19; desvio padrão = 6,07). Foi encontrada diferença de média quanto ao **componente dos comportamentos** ($F(134) = 11,005$; $p = 0,001$), onde aquelas que já possuíram eram mais irrestritas ($n = 12$; média = 42,00; desvio padrão = 23,36) do que aquelas que não possuíram ($n = 122$; média = 22,67; desvio padrão = 18,84) (Figura 30.).

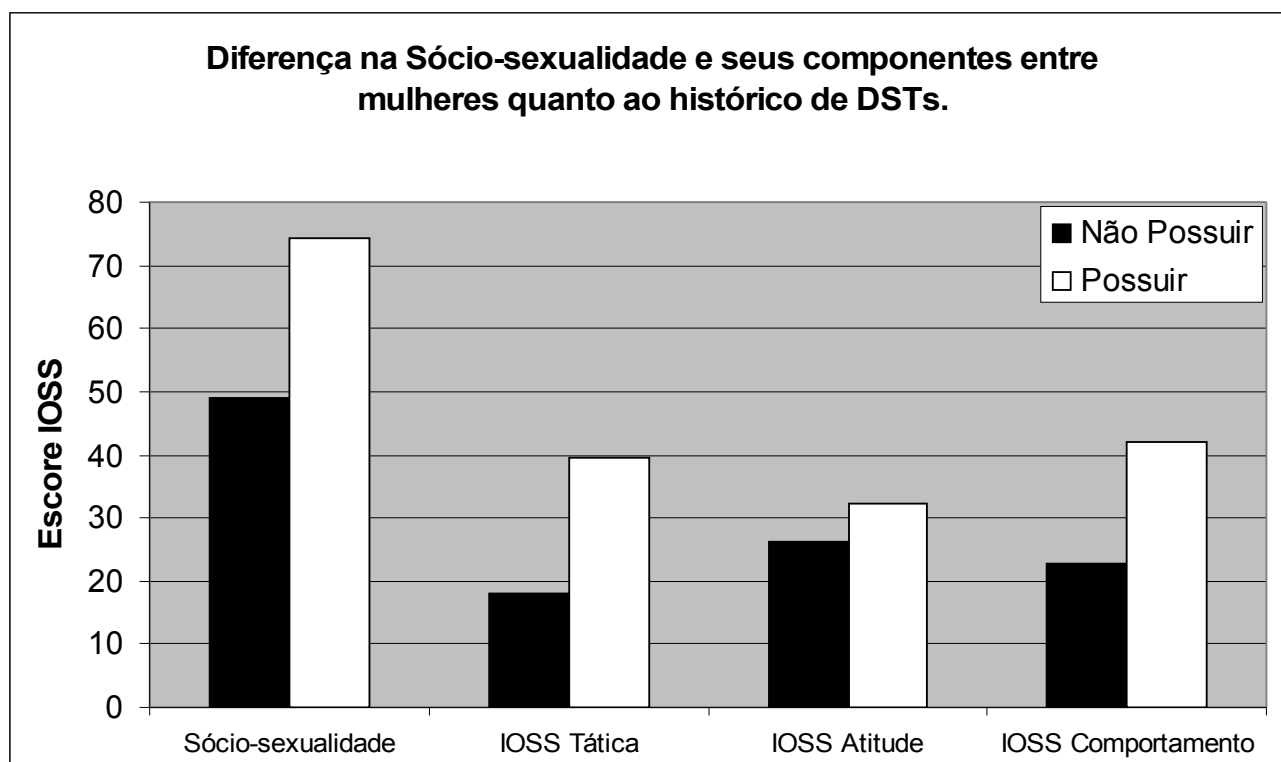


Figura 30. Gráfico de diferença de média na Sócio-sexualidade e seus componentes entre mulheres que já possuíram ou não algum tipo de DST.

4.2.4.2. Componentes da Sócio-sexualidade e Desconto do Futuro

Desconto Quartil – Foi encontrada uma tendência de diferença com relação à **sócio-sexualidade** ($\chi^2(3) = 6,778$; $p = 0,079$), onde as mulheres classificadas como descontadoras medianas ($n = 34$; média = 57,53; desvio padrão = 23,27) eram mais irrestritas ($U = 510,500$; $z = -2,542$; $p = 0,011$) que as não-descontadoras ($n = 45$; média = 18,64; desvio padrão = 22,09). Foi encontrada diferença com relação ao **componente das atitudes** ($\chi^2(3) = 10,056$; $p = 0,018$), onde as mulheres classificadas como descontadoras medianas ($n = 36$; média = 29,06; desvio padrão = 5,67) eram mais irrestritas ($U = 534,000$; $z = -2,772$; $p = 0,006$) que as grandes descontadoras ($n = 21$; média = 25,14; desvio padrão = 6,31) e mais irrestritas ($U = 226,500$; $z = -2,532$; $p = 0,011$) que as não-descontadoras ($n = 46$; média = 25,52; desvio padrão = 5,85) (Figura 31.).

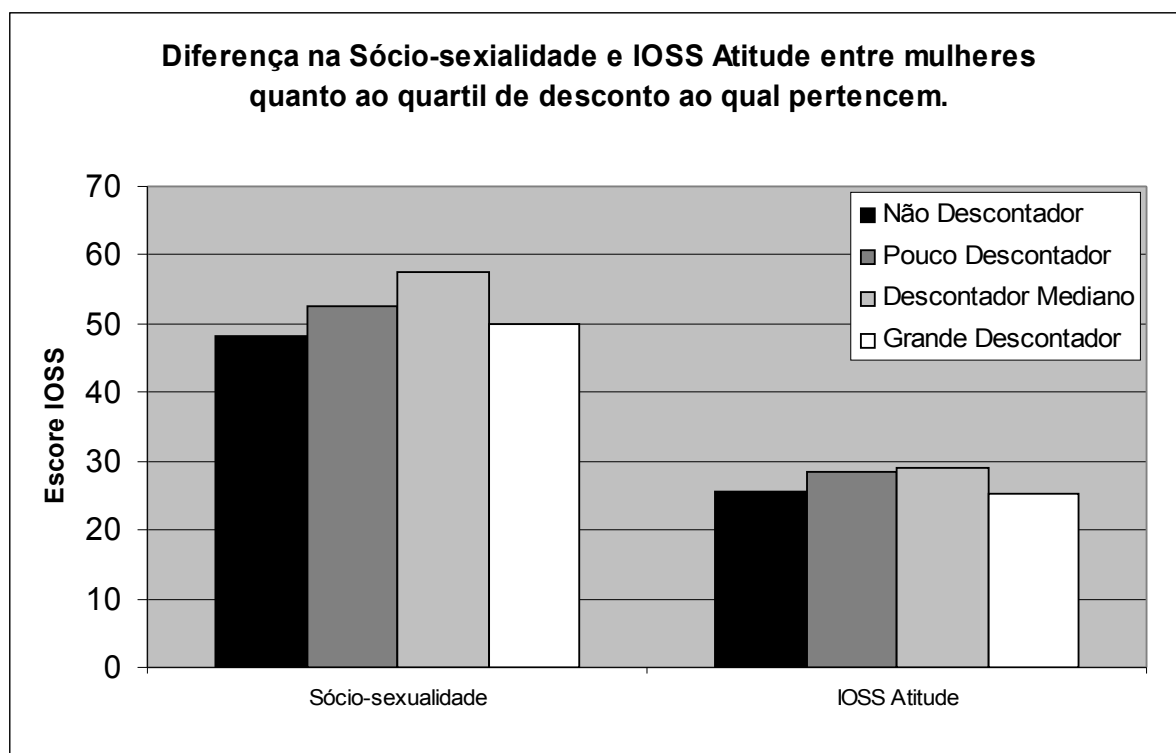


Figura 31. Gráfico de diferença de média da Sócio-sexualidade e IOSS Atitude entre mulheres quanto ao quartil de desconto ao qual pertencem.

4.2.4.3. Desconto do Futuro

(a) Composição Familiar:

Sexo dos Irmãos Mais Velhos – Foi encontrada uma tendência de diferença com relação ao **escore no Fator K** e o sexo dos irmãos mais velhos ($\chi^2(2) = 5,002$; $p = 0,082$), onde as mulheres que só possuíam irmãos mais velhos do sexo masculino ($n = 24$; média = 0,0056; desvio padrão = 0,0014) eram menos descontadoras ($U = 506,500$; $z = -1,985$; $p = 0,047$) que as mulheres que não possuíam irmãos mais velhos ($n = 58$; média = 0,0102; desvio padrão = 0,0019) e menos descontadoras ($U = 244,000$; $z = -2,243$; $p = 0,025$) que as mulheres que possuíam irmãos mais velhos só do sexo feminino ($n = 31$; média = 0,0179; desvio padrão = 0,0079).

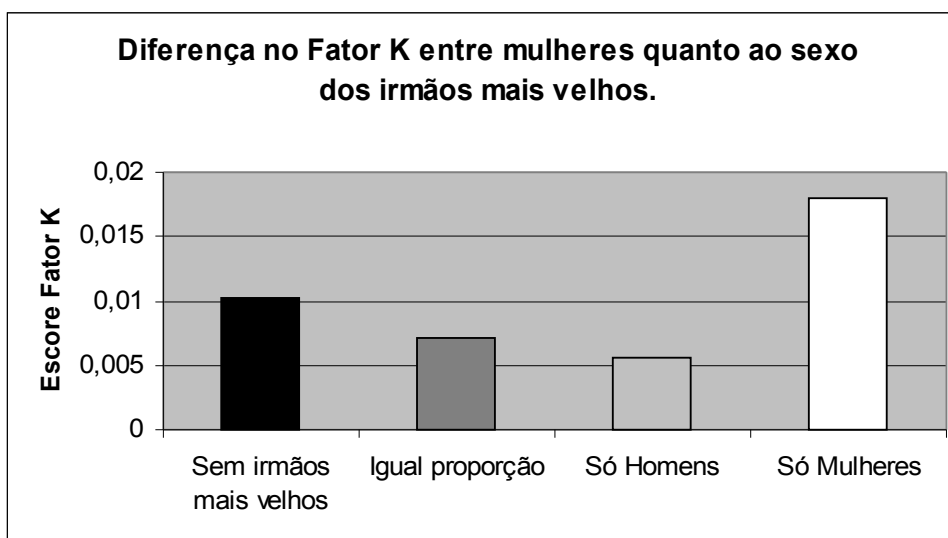


Figura 32. Gráfico de diferença de média no Fator K entre mulheres quanto ao sexo dos irmãos mais velhos.

(b) Situação Amorosa:

DST – Foi encontrada tendência de diferença quanto ao **score no Fator K** entre as mulheres que possuíam ou já possuíram algum tipo de DST e aquelas que nunca foram contaminadas ($U = 289,000$; $z = -1,803$; $p = 0,071$), onde aquelas que já possuíram eram mais descontadoras ($n = 8$; média = 0,010852; desvio padrão = 0,0060) do que aquelas que nunca tiveram ($n = 115$; média = 0,010897; desvio padrão = 0,0255).

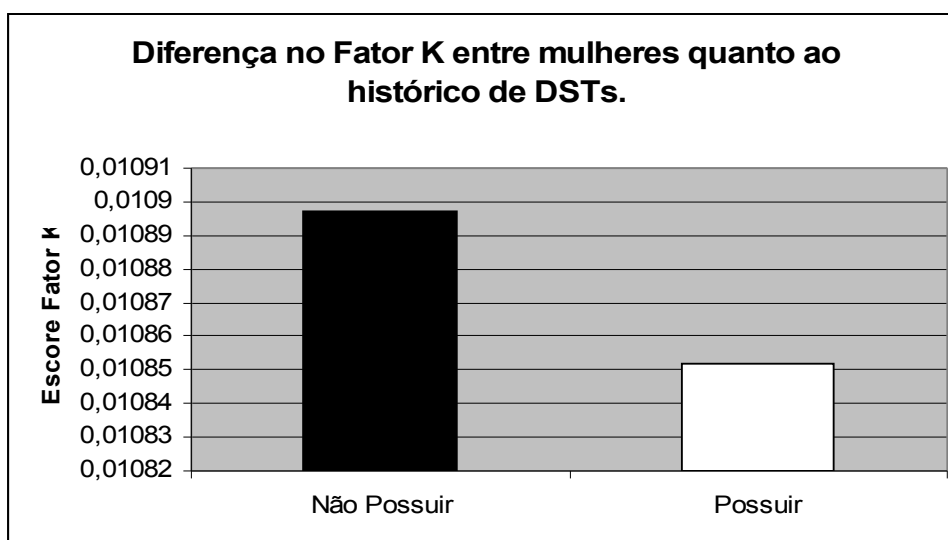


Figura 33. Gráfico de diferença de média no Fator K entre mulheres que já possuíram ou não algum tipo de DSTs.

(c) Critério de Classificação Econômica Brasil

Foi encontrada diferença com relação ao **score no Fator K** e a classificação econômica ($\chi^2(4) = 10,847$; $p = 0,028$), onde as mulheres classificadas como pertencentes à classe A2 ($n = 22$; média = 0,0057; desvio padrão = 0,0134) eram menos descontadoras ($U = 296,000$; $z = -2,638$; $p = 0,008$) que as mulheres pertencentes às classes B1 ($n = 44$; média = 0,0141; desvio padrão = 0,0368), menos descontadoras ($U = 183,500$; $z = -3,035$; $p = 0,002$) que as mulheres pertencentes à classe B2 ($n = 32$; média = 0,0139; desvio padrão = 0,0179) e menos descontadoras ($U = 139,000$; $z = -2,107$; $p = 0,035$) que as mulheres pertencentes à classe C1 ($n = 20$; média = 0,0072; desvio padrão = 0,0072).

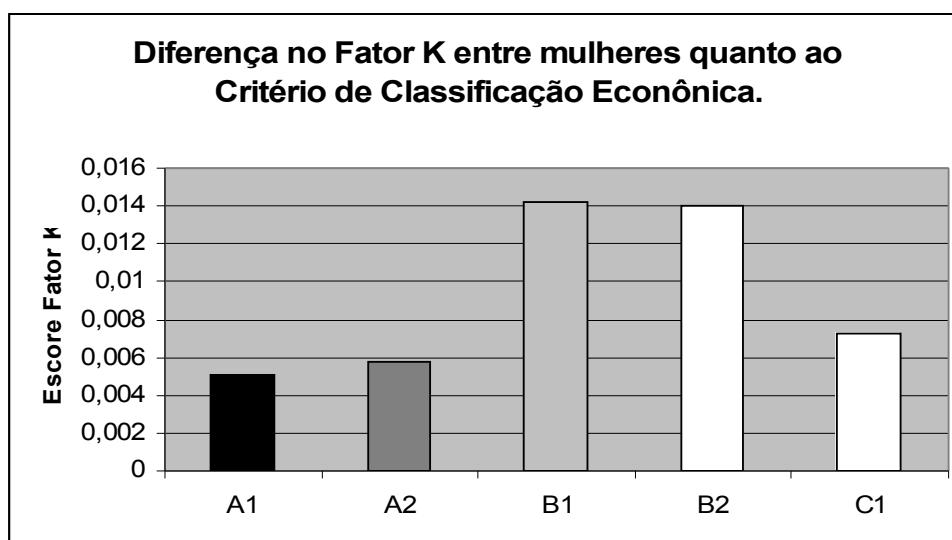


Figura 34. Gráfico de diferença de média no Fator K entre mulheres quanto à sua classificação no Critério de Classificação Econômica Brasil.

4.2.5. Associações intra-sexuais Masculinas

Desconto Quartil – Foi encontrada uma tendência de associação com a **ordem de nascimento** ($\chi^2(9) = 15,872$; $p = 0,070$), onde os primogênitos estavam mais associados ao grupo dos descontadores medianos e os caçulas ao grupo dos grande descontadores (Figura 35.).

Foi encontrada associação com o **sexo dos irmãos mais novos** ($\chi^2(9) = 19,774$; $p = 0,019$), onde aqueles que não possuíam irmãos mais novos estavam mais associados ao grupo dos grande descontadores, enquanto, aquele que possuíam só irmãs mulheres mais novas estavam associados ao grupo dos descontadores medianos (Figura 36.).

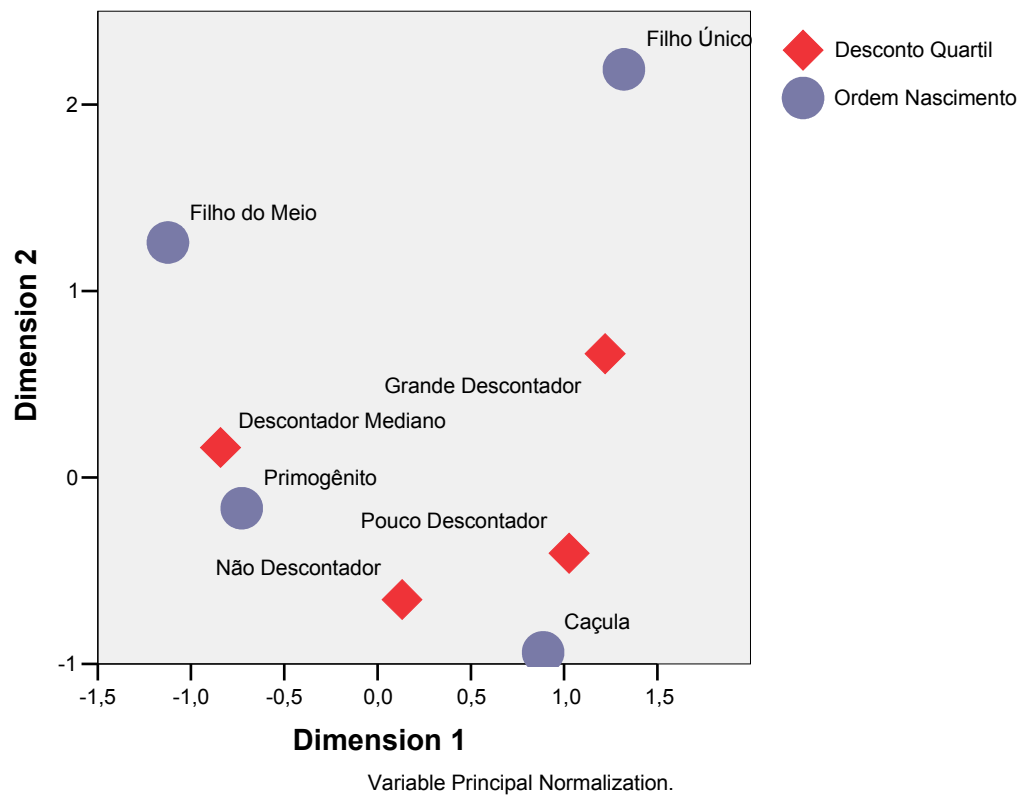


Figura 35. Mapa Perceptual de associação entre o quartil de desconto ao qual o participante pertence e ordem de nascimento.

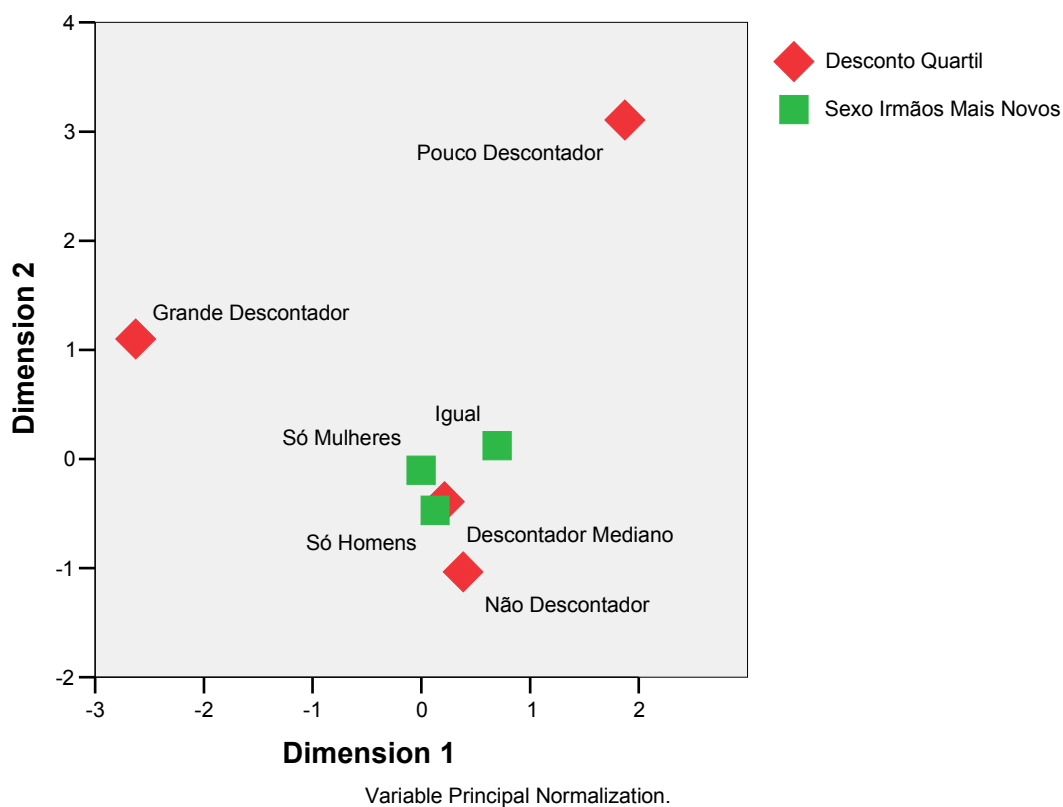


Figura 36. Mapa Perceptual da associação entre o quartil de desconto ao qual o participante pertence e o sexo dos irmãos mais novos.

Foi encontrada uma tendência de associação com a **existência de divórcio dos pais** ($\chi^2(3) = 7,450$; $p = 0,059$), onde aqueles em que os pais eram divorciados estavam mais associados aos grupos dos não-descontadores e dos pouco descontadores, enquanto, aqueles os quais os pais não eram divorciados estavam mais associados ao grupo dos descontadores medianos (Figura 37.).

Foi encontrada uma associação com os **estilos de apego** ($\chi^2(6) = 22,927$; $p = 0,001$), onde aqueles classificados como evitadores estavam mais associados ao grupo dos grandes descontadores, os ansiosos com o grupo dos pouco descontadores e os seguros com o grupos dos não-descontadores e descontadores medianos (Figura 38.).

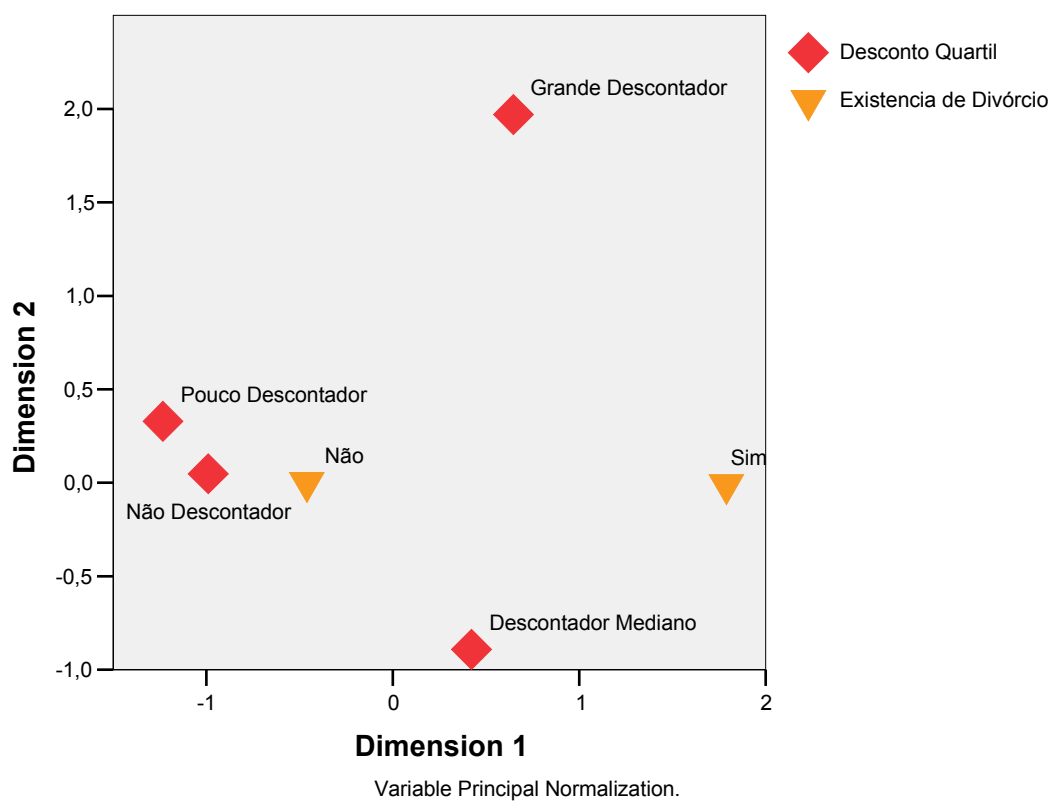


Figura 37. Mapa Perceptual da associação entre o quartil ao qual o participante pertence e a existência de divórcio durante a infância.

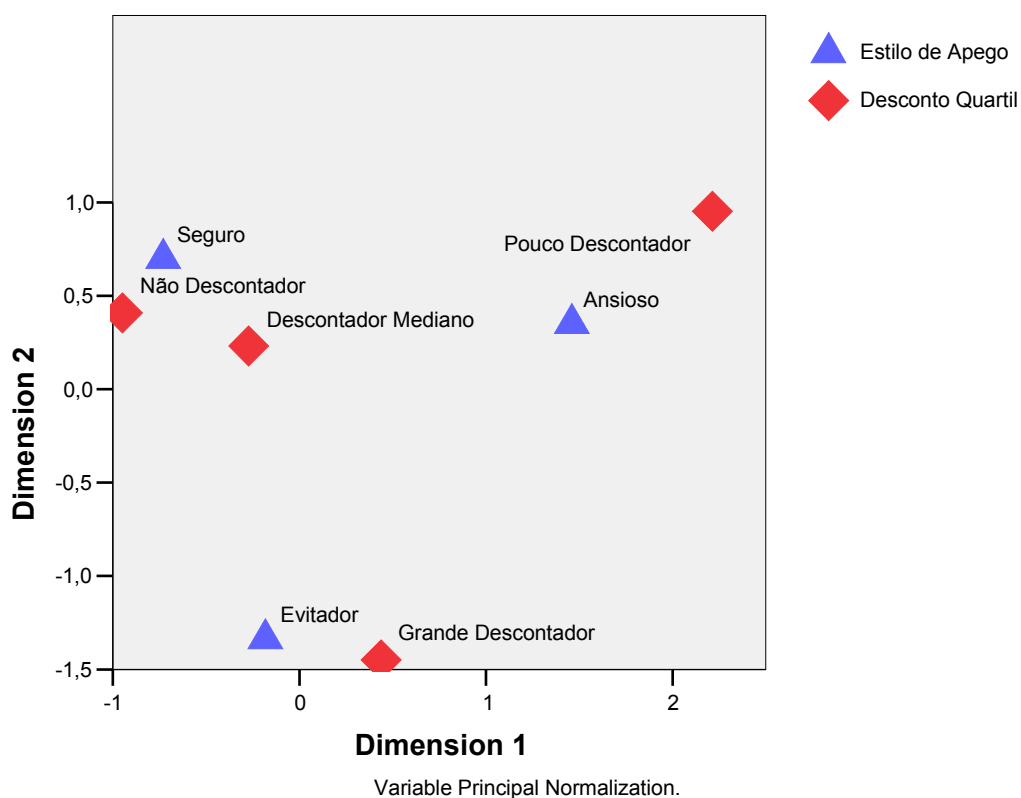


Figura 38. Mapa Perceptual da associação entre o quartil de desconto ao qual o participante pertence e o estilo de apego.

4.2.6. Associações intra-sexuais Femininas

Desconto Quartil – Foi encontrada uma associação com a DST ($\chi^2(3) = 9,493$; $p = 0,023$), onde aquelas que já possuíram DST estavam mais associadas ao grupo dos descontadores medianos e as que não possuíram estavam mais relacionadas ao grupo das não-descontadoras (Figura 39).

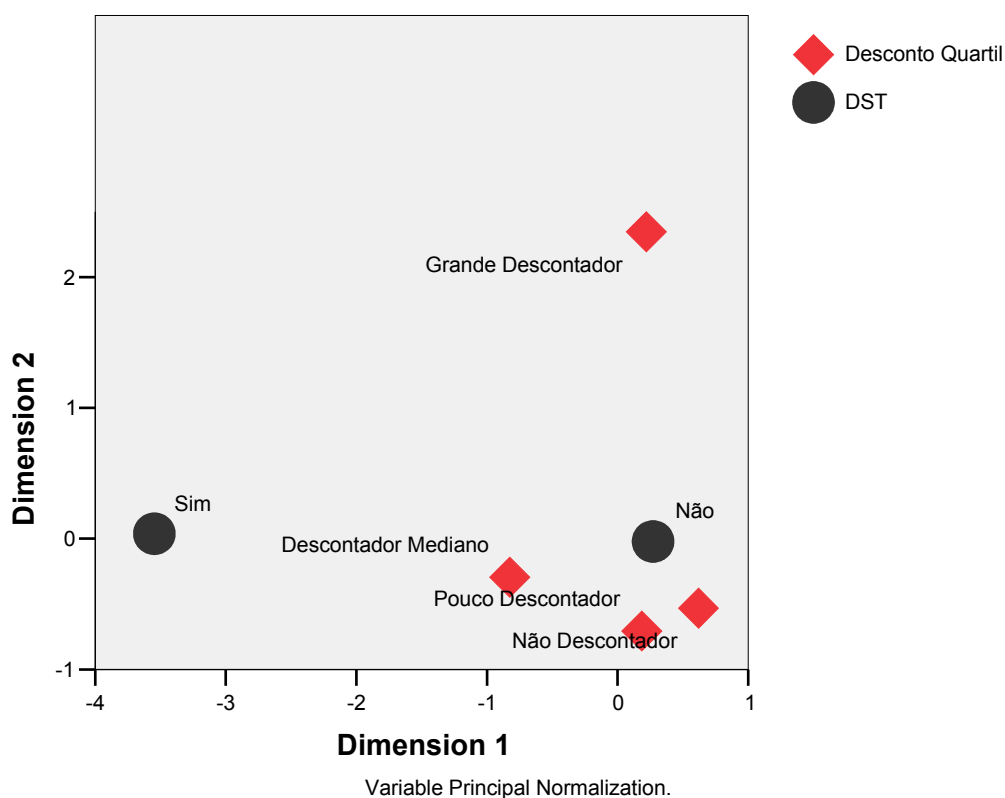


Figura 39. Mapa Perceptual da associação entre o quartil de desconto ao qual o participante pertence e o histórico de DSTs.

4.3. Regressões

Realizamos Regressões Lineares (método: stepwise) com a finalidade de gerar modelos de previsão para a Sócio-sexualidade e o Desconto do Futuro, que poderiam ser comparados posteriormente. As regressões foram realizadas independentemente para cada um dos sexos. Foram usadas como variáveis dependentes a Sócio-sexualidade, seus componentes e o Fator K, quanto às variáveis independentes, foram testadas todas as variáveis métricas e dummies que pudessem favorecer o modelo. Nos modelos encontrados todas as variáveis que os compõem possuem cargas positivas, estando todas correlacionadas positivamente com as variáveis de sócio-sexualidade e desconto do futuro. Em nenhum dos modelos apresenta variáveis com cargas negativas.

4.3.1. Homens

(a) **Sócio-sexualidade** – O modelo que melhor explica e prevê a variação na sócio-sexualidade masculina é formado pelas variáveis **consumo médio de álcool em festas, idade, número de festas freqüentadas por mês, fator de proximidade e beber em festas** ($F(69) = 15,180$; $p = 0,000$), onde todas essas variáveis juntas explicaram 51% (R^2 ajustado = 0,510) da variação masculina na sócio-sexualidade. O número de doses de álcool em festas explicou 30,1% da variação na sócio-sexualidade, a idade explicou 9,8%, o número de festas freqüentadas por mês explicou 5,2%, o fator de proximidade explicou 3,1% e o hábito de beber em festa explicou 3% da variação.

(b) **Componente Tático** – O modelo que melhor explica e prevê a variação no componente tático masculino é formado pelas variáveis **consumo médio de álcool em festas, idade, número de festas freqüentadas por mês, fator de proximidade** ($F(72) = 18,515$; $p = 0,000$), onde todas essas variáveis juntas explicaram 49% (R^2 ajustado = 0,497) da variação masculina no componente tático. O número de doses de álcool em festas explicou 23,3% da variação nas táticas sócio-sexuais, a idade explicou 17,3%, o número de festas freqüentadas por mês explicou 5,5% e o fator de proximidade explicou 3,6% da variação.

(c) **Componente Estratégico** – O modelo que melhor explica e prevê a variação no componente estratégico masculino é formado pelas variáveis **consumo médio de álcool em festas, número de festas freqüentadas por mês** ($F(69) = 12,008$; $p = 0,000$), onde todas essas variáveis juntas explicaram 24% (R^2 ajustado = 0,245) da variação masculina no

componente estratégico. O número de doses de álcool em festas explicou 20,4% da variação na estratégia sexual, o número de festas freqüentadas por mês explicou 4,1% da variação.

(d) Componente das Atitudes – O modelo que melhor explica e prevê a variação no componente das atitudes masculinas é formado pelas variáveis **consumo médio de álcool em festas, consumo médio de cigarros em festas, DST, idade da primeira relação sexual** ($F(72) = 10,272$; $p = 0,000$), onde todas essas variáveis juntas explicaram 34% (R^2 ajustado = 0,343) da variação masculina no componente das atitudes. O número de doses de álcool em festas explicou 18,7% da variação das atitudes sócio-sexuais, o consumo médio de cigarros em festas explicou 7,4%, a DST explicou 5,3% e a idade da primeira relação sexual explicou 2,9% da variação.

(e) Componente dos Comportamentos – O modelo que melhor explica e prevê a variação do componente dos comportamentos masculinos é formado pelas variáveis **consumo médio de álcool em festas, idade, número de festas freqüentadas por mês, fator de proximidade e beber em festas** ($F(69) = 15,615$; $p = 0,000$), onde todas essas variáveis juntas explicaram 51% (R^2 ajustado = 0,518) da variação masculina no componente dos comportamentos. O número de doses de álcool em festas explicou 26,4% da variação nos comportamentos sócio-sexuais, a idade explicou 12,5%, o número de festas freqüentadas por mês explicou 5,5%, o fator de proximidade explicou 3,7% e o hábito de beber em festa explicou 4% da variação.

(f) Fator K – O modelo que melhor explica e prevê a variação do Fator K é formado somente pelo **fator de confiança dos estilos de apego** ($F(66) = 5,063$; $p = 0,028$),

onde essa variável explicou 5% (R^2 ajustado = 0,059) da variação masculina no Fator K. O Fator de confiança explicou 5,9% da variância no Fator K.

4.3.2. Mulheres

(a) **Sócio-sexualidade** – O modelo que melhor explica e prevê a variação na sócio-sexualidade feminina é formado pelas variáveis **DST, número de festas freqüentadas por mês e idade da primeira relação sexual** ($F(121) = 10,936$; $p = 0,000$), onde todas essas variáveis juntas explicaram 19% (R^2 ajustado = 0,199) da variação feminina na sócio-sexualidade. A DST explicou 8,4% da variação na sócio-sexualidade, o número de festas freqüentadas por mês explicou 7,2% e a idade da primeira relação sexual explicou 4,3% da variação.

(b) **Componente Tático** – O modelo que melhor explica e prevê a variação do componente tático feminino é formado pelas variáveis **DST, número de festas freqüentadas por mês e idade da primeira relação sexual e idade** ($F(126) = 10,146$; $p = 0,000$), onde todas essas variáveis juntas explicaram 22% (R^2 ajustado = 0,226) da variação feminina do componente tático. A DST explicou 9,8% da variação na tática sócio-sexual, o número de festas freqüentadas por mês explicou 6,3%, a idade da primeira relação sexual explicou 4,6% e a idade explicou 1,9% da variação.

(c) **Componente Estratégico** – O modelo que melhor explica e prevê a variação do componente estratégico feminino é formado apenas pelo **hábito de fumar** ($F(122) = 9,023$; $p = 0,003$), onde essa variável explicou 6% (R^2 ajustado = 0,062) da variação feminina

do componente estratégico. O hábito de fumar explicou 6,2% da variância na estratégia sócio-sexual.

(d) Componente das Atitudes – O modelo que melhor explica e prevê a variação do componente das atitudes femininas é formado pelas variáveis **DST e número de festas freqüentadas por mês** ($F(127) = 8,869$; $p = 0,000$), onde todas essas variáveis juntas explicaram 11% (R^2 ajustado = 0,111) da variação feminina do componente das atitudes. A DST explicou 6,2% da variação das atitudes sócio-sexuais e o número de festas freqüentadas por mês explicou 4,9% da variância.

(e) Componente dos Comportamentos – O modelo que melhor explica e prevê a variação do componente dos comportamentos femininos é formado pelas variáveis **DST, número de festas freqüentadas por mês e idade da primeira relação sexual e média de cigarros consumidos por dia** ($F(121) = 8,191$; $p = 0,000$), onde todas essas variáveis juntas explicaram 19% (R^2 ajustado = 0,193) da variação feminina do componente dos comportamentos. A DST explicou 7,4% da variação dos comportamentos sócio-sexuais, o número de festas freqüentadas por mês explicou 5,7% da variação, a idade da primeira relação sexual explicou 4% da variação e o número de cigarros consumidos por dia explicou 2,2% da variação.

(f) Fator K – Com as variáveis selecionadas para a análise de regressão não foi possível gerar um modelo de explicação e previsão da variação do Fator K feminino.

5. DISCUSSÃO

Os resultados nos indicam uma manutenção dos padrões inter-culturalmente encontrados quanto às diferenças entre os sexos na sócio-sexualidade (Schmitt, 2005). O mesmo se aplica para as taxas de Desconto do Futuro, estando de acordo com os estudos pertencentes a essa área. Homens e Mulheres irrestritos apresentaram o mesmo padrão somente com relação a um maior número de relacionamentos amorosos, o hábito de fumar em festas, um maior número de festas freqüentadas por mês e um maior número de doses de bebidas alcoólicas consumidas em festas. Os homens irrestritos apresentaram uma propensão ao consumo de bebidas alcoólicas em festas, enquanto as mulheres irrestritas são mais velhas, possuíam ou já possuíram alguma DST, possuem o hábito de fumar, são mais propensas a um maior consumo de cigarros por dia e tiveram sua primeira menarca mais tardiamente. A variação individual em relação às taxas de Desconto do Futuro, foi divergente entre homens e mulheres: homens mais descontadores vivenciaram o divórcio dos pais durante a infância, possuíam menos irmãos e mais irmãs, e possuíam mais freqüentemente o estilo de apego evitador e menos freqüentemente um apego seguro, já as mulheres mais descontadoras são caçulas ou possuem irmãs mais velhas do sexo feminino, possuíam ou já possuíram alguma DST, eram mais propensas a consumir mais doses de bebidas alcoólicas em festas e pertencem às classes sociais B1, B2 e C1. As taxas de Desconto do Futuro (Fator K) não apresentaram correlação com a sócio-sexualidade e seus componentes para nenhum dos sexos, no entanto, com a divisão das taxas de desconto em quartis, nos resultados femininos, as mulheres mais irrestritas pertenciam ao grupo das descontadoras medianas. Os resultados masculinos não apresentaram nenhuma correlação com as divisões em quartis, o que pode enfraquecer a hipótese de um mecanismo comum de alocação de investimentos. Os padrões de variação intra-sexual diferiram para homens e mulheres quanto à sócio-sexualidade e

desconto do futuro, não dando grande suporte a hipótese da socialização resultante da influência do ambiente de criação.

Os resultados dessa pesquisa foram todos baseados em auto-relato de estudantes universitários. A metodologia de auto-relato contendo questionários tem as suas limitações, entretanto, essa metodologia é altamente aceita e utilizada em todo o mundo no estudo de sócio-sexualidade. A grande razão na confiabilidade dessa metodologia de estudo, tanto para a sócio-sexualidade como para o desconto do futuro, são o garantido respeito e a valorização dos estudantes que participaram, além da garantia de anonimato.

Uma importante contribuição dessa pesquisa é a investigação de estudantes brasileiros, o que os adiciona ao espectro intercultural da variação da sócio-sexualidade e desconto do futuro, exclusividade dos estudos da América do Norte e Europa. Outra faceta distinta é a participação de alunos do terceiro ano, mais maduros e sexualmente experientes que alunos do primeiro ano, tipicamente utilizados nesse tipo de pesquisa. A presente pesquisa também tentou expandir a diversidade dos grupos amostrados, coletando dados de pessoas de várias áreas, como Biologia, Engenharia, Filosofia e Psicologia. Isso permite uma visão mais representativa da variação dentro da população universitária, do que a simples análise de resultados provenientes de universitários cursando Psicologia, comumente encontrados em outras pesquisas. Os participantes são jovens adultos que de acordo com a Teoria dos Ciclos de Vida (Low, 1998; Roff, 1992; Stearns, 1992; Wilson & Daly, 2001), estão vivendo mais intensamente o período representativo do dilema de alocação de investimento entre a esfera parental e de acasalamento, o que permite uma detalhada compreensão da variação na sócio-sexualidade e no desconto do futuro.

Esse estudo corrobora com diferentes pesquisas realizadas no Brasil no campo da seleção de parceiros e estratégia sexual (Campos, 1999; 2005; Campos; Otta & Siqueira,

2002; Otta; Queiroz; Campos; Silva & Silveira, 1999), o que contribui para os resultados interculturais com a ampliação das amostras sul-americanas.

5.1. Diferenças entre homens e mulheres

A maioria dos resultados se encontra de acordo com os demais estudos interculturais e as previsões das teorias evolucionistas. Os resultados intersexuais quanto à diferença na média de altura estão de acordo com as previsões da teoria da Seleção Natural (Darwin, 1871/2004), segundo a qual os sexos teriam histórias seletivas diferenciadas, tendo o sexo masculino sofrido mais intensamente pressões para a competição intra-sexual, possuindo altura média mais elevada. Os resultados também estão de acordo com as previsões de diferença de tamanho corporal esperadas para primatas com estrutura de acasalamento monogâmica ou de monogamia serial (Plavcan & Schaik, 1997).

As comparações intersexuais quanto ao curso ao qual pertencem os participantes estão de acordo com os estudos da Teoria de Empatia e Sistematização (Baron-Cohen, 2004), onde homens e mulheres teriam perfis cognitivos diferenciados, sendo homens mais sistematizadores e mulheres mais empáticas (Baron-Cohen et al., 2003; Baron-Cohen & Hammer, 1997; Baron-Cohen & Wheelwright, 2004). Portanto, em média homens por serem mais sistematizadores procurariam ocupações mais próximas às propensões e capacidades do seu perfil cognitivo, como o caso dos cursos da área de exatas, e as mulheres em média mais empáticas, estariam mais propensas a ocupar o nicho das atividades que requerem uma maior percepção de detalhes, maior capacidade lingüística e que envolvem uma intensa interação e compreensão de pessoas.

Os resultados quanto aos irmãos estão de acordo com as previsões da literatura. Em nosso estudo encontramos diferença intersexuais entre o número de irmãs e o sexo dos irmãos

mais velhos, o mesmo não foi encontrada para o número de irmãos e o sexo dos irmãos mais novos. A constatação de que homens têm mais irmãos homens e mulheres mais irmãs mulheres encontra-se de acordo com estudo de Kanazawa e Vandermassen (2005), os quais afirmam existir casais com uma maior propensão a possuir filhos do sexo masculino e outros a possuir filhos do sexo feminino. A propensão estaria relacionada ao perfil cognitivo do casal, onde casais mais sistemáticos possuiriam mais filhos homens e casais proporcionalmente mais empáticos possuiriam mais filhas mulheres. Essa propensão seria resultante de pressões seletivas relacionadas ao ajuste adaptativo da proporção de sexo e perfil cognitivo dos filhos de acordo com as condições ambientais, dependente da frequência encontrada de cada sexo e perfil cognitivo nesse ambiente (Kanazawa & Vandermassen, 2005).

Ao perguntarmos se os participantes estavam namorando constatamos que mais mulheres estão namorando em relação aos homens, resultado também encontrado por Amélio (2006). Nosso resultado está de acordo com a Teoria das Estratégias Sexuais (Buss & Schmitt, 1993) e a Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000), que prevêem que mulheres em média procuraram mais comprometimento do que homens, por serem em média mais propensas a relacionamentos de longo-prazo. Essa diferença também está de acordo com o esperado para a fase do ciclo de vida na qual os participantes se encontram, com homens investindo mais na esfera do acasalamento e as mulheres investindo mais na esfera parental (Volland, 1998).

Quanto a estar apaixonado, constatamos que as mulheres afirmavam estar mais apaixonadas que os homens, o que vai contra os resultados encontrados por Clark (2006), onde não havia diferença entre os sexos, o que pode ser resultado da utilização de uma escala diferenciada, já que no presente estudo usamos uma variável binária (sim e não) para estar apaixonado. Nesse estudo foi usada a escala “Limerence” que mede o sentimento de estar

apaixonado, segundo Clark, esse sentimento pode ser visto como um estado emocional que leva a uma motivação para investir esforços em relacionamentos amorosos. Baseado nas Teorias Pluralistas de Estratégia Sexual (Buss & Schmitt, 1993; Gangestad & Simpson, 2000), que prevêem uma maior propensão masculina para relacionamentos de curta duração e feminina para relacionamentos de longa, Clark acredita que homens e mulheres seriam influenciados de maneira diferenciada: a maior disponibilidade e facilidade de obtenção masculina para relacionamentos de longa duração (devido à propensão feminina) e feminina para relacionamentos de curta duração (devido à propensão masculina), levariam homens a usar o estado emocional da paixão para adquirir relacionamentos de curta duração e mulheres para adquirir relacionamentos de longa duração. No entanto, os resultados de Ferreira (2007) e Varella (2007), mostram de maneira intensa a influência da paixão nos resultados masculinos e não nos femininos, sendo que esses resultados estavam relacionados a um maior investimento de esforços na esfera parental (longo-prazo) ao invés da esfera de acasalamento como proposto por Clark (2006).

Quanto ao consumo médio de álcool em festas em um mês típico, os homens possuíam um maior consumo, o que está de acordo com a Teoria da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004), a Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972) e a Teoria do Desconto do Futuro (Daly & Wilson, 2001; 2005), que prevêem que mulheres possuam uma estratégia comportamental mais recatada, enquanto os homens, que investem menos na esfera parental e mais na do acasalamento, possuam uma maior propensão à competição intra-sexual e aos comportamentos de risco, como por exemplo o consumo de substâncias tóxicas, como o álcool.

As diferenças intersexuais quanto à taxa de desconto do futuro concordam com os demais estudos da literatura (Daly & Wilson, 2001; 2005; Wilson, Daly & Gordon, 1998; 2003), onde homens são mais descontadores que as mulheres. Tais resultados estão de acordo

com a Teoria da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004), a Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972) e a Teoria do Desconto do Futuro (Daly & Wilson, 2001; 2005), que prevêem que mulheres, as quais investem mais na esfera parental possuam um horizonte temporal mais longo, enquanto os homens, que investem mais na esfera do acasalamento, possuam uma maior propensão à competição intra-sexual e aos comportamentos de risco, e conseqüentemente um horizonte temporal mais curto, descontando mais o futuro.

As diferenças intersexuais para a sócio-sexualidade e seus componentes estão de acordo com os achados interculturais, onde homem são mais irrestritos do que as mulheres (Clark, 2006; Schmitt et al., 2005; Simpson & Gangestad, 1991; 1992; Simpson & Lapaglia, 2006; Volland, 1998). A confirmação desse padrão para a cidade de São Paulo reforça os achados de Ferreira (2007) e Varella (2007), além de confirmar tal variação intersexual no Brasil, como apresentado anteriormente pelos resultados de Brasília no estudo intercultural de Schmitt et al. (2005). Tais resultados estão de acordo com a Teoria da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004), a Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972) e as Teorias Pluralistas das Estratégias Sexuais (Buss & Schmitt, 1993; Gangestad & Simpson, 2000), prevendo que os homens, os quais investem mais intensamente na esfera do acasalamento, possuam uma maior propensão a relacionamentos de curta duração, enquanto as mulheres, as quais investem mais na escala parental, sejam mais propensas a relacionamentos de longa duração.

Quanto aos estilos de apego, as mulheres apresentaram maiores valores no fator confiança, enquanto os homens estão mais associados a um estilo de apego evitador. Os resultados estão em desacordo com a literatura (Bartholomew & Horowitz, 1991; Bowlby 1973; 1979; Bussab, 2003; Scheroki, 2004), que não aponta diferenças intersexuais, no entanto, estudo intercultural realizado em 56 nações mostra a possibilidade de existência de variação devido às condições culturais e ecológicas (Schmitt, 2005). É importante destacar

que nossa análise descritiva indicou uma maior presença de estilo de apego seguro, o que está de acordo com a Hipótese Normativa (van IJzendoorn & Sagi, 1999), que destaca o apego seguro como uma característica normativa de nossa espécie. Essa hipótese foi confirmada para 49 das 62 culturas estudadas por Schmitt (2004), onde o apego seguro foi o estilo mais comumente encontrado.

5.2. Diferenças intra-sexuais

As hipóteses testadas sobre a variação intra-sexual foram três: (a) sócio-sexualidade mais irrestrita relacionada a uma estratégia comportamental mais masculinizada – modelo de Mikach e Bailey; (b) sócio-sexualidade irrestrita relacionada a um estilo de apego inseguro e um ambiente de criação mais estressante – de acordo com o modelo de Belsky e Chisholm; (c) sócio-sexualidade irrestrita diretamente relacionada a uma alta taxa de desconto do futuro – de acordo com a previsão de um mecanismo comum de alocação de investimento reprodutivo. O teste da última hipótese se estenderá através dos resultados das demais hipóteses, já que segundo as previsões do modelo do órgão mental integrado, não somente as mesmas variações intersexuais, mas também as mesmas variações intra-sexuais deviam ser encontradas para a sócio-sexualidade e o desconto do futuro.

A sócio-sexualidade masculina não apresentou correlação com os estilos de apego e seus fatores, nem com fatores do ambiente de criação e com a taxa de desconto do futuro. Foram encontradas correlações da sócio-sexualidade masculina com o número de relacionamentos amorosos, consumo de álcool, o número de doses de álcool em festas, o hábito de fumar e o número de festas frequentadas por mês. A taxa de desconto do futuro masculina apresentou correlação com os estilos de apego, e fatores da composição familiar como a existência de divórcio dos pais e o número de irmãs e irmãos. Não foram encontradas

correlações da taxa de desconto masculina com os hábitos como o consumo de álcool. O a divisão em quartis do desconto do futuro masculino apresentou diferenças somente quanto ao auto-relato de expectativa de vida.

Assim como no caso masculino, a sócio-sexualidade feminina não apresentou correlação com os estilos de apego e seus fatores, nem com fatores do ambiente de criação e com a taxa de desconto. Foram encontradas correlações da sócio-sexualidade feminina com o número de relacionamentos amorosos, o número de doses de álcool em festas, o hábito de fumar, a quantidade de cigarros consumidos diariamente e em festas, o número de festas freqüentadas por mês e a idade da primeira menarca, além de apresentar diferenças na divisão em quartis do desconto do futuro e a experiências com DSTs. A taxa de desconto do futuro feminina não apresentou correlação com os estilos de apego e seus fatores, nem com fatores do ambiente de criação. Mas foi encontrada correlação da taxa de desconto feminina com o número de doses de álcool em festas e diferenças quanto ao sexo dos irmãos mais velhos, experiências com DSTs e o critério de classificação econômica.

Segundo os modelos testados, seria previsto que as correlações fossem encontradas igualmente para ambos os sexos, no entanto, nossos resultados não suportam essa previsão. O mesmo pode ser encontrado nos estudos de Ferreira (2007) e Varella (2007), que não sustentam igualmente as variações nas estratégias sexuais de homens e mulheres. As diferenças encontradas nesses estudos podem ser resultantes da heterogeneidade da amostra coletada, ou resultante da influencia de fatores culturais e ecológicos da realidade dos universitários da USP. Mas ao mesmo tempo, podemos assumir que homens e mulheres possuam uma sensibilidade diferenciada, o que levaria a respostas comportamentais diferenciadas para os fatores ecologicamente relevantes.

Em seu estudo Clark (2006) levanta, através de achados da literatura (Gangestad & Simpson, 2000; Landolt, Lalumière & Quinsey, 1995; Mikach & Bailey, 1999), a possível

existência de diferenças de sensibilidade na forma em que homens e mulheres se engajam em táticas sexuais de curto e longo prazo (Archer & Mehdikhani, 2000). As táticas femininas em particular possuiriam uma estrutura multidimensional, ao invés de uma simples distinção entre o curto e longo prazo (Bleske & Buss, 2000; Pound & Daly, 2000). Através dessa perspectiva os resultados da sócio-sexualidade não seriam facilmente identificados, pois uma tática sexual feminina multidimensional impossibilitaria o real estabelecimento de uma inter-relação entre os resultados de homens e mulheres, além de prejudicar o estabelecimento de previsões teóricas quanto à influência dos diferentes fatores ecologicamente relevantes. Hipóteses testáveis de maneira mais realista deveriam incorporar a perspectiva das variações inter-sexuais encontradas na Teoria da Seleção Sexual, além de estabelecer um contato profundo com os dilemas evolutivos da Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida.

5.2.1. Modelo de Masculinização Cognitiva

A hipótese alternativa derivada do modelo dos andrógenos pré-natais de Mikach e Bailey (1999), onde comportamentos ditos “masculinos” e “feminino” são considerados decorrentes respectivamente de uma estratégia sexual de baixo e alto investimento parental, foi confirmada em nosso estudo. Nos casos masculino e feminino foram encontradas correlações positivas entre uma sócio-sexualidade irrestrita e o número de festas freqüentadas por mês, o número de doses de álcool em festas e o hábito de fumar. No caso feminino, a sócio-sexualidade feminina também se correlacionou positivamente com a ocorrência de DSTs, quantidade de cigarros consumidos diariamente e em festas.

O modelo alternativo se encaixa na visão da Teoria do Investimento Parental. Segundo Trivers (1972), organismos com alta taxa de investimento parental possuiriam uma estratégia sexual mais recatada, investindo seus esforços no cuidado da prole e na manutenção de um ou

poucos parceiros em relacionamentos duradouros, além de possuir um maior poder no mercado de escolhas de parceiros sexuais. Por outro lado, organismos com baixa taxa de investimento parental possuem uma estratégia sexual mais agressiva, focada na competição, busca e conquista de uma grande variedade de parceiros de curta duração, investindo maciçamente na competição intra-sexual, o levaria uma maior propensão a comportamentos de risco.

A variação intra-sexual do modelo alternativo encontra-se de acordo com o conceito dos dilemas da Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida, onde os dilemas envolvem a noção de custo, não sendo possível investir os mesmos esforços nas diferentes esferas, como na dinâmica observada na seleção sexual: onde cada membro de cada sexo escolhe onde alocar seu esforço reprodutivo, seja na competição e busca por parceiros (baixo investimento parental) ou investindo no cuidado dos filhos e na manutenção do parceiro (alto investimento parental). A limitação dos esforços e as escolhas são resultado de ajustes contingentes aos diferentes fatores ambientais relevantes, gerando estratégias sexuais condicionais.

O espelhamento da variação intra-sexual nas diferenças intersexuais, como previsto pela junção da Teoria da Seleção Sexual e da Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002) (ex: homens são mais irrestritos e consomem mais doses de álcool em festas do que as mulheres, ao mesmo tempo mulheres mais irrestritas possuem comportamentos mais “masculinos” como consumir mais doses de álcool em festas), foi encontrado por Varella (2007) para homens e mulheres, num estudo com universitários da USP, dando suporte às variações encontradas em nossos resultados.

Uma maior propensão ao sexo casual relacionada a um maior consumo de substâncias tóxicas estaria relacionado a uma estratégia comportamental de baixo investimento parental, focada na busca de uma grande variedade de parceiros de curta duração, sendo necessário um investindo massivo na competição intra-sexual, o que levaria a uma maior propensão a

engajarem-se em comportamentos de risco, como o consumo de substâncias tóxicas, como dentre outras o álcool e o cigarro, e a não utilização de métodos contraceptivos como a camisinha, o que aumentaria as chances de contração de DSTs.

Como discutido anteriormente, a definição de um comportamento como “masculino” ou “masculinizado” pode ser mais bem utilizada, como comportamento de “baixo investimento parental”, o que permite uma expansão dessa perspectiva e maior variabilidade de estudos. Apesar disso, a definição de comportamentos como tipicamente “masculinos” pode facilitar a compreensão da diferença de sensibilidade encontrada entre os sexos, como encontrado em nossos resultados, como mulheres influenciadas não somente pelo hábito de fumar, mas também pelo número de cigarros consumidos diariamente e em festas. É importante destacar que o número de cigarros consumidos diariamente ($n = 142$; $\rho = 0,327$; $p = 0,000$) e em festas ($n = 142$; $\rho = 0,390$; $p = 0,000$) está intimamente correlacionado com o número de doses de álcool consumidas em festas.

Padrões de escolha intersexuais podem influenciar de forma intensiva a competição intra-sexual (Geary, 2002), já que a preferência reprodutiva de homens e mulheres conflita diretamente de muitas maneiras (Buss & Schmitt, 1993). Assim como em outros mamíferos, os homens podem se reproduzir sem pagar o custo do investimento parental, mas as mulheres não possuem outra opção. As mulheres, pertencentes ao sexo provedor de maior investimento parental, são recursos reprodutivos importantes para membros do sexo oposto (Dawkins, 1989; Trivers, 1972). Como resultado dessas diferenças, os homens em média são mais propensos ao sexo casual e muitas vezes podem manipular as mulheres de forma a terem mais relacionamentos de curta-duração (Geary, 2002).

Levando em conta as preferências masculinas pelo sexo casual e as tentativas de manipulação do sexo oposto, mulheres com indicadores de estratégia sexual mais irrestrita

seriam mais constantemente alvo de manipulação, por serem mais facilmente abordadas e levadas a ter relações de sexo casual.

Um estudo britânico (Boothryd et al., 2008) apresentou correlações interessantes entre o julgamento da estratégia sexual de uma pessoa através de sua foto. Nesse estudo os participantes deveriam julgar fotos de pessoas, atribuindo a elas uma sócio-sexualidade restrita ou irrestrita. A sócio-sexualidade dos fotografados era avaliada anteriormente para que fosse realizada a comparação com os julgamentos. O estudo realizado com mais de 600 participantes homens e mulheres, julgando a sócio-sexualidade de fotos reais e montagens computacionais do próprio sexo e do sexo oposto, corrobora com a hipótese de que possuímos mecanismos cognitivos relacionados à seleção de parceiros amorosos com capacidade de identificar sinais relevantes à determinação da estratégia sexual de potenciais parceiros através de indicadores físicos, como: atratividade, simetria e masculinização. A existência dos indicadores recebe suporte de pesquisas como a de Clark (2004), que encontrou relação entre uma sócio-sexualidade feminina mais irrestrita e indicadores cognitivos (habilidade de rotação mental) e físicos (proporção entre o segundo e quarto dígito) de masculinização.

Assim como as características físicas, características comportamentais são extremamente usadas na dinâmica de seleção de parceiros, como a linguagem corporal e hábitos (Gangestad et al., 1992). Desse modo, o hábito de fumar pode nos servir como indicador de irrestrição feminina, devido à sua relação com os comportamentos de risco e uma estratégia de menor investimento parental, além de uma correlação direta com o consumo de álcool em festas.

A relação entre o cigarro, uma sócio-sexualidade irrestrita e a propensão ao consumo de álcool, principalmente em festas, possibilitaria uma facilitação na abordagem e manipulação masculina, e conseqüentemente a realização de sexo casual. O estudo de Bailey et al. (2000) confirma nossa hipótese, já que homens e mulheres irrestritos relataram com

mais freqüência terem se engajado em relações sexuais após alto consumo de bebidas alcoólicas. Da mesma maneira Lucke (1998), amostrando apenas mulheres, encontrou relação entre uma personalidade mais masculina, com possuir múltiplos parceiros nos últimos 12 meses e o uso de álcool ou outras drogas antes ou durante a atividade sexual com parceiros que não sejam o atual de longo prazo, além de ter encontrado correlação entre esses hábitos e um menor uso de métodos contraceptivos como preservativos masculinos, o que aumentaria a probabilidade de contração de DSTs.

O consumo de substâncias tóxicas como cigarro e álcool estão correlacionados à irrestrrição de nossas participantes. É possível que tais hábitos sirvam como indicadores comportamentais de irrestrrição, principalmente em mulheres, que pertencem ao sexo mais investidor e conseqüentemente menos propenso a comportamentos de risco. Os indicadores permitem uma abordagem mais constante por potenciais parceiros do sexo oposto interessados em sexo casual. O engajamento em relacionamentos de curta duração pode ainda ser facilitado pela alteração de estado de consciência e julgamento resultante da influência do álcool e também um possível aumento do desejo sexual (Laumann et al., 1994), o que também pode permitir atividade sexual sem o uso de preservativos masculinos e a contração de DSTs (Cook & Clark, 2005; Musie; Elijah & Ulla, 2009).

Complementando os resultados, nosso modelo de regressão para a previsão da variabilidade na sócio-sexualidade masculina apresentou como componentes o número de doses de álcool consumidas em festas, o número de festas freqüentadas por mês e o hábito de beber, sendo que uma sócio-sexualidade irrestrrita está relacionada ao hábito de beber, um grande consumo de álcool em festas e grande participação de festas durante o mês. No caso feminino, o modelo de regressão foi formado pelas DSTs e o número de festas freqüentadas por mês, sendo que uma sócio-sexualidade irrestrrita está relacionada à existência de DSTs e um grande número de festas freqüentadas por mês. Esses modelos assim como os demais

resultados apresentados concordam com a hipótese alternativa derivada do modelo dos andrógenos pré-natais.

A taxa de Desconto do Futuro apresentou correlação com características da hipótese alternativa derivada do modelo dos andrógenos pré-natais de Mikach e Bailey (1999) nos resultados femininos, no entanto, nenhuma correlação foi encontrada para os homens. As mulheres apresentaram correlação direta dos valores do Fator K com o número de doses de bebidas alcoólicas consumidas em festas e a contração de DSTs. Portanto, mulheres com uma estratégia comportamental mais masculinizada eram mais descontadoras, consumiam mais álcool em festas e possuíam ou já possuíam DSTs, confirmando a hipótese alternativa.

Os resultados estão de acordo com as previsões de Daly e Wilson (2001; 2005), que prevêem uma relação direta entre alta taxa de Desconto do Futuro e um horizonte temporal curto, resultando em uma estratégia de baixo investimento parental (Trivers, 1972) e alta taxa de competição intra-sexual, o que levaria a um maior engajamento em comportamentos de risco (Darwin, 1971/2004), como o consumo de substâncias alcoólicas e a não utilização de métodos contraceptivos como a camisinha, aumentando as chances de contração de DSTs (Cook & Clark, 2005). Esses resultados também estão em concordância com os achados femininos quanto à sócio-sexualidade, o consumo de álcool e as DSTs, em que mulheres mais irrestritas, assim como as mais descontadoras, também consumiam mais álcool em festas e já contraíram DSTs.

Finalizando, a hipótese alternativa de masculinização cognitiva derivada do modelo dos andrógenos pré-natais de Mikach & Bailey (1999) recebe suporte de nosso estudo para homens e mulheres, destacando diferenças de sensibilidade entre os sexos, como seria previsto pela junção da Teoria da Seleção Sexual e Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002) e pela Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000).

5.2.2. Modelo do Ambiente de Criação

A hipótese do modelo do ambiente de criação de Belsky, Steinberg e Draper (1991) e Chisholm (1996), na qual um ambiente de criação estressante levaria ao estabelecimento de um estilo de apego inseguro e conseqüentemente estaria relacionado a uma estratégia sexual de baixo investimento parental, não foi confirmada em nosso estudo. Nos casos masculino e feminino não foram encontradas correlações positivas ou negativas entre uma sócio-sexualidade irrestrita e a existência de divórcio e/ou falecimento dos pais durante a infância, nem com a idade desses acontecimentos, nem com os estilos de apego e os fatores de composição dos estilos de apego. Somente no caso feminino foi encontrada uma correlação entre a sócio-sexualidade e a idade da primeira menarca, mas não em relação a um ambiente estressante como seria esperado (Chisholm, Quivilan, Petersen & Coall, 2005). Análises realizadas posteriormente apresentaram uma tendência ($F = 2,276$; $p = 0,051$) de diferença de média de idade da primeira menarca em relação à classificação sócio-econômica (Figura 40.), no entanto, os resultados continuam não suportando as hipóteses.

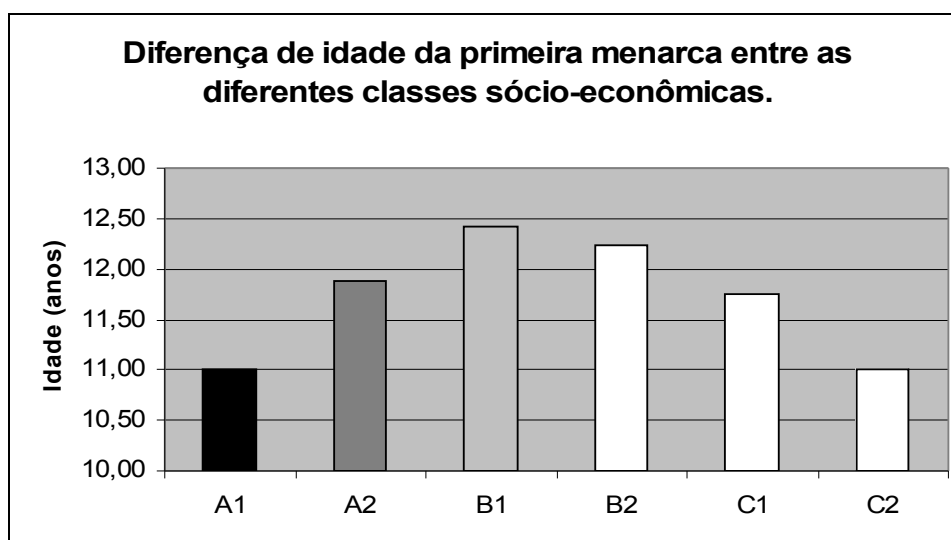


Figura 40. Gráfico de diferença de idade da primeira menarca entre as diferentes classes sócio-econômicas nas quais as participantes se encontram segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil.

A correlação feminina encontrada entre a sócio-sexualidade e a idade da menarca não se encontra de acordo o modelo do ambiente de criação, pois nossos dados indicam correlação negativa entre as duas características, estando uma sócio-sexualidade irrestrita relacionada a uma menarca tardia. Tal resultado está, no entanto, de acordo com os resultados interculturalmente encontrados por Schmitt et al. (2005). Em seu estudo as hipóteses que afirmavam uma relação entre uma sócio-sexualidade irrestrita e um ambiente de criação estressante, com altas taxas de mortalidade, baixo índice de nutrição infantil, gravidez precoce, alta taxa de fertilidade, baixa expectativa de vida e baixo índice de desenvolvimento humano, foram todas negadas. Os resultados de Schmitt *et al.* (2005) confirmaram, em 48 nações, as hipóteses previstas pela Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000), que prevê a adoção de uma estratégia sexual de longo prazo em condições ambientais desfavoráveis quanto à disponibilidade de recursos. Ao mesmo tempo, publicação anterior confirma a relação entre um ambiente de criação estressante e o desenvolvimento de estilos de apego inseguros (Schmitt *et al.*, 2004) e a relação entre uma sócio-sexualidade irrestrita e

estilos de apego inseguro, em artigo do mesmo ano (Schmitt et al. 2005), foi observada para boa parte da amostra intercultural, principalmente para o estilo evitador, mas a diversidade de correlações encontradas ainda foi grande, apesar de mostrar de maneira convincente a existência mínima de relação entre um estilo de apego seguro e uma sócio-sexualidade irrestrita.

Complementando os resultados, no caso masculino, as regressões realizadas para o estabelecimento de um modelo de previsão para a sócio-sexualidade inclui o fator proximidade do questionário de apego, com 5,9% de explicação da variabilidade da sócio-sexualidade, estando o fator relacionado positivamente com a sócio-sexualidade: homens mais irrestritos teriam menos problemas de estabelecer um contato mais próximo com potenciais parceiros. Valores elevados de proximidade estariam relacionados a valores positivos do modelo interno do outro (Bartholomew & Horowitz, 1991), estabelecendo uma maior segurança emocional quanto à proximidade durante períodos de instabilidade, tendo menos problemas no estabelecimento de contato profundo com potenciais parceiros. Uma característica como essa contraria em parte a estrutura de uma sócio-sexualidade irrestrita, pois apesar da necessidade de uma facilidade na aproximação de potenciais parceiros amorosos, devem existir outras variáveis internas (ex: baixa auto-estima), ou ecológicas (ex: diferenças nas preferências ou estilo de apego do potencial parceiro) que empecem a manutenção e a intenção de manter esse relacionamento, muitas vezes por um período inferior a uma simples noite.

Além do fator confiança, o modelo de regressão apresenta como variáveis de maior contribuição para a explicação da variabilidade da sócio-sexualidade, características como o número de doses de álcool por festa, a idade do participante, o número de festas por mês e o hábito de beber em festas. Os demais resultados de nossa pesquisa não apresentam suporte da influência de características como a auto-estima (fator confiança) e o modelo de sócio-

sexualidade, o que vem sendo encontrado nas demais pesquisas que testam o modelo de apego (Schmitt, 2005). Ao mesmo tempo, não coletamos dados relacionados aos parceiros amorosos ou potenciais parceiros de nossos participantes, como o estilo de apego ou outras características da personalidade, comumente encontrados com um grau maior de homogamia entre parceiros amorosos (Buss & Barnes, 1986; Collins & Read, 1990).

Com as demais características encontradas na regressão e o fator proximidade, pode-se deduzir que uma maior capacidade de aproximação permitiria a abordagem de potenciais parceiras amorosas, no entanto, o possível excesso no consumo de álcool poderia levar a alterações de consciência, aumento de agressividade (Laumann et al. 1994) e de outros comportamentos indesejáveis para os possíveis parceiros amorosos, como abordar outros potenciais parceiros em uma mesma festa na presença do parceiro atual, impedindo o estabelecimento de um relacionamento prolongado.

No caso feminino o modelo de regressão feminino, a idade da primeira relação sexual foi incluída, mostrando poder de explicação da variabilidade da sócio-sexualidade. Uma sócio-sexualidade irrestrita está relacionada a uma idade da primeira relação mais tardia. Esse padrão vai contra as previsões da hipótese de Belsky, Steinberg e Draper (1991) e Chisholm (1996), onde uma estratégia sexual de curto-prazo estaria diretamente relacionada a um ambiente de criação estressante, uma maturação sexual precoce (menarca) e um início precoce das atividades sexuais. No entanto, nossos resultados estão de acordo com os resultados interculturais de Schmitt et al. (2005), e a hipótese derivada da Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000), onde boas condições quanto aos recursos ambientais levariam à uma maturação sexual mais tardia e o estabelecimento de uma estratégia sexual irrestrita.

A taxa de Desconto do Futuro confirmou alguns fatos resultantes da hipótese do modelo do ambiente de criação de Belsky, Steinberg e Draper (1991) e Chisholm (1996). Homens apresentaram diferenças no Fator K quanto à existência de divórcio e o estilo de

apego, enquanto mulheres apresentaram diferença quanto à classe econômica. Nesse caso, os homens mais descontadores eram aqueles que possuíam pais divorciados e estilo de apego evitador, e as mulheres menos descontadoras eram aquelas pertencentes à classe A2. O Desconto Quartil apresentou diferenças somente para homens quanto ao auto-relato de expectativa de vida e o fator ansiedade dos estilos de apego, em que os grandes descontadores apresentavam menor expectativa de vida em relação aos medianos e os pouco descontadores eram mais ansiosos que os não-descontadores e os medianos.

Os resultados masculinos confirmam a hipótese de uma relação entre um ambiente de criação estressante com uma estratégia comportamental de baixo investimento parental (Belsky, Steinberg & Draper, 1991; Chisholm, 1996). A relação entre um estilo de apego inseguro, no caso o evitador, e uma estratégia comportamental de baixo investimento comportamental (Belsky, Steinberg & Draper, 1991), que estaria relacionada a uma maior propensão ao comportamento de risco (Trivers, 1972) também é confirmada, estando nossos resultados de acordo com os achados interculturais (Schmitt et al., 2005). A diferença na expectativa de vida não está de acordo com os resultados de Schmitt et al. (2005), mas sim com as previsões de (Daly & Wilson, 2005; Wilson & Daly, 2006), segundo a qual um ambiente com baixas perspectivas de futuro levaria ao estabelecimento de uma estratégia comportamental com horizonte temporal curto. Os valores de ansiedade quanto ao desconto encontram-se de acordo e contra o que foi previsto e encontrado por Wilson e Daly (2006), estudo realizado com jovens infratores e estudantes canadenses do ensino médio. De acordo, porque os jovens infratores apresentaram correlação entre as taxas de desconto e padrões de ansiedade e impulsividade, mas contra, porque os estudantes não apresentaram nenhuma correlação, apesar dos dois grupos não diferirem quanto à taxa de desconto. A taxa de desconto nesse caso parece estar associada a algum outro fator ecológico, como a quantidade de recursos disponíveis para cada grupo.

O resultado feminino corrobora a hipótese de um ambiente com menor disponibilidade de recurso e uma estratégia comportamental ligada a um horizonte temporal curto (Chisholm, Quivilan, Petersen & Coall, 2005). Wilson e Daly (2006) mostram a relação inversa no caso masculino entre os jovens infratores (provindos de ambientes instáveis) e os estudantes do ensino médio. Como resultado não foi encontrada diferença quanto à taxa de desconto do futuro entre os dois grupos, apesar da esperança de maior taxa de desconto entre os infratores. Tais resultados podem nos indicar que a sensibilidade masculina seja diferenciada para sinais do ambiente atual quando estudamos o desconto do futuro, o que pode ser resultado do massivo investimento na esfera do acasalamento nesse período da vida e conseqüente alta taxa de competição intra-sexual e propensão ao comportamento de risco (Geary, 2000). No entanto, devido à diferença de sensibilidade e especificidade entre os sexos, não é necessário que esperemos o mesmo no caso feminino, apesar de nossos resultados mostrarem uma sensibilidade à perspectiva de expectativa de vida no caso masculino.

Complementando os resultados do desconto do futuro, somente no caso masculino, com a geração de um modelo de previsão através de regressão linear, a única variável de nosso estudo encontrada como sendo responsável pela explicação da variabilidade das taxas de desconto do futuro (Fator K) foi o fator confiança do questionário de estilos de apego, sendo que homens mais descontadores são mais confiantes. Como mostrado acima, o estudo de Wilson & Daly (2006) nos mostra uma relação entre a taxa de desconto dos jovens infratores e valores elevados de ansiedade, no entanto nosso modelo apresenta relação com a confiança e não com a ansiedade. Nossa amostra não é composta por jovens infratores, mas sim por universitários, que vivem em ambientes com condições ecológicas razoavelmente estáveis, provindos em sua maior parte da classe média. Considerando essas características, é possível deduzir que na inexistência de pressões que levariam a um aumento da ansiedade, outros fatores ecológicos ou internos devem ser desencadeadores da mudança de tática

(variação fenotípica). Envolvendo o desconto do futuro situações ou condições que seriam consideradas de risco (Daly & Wilson, 2001; 2005), fatores internos como a confiança em si e nos outros, permitiriam o estabelecimento de um comportamento mais descontador.

A não confirmação de todos os resultados encontrados interculturalmente pode ser resultante de diferenças ecológicas e da idade de nossa amostra, universitários brasileiros de diversos cursos e provenientes de diferentes classes sociais, ao contrário de muitas amostras coletadas somente através de alunos do curso de psicologia, ou de faixas etárias diferenciadas, que enfrentam outros dilemas do seu ciclo de vida (Roff, 1992; Stearns, 1992). Ou mesmo resultante de limitações do material metodológico utilizado, já que em nosso questionário (ANEXO A) não encontra-se material específico para estabelecimento das diversas condições do ambiente de criação abordadas em outros trabalhos, além da utilização do questionário de estilo de apego derivado do estudos de Collins e Read (1990), composto por três fatores que resultam no estabelecimento de três estilos de apego (seguro, ansioso e evitador), enquanto outros estudos utilizam o questionário de Bartholomew e Horowitz (1991), com apenas 4 questões, estabelecendo dois fatores principais (modelo interno de si e do outro), que através da relação entre os valores positivos e negativos de cada modelo são estabelecidos quatro estilos de apego (seguro, preocupado, rejeitador e medroso).

5.2.3. Mecanismo cognitivo de alocação de investimento

A hipótese do modelo de previsão de um mecanismo comum de alocação de investimento reprodutivo, onde uma estratégia voltada para a alocação de investimento na esfera do acasalamento, com baixo investimento parental, levaria a uma estratégia sexual de curto prazo e conseqüentemente a um horizonte temporal curto e uma estratégia de maior desconto do futuro, recebeu pouco suporte dos resultados, somente no caso feminino. Como

dito anteriormente, o teste dessa hipótese se estenderá através dos resultados das demais hipóteses, já que segundo as previsões do modelo do órgão mental integrado, não somente as mesmas variações intersexuais, mas também as mesmas variações intra-sexuais deveriam ser encontradas para a sócio-sexualidade e o desconto do futuro.

Os resultados femininos que corroboram com nosso modelo são: a diferença de média na sócio-sexualidade das mulheres pertencentes aos quartis da divisão por frequência da taxa de desconto do futuro, onde as “descontadoras medianas” apresentaram escores mais elevados que as “não-descontadoras” e as “grandes descontadoras”; a contração de DSTs estar relacionada a uma sócio-sexualidade irrestrita e uma estratégia mais descontadora do futuro; e um maior consumo de doses de álcool em festas correlacionado a uma sócio-sexualidade irrestrita e uma estratégia mais descontadora do futuro. Nenhum resultado masculino apóia esse modelo.

As diferenças encontradas entre os quartis e a sócio-sexualidade suportam nossa hipótese de mecanismo cognitivo integrado, pois encontramos uma maior irrestrição entre as “descontadoras medianas” em relação às “não-descontadoras”. De acordo com Daly & Wilson (2001; 2005) a diferença entre os sexos quanto ao desconto do futuro seria resultado da assimetria de investimento parental encontrada entre os sexos (Trivers, 1972) e conseqüentemente maior taxa de competição intra-sexual em homens. Através do modelo integrado da seleção sexual e teoria evolucionista dos ciclos de vida proposto por Geary (2002), as diferenças entre os sexos devido à assimetria de alocação de investimento na esfera parental ou de acasalamento seriam encontradas da mesma maneira nas variações intra-sexuais. Dessa maneira, mulheres mais irrestritas também apresentariam maior taxa de desconto do futuro, com uma maior alocação de investimento na esfera do acasalamento, e um perfil mais “masculino”. A relação entre as “descontadoras medianas” e as “grande descontadoras” merece maior entendimento.

Estudos recentes vêm discutindo a possibilidade de existência de maior variabilidade dentro da estratégia sexual feminina, ao invés de uma simples divisão entre propensão a relacionamento de curta ou longa duração (Allen & Bailey, 2007; Clark, 2006; Gangestad & Simpson, 2000; Jackson & Kirkpatrick, 2007; Webster & Bryan, 2007), além de diferenças de sensibilidade entre homens e mulheres (Clark, 2006; Gangestad & Simpson, 2000), o que se encontra de acordo com o modelo integrado da seleção sexual e teoria evolucionista dos ciclos de vida (Geary, 2002). Diferenças de sensibilidade e conseqüentemente uma maior gama de estratégias sexuais poderiam explicar a variação encontrada em nossos resultados. Em nosso estudo, os demais resultados não permitem a identificação de fatores ecológicos ou algum traço de personalidade que estivessem relacionados a essa variação, impossibilitando uma discussão aprofundada sobre a relação encontrada. No entanto, é possível argumentar que nossa amostra de mulheres “grandes descontadoras” ($n = 21$) possua uma heterogeneidade elevada, ou mesmo características específicas resultantes do tamanho da amostra, levando a tais resultados.

Resultados das hipóteses das diferenças intra-sexuais corroboram com a hipótese de um mecanismo cognitivo integrado. Os resultados foram encontrados no teste da hipótese alternativa de masculinização cognitiva derivada do modelo dos andrógenos pré-natais de Mikach & Bailey (1999), confirmando a hipótese alternativa. Nos resultados femininos encontramos a mesma relação entre sócio-sexualidade e taxa de desconto do futuro (Fator K) com a contração de DSTs e um maior consumo de doses de álcool em festas. As correlações indicam uma relação entre uma sócio-sexualidade irrestrita e uma estratégia mais descontadora do futuro com a existência de DSTs e um maior consumo de álcool. A confirmação da hipótese alternativa encontra-se de acordo com a hipótese de mecanismo integrado, onde comportamentos mais masculinizados estariam relacionados a uma sócio-

sexualidade irrestrita independente do sexo e conseqüentemente relacionados a uma estratégia mais descontadora do futuro.

A consideração de uma estratégia “masculina” ou “feminina” como sendo respectivamente estratégias de “baixo” e “alto” investimento parental, é prevista pela Teoria do Desconto do Futuro e a Teoria do Pluralismo Estratégico, segundo as quais a assimetria na alocação de investimento parental seria responsável pela diferença entre os sexos e conseqüentemente pelas sensibilidades diferenciadas (Trivers, 1972). Aliando essa noção à Teoria da Seleção Sexual e o dilema reprodutivo da Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002), dilema que os participantes do presente estudo estão enfrentando com maior intensidade nessa fase de suas vidas, em que uma estratégia de baixo investimento parental, ou seja, alocação mais elevada de esforços na esfera do acasalamento e menor na esfera parental levaria a uma maior taxa de participação em competição intra-sexual e busca por maior número de parceiros, resultando em uma estratégia sexual de curto prazo e um horizonte temporal mais curto. Ao mesmo tempo, uma estratégia de alto investimento parental, ou seja, alocação de esforços mais elevada na esfera parental menor na esfera do acasalamento, levaria a uma menor busca por parceiros amorosos, maior investimento no cuidado dos filhos e na manutenção do parceiro, resultando em uma estratégia sexual de longo prazo e um horizonte temporal mais longo.

Como já discutido anteriormente, o consumo de álcool estaria relacionado à propensão aos comportamentos de risco, resultante de taxa mais elevada de competição intra-sexual (Darwin, 1971/2004). Propensão essa, que também se encontra relacionada à não utilização de métodos contraceptivos como a camisinha, aumentando as chances de contração de DSTs (Cook & Clark, 2005; Laumann et al., 1994; Lucke, 1998).

Finalizando, a hipótese de um modelo integrado de alocação de investimento parental responsável pelos ajustes e sensibilidades da estratégia sexual e da estratégia de desconto do

futuro recebe suporte de nosso estudo nos resultados femininos. No entanto, não foram encontradas correlações nos resultados masculinos, podendo ser resultado de diferenças de sensibilidade entre os sexos. Mesmo nos resultados femininos o suporte não foi encontrado de maneira integral, a maioria dos resultados encontrados para a sócio-sexualidade não foi confirmada para o desconto do futuro. Apesar, do número reduzido de resultados positivos à confirmação da hipótese, os resultados encontrados suportam as previsões da Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000), da Teoria do Desconto do Futuro (Daly & Wilson, 2001, 2005) e da visão integrada entre Teoria da Seleção Sexual e Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002). Dando continuidade à análise do modelo integrado realizaremos a análise dos resultados obtidos entre os componentes do IOSS e as demais variáveis.

5.2.4. Componentes Táticos e Estratégicos

A estrutura unidimensional e bipolar do IOSS vem sendo criticada há algum tempo (Micach & Bailey, 1999), mais recentemente essas críticas aumentaram (Asendorpf & Penke, 2005; Voracek, 2005) e passaram a receber suporte, com o desenvolvimento de pesquisas que analisaram a sua estrutura (Allen & Bailey, 2007; Jackson & Kirkpatrick, 2007; Webster & Bryan, 2007). A proposta original (Micach Bailey, 1999) apresenta o IOSS como uma estrutura bidimensional, composta por um agregado de atitudes (atitudes ou preferências em favor do sexo casual) e comportamentos (número de parceiros sexuais) sócio-sexuais. A divisão nesses dois componentes apresenta superioridade na capacidade de investigação das diferenças entre os sexos e intra-sexuais (Schmitt et al., 2005; Webster & Bryan, 2007). Realizamos nossas análises com a divisão proposta acima e com a divisão do IOSS em componentes Tático e Estratégico, divisão proposta e utilizada anteriormente por Ferreira

(2007) e Varella (2007), que aborda respectivamente: as preferências e propensões e idealizações; e comportamentos e atitudes reais. As medidas de atitude e estratégia, tática e comportamento, apresentam estruturas muito próximas, podendo ser realizada uma análise conjunta.

A compartimentalização do IOSS nos permite acessar níveis diferenciados de causação, responsáveis pela geração das diferenças intra-sexuais. Utilizando a lógica de dilemas evolutivos de alocação de esforços (Geary, 2002), com a noção de mecanismo integrado de alocação de investimento parental, podemos diferenciar o efeito do ambiente de criação e contextual imediato. As estratégias estão condicionadas ao ambiente ontogenético, seja esse intra-uterino ou referente ao período de desenvolvimento que engloba o período que começa na infância e vai até o fim da puberdade e começo da idade adulta, possuindo mecanismos relacionados a períodos sensíveis e ajustando-se a condições ambientais relevantes existentes por período prolongado, através da geração de respostas adaptativas, com o estabelecimento de estratégias condicionais (Bjorklund & Pellegrini, 2000). As táticas estão condicionadas a indicadores ambientais contextuais relevantes, resultando em respostas comportamentais imediatas em todos os períodos da vida de um indivíduo (Crawford & Krebs, 1996; Gangestad & Simpson, 2000). Prevemos uma maior interação entre o componente estratégico e variáveis ontogenéticas, como apego e contexto de criação, e do componente tático com variáveis contextuais, como o número de festas e doses de álcool consumidas.

Para homens o componente tático apresentou influência da idade dos participantes, da idade do divórcio e falecimento, do número de relacionamentos, das DSTs, do número de festas, do hábito de consumir de bebidas em festas, do número de doses de álcool, da expectativa de vida e do fator confiança. Os comportamentos apresentaram influência do número de relacionamentos, das DSTs, do número de festas, do consumo de bebidas e do

número de doses de álcool. O componente estratégico apresentou influência do número de festas, do hábito de fumar em festas e do número de doses de álcool consumidas. As atitudes foram influenciadas pelo hábito de participar de festas, o número de festas, o hábito de fumar diariamente e em festas, o hábito de beber em festas, o número de doses de álcool e a expectativa de vida.

De acordo com o esperado, os homens taticamente e comportamentalmente irrestritos mostraram correlações positivas com comportamentos reais, possuindo a experiência de maior número de relacionamento amorosos de longa duração, já tendo possuído DSTs, participando mais de festas, consumindo mais doses de álcool, concordando com o modelo alternativo de masculinização cognitiva e as previsões de diferença intra-sexual da integração da Teoria da Seleção Sexual e Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002). Além de mostrar sensibilidade para a ativação contextual devido a condições ambientais como a noção de expectativa de vida (Gangestad & Simpson, 2000), onde uma estratégia sexual mais irrestrita está relacionada a uma expectativa de vida menor, indo contra a previsão da Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000) e os achados de Schmitt et al. (2005), mas estando de acordo com as previsões e resultados de Chisholm (1996) e Chisholm, Quivilan, Petersen e Coall (2005). Os irrestritos, também eram mais velhos, mostrando maior experiência sexual devido ao tempo vivido, e apresentavam níveis inferiores do fator confiança, concordando com o modelo de Belsky, Steinberg & Draper (1991) onde a falta de confiança em si e nos outros levaria à formação de relacionamentos instáveis, os quais não sustentariam períodos de instabilidade, estando conseqüentemente relacionado a uma estratégia sexual de curto prazo.

Diferente do esperado, somente os componentes táticos apresentaram correlação com as idades de divórcio e falecimento dos pais durante a infância, o que seria esperado que acontecesse com o componente estratégico e as atitudes, por se tratarem de condições

relevantes do contexto ontogenético e não contextual imediato. Apesar da discrepância encontrada, o resultado está de acordo com a previsão da Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000) e os achados de Schmitt et al. (2005), onde uma estratégia sexual restrita estava relacionada a um ambiente de criação estressante, no nosso caso, com o falecimento ou divórcio dos pais em idades mais prematuras relacionados a uma tática mais restrita.

Os homens com estratégia e atitudes mais irrestritas apresentaram correlações com propensões, atitudes e comportamentos reais, sendo mais propensos a participar de festas, freqüentando um maior número de festas freqüentadas, sendo mais propensos ao hábito de fumar diariamente e em festas e consumindo mais doses de álcool em festas, concordando com o modelo alternativo de masculinização cognitiva e as previsões da integração da Teoria da Seleção Sexual e Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002). As atitudes irrestritas ainda mostraram correlação com uma baixa expectativa de vida, assim como encontrado com as táticas, concordando com as previsões e resultados de Chisholm (1996) e Chisholm, Quivilan, Petersen e Coall (2005). É importante prestar atenção na relação entre estratégia e atitudes com as propensões mais masculinizadas, mas mais importante ainda é a observação e confirmação da relação entre as propensões e os comportamentos realizados através de táticas alternativas, o que mostra, como esperado, uma confirmação da vinculação entre as estratégias e táticas sexuais (Gangestad & Simpson, 2000) e ao mesmo tempo suas diferenças de sensibilidade (Allen & Bailey, 2007; Jackson & Kirkpatrick, 2007; Webster & Bryan, 2007).

Para as mulheres o componente tático apresentou influência da idade dos participantes, do número de relacionamentos, da idade da primeira relação sexual, das DSTs, do número de festas, do hábito de fumar diariamente e em festas, do número de cigarros consumidos diariamente, do número de doses de álcool e a idade da primeira menarca. Os

comportamentos apresentaram influência do número de relacionamentos, das DSTs, do número de festas, do hábito de fumar diariamente e em festas, do número de cigarros consumidos diariamente, do consumo de bebidas e do número de doses de álcool e a idade da primeira menarca. O componente estratégico apresentou influência de estar apaixonado, número de festas, do hábito de fumar diariamente e do número de cigarros consumidos em festas. As atitudes foram influenciadas somente pelas DSTs.

De acordo com o esperado, as mulheres taticamente e comportamentalmente irrestritas mostraram correlações positivas com comportamentos reais, possuindo a experiência de maior número de relacionamentos amorosos de longa duração, já tendo possuído DSTs, participando mais de festas, fumando mais em festas e consumindo mais doses de álcool, concordando, com o modelo alternativo de masculinização cognitiva e as previsões de diferença intra-sexual da integração da Teoria da Seleção Sexual e Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002). Diferente do esperado, somente as táticas e os comportamentos apresentaram correlação com a idade da primeira relação e a idade da primeira menarca, o que seria esperado que acontecesse com o componente estratégico e as atitudes, por se tratarem de condições relevante do contexto ontogenético e não contextual imediato. As mulheres taticamente mais irrestritas amadureceram sexualmente mais tarde e tiveram a primeira relação sexual também mais tarde mostrando sensibilidade para a ativação contextual devido a condições ambientais, concordando com a previsão da Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000) e os achados de Schmitt et al. (2005), onde condições ambientais favoráveis levariam a uma menarca e início da atividade sexual de forma mais tardia, ancorados a uma estratégia sexual de curto prazo. Os irrestritos, também eram mais velhos, mostrando maior experiência sexual devido ao tempo vivido.

A estratégia e as atitudes não apresentaram concordância, mulheres com atitudes mais irrestritas apresentaram somente uma correlação com a existência de DSTs, estando de

acordo com o modelo alternativo de masculinização e a maior taxa de comportamento de risco. Os componentes estratégicos também dão suporte ao modelo alternativo, em que mulheres mais irrestritas vão mais em festas, possuem o hábito de fumar diariamente e fumam mais em festas, resultados que também concordam com as previsões de diferença intra-sexual da integração da Teoria da Seleção Sexual e Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002). Um destaque importante do resultado das estratégias foi a diferença entre as mulheres que estavam ou não apaixonadas, as apaixonadas eram menos irrestritas, esse resultado nos mostra o potencial da ativação contextual na calibração dos mecanismos cognitivos de alocação de investimento parental. O estado de estar apaixonado leva à designação de maior investimento na esfera parental, para a manutenção do parceiro alvo, diminuindo a alocação na esfera do acasalamento, o que leva a uma mudança na estratégia sexual, no sentido dos relacionamentos de longa duração.

Apesar da importância da compartimentalização do IOSS, principalmente na confirmação da hipótese alternativa de masculinização cognitiva e do modelo de integração da Teoria da Seleção Sexual e Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002). Os resultados aqui encontrados não dão suporte à hipótese de mecanismo cognitivo integrado. Na tentativa de ampliar as análises e adquirir uma amostra diferenciada realizamos um segundo estudo, apresentado em seguida. A discussão geral dos resultados conjuntos dos dois estudos será apresentada no final dessa dissertação.

6. ESTUDO 2

O segundo estudo realizado deu continuidade ao teste da hipótese de um modelo integrado de alocação de investimento reprodutivo responsável pelas estratégias sexuais e a estratégia de desconto do futuro, além de estudar a influência da música na ativação

contextual do desconto do futuro, e a relação da musicalidade humana com a alocação diferencial de investimento parental. O teste foi realizado através da comparação de resultados encontrados entre os escores de sócio-sexualidade e desconto do futuro, o pareamento dos resultados encontrados em relação à musicalidade, além da relação das duas estratégias com os demais fatores demográficos.

A seguir apresentaremos uma breve introdução, com a definição do conceito de indicador de aptidão, destacando sua importância na seleção de parceiros, a possibilidade de interpretação das adaptações mentais humanas (ex: capacidade musical) como indicadores de aptidão, assim como a perspectiva de ativação contextual por sinais ecológicos evolutivamente relevantes, como sinais reprodutivos (ex: indicadores de aptidão).

6.1 Introdução

Aparentemente valores altos de aptidão poderiam desencorajar potenciais rivais do mesmo sexo e atrair parceiros sexuais. Isso acontece, porque a preferência por potenciais parceiros evoluiu de forma geral para o favorecimento de indicadores de aptidão, o que poderia resultar em uma prole com genes de herdabilidade superior à média da população, o que poderia ser manifesto através de uma aptidão mais elevada que a média (Gangestad & Scheyd, 2005; Miller, 2000). Entretanto, se todos os organismos de uma população pudessem produzir a aparência de aptidão elevada através do uso de um indicador particular, em pouco tempo os indicadores perderiam sua capacidade de chamar a atenção de parceiros, perdendo sua importância no mercado de seleção de parceiros (Miller, 1998). Portanto, os indicadores devem sempre ser confiáveis para servirem efetivamente como sinais de aptidão.

Existem basicamente duas formas de tornar um indicador de aptidão confiável. Eles podem evoluir como *handicaps* estratégicos ou *handicaps* reveladores. Os *handicaps*

estratégicos são indicadores que possuem custo relativo maior para um indivíduo de aptidão inferior ou baixa do que para um indivíduo de aptidão elevada ou alta. A função social do consumismo moderno pode servir de exemplo para essa categoria por indicar de maneira confiável a riqueza daqueles que o fazem. Um homem pobre não pode manter uma Ferrari, mas um homem rico sim, o que legitima a sua posição de dono de uma Ferrari, indicando de maneira confiável sua riqueza. A idéia de *handicap* estratégico depende da noção de que a aptidão poder ser manipulada como o dinheiro, permitindo a alocação do mesmo de um traço para outro. Essa alocação pode acontecer através da história de vida do indivíduo (através da transferência de nutrientes e energia de uma estrutura para outra), ou através do tempo evolutivo, através de modificações de herdabilidade no crescimento corporal e na manutenção de prioridades (Miller, 2000).

Handicaps reveladores funcionam de maneira diferenciada. Eles não podem ser falseados por alguma correlação biológica fundamental entre os componentes da aptidão e os elementos do sinal. Por exemplo, a habilidade de ganhar uma medalha de ouro Olímpica na corrida de 100m rasos é um confiável indicador de aptidão física. Até o momento, não existe nenhuma maneira de um ser humano com capacidade mental elevada, mas capacidade física baixa ou moderada (como Chico Buarque) possa transferir um excesso de energia mental ou de dinheiro para energia física, de forma a vencer essa competição. Nem pode somente uma pessoa comprar uma medalha de ouro Olímpica e dizer que foi vencedora, porque muitos expectadores assistem às Olimpíadas. *Handicaps* reveladores são confiáveis porque a aptidão não é completamente modificável e transferível ao longo da história de vida, e porque algumas restrições biológicas são resistentes à mudanças ao longo do tempo evolutivo (Miller, 2000).

Ao mesmo tempo, mecanismos perceptuais são necessários para a discriminação dos indicadores de aptidão. Seria sem propósito a existência de sinais se os receptores não fossem

capazes de perceber a sua existência. Normalmente os sinais mais eficientes são aqueles que podem ser captados a longa distância, sejam eles visuais, olfativos ou auditivos. Sinais eficientes para a sinalização de aptidão devem possuir uma constante variabilidade, com elementos que possam facilmente discriminá-los, como cores intensas, sons altos e concentrações de feromônio. Esses indicadores devem variar na população, para que seja possível a diferenciação das informações da aptidão (Miller, 2000).

Segundo Miller (1998; 2001) comportamentos e fenômenos psicológicos humanos que são cultural, social, sexual, econômica e emocionalmente importantes participariam dos critérios de adaptações psicológicas e funcionariam como indicadores de aptidão. Dentre os fenômenos comportamentos estão a arte, a música, o humor, os esportes e a criatividade. O destaque sobre essas características se dá porque existem pessoas que são muito melhores nessas coisas do que outras pessoas. A variabilidade das características na população, a necessidade de capacidades específicas, a dificuldade de execução, o custo energético e a diferença de frequência entre homens e mulheres na execução dessas atividades dão suporte à definição de tais características como indicadores de aptidão selecionados por processo de seleção sexual (Miller, 1998; 2001), pois não aumentariam a probabilidade de sobrevivência de um indivíduo, mas sim a sua probabilidade de reprodução (Darwin, 1971/2003).

Segundo uma abordagem evolucionista cognitiva características mentais humanas podem estar ligadas a processos de seleção sexual e investimento parental diferencial (Miller, 1999, 2001; Trivers, 1972) e seus sinais contextuais evolutivamente relevantes podem servir para a ativação de metas (ex: meta de atração de um parceiro) (Schmitt, Couden & Baker, 2001). Esses facilitadores de comportamento estão historicamente associados com o sucesso na realização de tal meta (Maner et al., 2005; Wilson & Daly, 2004).

Mecanismos mentais que evoluíram para a resolução de mecanismos adaptativos específicos são com frequência altamente sensíveis a sinais ecológicos que indiquem um

particular problema adaptativo ou oportunidade, como um potencial trapaceiro ou oportunidade reprodutiva (Ermer; Cosmides & Tooby, 2007; Todd & Gigerenzer, 2000; Goldstien & Gigerenzer, 2002). Pesquisas como o estudo realizado por Griskevicius, Cialini e Kenrick, (2006) sobre a capacidade criativa mostram que vários sinais podem automaticamente ativar certas metas e que tais estados podem influenciar a percepção e o comportamento sem necessariamente se tornarem conscientes, gerando táticas comportamentais alternativas (plasticidade fenotípica).

No presente estudo, usaremos a música como sinal de ativação contextual, de acordo com a hipótese de Miller (1998; 2001) de que a capacidade musical teria evoluído como resultado de um processo de Seleção Sexual. Em nosso estudo a música foi utilizada como sinal relacionado ao contexto reprodutivo, podendo ativar metas reprodutivas e suas efetivas respostas, assim como disparar mecanismos cognitivos relacionados à reprodução (Griskevicius, Cialini e Kenrick, 2006).

Escolhemos o mecanismo de Desconto do Futuro como alvo das influências da música como sinalizadora e ativadora de metas reprodutivas. Se as exibições de desconto do futuro foram selecionadas em parte por seus benefícios no contexto de corte, sinais desenhados para a ativação motivacional reprodutiva também poderiam disparar as exibições de Desconto do Futuro. Nossa pesquisa recebe suporte do estudo de Wilson e Daly (2004), que utilizou fotos de pessoas e de carros como sinais reprodutivos para a ativação do mecanismo cognitivo de desconto do futuro, obtendo sucesso no caso masculino com a exibição de fotos de mulheres atraentes.

Esse estudo complementar foi realizado em cooperação com Marco Antônio Corrêa Varella doutorando do mesmo laboratório (Laboratório de Etologia e Psicologia Comparativa) durante a monitoria de alunos do segundo ano do curso de psicologia da Universidade de São Paulo (Cecília Cesário Lérco, Débora Pukaro, Fábio Nakanatu, Heloisa Alves de André, Iara

Mouradian Pedó, Lílian Andrade, Lúcia Kaori Masumoto, Luiz Tadeu Gabriel Filho, Mariana Sica, Roberto Propheta Marques, Suellen Dantas e Tatiana do Valle) que cursavam a disciplina “Motivação e Emoção” durante 2º semestre do ano de 2008.

6.2 Objetivo

O objetivo do Estudo 2 é dar continuidade ao teste da hipótese de mecanismo integrado de alocação de investimento reprodutivo responsável pelas estratégias sexuais e a estratégia de desconto do futuro, além de promover o teste da hipótese da música como indicador de aptidão, através do seu potencial de sinalização na ativadora contextual sexual (Miller, 1998; 2000; 2001).

7. MATERIAL E MÉTODOS

7.1. Participantes

Participaram voluntariamente da pesquisa 231 (idade média = 20,69) estudantes universitários da Universidade de São Paulo, campus “Armando de Salles Oliveira”, São Paulo – SP, 128 mulheres com idades de 18 a 29 anos (média = 20,67; desvio padrão = 2,24) e 103 homens com idades de 18 a 28 anos (média = 20,72; desvio padrão = 2,00). A amostra selecionada foi a estudantes que se encontravam cursando ao menos o terceiro ano do ensino superior, distribuídos nas áreas de Humanas, Exatas e Biológicas, nos cursos de Administração, Economia, Psicologia e Medicina Veterinária. Tal escolha permite que a amostra seja mais heterogênea, e provavelmente com indivíduos com maior experiência em relacionamentos amorosos.

7.2 Material

O material metodológico (ANEXO D) consistiu de um conjunto de três questionários (Inventário de Orientação Sócio-Sexual, Questionário de Desconto do Futuro e Questionário de auto-avaliação de ânimo), além de um cabeçalho contendo a indicação para o fornecimento de dados como: (a) identificação geral: curso, idade, sexo; (b) musicalidade: experiência com a arte da música, a frequência com que cantam e tocam e o quanto apreciam; (c) situação amorosa: envolvimento em namoro, estar apaixonado e quanto está apaixonado; (d) ciclo menstrual: uso de contraceptivo oral, ciclo menstrual regular, data da última menstruação e regularidade do ciclo.

O material metodológico não é identificado. O cabeçalho, bem como os quatro questionários, foram reunidos em um único material metodológico; um teste piloto foi efetuado com o questionário, visando o aprimoramento do material metodológico e do procedimento. Foi passado também um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO E).

7.2.1. Inventário de Orientação Sócio-sexual

O Inventário de Orientação Sócio-sexual já foi apresentado no primeiro estudo.

7.2.2. Questionário de Desconto do Futuro

O Questionário de Desconto do Futuro já foi apresentado no primeiro estudo. A segunda repetição do Questionário de Desconto do Futuro possui a mesma estrutura,

somente com a modificação dos valores atribuídos às escolhas monetárias e ao tempo de espera.

7.2.3. Questionário de auto-avaliação de ânimo (PANAS)

O questionário de auto-avaliação de estado de ânimo é composto por vinte itens representados por diferentes adjetivos referentes a emoções e sentimentos (ex: excitado, hostil e triste). Os participantes devem atribuir notas a cada um dos vinte adjetivos, que variam de 1 “muito pouco ou nada” a 5 “extremamente”. O cálculo final do instrumento é realizado através soma dos adjetivos que possuem características negativas e em separado a soma dos adjetivos com características positivas, obtendo como resultado final dois fatores, sendo um de estado de ânimo negativo e outro positivo (Clark, Tellegen & Watson, 1988). Esse procedimento foi aplicado para as duas repetições do questionário em nosso experimento, para que pudéssemos analisar uma possível variação de estado ânimo causada pela influência das músicas.

7.3. Procedimento

A aplicação do instrumento foi feita em local apropriado, com os devidos cuidados para a realização do questionário em privacidade; as respostas foram dadas individualmente, sendo a aplicação realizada na própria sala de aula, em grupo, seguido do devido consentimento dos alunos e professores.

Os participantes foram divididos em dois grupos experimentais. O primeiro grupo, formado por 124 participantes, escutou a uma música alegre (“Fugace” de Claude Bolling e Jean-Pierre Rampal do álbum “Suíte for Flute and Jazz Piano Trio”, com duração de 3:54min)

e o segundo grupo, formado por 107 participantes, escutou a uma música triste (“Adágio” de Tomaso Albinoni presente no álbum “The Lonely Shepherd”, interpretada por Gheorghe Zamfir, com duração de 4:34min).

Na aplicação, o primeiro passo consistiu na explicação, por parte do pesquisador, sobre a pesquisa e o como aconteceria o experimento, além da entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual contém a identificação dos sujeitos na forma de abaixo assinado, bem como suas assinaturas, não estando essas vinculadas aos questionários, garantindo o sigilo e transparência do procedimento. Em seguida, com a concordância do participante, era entregue o material metodológico e pedido que todos respondessem de maneira mais sincera e espontânea possível.

O experimento foi realizado em três etapas para os dois grupos, compostas por: (a) uma bateria inicial de nove escolhas, de onde foram computados os primeiros parâmetros de desconto do futuro, e uma bateria inicial de testes de estado de ânimo; (b) ouvir a uma música, que poderia ser triste ou alegre (classificação determinada por pré-teste); e (c) segunda bateria de escolhas monetárias, acompanhada de mais uma bateria de testes de estado de ânimo, o Inventário de Orientação Sócio-sexual e questões de auto-relato sobre a situação amorosa atual e o envolvimento com o universo musical.

7.4 Análise

A tabulação dos dados e o cálculo dos questionários foi realizada no programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences) de análises estatísticas. O cálculo dos questionários foi realizado de acordo com a literatura, como foi apresentado nos materiais. Em alguns dos questionários foram realizadas análises extra, seguindo orientações encontradas nas publicações de validação de tais materiais.

Foram realizadas análises descritivas para todas as variáveis, acompanhadas de testes para averiguação de diferença entre homens e mulheres, como Análise de Variância (ANOVA), teste de diferença de média para variáveis que apresentam homogeneidade de variância (paramétricas), Teste Mann-Whitney e Kruskal-Wallis para variáveis não-paramétricas, e Análise de Correspondência (ANACOR) para a análise de associação entre a variável “sexo” e as demais variáveis não-métricas.

No teste das hipóteses do presente trabalho foram usadas para relacionar variáveis métricas, as Correlações de Spearman, para a interação entre variáveis métricas e não-métricas, testes de média uni (ANOVA), para associação entre variáveis não métricas ANACOR e para averiguar a influência da música na ativação cognitiva e conseqüente alteração de parâmetros dos respondentes foi realizado um GLM (General Linear Model) de medidas repetidas.

8. RESULTADOS

8.1. Análise Descritiva Geral e Comparações Intersexuais

(a) Identificação Geral – Analisamos 231 universitários brasileiros, amostrando 103 homens e 128 mulheres, de diferentes cursos de graduação. A média de idade foi de 20,69 anos (de 18 a 29 anos, desvio padrão = 2,14). Não foi encontrada diferença ($F(231) = 0,034$; $p = 0,854$) entre homens ($n = 93$; média = 20,72; desvio padrão = 2,00) e mulheres ($n = 126$; média = 20,67; desvio padrão = 2,24) quanto à média de idade. O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

Foram coletados dados de alunos de diversos cursos, dos 232 respondentes: 44,2% estavam cursando Medicina Veterinária, 29,0% cursando Administração, 22,9% cursando

Psicologia, 3,0% cursando Economia e 0,9% provenientes de outros cursos. Foi encontrada associação ($\chi^2(4) = 13,935$; $p = 0,008$) entre o sexo dos participantes e o curso, sendo que o sexo feminino estava mais associado aos cursos de psicologia e medicina veterinária e o sexo masculino ao curso de administração e economia (Figura 41.).

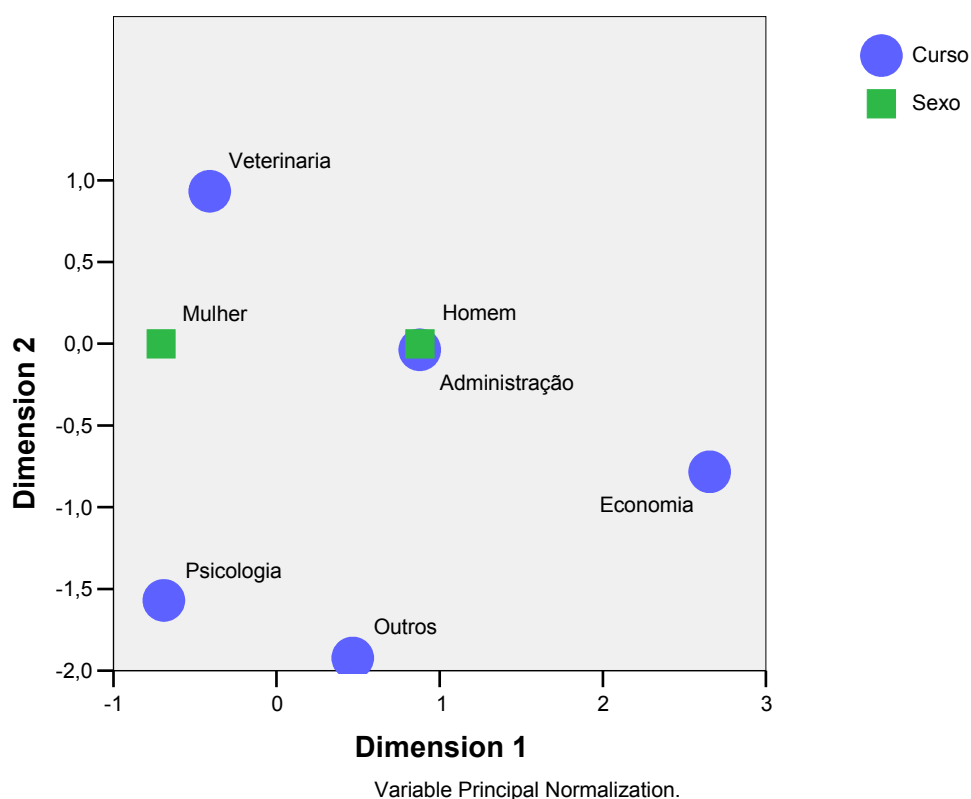


Figura 41. Mapa Perceptual de associação entre o sexo dos participantes e o curso ao qual pertencem.

(b) Musicalidade: Foi perguntado aos participantes o quanto possuíam de experiência musical em uma escala de 0 a 10, dos 229 respondentes a média foi 3,71 (de 0 a 10; desvio padrão = 3,10). Não foi encontrada diferença ($F(229) = 0,742$; $p = 0,390$) entre homens ($n = 103$; média = 3,90; desvio padrão = 3,22) e mulheres ($n = 126$; média = 3,55; desvio padrão = 3,01) quanto à média da experiência musical. O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou

que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

Foi perguntado com que frequência os participantes costumavam cantar em uma escala de 0 a 10, dos 229 respondentes a média foi de 6,57 (de 0 a 10; desvio padrão = 2,82). Foi encontrada diferença ($U = 5421,000$; $z = -2,158$; $p = 0,031$) entre homens ($n = 103$; média = 6,07; desvio padrão = 3,05) e mulheres ($n = 126$; média = 6,98; desvio padrão = 2,56) quanto à média da frequência com que cantam, onde as mulheres afirmam cantar com mais frequência (Figura 42.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

Foi perguntado com que frequência os participantes costumavam tocar instrumentos musicais em uma escala de 0 a 10, dos 229 respondentes a média foi de 4,53 (de 0 a 10; desvio padrão = 3,58). Foi encontrada diferença ($U = 5280,500$; $z = -2,440$; $p = 0,015$) entre homens ($n = 103$; média = 5,17; desvio padrão = 3,72) e mulheres ($n = 126$; média = 4,00; desvio padrão = 3,38) quanto à média da frequência com que tocam, onde os homens afirmam tocar com mais frequência (Figura 42.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

Foi perguntado os participantes quanto apreciavam escutar música em uma escala de 0 a 10, dos 229 respondentes a média foi de 8,82 (de 0 a 10; desvio padrão = 1,60). Foi encontrada diferença ($U = 5148,500$; $z = -2,764$; $p = 0,006$) entre homens ($n = 103$; média = 8,45; desvio padrão = 1,93) e mulheres ($n = 125$; média = 9,14; desvio padrão = 1,18) quanto à média da apreciação musical, onde as mulheres afirmam apreciar mais (Figura 42.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

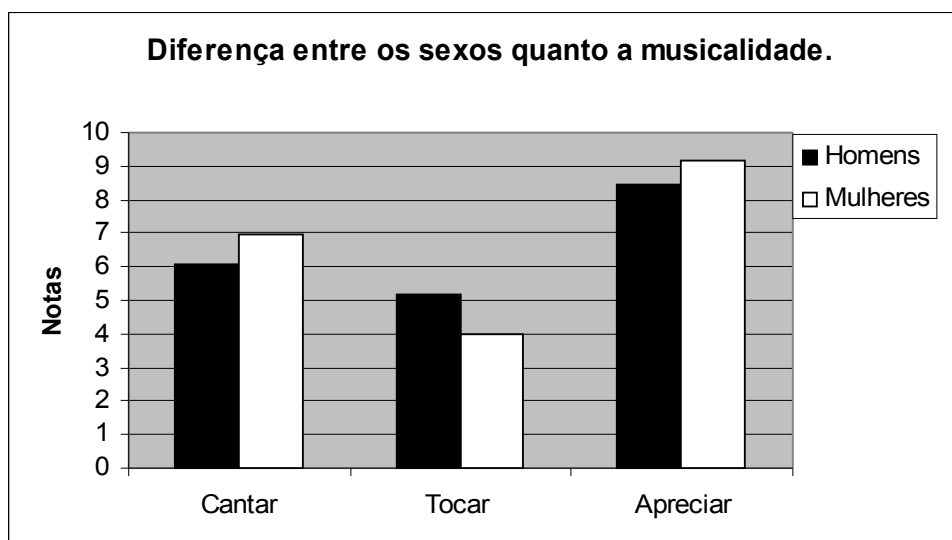


Figura 42. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto a características da musicalidade dos participantes, como a frequência com a qual cantam ou tocam e o quanto apreciam música.

(c) **Situação Amorosa:** Foi perguntado aos participantes se estavam envolvidos em relacionamento amoroso de longa duração, dos 228 respondentes: 42,1% afirmaram estarem envolvidos em relacionamentos duradouros e 57,9% afirmaram não estarem envolvidos em relacionamentos duradouros. Foi encontrada diferença na associação entre os sexos e a participação em relacionamento de longo prazo ($\chi^2(1) = 7,810$; $p = 0,005$), onde as mulheres estão mais associadas à participação em relacionamento e os homens à não participação (Figura 43.).

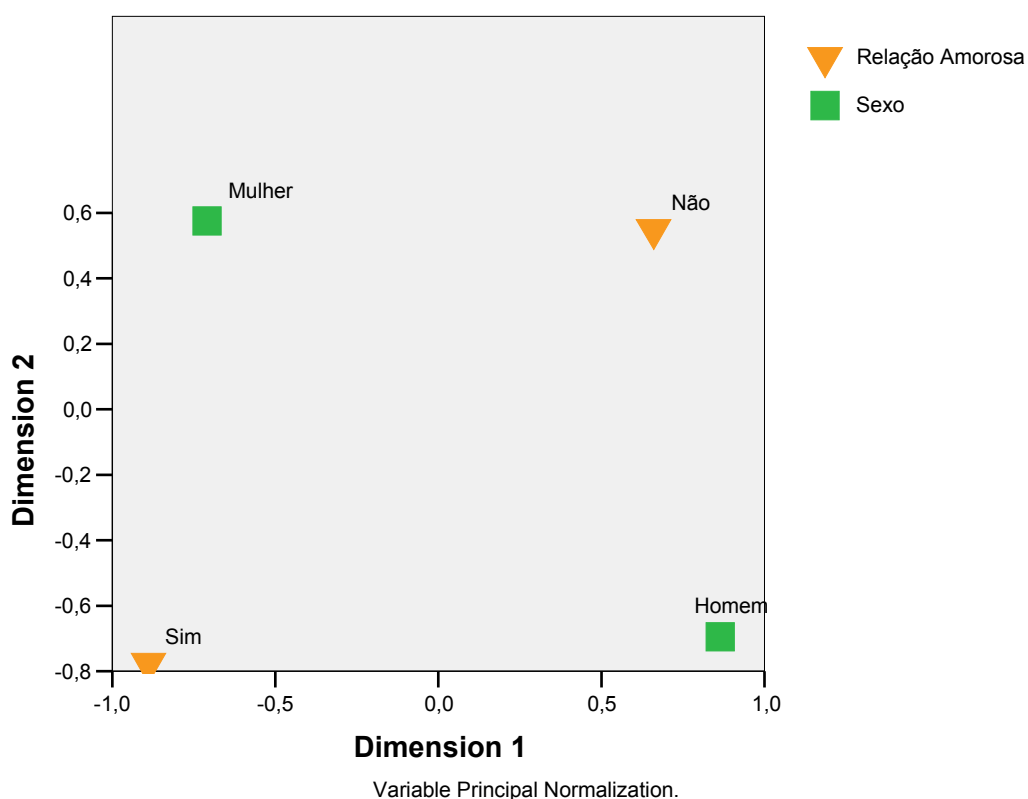


Figura 43. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e a participação em relacionamento amoroso de longa duração.

Foi perguntado aos participantes encontravam-se apaixonados, dos 226 respondentes: 65,0% afirmaram estarem apaixonados e 35,0% afirmaram não estarem apaixonados. Foi encontrada diferença na associação entre os sexos e possuir o sentimento de paixão ($\chi^2(1) = 4,240$; $p = 0,039$), onde as mulheres estão mais associadas à estar apaixonado e os homens à não estar apaixonado (Figura 44.).

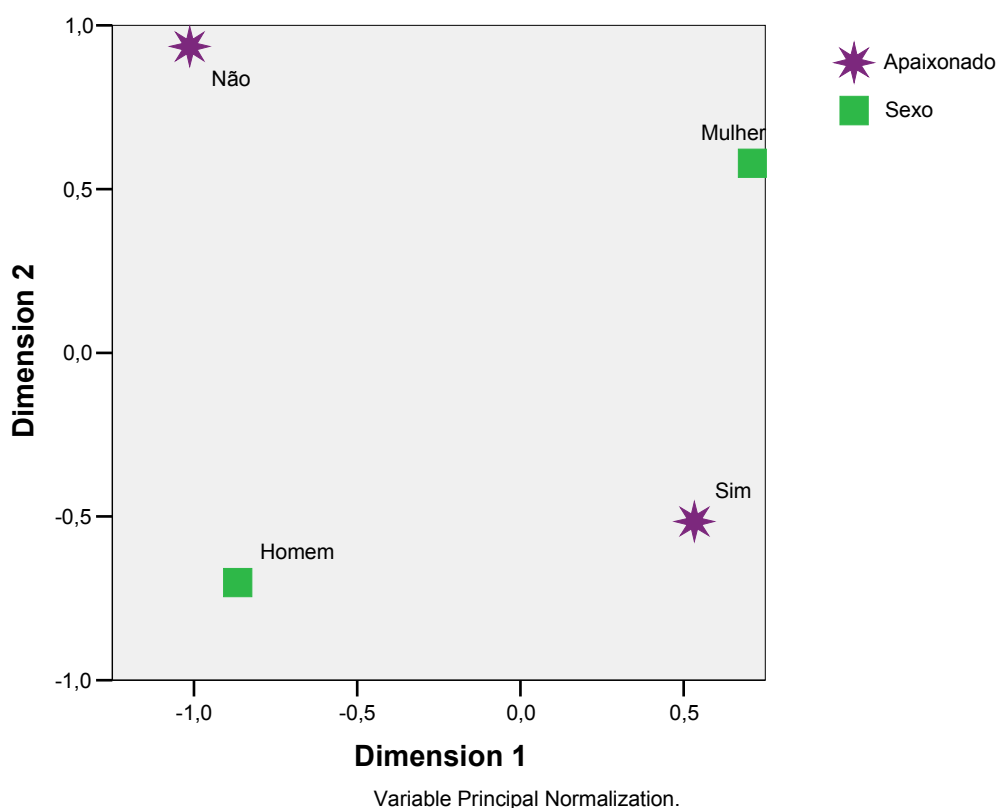


Figura 44. Mapa Perceptual de associação entre o sexo dos participantes e estar ou não apaixonado.

Foi pedido aos participantes que dessem uma nota de 1 a 10 para a intensidade de sua paixão, caso estivessem apaixonados, dos 146 respondente a média foi de 7,68 (de 1 a 10; desvio padrão = 2,33). Não foi encontrada diferença ($F(146) = 0,614$; $p = 0,413$) entre homens ($n = 58$; média = 7,48; desvio padrão = 2,63) e mulheres ($n = 88$; média = 7,81; desvio padrão = 2,12) quanto à média da intensidade da paixão. O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

Foi perguntado aos participantes qual foi a idade em que tiveram sua primeira relação sexual, dos 184 respondentes que já tiveram relações sexuais a média foi de 16,95 (de 11 a 22; desvio padrão = 1,94). Não foi encontrada diferença ($F(184) = 2,392$; $p = 0,129$) entre homens ($n = 90$; média = 16,80; desvio padrão = 2,04) e mulheres ($n = 86$; média = 17,24; desvio

padrão = 1,81) quanto à média da idade da primeira relação sexual. O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a existência de homogeneidade de variância.

(d) Ciclo-Menstrual: Foi perguntado para as participantes se usavam algum tipo de contraceptivo hormonal, das 122 respondentes: 51,6% afirmaram utilizar contraceptivo e 48,4% afirmaram não usar.

Foi perguntado às participantes se possuíam um ciclo menstrual regular, das 124 respondentes: 85,5% afirmaram possuir um ciclo regular e 14,5% afirmaram não possuir.

Foi perguntada às participantes a duração em dias do seu ciclo menstrual, das 51 respondentes que não utilizam contraceptivo hormonal a média foi de 29,35 (de 21 a 37; desvio padrão = 3,04).

Foi perguntado a idade em que as participantes tiveram sua primeira menarca, das 122 respondentes a média foi de 12,30 (de 9 a 17; desvio padrão = 1,49).

(f) Desconto do Futuro: A mediana da distribuição do Fator K para os 204 respondentes foi de 0,0042 (de 0,0001590 a 0,404255; média = 0,0217; desvio padrão = 0,0570). Não foi encontrada diferença ($U = 4756,000$; $z = -0,950$; $p = 0,342$) entre homens ($n = 91$; média = 0,0272; desvio = 0,0679) e mulheres ($n = 113$; média = 0,0173; desvio = 0,0461) quanto à taxa de desconto do futuro. O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

A mediana da distribuição do Fator K2 para os 219 respondentes foi de 0,0039 (de 0,0001600 a 0,4117647; média = 0,0217; desvio padrão = 0,0570). Não foi encontrada diferença ($U = 5356,000$; $z = -1,199$; $p = 0,230$) entre homens ($n = 95$; média = 0,0275;

desvio = 0,0614) e mulheres (n = 124; média = 0,0136; desvio = 0,0385) quanto à taxa de desconto do futuro. O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

Assim como no primeiro estudo, o desconto do futuro foi analisado de maneira separando em conta da distribuição do desconto em homens (Figura 45.) e mulheres (Figura 46.) quanto a suas escolhas pelo ganho imediato ou tardio.

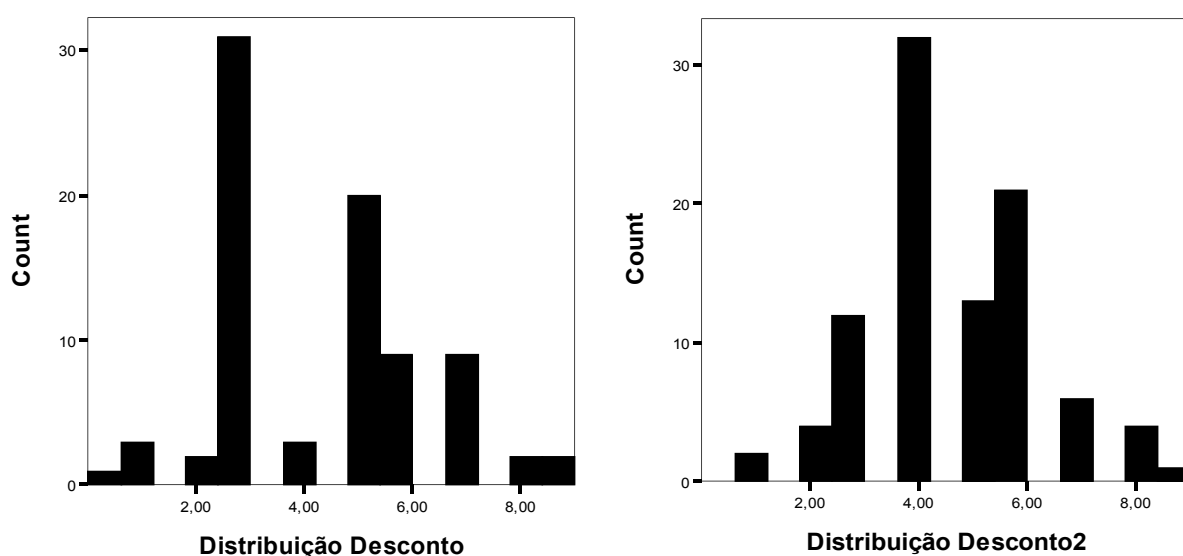


Figura 45. Gráficos da distribuição das escolhas masculinas na primeira e segunda bateria do instrumento de desconto do futuro.

Com a distribuição definida, foram realizados os testes de associação entre o sexo dos participantes e sua classificação dentro dos grupos. Para o Fator K não foi encontrada associação ($\chi^2(9) = 5,658$; $p = 0,778$) entre o sexo e a distribuição. No Fator K2 foi encontrada uma tendência de associação ($\chi^2(9) = 16,262$; $p = 0,062$) entre o sexo e a distribuição dos participantes, havendo uma associação entre o sexo feminino e o grupo 4 e o sexo masculino e o grupo 8 (Figura 47.).

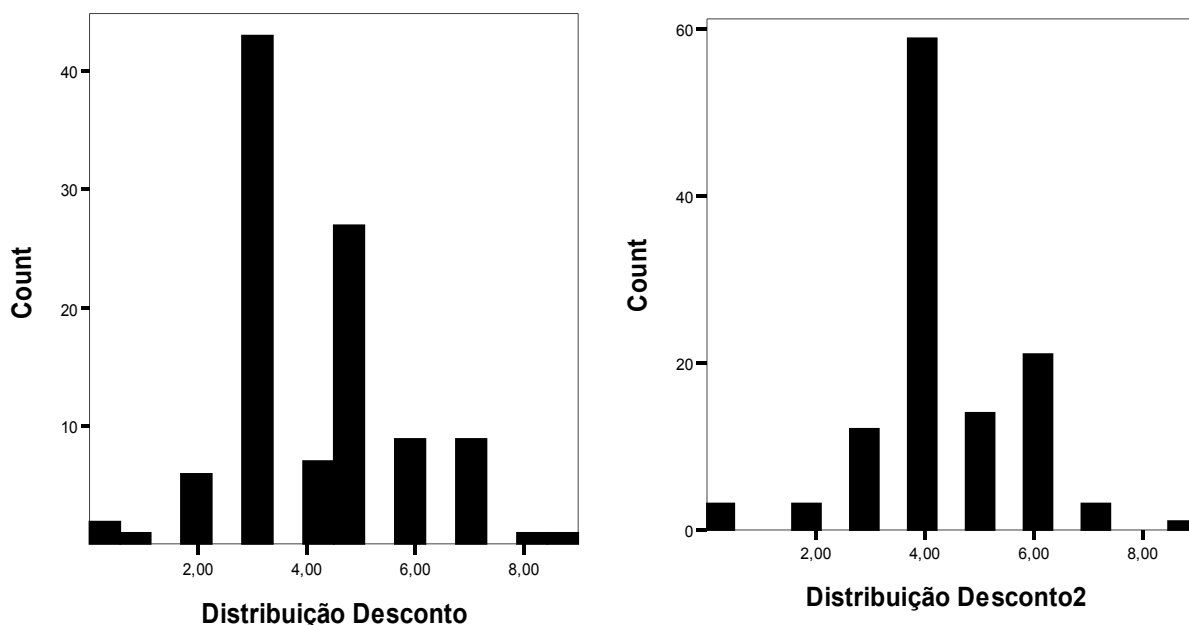


Figura 46. Gráficos da distribuição das escolhas femininas na primeira e segunda bateria do instrumento de desconto do futuro.

Além da divisão dos dez grupos, assim como no primeiro estudo, foi aplicada às nossas variáveis Fator K e Fator K2 uma análise de frequência por divisão em quartil, a fim de melhorar a análise dos dados de nossa amostra quanto ao Desconto do Futuro. É importante destacar que a distribuição não homogênea de nossa amostra, assim como os valores padronizados dos resultados do Fator K, não permitiram que os quartis fossem formados com a mesma proporção de respondentes, portanto, para o **Quartil do Fator K**, dos 219 respondentes: 43,6% pertenciam ao grupo “Não Descontador”, 7,8% ao grupo “Pouco Descontador”, 27,9% ao grupo “Descontador Mediano” e 20,6% ao grupo “Grande Descontador”. Não foi encontrada associação ($\chi^2 = 2,654$; $p = 0,448$) entre o sexo dos participantes e os quartis.

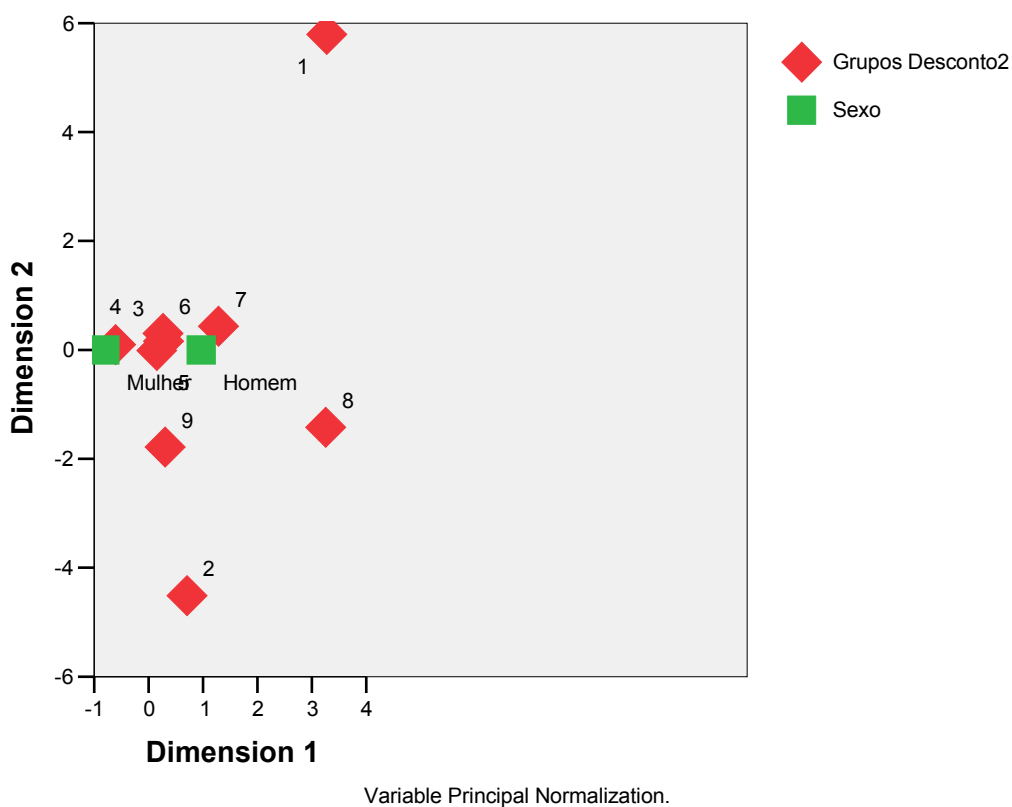


Figura 47. Mapa Perceptual de associação entre o sexo dos participantes e o grupo de desconto (segunda bateria) ao qual pertencem.

Para o **Quartil do Fator K2**, dos 231 respondentes: 16,4% pertenciam ao grupo “Não Descontador”, 41,6% ao grupo “Pouco Descontador”, 16,0% ao grupo “Descontador Mediano” e 26,0% ao grupo “Grande Descontador”. Foi encontrada uma tendência de associação ($\chi^2 = 7,476$; $p = 0,058$) entre o sexo feminino e o grupo do “Pouco Descontadores” e o sexo masculino e o grupo dos “Grande Descontadores” (Figura 48.).

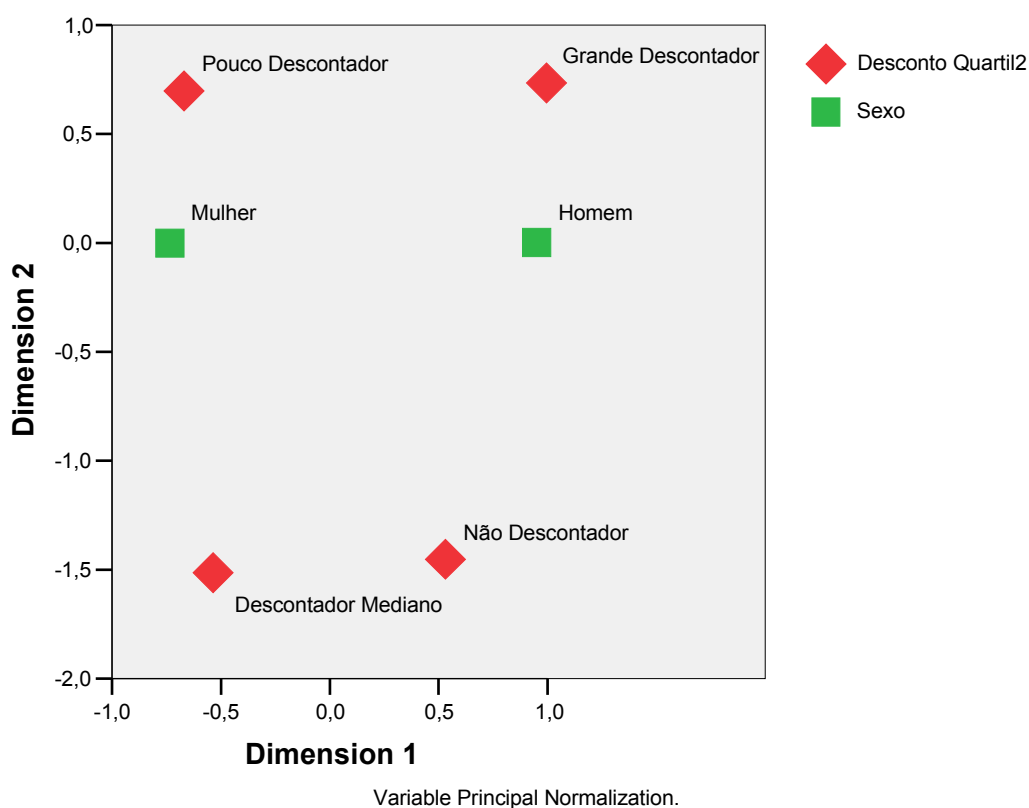


Figura 48. Mapa Perceptual da associação entre o sexo dos participantes e o quartil de desconto do futuro ao qual pertencem.

(g) Sócio-sexualidade: A média no Inventário de Orientação Sócio-Sexual para os 203 respondentes foi de 64,83 (de 9 a 296; desvio padrão = 64,83). Foi encontrada diferença ($U = 2113,000$; $z = -7,200$; $p < 0,001$) entre homens ($n = 93$; média = 83,01; desvio padrão = 49,35) e mulheres ($n = 110$; média = 49,39; desvio padrão = 29,44), sendo que os homens eram em média mais irrestritos (Figura 49.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

A média do componente tático para os 217 respondentes foi de 21,91 (de 2 a 226; desvio padrão = 30,57). Foi encontrada diferença ($U = 3111,500$; $z = -5,947$; $p < 0,001$) entre homens ($n = 100$; média = 32,51; desvio padrão = 36,15) e mulheres ($n = 117$; média = 16,56; desvio padrão = 22,50), sendo que os homens eram em média taticamente mais irrestritos

(Figura 49.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

A média do componente estratégico para os 205 respondentes foi de 40,62 (de 7 a 108; desvio padrão = 18,09). Foi encontrada diferença ($U = 2286,000$; $z = -6,934$; $p < 0,001$) entre homens ($n = 94$; média = 49,67; desvio padrão = 19,81) e mulheres ($n = 111$; média = 32,96; desvio padrão = 12,10), sendo que os homens eram em média estrategicamente mais irrestritos (Figura 49.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

A média do componente das atitudes para os 225 respondentes foi de 29,61 (de 4 a 50; desvio padrão = 7,77). Foi encontrada diferença ($U = 3564,000$; $z = -5,615$; $p < 0,001$) entre homens ($n = 103$; média = 32,64; desvio padrão = 7,53) e mulheres ($n = 122$; média = 27,05; desvio padrão = 7,04), sendo que os homens em média possuíam atitudes mais irrestritas (Figura 49.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

A média do componente dos comportamentos para os 203 respondentes foi de 35,20 (de 4 a 260; desvio padrão = 35,19). Foi encontrada diferença ($U = 2223,000$; $z = -6,939$; $p < 0,001$) entre homens ($n = 93$; média = 50,51; desvio padrão = 46,01) e mulheres ($n = 110$; média = 22,25; desvio padrão = 26,16), sendo que os homens em média possuíam comportamentos mais irrestritos (Figura 49.). O teste de Kolmogorov-Smirnov nos mostrou que a distribuição de nossa amostra não era normal, enquanto o teste Levene nos mostrou a não existência de homogeneidade de variância.

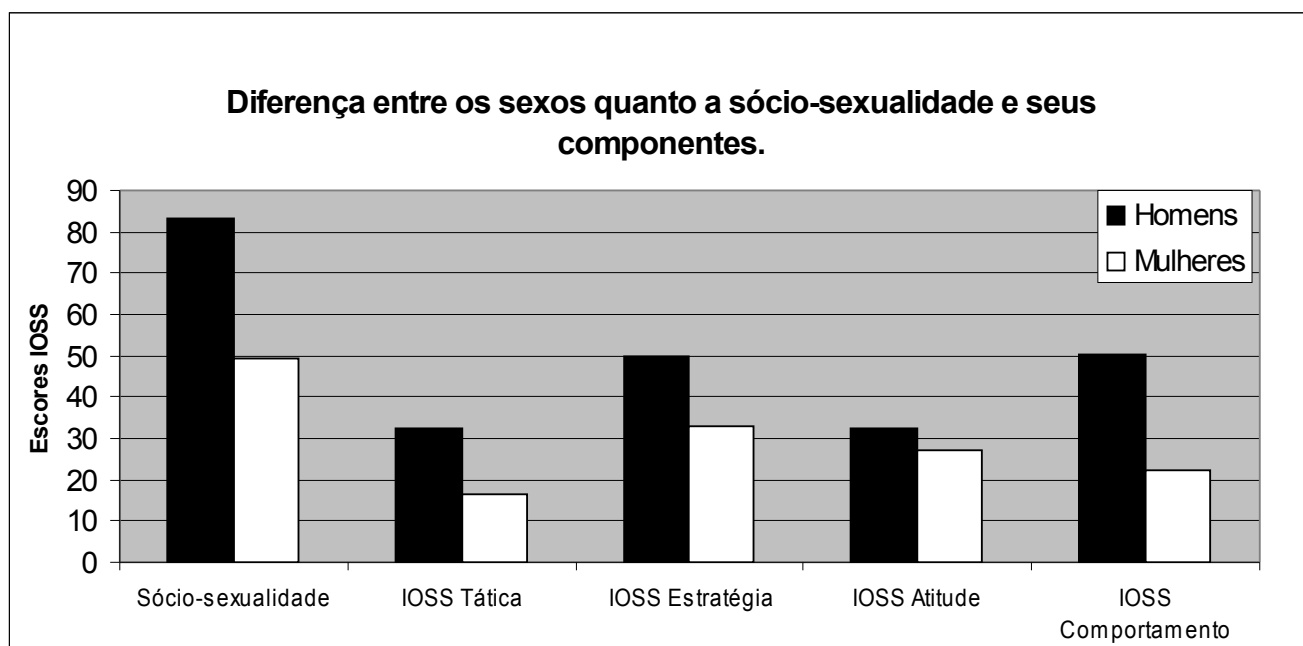


Figura 49. Gráfico de diferença de média entre homens e mulheres quanto a sócio-sexualidade e seus componentes.

8.2. Comparações de Média de Medidas Repetidas

Foi realizado um GLM (General Linear Model) de medidas repetidas para averiguar a influência da música na ativação cognitiva e conseqüente alteração das taxas de desconto e mudanças no estado de ânimo.

8.2.1. Homens:

Para os 89 participantes, dos quais 52 escutaram a música alegre e 37 a música triste, a **presença da música** promoveu mudanças significativas ($F = 9,687$; $p < 0,001$), essas mudanças ocorreram nos **fatores de estado de ânimo positivo** ($F = 17,086$; $p < 0,001$) e **negativo** ($F = 6,513$; $p = 0,012$) resultantes da avaliação do estado de ânimo, com diminuição da média dos fatores positivos ($n = 89$; média antes = 24,56; desvio padrão antes = 6,72;

média depois = 23,56; desvio padrão depois = 7,59) e negativos (n = 89; média antes = 16,20; desvio padrão antes = 4,95; média depois = 14,41; desvio padrão depois = 4,55). O **tipo de música** também influenciou nas mudanças (F = 3,654; p = 0,016), foi encontrada diferença no **fator positivo do estado de ânimo** (F = 7,797; p = 0,006), onde observamos um pequeno aumento na música alegre (n = 52; média antes = 23,23; desvio padrão antes = 6,41; média depois = 23,34; desvio padrão depois = 7,67) e uma grande queda na música triste (n = 37; média antes = 26,43; desvio padrão antes = 6,78; média depois = 23,86; desvio padrão depois = 7,58).

8.2.2. Mulheres

Para as 109 participantes, das quais 55 escutaram a música alegre e 54 a música triste, a **presença da música** promoveu mudanças significativas (F = 17,268; p < 0,001), essa mudança ocorreu no **fator negativo** (F = 52,309; p < 0,001) resultante da avaliação do estado de ânimo, com diminuição da média do fator (n = 109; média antes = 16,44; desvio padrão antes = 4,92; média depois = 14,52; desvio padrão depois = 4,37). O **tipo de música** não teve a mesma influência que nos homens (F = 2,262; p = 0,086), gerando leves mudanças no **fator positivo do estado de ânimo** (F = 5,715; p = 0,019), onde observamos um pequeno aumento na música alegre (n = 55; média antes = 21,92; desvio padrão antes = 5,88; média depois = 22,58; desvio padrão depois = 6,80) e uma pequena queda na música triste (n = 54; média antes = 22,48; desvio padrão antes = 7,10; média depois = 20,93; desvio padrão depois = 6,97).

A ativação contextual da música só foi observada para o estado de ânimo (Figura 50.), não foi encontrada mudança significativa em relação à taxa de desconto do futuro (F = 0,167; p = 0,683) para nenhum dos sexos devido à influência da música (Figura 51.).

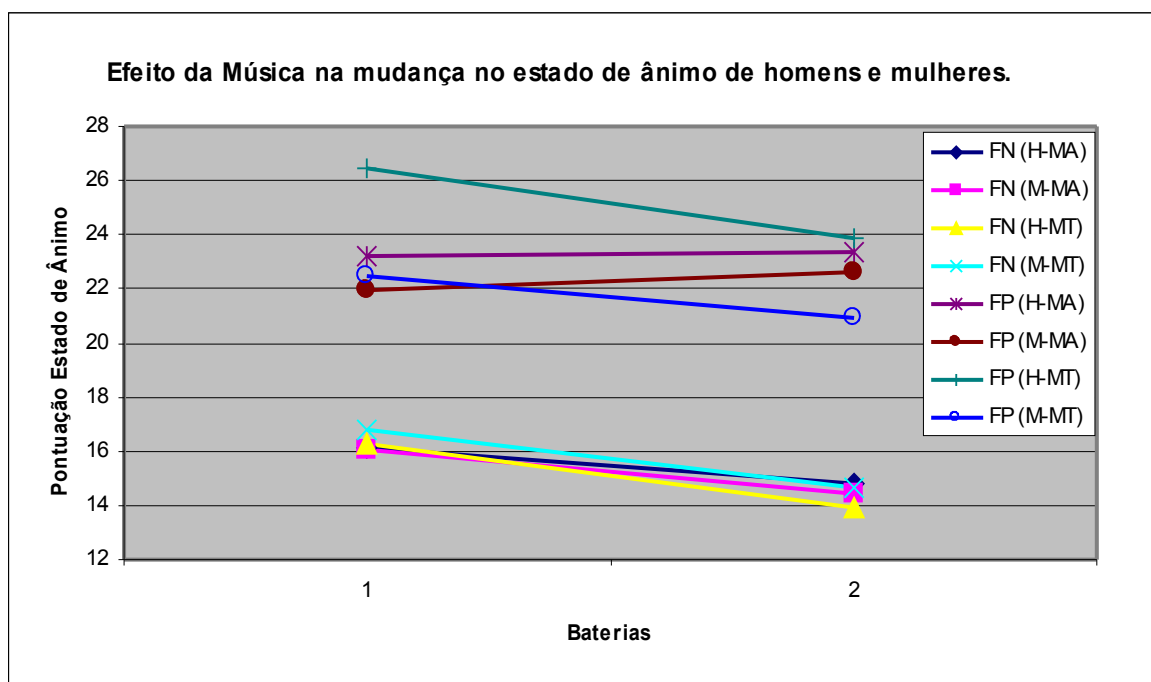


Figura 50. Gráfico do efeito de ativação contextual da música no estado de ânimo de homens e mulheres. Legenda: FN – fatores negativos; FP – fatores positivos; H – homens; M – mulheres; MA – música alegre; MT – música triste.

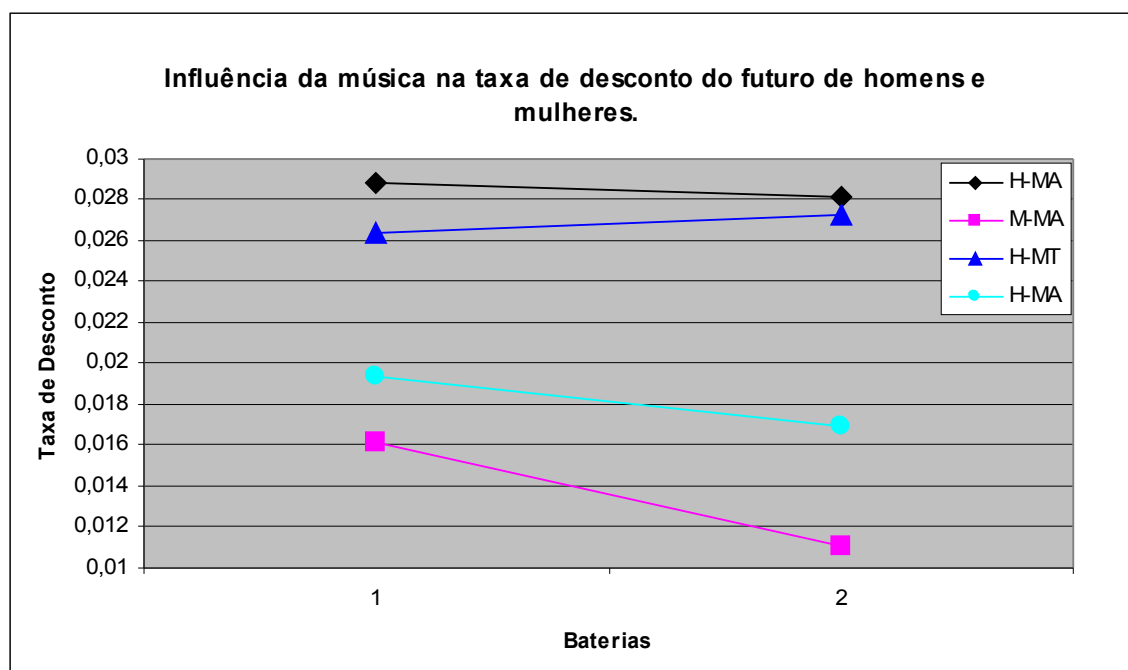


Figura 51. Gráfico do efeito de ativação contextual da música na taxa de desconto do futuro de homens e mulheres. Legenda: H – homens; M – mulheres; MA – música alegre; MT – música triste.

8.3. Correlações

Foram realizadas correlações, pois permitiriam que visualizássemos a relação do desconto do futuro com a sócio-sexualidade e com os estados de ânimo, caso a estratégia condicional de desconto estivesse envolvida com a alocação de investimento das estratégias sexuais e sofresse influência das mudanças de estado de ânimo. De maneira complementar, foram realizadas correlações dessas variáveis principais com as demais variáveis estudadas.

8.3.1. Correlações Masculinas

8.3.1.1. Sócio-sexualidade e componentes

(a) Identificação Geral: Foi encontrada correlação entre o **componente das atitudes** e a idade dos participantes ($n = 93$; $\rho = 0,244$; $p = 0,018$), onde os homens mais velhos eram mais irrestritos.

(b) Musicalidade: Foi encontrada correlação **sócio-sexualidade** com cantar ($n = 93$; $\rho = 0,273$; $p = 0,008$), onde os homens mais irrestritos cantavam com mais frequência. Quanto ao **componente tático** foi encontrada uma tendência de correlação ($n = 100$; $\rho = 0,189$; $p = 0,059$), onde os taticamente mais irrestritos cantavam com mais frequência. Foi encontrada correlação com o **componente estratégico** ($n = 94$; $\rho = 0,229$; $p = 0,026$), onde os estrategicamente mais irrestritos gostam mais de cantar. Foi encontrada correlação com o **componente das atitudes** ($n = 103$; $\rho = 0,215$; $p = 0,029$), onde aqueles com atitudes mais irrestritas cantavam com mais frequência. Foi encontrada correlação com o **componente dos**

comportamentos ($n = 93$; $\rho = 0,260$; $p = 0,012$), onde aqueles com comportamentos mais irrestritos cantavam com mais frequência.

Foi encontrada uma tendência de correlação do **componente dos comportamentos** com tocar ($n = 93$; $\rho = 0,180$; $p = 0,084$), onde aqueles com comportamentos mais irrestritos tocavam instrumentos musicais com mais frequência.

(c) Situação Amorosa: Foi encontrada tendência de correlação da **sócio-sexualidade** com a idade da primeira relação sexual ($n = 88$; $\rho = -0,205$; $p = 0,055$), onde os homens mais irrestritos tiveram sua primeira relação mais cedo. Quanto ao **componente tático** foi encontrada correlação ($n = 94$; $\rho = -0,227$; $p = 0,028$), onde os taticamente mais irrestritos tiveram sua primeira relação mais cedo. Foi encontrada tendência de correlação com o **componente dos comportamentos** ($n = 88$; $\rho = -0,206$; $p = 0,055$), onde aqueles que possuíam comportamentos mais irrestritos tiveram a primeira relação mais cedo.

(d) Estado de Ânimo: Foi encontrada correlação do **componente estratégico** com o primeiro fator negativo de estado de ânimo ($n = 94$; $\rho = 0,257$; $p = 0,012$), onde os estrategicamente mais irrestritos possuíam um escore mais elevado do primeiro fator negativo, estando mais mal-humorados.

8.3.1.2. Desconto do Futuro, Sócio-sexualidade e componentes

Foi encontrada correlação entre a **sócio-sexualidade**, **Fator K** ($n = 83$; $\rho = 0,355$; $p = 0,001$) e **Fator K2** ($n = 87$; $\rho = 0,286$; $p = 0,007$), sendo que em ambos os casos, os homens mais irrestritos são mais descontadores. Quanto ao **componente tático** foi encontrada correlação com o **Fator K** ($n = 88$; $\rho = 0,372$; $p = 0,000$) e **Fator K2** ($n = 92$; $\rho = 0,309$; $p =$

0,003), onde os taticamente mais irrestritos eram mais descontadores para os dois casos. Foi encontrada correlação com o **componente estratégico** e o **Fator K** ($n = 84$; $\rho = 0,231$; $p = 0,035$), onde os estrategicamente mais irrestritos eram mais descontadores. Foi encontrada correlação com o **componente dos comportamentos Fator K** ($n = 83$; $\rho = 0,386$; $p = 0,000$) e **Fator K2** ($n = 87$; $\rho = 0,294$; $p = 0,006$), onde aqueles com comportamentos mais irrestritos eram mais descontadores para os dois casos.

8.3.1.3. Desconto do Futuro

Os fatores de desconto do futuro não apresentaram correlação com nenhum dos fatores de estado de ânimo e nem com as demais variáveis.

8.3.2. Correlações Femininas

8.3.2.1. Sócio-sexualidade e componentes

(a) Identificação Geral: Foi encontrada correlação **sócio-sexualidade** com a idade das participantes ($n = 108$; $\rho = 0,241$; $p = 0,012$), onde as mulheres mais irrestritas eram mais velhas. Quanto ao **componente tático** foi encontrada correlação ($n = 115$; $\rho = 0,294$; $p = 0,001$), onde as taticamente mais irrestritas eram mais velhas. Foi encontrada correlação com o **componente dos comportamentos** ($n = 108$; $\rho = 0,281$; $p = 0,003$), onde aquelas com comportamentos mais irrestritos eram mais velhas.

(b) Musicalidade: Foi encontrada correlação **sócio-sexualidade** com cantar ($n = 110$; $\rho = 0,195$; $p = 0,045$), onde as mulheres mais irrestritas cantavam com mais frequência.

Quanto ao **componente dos comportamentos** foi encontrada correlação ($n = 110$; $\rho = 0,216$; $p = 0,024$), onde aquelas com comportamentos mais irrestritos cantavam com mais frequência.

(c) **Situação Amorosa:** Foi encontrada correlação **sócio-sexualidade** com a idade da primeira relação sexual ($n = 83$; $\rho = -0,219$; $p = 0,047$), onde as mulheres mais irrestritas tiveram sua primeira relação mais cedo. Quanto ao **componente estratégico** foi encontrada correlação ($n = 83$; $\rho = -0,238$; $p = 0,030$), onde as mulheres estrategicamente mais irrestritas tiveram sua primeira relação mais cedo. Foi encontrada correlação com o **componente dos comportamentos** ($n = 83$; $\rho = -0,233$; $p = 0,034$), onde aquelas com comportamentos mais irrestritos tiveram sua primeira relação mais cedo.

(d) **Estado de Ânimo:** Foram encontradas correlações com a **sócio-sexualidade** e os fatores positivos da primeira ($n = 109$; $\rho = 0,201$; $p = 0,036$) e segunda bateria ($n = 110$; $\rho = 0,192$; $p = 0,045$), sendo que em ambos os casos, as mulheres mais irrestritas possuíam escores maiores, estando mais bem humoradas. Quanto ao **componente estratégico** foi encontrada correlação com o primeiro ($n = 109$; $\rho = 0,240$; $p = 0,012$) e o segundo fator positivo ($n = 110$; $\rho = 0,2227$; $p = 0,017$), onde as mulheres estrategicamente mais irrestritas possuíam escores mais elevados, estando mais bem humoradas. Foi encontrada correlação com o **componente dos comportamentos** o primeiro ($n = 110$; $\rho = 0,238$; $p = 0,012$) e o segundo fator positivo ($n = 111$; $\rho = 0,232$; $p = 0,014$), onde aquelas com comportamentos mais irrestritos possuíam escores mais elevados, estando mais bem humoradas.

Foi encontrada correlação do **componente tático** com o fator negativo da segunda bateria ($n = 122$; $\rho = -0,228$; $p = 0,012$), onde as mulheres taticamente menos irrestritas possuíam escores mais elevados, estando mais mal-humoradas. Quanto ao **componente das**

atitudes foi encontrada uma tendência de correlação ($n = 117$; $\rho = -0,173$; $p = 0,062$), onde aquelas com comportamentos menos irrestritos possuíam escores mais elevados, estando mais mal-humoradas.

8.3.2.2. Desconto do Futuro, Sócio-sexualidade e componentes

Foi encontrada correlação entre os escores de **sócio-sexualidade** e o **Fator K** ($n = 99$; $\rho = 0,289$; $p = 0,004$) e uma tendência de correlação com o **Fator K2** fator ($n = 109$; $\rho = 0,169$; $p = 0,079$), sendo que em ambos os caso, as mulheres mais irrestritas são mais descontadoras. Quanto ao **componente tático** foram encontradas correlações com o **Fator K** ($n = 103$; $\rho = 0,306$; $p = 0,002$) e **Fator K2** ($n = 116$; $\rho = 0,206$; $p = 0,026$), onde as taticamente mais irrestritas eram mais descontadoras. . Foi encontrada correlação do **componente das atitudes** com o **Fator K2** ($n = 121$; $\rho = 0,210$; $p = 0,021$), onde aquelas com atitudes mais irrestritas eram mais descontadoras. Foi encontrada correlação do **componente dos comportamentos** com o **Fator K** ($n = 99$; $\rho = 0,232$; $p = 0,021$), onde aquelas com comportamentos mais irrestritos eram mais descontadoras.

8.3.2.3. Desconto do Futuro

(a) **Identificação Geral:** Foi encontrada correlação entre os escores do Fator K e a **idade** das participantes ($n = 111$; $\rho = 0,201$; $p = 0,035$), onde as mulheres mais descontadoras eram mais velhas.

(b) Musicalidade: Foi encontrada correlação entre os escores do Fator K e cantar ($n = 112$; $\rho = 0,198$; $p = 0,037$), onde as mulheres mais descontadoras cantavam mais freqüentemente.

(c) Estado de Ânimo: Os fatores de desconto não apresentaram nenhuma correlação com os fatores de estado de ânimo.

9. DISCUSSÃO

Confirmando o primeiro estudo, os resultados nos indicam uma manutenção dos padrões inter-culturalmente encontrados quanto às diferenças entre os sexos na sócio-sexualidade (Schmitt, 2005). O mesmo não foi confirmado para as taxas de Desconto do Futuro, indo contra os estudos pertencentes a essa área. Homens e Mulheres irrestritos apresentaram o mesmo padrão com relação à cantar com maior freqüência, terem tido a primeira relação sexual mais cedo e serem mais descontadores. As mulheres irrestritas apresentaram eram mais velhas e apresentavam um estado de ânimo mais positivo, antes e depois de ouvirem à música. Os homens irrestritos não apresentaram nenhuma diferença. Os resultados encontrados dão suporte à hipótese de um modelo integrado de alocação de investimento.

9.1. Diferenças entre homens e mulheres

A maioria dos resultados se encontra de acordo com os demais estudos interculturais e as previsões das teorias evolucionistas. Assim como no primeiro estudo, as comparações intersexuais quanto ao curso ao qual pertencem os participantes estão de acordo com os

estudos da Teoria de Empatia e Sistematização (Baron-Cohen, 2004), onde homens e mulheres teriam perfis cognitivos diferenciados, sendo homens mais sistematizadores e mulheres mais empáticas (Baron-Cohen et al., 2003; Baron-Cohen & Hammer, 1997; Baron-Cohen & Wheelwright, 2004). Portanto, homens e mulheres procurariam ocupações mais próximas às propensões e capacidades dos seus perfis cognitivos.

Como encontrado no primeiro estudo, ao perguntarmos se os participantes estavam namorando constatamos que mais mulheres estão namorando em relação aos homens, o que se encontra de acordo com a Teoria das Estratégias Sexuais (Buss & Schmitt, 1993) e a Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000), que prevêem que mulheres em média procuraram mais comprometimento do que homens. Diferença prevista para a fase do ciclo de vida na qual os participantes se encontram, com as mulheres investindo mais na esfera parental (Geary, 2002).

Confirmando os resultados do primeiro estudo, constatamos que as mulheres afirmavam estar mais apaixonadas que os homens. O resultado está de acordo com os achados de Ferreira (2007) e Varella (2007), que mostram de maneira intensa a influência da paixão nos resultados masculinos e não nos femininos, sendo que esses resultados estavam relacionados a um maior investimento de esforços na esfera parental (longo-prazo), mostrando uma diferença de sensibilidade e especificidade entre os sexos quanto à estratégia sexual (Clark, 2006; Gangestad & Simpson, 2000).

As diferenças encontradas nos resultados relacionados à musicalidade dos participantes, como a frequência com que cantam e tocam e a apreciação musical, estão de acordo com a Teoria da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004). A concordância ocorre caso consideremos a hipótese de Miller (1998; 2001), onde a musicalidade humana é vista como um indicador de aptidão. Na maioria das espécies e em cerca de 95 a 97% dos mamíferos, as exibições de atributos sexualmente selecionados durante a corte é realizada pelos machos

(Cronin, 1995). Entretanto, humanos são diferentes da maioria dos mamíferos, pois tanto mulheres como homens contribuem com quantidade significativa de investimento parental para sua prole (Geary, 2000). Em espécies onde existe grande assimetria intersexual no investimento parental, o sexo com maior investimento tem a função de escolher o potencial parceiro, enquanto o outro sexo exibe seus indicadores de aptidão durante a corte (Buss, 2005). No caso da musicalidade humana, a sistema sexual monogâmico de nossa espécie teria permitido o desenvolvimento da capacidade de exibição musical e da percepção musical em ambos os sexos. No entanto, a ainda existente disparidade de investimento parental entre homens e mulheres estaria associada a uma maior propensão masculina para a exibição de suas aptidões musicais e uma maior propensão feminina para a percepção e apreciação da música. Ao mesmo tempo, a existência de competição intra-sexual dentro do grupo dos homens e das mulheres e a também escolha masculina, permitiria o desenvolvimento da capacidade de produção musical e apreciação tanto para homens como para mulheres (Geary, 2000). Portanto, nossos resultados estão de acordo com as previsões Darwinianas da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2003), resultantes da assimetria da taxa de investimento parental (Trivers, 1972).

As diferenças intersexuais quanto à taxa de desconto do futuro concordam com os demais estudos da literatura (Daly & Wilson, 2001; 2005; Wilson, Daly & Gordon, 1998; 2003), onde homens estavam associados aos grupos mais descontadores e mulheres aos grupos menos descontadores. Tais resultados estão de acordo com a Teoria da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004), a Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972) e a Teoria do Desconto do Futuro (Daly & Wilson, 2001; 2005). Que prevêem que mulheres, as quais investem mais na esfera parental possuam um horizonte temporal mais longo, enquanto os homens, que investem mais na esfera do acasalamento, possuam uma maior propensão à

competição intra-sexual e aos comportamentos de risco, e conseqüentemente um horizonte temporal mais curto, descontando mais o futuro.

Confirmando os resultados do Estudo 1 e os achados inter-culturais, as diferenças intersexuais para a sócio-sexualidade e seus componentes se mantiveram, sendo homem são mais irrestritos do que as mulheres (Clark, 2006; Schmitt et al., 2005; Simpson & Gangestad, 1991; 1992; Simpson & Lapaglia, 2006; Volland, 1998). Tais resultados estão de acordo com a Teoria da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004), a Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972) e as Teorias Pluralistas das Estratégias Sexuais (Buss & Schmitt, 1993; Gangestad & Simpson, 2000). Que prevêem que os homens, os quais investem mais intensamente na esfera do acasalamento, possuam uma maior propensão a relacionamentos de curta duração, enquanto as mulheres, as quais investem mais na escala parental, sejam mais propensas a relacionamentos de longa duração.

9.2. Diferenças Intra-sexuais

As hipóteses testadas sobre a variação intra-sexual foram: (a) a do modelo de ativação contextual pela música, onde a música segundo as hipóteses evolucionistas poderia ser resultado de pressões seletivas da seleção sexual, funcionando como indicador de aptidão e na seleção de parceiros amorosos, podendo ser utilizada na ativação contextual de metas relacionadas à resolução de problemas adaptativos; (b) a do modelo de previsão de um mecanismo comum de alocação de investimento reprodutivo, onde uma sócio-sexualidade irrestrita diretamente relacionada a uma alta taxa de desconto do futuro. Diferentemente do Estudo 1, os escores de sócio-sexualidade masculino e feminino apresentaram correlação com as taxas de desconto do futuro.

9.2.1. Ativação contextual pela música

A hipótese do modelo de ativação contextual pela música, embasado no conceito de utilização de sinais contextuais evolutivamente relevantes como ativadores de metas (Maner et al., 2005; Wilson & Daly, 2004) e a interpretação da musicalidade humana como um indicador de aptidão resultante do processo de seleção sexual (Miller, 1998; 2000), não recebeu suporte do nosso estudo. Não foi encontrada modificação das taxas de desconto do futuro depois de ouvir a música para nenhum dos dois grupos que ouviram a música alegre e a música triste. Ao mesmo tempo, de forma geral, ouvir uma música influenciou o estado de ânimo dos participantes, nos homens através de uma diminuição dos fatores positivos e negativos da escala de estado de ânimo, nas mulheres observamos apenas uma diminuição dos fatores negativos. O tipo de música também mostrou influência, sendo que ouvir a música alegre resultou no aumento dos fatores positivos masculinos e femininos, e uma diminuição do mesmo fator no caso feminino ao ouvir a música triste. Esses resultados confirmam a influência da música na mudança de estado de ânimo já encontrada em outros estudos da literatura (Bouhuys, Bloem & Groothuis, 1995).

A não influência das músicas na taxa de desconto do futuro nos indica que essas músicas, como sinalizadoras, não cumprem os requisitos necessários para ativação contextual do mecanismo cognitivo responsável por essa meta, nos mostrando a existência de especificidades quanto aos sinais contextuais que permitem a ativação do desconto do futuro. Wilson e Daly (2004) em estudo realizado com duas baterias de questionários de desconto do futuro, entremeadas por uma bateria de fotos, encontraram sinais confiáveis para a ativação contextual do desconto do futuro. Sendo o desconto do futuro resultante do processo de seleção sexual e suas diferenças entre os sexos baseadas na assimetria de investimento parental (Daly & Wilson, 2001, 2005), os autores escolheram sinais reprodutivos para a

ativação contextual do mecanismo. A bateria de fotos era composta por fotos de parceiros do sexo oposto de níveis baixos e elevados de atratividade e de carros feios (populares, de baixo custo de compra) e bonitos (luxuosos, de custo de compra elevado), respectivamente indicadores sexuais e sociais de aptidão. A ativação contextual foi diferenciada para homens e mulheres, com a ativação do desconto do futuro masculino após a observação de fotos de mulheres atraentes e ativação feminina após a observação de fotos de carros luxuosos. O resultado encontra-se de acordo com as previsões da Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000), onde a estratégia sexual feminina seria sensível a sinais de seu ambiente ontogenético e imediato, como a disponibilidade de recursos, enquanto a estratégia sexual masculina seria dependente da disponibilidade e da consequente estratégia sexual de potenciais parceiras amorosas pertencentes ao seu nicho.

A não correlação das taxas de desconto com o estado de ânimo nos indica uma independência do mecanismo de desconto do futuro quanto a esse tipo de motivação interna. Os estudos realizados por Wilson e Daly não apresentam uma utilização conjunta do questionário de desconto do futuro e medidas de avaliação do estado de ânimo, o que não permite a comparação com outros estudos. No entanto, o sentimento de ansiedade analisado por Wilson & Daly (2006) através da escala de busca por sensações desenvolvida por Zuckerman (1994), mostrou correlação com o desconto do futuro para os jovens infratores. Nesse sentido, a estratégia condicional do desconto do futuro pode estar ligada a modelos internos, como mostrou nosso modelo de regressão masculino do Estudo 1 com a participação do fator confiança dos estilos de apego, mas pode não ser condicionada pelas variações imediatas de estado de ânimo.

9.2.2. Mecanismo cognitivo de alocação de investimento

A hipótese do modelo de previsão de um mecanismo comum de alocação de investimento reprodutivo, onde uma estratégia voltada para a alocação de investimento na esfera do acasalamento, com baixo investimento parental, levaria a uma estratégia sexual de curto prazo e conseqüentemente a um horizonte temporal curto e uma estratégia de desconto do futuro, recebeu suporte dos resultados masculinos e femininos.

Os resultados femininos que corroboram com nosso modelo são uma correlação direta entre a sócio-sexualidade, os componentes táticos, as atitudes e os comportamentos com as duas taxas de desconto do futuro, antes (Fator K) e depois (Fator K2) da música, além da mesma correlação encontrada com a sócio-sexualidade e o Fator K em relação à idade das participantes e a freqüência com que cantam. A sócio-sexualidade e seus componentes correlacionaram positivamente com as taxas de desconto, sendo que as mulheres mais irrestritas também são as mais descontadoras, resultado que corrobora com a hipótese de um mecanismo cognitivo integrado de alocação de investimento parental. De acordo com Daly e Wilson (2001; 2005) a diferença entre os sexos quanto ao desconto do futuro seria resultado da assimetria de investimento parental encontrada entre os sexos (Trivers, 1972) e conseqüentemente maior taxa de competição intra-sexual em homens. Propondo a possibilidade de transposição das diferenças entre os sexos para às diferenças intra-sexuais (Geary, 2002), as diferenças entre os sexos devido à assimetria de alocação de investimento na esfera parental ou de acasalamento seriam encontradas da mesma maneira nas variações intra-sexuais. Dessa maneira, mulheres com mais irrestritas também apresentariam maior taxa de desconto do futuro, alocando menos investimento na esfera parental e mais na esfera do acasalamento (Geary, 2002; Roff, 1992; Stearn; 1992; Voland, 1998), possuindo um perfil mais “masculino” (Micach & Bailey, 1999), com uma busca mais constante de parceiros

sexuais, um maior desejo por variabilidade sexual (Schmitt et al., 2001), um menor investimento na prole e maior competição intra-sexual, resultando em mais comportamentos de risco (Baker, 2007).

A correlação positiva encontrada com a sócio-sexualidade e o Fator K em relação à idade das participantes e a frequência com que cantam também corrobora com nossa hipótese de modelo integrado. O aumento de irrestrição e desconto do futuro relacionado a um aumento da idade nos mostra que as participantes mais velhas são sexualmente mais ativas e possuem mais experiência sexual que as mais novas. Uma maior alocação na esfera do acasalamento está de acordo com a fase do ciclo de vida à qual as participantes se encontram, tendo iniciado suas atividades sexuais recentemente, aumentando gradualmente a assimetria entre alocação na esfera parental e de acasalamento (maior na esfera do acasalamento), até o ponto em que a alocação passará a ser quase que exclusivamente voltada para a esfera parental (Crawford & Krebs, 1998; Volland, 1998). Estudos realizados por Daly e Wilson (2001) mostram de maneira clara essa relação entre a idade e as taxas de homicídio do Canadá e de Chicago para homens, mas não para mulheres. Segundo os autores os homicídios representam o que eles chamam de competição letal, o que seria o nível mais alto da taxa de desconto do futuro e competição intra-sexual, colocando o desconto do futuro dentro da perspectiva de comportamentos de risco. Wilson e Daly (2001) nos mostram um crescimento acelerado a partir dos 12 anos de idade, com a existência de um pico nas taxas de homicídio em torno dos 25 anos, seguido de uma queda abrupta e constante até por volta dos 60 anos. Resultados semelhantes foram apresentados pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, no 3º Relatório Nacional sobre os Direitos Humanos no Brasil 2002-2005, estudo que aborda a taxa de homicídios no Brasil em 2004. Como nossos resultados avaliam apenas escolhas monetárias e não comportamentos de risco com níveis

elevados, possivelmente os resultados femininos de desconto do futuro encontram-se de acordo com essa variação encontrada ao longo do ciclo de vida.

A existência de uma correlação positiva entre a frequência com que cantam, a sócio-sexualidade e a taxa de desconto do futuro, onde as mulheres que cantam mais são irrestritas e descontadoras, corrobora não somente com a hipótese de mecanismo integrado, mas também com a hipótese de Miller (2000), que considera a música como um indicador de aptidão. Em espécies monogâmicas as fêmeas tendem a ser mais sexualmente ativas do que fêmeas em outros sistemas de reprodutivos, resultado de uma menor assimetria nas taxas de investimento parental entre os sexos (Rodríguez-Gironés & Enquist, 2001). A maior similaridade entre os sexos quanto à taxa de investimento parental leva a uma maior similaridade, resultando em aumento da competição intra-sexual feminina e da escolha inter-sexual masculina (Clutton-Brock, 2007; Geary, 2002). Em destaque para os seres humanos, esses mecanismos possuem grande relevância dentro do contexto das estratégias sexuais (Miller, 2000).

De acordo com a Teoria da Seleção Sexual (Darwin, 1971/2003), o sexo onde indivíduos do mesmo sexo competem com maior intensidade por parceiros do sexo oposto sofreria pressões seletivas que levariam ao aumento corporal e desenvolvimento de caracteres armamentistas, no caso de competição através de luta, ou o desenvolvimento de indicadores de aptidão como os *handicaps* (Miller, 2000) para a atração e conquista de parceiros do sexo oposto, enquanto isso, os indivíduos do outro sexo desenvolvem mecanismos de reconhecimento de verdadeiros indicadores de aptidão. No caso humano, com uma maior similaridade entre os sexos, as mulheres também teriam desenvolvido características para enfrentar uma maior competição intra-sexual, como indicadores de aptidão (ex: adaptações mentais), enquanto os homens teriam desenvolvido mecanismo para o reconhecimento de tais sinais.

Os dilemas da Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida e a Seleção Sexual (Geary, 2002), nos mostram que indivíduos que enfrentam o dilema reprodutivo alocando mais investimento na esfera do acasalamento, independente do sexo, apropriam-se de uma estratégia reprodutiva mais curta, envolvida em maior competição intra-sexual e busca mais constante de parceiros amorosos, com a exibição de seus indicadores de aptidão.

Nossos resultados estão de acordo com essas previsões, onde o cantar poderia ser visualizado como uma adaptação mental, acoplada à musicalidade humana, e mulheres mais irrestritas e mais descontadoras participariam mais constantemente de episódios de exibição de seus indicadores de aptidão dentro de um contexto de competição intra-sexual e tentativa de atração de potenciais parceiros amorosos. Estudos realizados com indicadores físicos de aptidão nos mostram que mulheres consideradas e que se consideram mais atrativas possuem uma estratégia sexual mais irrestrita, apoiando nossos resultados e as hipóteses testadas (Clark, 2004; 2006; Jackson & Kirkpatrick, 2007; Landolt, Lalumière & Quinsey, 1995). Ao mesmo tempo, indicadores de aptidão funcionam como ativadores contextuais, desencadeando metas evolutivamente relevantes, como a busca por parceiros amorosos, aumentando o acesso de parceiros do sexo oposto ao indivíduo que possui os indicadores, permitindo que o mesmo também tenha maior acesso a potenciais parceiros (Schmitt, Couden & Baker, 2001; Wilson & Daly, 2003).

Os resultados masculinos que corroboram com nosso modelo são uma correlação direta entre a sócio-sexualidade, os componentes táticos, estratégicos e os comportamentos com as duas taxas de desconto do futuro, antes (Fator K) e depois (Fator K2) da música, nenhuma outra relação foi encontrada. A sócio-sexualidade e seus componentes correlacionaram positivamente com as taxas de desconto, sendo que os homens mais irrestritos também são os mais descontadores, resultado que juntamente com o resultado feminino, corrobora com a hipótese de um mecanismo cognitivo integrado de alocação de

investimento parental. Como discutido para as mulheres, uma menor taxa de investimento parental está relacionada a uma estratégia de maior desconto do futuro (Daly & Wilson, 2001; 2005). Analisando esses resultados através da ótica dos dilemas evolutivos e das diferenças intra-sexuais (Geary, 2002), homens mais irrestritos também apresentariam maior taxa de desconto do futuro, alocando menos investimento na esfera parental e mais na esfera do acasalamento (Geary, 2002; Roff, 1992; Stearn; 1992; Volland, 1998), possuindo um perfil mais “masculino” (Micach & Bailey, 1999), com uma busca mais constante de parceiros sexuais, um maior desejo por variabilidade sexual (Schmitt et al., 2001), um menor investimento na prole e maior competição intra-sexual, resultando em mais comportamentos de risco (Baker, 2007).

A musicalidade masculina não apresentou correlação conjunta com a sócio-sexualidade e o desconto do futuro, como no caso feminino, no entanto, cantar e tocar instrumentos mais freqüentemente está positivamente relacionado com uma sócio-sexualidade mais irrestrita. Esses resultados dão ainda mais, suporte à hipótese a musicalidade como indicador de aptidão. O acréscimo da relação com o tocar instrumentos musicais reforça seu potencial dentro do mercado da seleção de parceiros, pois o simples hábito de cantar não requer necessariamente a capacidade reconhecimento da tonalidade, ou o acompanhamento do compasso. Canta-se no chuveiro, enquanto se lava o carro, dirige um automóvel, ou enquanto podam-se as plantas do jardim. A capacidade de cantar é consequência de nossa capacidade de falar, no entanto, isso não significa que o eventual cantor possua percepção, técnica e até mesmo capacidade de acompanhar uma música exatamente como foi escrita, ou ainda menos ter a capacidade de improvisar, ou fazer uma segunda voz. Ao mesmo tempo, a capacidade de tocar um instrumento musical carrega consigo uma maior complexidade. Não adianta simplesmente ter a capacidade de identificar as notas musicais de uma música, é necessário ter coordenação motora, ritmo e técnica apurada para a prática da música através de

instrumentos musicais. Mesmo cantores afinados e ritmados, podem nunca conseguir desenvolver uma capacidade mediana de tocar um simples instrumento. Desse modo a produção musical através de instrumentos e a sua prática freqüente poderiam funcionar como indicadores de aptidão dentro do processo de seleção de parceiros, e portanto, os possuidores de tais sinais teriam maior valor no mercado da seleção de parceiros amorosos, possibilitando uma maior conquista de parceiros e conseqüentemente uma sócio-sexualidade mais irrestrita (Miller, 2000).

Os resultados de homens e mulheres apóiam a hipótese de mecanismo integrado de alocação de investimento reprodutivo responsável pelo controle da estratégia sexual e da estratégia de desconto do futuro. As diferenças de resultados encontradas entre os sexos, mostram a existência de especificidades e sensibilidades da estratégia de cada sexo (Clark, 2006; Gangestad & Simpson, 2000; Jackson & Kirkpatrick, 2007; Webster & Bryan, 2007).

10. DISCUSSÃO GERAL

Através dos dois estudos confirmamos os padrões inter-culturalmente encontrados quanto às diferenças entre os sexos na sócio-sexualidade (Schmitt, 2005). A confirmação da existência de diferenças entre os sexos quanto ao Desconto do Futuro foi encontrada nos dois estudos, sendo que no segundo estudo a diferença não foi encontrada quanto aos escores do Fator K, mas sim quanto à distribuição dos grupos de desconto. Os resultados dos estudos 1 e 2, através do teste da hipótese do modelo de ambiente de criação (Belsky, Steinberg & Draper, 1991; Chisholm, 1996) e hipótese alternativa do modelo de masculinização cognitiva (Mikach & Bailey, 1999), hipóteses originalmente criadas para o estudo das diferenças intra-sexuais na sócio-sexualidade, reforçam a existência de relação entre a assimetria no investimento parental e as taxas de desconto do futuro.

O teste da hipótese de mecanismo integrado de alocação de investimento reprodutivo, como gerenciador das estratégias sexuais e de desconto do futuro foi confirmada nos dois estudos. Entretanto, foram encontradas diferenças visíveis quanto aos resultados dos dois estudos, com a sócio-sexualidade feminina apresentando variação quanto aos quartis de desconto do futuro no primeiro estudo e correlações positivas encontradas para homens e mulheres entre a sócio-sexualidade e as taxas de desconto do futuro no segundo estudo. Qual seria a razão de tais diferenças? Variações encontradas entre as amostras podem ser uma possível resposta, no entanto, as diferenças na estrutura dos dois estudos não permitem uma real avaliação dessa hipótese.

Outra alternativa apóia-se nos estudos de variação individual (Buss & Greiling, 1999; Wilson, 1994), ativação contextual (Baker, 2007; Wilson & Daly, 2005) e regras de heurística responsáveis pelo gerenciamento dos mecanismos de tomadas de decisão (Brandstätter, Gigerenzer & Hertwig, 2006; Tversky & Kahneman, 1981). A metodologia de desconto do futuro como utilizada na presente pesquisa (Kirby & Marakivich, 1996) provém de estudos que abordam tomada de decisão através de mecanismos de aversão ao risco (*risk aversion*), onde são apresentadas duas ou mais escolhas monetárias envolvendo variação no valor entre a primeira e a segunda recompensa, assim como variação entre as alternativas quanto à probabilidade de ganhar a recompensa (Tversky & Kahneman, 1981). No questionário de desconto do futuro a diferença de probabilidade é substituída pela variação do intervalo de tempo ao qual o participante teria que esperar para receber a recompensa.

Seria a diferença encontrada entre os dois estudos resultado da utilização de regras diferenciadas de tomada de decisão? Seriam essas regras influenciadas pelo acesso a informações pessoais, como o status sócio-econômico, hábitos como o consumo de álcool e expectativa de vida? É possível que exista uma variação fenotípica devido às variações do questionário dos dois estudos, principalmente pelo acesso a informações ecológicas

evolutivamente relevantes, como taxa de recurso, comportamentos de risco e tempo de esperado.

As tomadas de decisão realizadas por pessoas em situações de aversão ao risco não seguem padrões estatisticamente previsíveis, envolvendo muitas vezes erros sistemáticos. As escolhas são realizadas de maneira subjetiva, através de crenças e incertezas, baseadas em padrões intuitivos de julgamento de probabilidade e não em princípios normativos da estatística (Tversky & Kahneman, 1973). O acesso a essas informações é feito através de regras de heurística, responsáveis pelo gerenciamento de nossos mecanismos cognitivos de tomada de decisão (Tversky & Kahneman, 1974). As heurísticas são vistas por muitos como versões imperfeitas de procedimentos estatísticos ótimos, complicados demais para serem realizados por nossas mentes (Tversky & Kahneman, 1974). Em contraste, autores consideram as heurísticas como estratégias adaptativas que teriam co-evoluído com mecanismos psicológicos fundamentais. Isso pode ser exemplificado através da heurística de reconhecimento, uma das mais básicas heurísticas, permite a realização de inferências a respeito de padrões de conhecimentos perdidos. Essa heurística trabalha sobre adaptações que permitem uma vasta, sensível e confiável capacidade de reconhecimento de padrões ecológicos, como o reconhecimento de alimentos, evitando situações de risco como intoxicações e o reconhecimento da fisionomia e nome de pessoas, para a formação de vínculos sociais, estabelecimento de alianças, ou até mesmo o reconhecimento de parentes, ou dos próprios pais durante as fases iniciais da vida (Goldstien & Gigerenzer, 2002).

Segundo Branstätter, Gigerenzer e Hettrwig (2006) a heurística da prioridade seria o sistema de regras envolvido na estratégia das tomadas de decisão em situações de aversão ao risco, permitindo que estabeleçamos uma relação com o desconto do futuro e as heurísticas. Segundo as regras da heurística da prioridade, nossas escolhas são realizadas através da ponderação e ordenação dos valores e das probabilidades existentes na situação problema na

qual devemos realizar escolhas. Em situações envolvendo escolhas monetárias com somente duas ofertas, como no caso do desconto do futuro, os valores das recompensas mostram-se mais importantes que a probabilidade de recebê-las (tempo de espera no caso do desconto), dentro da ordenação de prioridades. Na escolha monetária de situações de aversão ao risco, a recompensa mínima apresenta-se como primeiro elemento dentro do prospecto das prioridades, seguida da probabilidade do mínimo ganho, posteriormente o valor da recompensa máxima e finalmente probabilidade do máximo ganho. No caso do desconto do futuro, a não variação da probabilidade ou tempo de ganho da recompensa mínima seria substituída pelo valor da recompensa máxima, estabelecendo nossa ordem como: valor da recompensa mínima, valor da recompensa máxima e probabilidade da recompensa máxima. A ordenação é seguida por regras de ponderação entre os valores da recompensa mínima e máxima e de suas respectivas probabilidades, que permitirão o estabelecimento de uma decisão, através da escolha do ganho mais atrativo. As regras de ponderação entre os valores das recompensas e as probabilidades parecem ser dependentes de padrões intuitivos encontrados nos sistemas numéricos das respectivas culturas onde os indivíduos encontram-se inseridos.

Os resultados encontrados nesse modelo apresentam diferenças intra-sexuais, resultantes de indivíduos que possuem menor aversão a esse tipo de risco, variação essa prevista e encontrada nos estudos do desconto do futuro (Daly & Wilson, 2001; 2005), resultante da assimetria na alocação do investimento parental. As assimetrias são resultantes das diferenças individuais, dando destaque para as variações individuais adaptativas (resultantes de pressões seletivas diretas dos processos evolutivos) provindas de diversos níveis de causação proximal. Como visto anteriormente, a primeira fonte de variação individual adaptativa é *variação genética*, resultante da existência de polimorfismo genético encontrados na população para determinadas características (Via et al., 1995), como

características relacionadas à personalidade (Buss & Greiling, 1999; Ridley, 2004). Estudos realizados com gêmeos nos mostram que dependendo da característica estudada, os fatores genéticos podem ser de maior ou menor importância na determinação de características físico-anatômicas e comportamentais, devido à existência de taxas variadas de herdabilidade, principalmente para características comportamentais (Bailey et al., 2000; Lyons et al., 2004), esses parâmetros são estabelecidos através da comparação entre gêmeos idênticos e não-idênticos, mostrando maior similaridade de correlação entre as características dos gêmeos idênticos. A herdabilidade está relacionada à importância do ambiente ontogenético e imediato como influência para a determinação de tais características (Ridley, 2004). A herdabilidade de uma característica é a segunda fonte de variação individual, resultante de mecanismos abertos de plasticidade fenotípica que permitem o estabelecimento de diferentes fenótipos a partir de um mesmo genótipo (Gross, 1996; Wilson, 1994), o que permite que uma população com diversidade fenotípica elevada possa ser geneticamente monomórfica caso possua um mecanismo de plasticidade fenotípica suficientemente sofisticado.

Os mecanismos de plasticidade fenotípica podem ser sensíveis em dois níveis, o nível ontogenético e o nível imediato contextual. Mecanismos ontogenéticos de plasticidade fenotípica apresentam períodos sensíveis limitados para a ativação de metas e sensibilidade a mudanças de condições ecológicas relevantes presentes por período prolongado. A existência de estímulos ecologicamente relevantes nos períodos apropriados, no caso comportamental, leva ao estabelecimento de estratégias comportamentais condicionais (modificações das estratégias originais geneticamente determinadas), de acordo com normas de reação geneticamente estabelecidas (Buss & Greiling, 1999, Crawford & Krebs, 1998; Gangestad & Simpson, 2000; Volland, 1998). Os períodos sensíveis se estendem ao longo do ciclo de vida dos organismos, do desenvolvimento embrionário até a morte, no entanto, o período que vai da fecundação ao início da vida adulta parece apresentar prevalência de períodos abertos de

sensibilidade (Geary, 2002; Stearns, 1992). Estudos com gêmeos nos mostram a importância do ambiente compartilhado pelos irmãos (ambiente ontogenético) na determinação da variação nas estratégias comportamentais, no caso do estabelecimento da estratégia sócio-sexual, idade da primeira relação e propensão por múltiplos parceiros a herdabilidade pode chegar a até 50% com uma influência de 30% a 50% do ambiente de criação (Bailey et al., 2000; Lyons et al., 2004). O modelo proposto por Belsky, Steinberg e Draper (1991) das condições do ambiente de criação e conseqüentemente o estabelecimento do estilo de apego e estratégia sexual é um bom exemplo de previsão da influência do ambiente ontogenético na determinação das diferenças intrasexuais.

A plasticidade fenotípica sensível ao ambiente imediato é o último nível proximal de causação responsável pela variação individual adaptativa. Mecanismos sensíveis à ativação contextual apresentam especificidades, relacionadas a sinais ecológicos evolutivamente relevantes que permitem a ativação de metas evolutivas, como a busca por seleção de parceiros amorosos. A ativação contextual gera táticas comportamentais provindas das estratégias condicionais, ou seja, comportamentos a atitudes reais que estão de acordo com a gama de possibilidades existentes dentro das preferências, fantasias e idealizações disponíveis nas estratégias condicionais. Estudos que relacionam critérios de seleção de parceiros amorosos e fase do ciclo menstrual em mulheres são um bom exemplo de plasticidade fenotípica sensível ao ambiente imediato, nesse caso os níveis hormonais. Mulheres no período fértil tendem a sentirem-se atraídas por indicadores de “bons genes” e de masculinização, já na fase lútea as escolhas se voltam pra homens menos masculinizados e com indicadores de “bom provedor” (Gangestad & Scheyd, 2005), mudança parecida também ocorre em homens ao longo de cada dia, seguindo as mudanças dos níveis de testosterona, com maior atração por indicadores de “bons genes” durante os picos de testosterona e por indicadores de “bom provedor” nos baixos níveis de testosterona. A percepção, o

processamento e a resposta tática resultante da ativação contextual é permeada por mecanismos que seguem diversas regras heurísticas adaptativamente selecionadas, como observada nas tomadas de decisão. A existência das regras e de pressões evolutivas específicas para cada mecanismo podem permitir que a tomada de decisão de testes de desconto do futuro seja influenciada por condições ambientais ou informações relevantes que estejam presentes no momento em que os participantes respondem os questionários.

A diferença em nossos resultados foi encontrada de forma global para cada um dos estudos, portanto, sinais relevantes específicos estavam presentes em todos os momentos de coleta do Estudo 1 e em todos os momentos do Estudo 2. A coleta dos dois estudos foi realizada de modo fragmentado, com coletas diferentes para cada curso e os responsáveis pela aplicação variavam constantemente, a única característica que se manteve constante de forma particular para cada um dos estudos foi o material metodológico (questionário). Como pode ser observado no ANEXO A e D, a estrutura dos questionários utilizados foi diferente para cada um dos estudos, devido à existência de diferentes propósitos. No Estudo 1 o questionário inicia-se com a coleta de dados demográficos, seguido de questões sobre ciclo menstrual, constituição familiar, Critério de Classificação Econômica Brasil, hábitos pessoas como ir a festas, consumir bebidas alcoólicas e cigarro, seguido da auto-avaliação da expectativa de vida, chegando no Questionário de Desconto do Futuro e seguido dos restantes questionamentos. No Estudo 2 o questionário inicia-se com a coleta de poucos dados demográficos, seguida da primeira bateria de auto-avaliação do estado de ânimo, primeira bateria de Desconto do Futuro, uma pausa para a execução da música, e posteriormente, a segunda bateria de auto-avaliação do estado de ânimo e Desconto do Futuro, seguido restante dos questionamentos.

Segundo Wilson e Daly (2001; 2005) e Wilson, Daly e Gordon (1998; 2003) a estratégia de Desconto do Futuro é influenciada por condições ambientais, como quantidade

de recursos, taxa de risco, expectativa média de vida da população, além de sofrer ativação contextual de sinais reprodutivos (fotos de mulheres atraentes e carros bonitos), levando a um aumento da taxa de desconto. Todos esses elementos são acessados no Estudo 1 antes da realização das escolhas monetárias entre as recompensas imediatas e futuras. Enquanto no Estudo 2 nenhum desses sinais é sequer encontrado no restante do questionário, e como nossos resultados já mostraram, o acessar o estado de ânimo não influencia a taxa de desconto, não foi encontrada nenhuma correlação, e a mudança de estado de ânimo não promoveu nenhuma diferença nas taxas de desconto do futuro. Analisando possíveis diferenças entre os grupos quanto à taxa de desconto, encontramos resultados significativos ($U = 18473,000$; $z = -2,364$; $p = 0,018$), onde os participantes do Estudo 2 apresentaram taxas mais elevadas de desconto do que os participantes do Estudo 1: ao mesmo tempo, não foi encontrada diferença entre a sócio- sexualidade dos dois grupos ($F = 1,674$; $p = 0,196$). Tendo essa informação disponível percebemos uma clara diferença entre os grupos quanto ao desconto do futuro, devido à sua sensibilidade a sinais evolutivamente relevantes. As mesmas diferenças não são encontradas na sócio-sexualidade, pois o instrumento aborda comportamentos e atitudes, que não possui sensibilidade, pois acessam comportamentos reais já ocorridos e preferências resultantes da estratégia sexual e não de táticas, sendo necessário algum período ontogenético sensível para a alteração dessa condição, ou mudanças radicais na alocação de investimento parental, como um casamento ou o nascimento de um filho.

A heurística que rege o desconto do futuro (heurística das prioridades) pode ter sido influenciada pela ativação de outras heurísticas usadas no julgamento de escolhas como a idade até os participantes esperavam viver (heurística de disponibilidade) e até mesmo alguma ativação contextual resultante da disponibilidade de informações como os hábitos, os recursos e a própria expectativa de vida, por meio da utilização de uma heurística de ancoragem, onde valores ou informações disponibilizadas no início de uma tomada de decisão levam a um

ajuste do produto final no sentido da informação (Tversky & Kahneman, 1974). Um exemplo é o cálculo de uma multiplicação, onde os valores são colocados em ordem crescente ($1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5 \times 6 \times 7 \times 8$) e decrescente ($8 \times 7 \times 6 \times 5 \times 4 \times 3 \times 2 \times 1$). Os participantes têm apenas 5 segundos para estimar o valor final da multiplicação, como resultado final, aqueles aos quais foi apresentada a ordem crescente dão uma estimativa média de 512 como resultado, enquanto com a ordem decrescente, o resultado sobe para 2,250.

A diferença encontrada entre os grupos, com os participantes do Estudo 2 apresentando taxas inferiores de desconto, através das previsões de ajuste da estratégia de desconto (Wilson & Daly, 2001; 2005; Wilson, Daly & Gordon 1998; 2003) e as regras de heurística, níveis médio elevados de expectativa de vida (média = 81,93) deveriam reduzir a taxa de desconto, o mesmo aconteceria com uma considerável disponibilidade de recursos, quanto comparamos nossa amostra (2,7% na classe A1, 22,2% na A2, 34,2% na B1, 28% na B2, 11,6% na C1 e 1,3% na C2) com a realidade de nosso país (1% na classe A1, 4% na A2, 9% na B1, 15% na B2, 21% na C1 e 22% na C2 - de acordo com os registros de 2005 da Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa usando o Critério Brasil de Classificação Econômica). Somente os hábitos, que apresentam situações que podem ser enquadradas nos comportamentos de risco, permitiriam um aumento das taxas de desconto, no entanto, estudos mostram que ativação através de situações de risco aumenta a propensão ao um maior desconto, correr riscos e alocar mais investimento na escala do acasalamento, mas somente em homens (Baker, 2007; Daly & Wilson, 2001) e na presença de espectadores. Na ausência de audiência os comportamentos de risco, que estão ligados à competição intra-sexual e atração intersexual perdem seu propósito, não sendo ativados. Os resultados da literatura apóiam a não influência dos hábitos no aumento da taxa de desconto, devido à falta de audiência, sendo mantida a influência da expectativa de vida e da disponibilidade de recursos,

afetam tanto homens como mulheres, a apoiando a hipótese de sensibilidade das heurísticas ao coletarmos a taxa de desconto através de métodos de aversão ao risco.

11. CONCLUSÕES

Os resultados apóiam o modelo integrado de alocação de investimento reprodutivo responsável pelos ajustes das estratégias sexuais e de desconto do futuro. Entretanto, foram encontradas diferenças visíveis quanto aos resultados dos dois estudos, com o sócio-sexualidade feminina apresentando variação quanto aos quartis de desconto do futuro no primeiro estudo e correlações positivas encontradas para homens e mulheres entre a sócio-sexualidade e as taxas de desconto do futuro no segundo estudo.

O desconto do futuro, mesmo quando não estava diretamente correlacionado com a sócio-sexualidade, apresentou relação com o dilema de alocação reprodutiva entre a esfera parental e de acasalamento, apresentando resultados relevantes no teste da hipótese do modelo de ambiente de criação (Belsky, Steinberg & Draper, 1991; Chisholm, 1996) e hipótese alternativa do modelo de masculinização cognitiva (Mikach & Bailey, 1999), hipóteses originalmente criadas para o estudo das diferenças intra-sexuais na sócio-sexualidade.

Foi previsto que o modelo integrado fosse responsável pela alocação de investimentos reprodutivos em homens e mulheres, o que recebeu suporte no Estudo 2, mas não no Estudo 1. O que pode indicar diferença de sensibilidade e especificidades entre homens e mulheres, para o desconto do futuro e a ativação e funcionamento dos mecanismos heurísticos de tomada de decisão, como já vem sendo discutido com a estratégia sexual (Allen & Bailey, 2007; Clark, 2006; Gangestad & Simpson, 2000; Jackson & Kirkpatrick, 2007; Landolt, Lalumière & Quinsey, 1995; Mikach & Bailey, 1999; Webster & Bryan, 2007)

Através dos dois estudos confirmamos os padrões inter-culturalmente encontrados quanto às diferenças entre os sexos na sócio-sexualidade (Schmitt, 2005). A confirmação da existência de diferenças entre os sexos quanto ao Desconto do Futuro foi encontrada nos dois estudos.

Os resultados deram suporte parcial para as hipótese do modelo de ambiente de criação (Belsky, Steinberg & Draper, 1991; Chisholm, 1996) e hipótese alternativa do modelo de masculinização cognitiva (Mikach & Bailey, 1999), no entanto, parte do suporte foi dado pela sócio-sexualidade e outra parte pelo desconto do futuro. Somente a hipótese alternativa baseada no modelo de masculinização cognitiva recebeu suporte mútuo no caso feminino.

O modelo integrado entre a Seleção Sexual e a Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida como proposto por Geary (2002), onde encontramos um modelo de indivíduo baixo investidor parental e no outro lado um modelo de indivíduo alto investidor parental, que enfrenta o dilema reprodutivo de acordo com as regras e os níveis de competição intra-sexual e a possibilidade de escolha de parceiros, e a diferença de sensibilidade proposta pela Teoria do Pluralismo Estratégico, possibilitam uma investigação mais eficiente e melhor compreendida das variações inter e intra-sexuais, facilitando o teste da hipótese de mecanismo cognitivo integrado.

Nosso estudo ainda que de maneira indireta contribuiu para reforçar o papel da música como indicador de aptidão, como encontrado entre nossos resultados de musicalidade e a sócio-sexualidade. Mas ao mesmo tempo a não ativação do mecanismo de desconto do futuro pela música, enfraquece a música em si como sinal de ativação contextual ecologicamente relevante, no entanto, é importante destacar que a gama de estilos musicais e diferenças quanto à tonalidade (maior ou menor) e ritmo (acelerado ou lento), assim como músicas cantadas, ou com temas específicos, possuem suas especificidades e poderiam funcionar como

sinais de ativação de metas. Sendo necessário ampliar o número de estudos e abordagens para estudar a influência da música na ativação do desconto do futuro.

Outra importante contribuição dessa pesquisa foi a investigação de estudantes brasileiros, o que os adiciona ao espectro inter-cultural da variação da sócio-sexualidade e desconto do futuro, exclusividade dos estudos da América do Norte e Europa. Além disso, nosso trabalho é importante para aumentar a contribuição de estudos brasileiros realizados dentro da perspectiva da Psicologia Evolucionista e ainda mais abordar o tema do Desconto do Futuro, começando a ser estudado no Brasil e com poucas contribuições da perspectiva evolucionista na literatura.

Como última e mais importante contribuição destacamos a integração da Teoria do Desconto do Futuro com as Teorias Pluralistas das Estratégias Sexuais e a Sócio-sexualidade, contribuição única e atitude pioneira nos estudos evolucionistas envolvidos pela perspectiva do investimento parental.

O presente trabalho apresenta limitações, por estar baseada somente em auto-relatos de estudantes universitários, limitação metodológica e da amostra, apesar do auto-relato ser amplamente utilizado na literatura e da amostra contribuir para a análise de nossa hipótese principal, pois os participantes estão enfrentando intensamente o dilema reprodutivo direto. Em futuras pesquisas é necessária a utilização de outras abordagens, principalmente para a análise da estratégia sexual, respeitando as diferenças de sensibilidade entre homens e mulheres e para a análise de taxa de desconto do futuro, através de questionários mais robustos e até mesmo menos sensíveis, dependendo da proposta de pesquisa.

5. REFERÊNCIAS

- Ades, C. (2009). Um olhar evolucionista para a psicologia. In *Psicologia Evolucionista*. E. Otta & M. E. (Ed.) Yamamoto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Alcock, J. (2001). *Animal behavior: An evolutionary approach* (7^a ed.) Sunderland: Sinauer.
- Allen, J. S. & Bailey, K. G. (2007). Are Mating Strategies and Mating Tactics Independent Constructs? *Journal of Sex Research*, 44(3), 225-232.
- Asendorpf, J. B., & Penke, L. (2005). A mature evolutionary psychology demands careful conclusions about sex differences. *Behavioral and Brain Sciences*, 28, 275–276.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2007). *Critério Padrão de Classificação Econômica Brasil/2008*.
- Bailey, J. M.; Kirk, K. M.; Zhu, G.; Dunne, M. P. & Martin, N. G. (2000). Do individual differences in sociosexuality represent genetic or environmentally contingent strategies? Evidence from the Australian twin registry. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(3), 537-545.
- Baker, M. (2007). *Risk-taking as a mating strategy: the roles of sexual arousal, motivation, and situational context in risky behavior*. Master Degree Dissertation, Department of Psychology, College of Arts and Sciences, Florida State University.
- Barber, N. (1998). Sex differences in disposition towards kin, security of adult attachment, and sociosexuality as a function of parental divorce. *Evolution and Human Behavior*, 19, 125-132.
- Baron-Cohen, S. (2004). *A diferença essencial*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Baron-Cohen, S.; Wheelwright, S.; Lawson, J.; Griffin, R. & Hill, J. (2003). The systemizing quotient: An investigation of adults with Asperger Syndrome or high-functioning

- autism, and normal sex differences. *Philosophical Transactions of the Royal Society, Series B. Special issue on "Autism: Mind and Brain"*, 358, 361-374.
- Baron-Cohen, S. & Wheelwright, S. (2004). The empathy quotient: An investigation of adults with Asperger Syndrome or high-functioning autism, and normal sex differences. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 34(2), 163-175.
- Baron-Cohen, S. & Hammer, J. (1997). Is the autism an extreme from the male brain? *Advances in Infancy Research*, 11, 193-217.
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social psychology*, 61, 226-244.
- Belsky, J.; Steinberg, L. & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. *Child development*, 62, 647-670.
- Bjorklund, D. F. & Pellegrini, A. D. (2000). Child Development and Evolutionary Psychology. *Child Development*, 71(6), 1687-1708.
- Bouhuys, A. L.; Bloem, G. M. & Groothuis, T. G. G. (1995). Induction os depressed and elated mood by music influences the perception of facial emotional expressions in healthy subjects. *Journal of Affèrctive Disorders*, 33, 215-226.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss: Vol. I, Attachment*. Basic Books.
- Bowlby, J. (1973/1984). Separação: Angústia e raiva. In *Apego e perda: (Vol. 2)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1979/1989). *Formação e rompimento de laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Boyd, R. & Richerson, P. J. (1985). *Culture and evolutionary process*. Chicago: Universitu of Chicago Press.

- Brase, G. L. (2002). Mental modularity, metaphors, and the marriage of evolutionary and cognitive sciences. *Cognitive Processing*, 3(4), 3-17.
- Buss, D. M. (1994). The strategies of human mating. *American Scientist*, 82, 238-249.
- Buss, D. M. (1998). Sexual Strategies Theory: Historical Origins and Current Status. *The Journal of Sex Research*, 35(1), 19-31.
- Buss, D. M. (1999). *Evolutionary Psychology*. Austin: Allin & Bacon, 456 p.
- Buss, D. M. (2003). *The evolution of desire: strategies of human mating*. 2. ed. New York: Basic Books, p. 320.
- Buss, D. M. & Barends, M. (1986). Preferences in human mate selection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 559- 570.
- Buss D. M. & Schmitt; D. P. (1993). Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 100, 204-232.
- Bussab, V. S. H. (2003). *Afetividade e interação social em crianças: Perspectiva Psico-Etológica*. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Campos, L. S. (1999). *Diferenças sexuais em critérios de seleção de parceiro: uma leitura a partir do referencial da Psicologia Evolutiva*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Campos, L. S. (2005). *Relacionamentos amorosos de curta e de longa duração: uma análise a partir de anúncios classificados*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Campos L. S.; Otta, E.; Siqueira, J. O. (2002). Sex differences in mate selection strategies: Content analyses and responses to personal advertisements in Brazil. *Evolution and Human Behavior*. 23, 395–406.

- Chagnon, N.A. & Irons, W. (Eds.) (1979). *Evolutionary biology and human social behavior: An anthropological approach*. Scituate: Duxbury Press.
- Chisholm, J. S. (1996). The evolutionary ecology of attachment organization. *Human Nature*, 7, 1-38.
- Chisholm, J. S. (1999a). Steps to an evolutionary ecology of mind. In A.L. Hinton (Ed.), *Biocultural approaches to the emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chisholm, J. S. (1999b). Attachment and time preference: Relations between early stress and sexual behavior in sample of American university women. *Human Nature*, 10, 51-83.
- Chisholm, J. S.; Quivilan, J. A.; Petersen, R. W. & Coall, D. A. (2005). Early Stress Predicts Age at Menarche and First Birth, Adult Attachment, and Expected Lifespan. *Human Nature*, 16(3), 233-265.
- Clark, A. P. (2004). Self-perceived attractiveness and masculinization predict women's sociosexuality. *Evolution and Human Behaviour*, 25, 113–124.
- Clark, A. P. (2006). Are the correlates of sociosexuality different for men and women? *Personality and Individual Differences*, 41, 1321-1327.
- Clark, L. A.; Tellegen, A.; Watson, D. (1988). Development and Validation of Brief Measures of Positive and Negative Affect: The PANAS Scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 1063 -1070.
- Clutton-Brock, T. (2007). Sexual Selection in Males and Females. *Science*, 318, 1882-1885.
- Collins, N. L. & Read, S. J. (1990). Adult Attachment, Working Models, and Relationship Quality in Dating Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663.
- Cook, R. L. & Clark, D. B. (2005). Is There an Association Between Alcohol Consumption and Sexually Transmitted Diseases? A Systematic Review. *Sexually Transmitted Diseases*, 32(3), 156-164.

- Crawford, C. B. & Krebs, D. L. (eds.) (1998). *Handbook of Evolutionary Psychology: Ideas, Issues, and Applications*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Cronin, H. (1995). *A Formiga e Pavão: altruísmo e seleção sexual de Darwin até hoje*. Campinas: Papirus.
- Daly, M. & Wilson, M. (2001). Risk-taking, intrasexual competition, and homicide. *Nebraska Symposium on Motivation*, 47, 1-36.
- Daly, M. & Wilson, M. (2005). Carpe Diem: Adaptation and Devaluing the Future. *The Quarterly Review of Biology*, 80, 55–60.
- Darwin, C. (1871). *The Descent of man and selection in relation to sex*. London: Murray.
- Draper, P. & Harpending, H. (1982). Father absence and reproductive strategy: An evolutionary perspective. *Journal of Anthropological Research*, 38, 255–73.
- Drea, C. M. and K. Wallen. 2003. Female sexuality and the myth of male control. In C. B. Travis (Ed.), *Evolution, gender, and rape*. Cambridge: MIT Press.
- Ermer, E.; Cosmides, L. & Tooby, J. (2007). Functional Specialization and the Adaptationist Program. In. *The Evolution of Mind: Fundamental Questions and Controversies*. ed. by Gangestad, S. W. & Simpson, J. A., New York: The Guilford Press, 153-160.
- Evans, D. & Zarate, O. (1999). *Introducing evolutionary psychology*. Cambridge: Icon Books, 176 p.
- Ferreira, J. H. B. P. (2007). *Diferenças Individuais nas Estratégias e Táticas Reprodutivas de Adultos*. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Botucatu.
- Gangestad, S. W. & Scheyd, G. J. (2005). The Evolution of Human Physical Attractiveness. *Annual Review of Anthropology*, 34, 523-548.
- Gangestad, S. W. & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and Brain Sciences*, 23, 573-587.

- Geary, D. C. (2002). Sexual Selection and Human Life History. In, *Advances in child development and behavior*, R. Kail (Ed.). San Diego, CA: Academic Press.
- Geary, D. C. & Huffman, K. J. (2002). Brain and Cognitive Evolution: Forms of Modularity and Functions of Mind. *Psychological Bulletin*, 128 (5), 667-698.
- Goldstien, D. G. & Gigerenzer, G. (2002). Models of Ecological Rationality: The Recognition Heuristic. *Psychological Review*, 109(1), 75-90.
- Griskevicius, V.; Cialdini, R. B. & Kenrick, D. T. (2006). Peacocks, Picasso, and Parental Investment: The Effects of Romantic Motives on Creativity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(1), 63-76.
- Gross, M. R. (1996). Alternative reproductive strategies and tactics: diversity within sexes. *Trends in Ecology and Evolution*, 11(2), 92-98.
- Gross, M. R. & Sargent, R. C. (1985). The evolution of male and female parental care in fishes. *American Zoologist*, 25, 807-22.
- Hamilton, W. D. (1964). The genetical theory of social behavior. *Journal of Theoretical Biology*, 7(1), 52.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hoier, S. (2003). Father absence and age at menarche: A test of four evolutionary models. *Human Nature*, 14(3), 209-233.
- Jackson, J. J. & Kirkpatrick, L. A. (2007). The structure and measurement of human mating strategies: toward a multidimensional model of sociosexuality. *Evolution and Human Behavior*, 28, 382-391.
- Kanazawa, S. & Vandermassen, G. (2005). Engineers have more sons, nurses have more daughters: An evolutionary psychology extension of Baron-Cohen's extreme male brain theory of autism. *Journal of Theoretical Biology*, 233, 589-599.

- Kapland & Gangestad (2005). Life History Theory and Evolutionary Psychology. In *The Handbook of Evolutionary Psychology*, ed. by D. M. Buss. John Wiley & Sons Press.
- Kirby, K. N. & Marakovic, N. E. (1996). Delay-discounting probabilistic rewards: rates decrease as amounts increase. *Psychonomical Bulletin Review*, 3, 100–104.
- Low, B. S. (1988). Measures of polygyny in humans. *Current Anthropology*, 29, 189–95.
- Lyons, M. J.; Koenen, K. C.; Buchting, F.; Meyer, J. M.; Eaves, L.; Toomey, R.; Eisen, S. A.; Goldberg, J.; Faraone, S. V.; Ban, R. J.; Jerskey, B. A. & Tsuang, M. T. (2004). A Twin Study of Sexual Behavior in Men. *Archives of Sexual Behavior*, 33(2), 129–136.
- MacDonald, K. (1997). Life history and human reproductive behavior: Environmental/contextual influences and heritable variation. *Human Nature*, 8, 327–59.
- Maner, J.; Kenrick, D.; Becker, D.; Robertson, T.; Hofer, B.; Neuberg, S., et al. (2005). Functional projection: How fundamental social motives can bias interpersonal perception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 63-78.
- Mikach, S. M. & Bailey, J. M. (1999). What distinguishes women with unusually high numbers of sex partners? *Evolution and Human Behavior*, 20, 141-150.
- Miller, G. F. (1998). Review of “The handicap principle.” *Evolution Humam Behavior*, 19(5), 343-347.
- Miller, G. F. (2000). Mental Traits as Fitness Indicators: Expanding Evolutionary Psychology’s Adaptationism. *Annals of the New York Academy of Sciences*.
- Miller, G. F. (2001). *Mente Seletiva*. Rio de Janeiro: Campus.
- Moreira S.; Moreira J. M.; Mata, A.; Mata, R. & Veríssimo, J. (2003). Crônica dos bons malandros: diferenças entre sexos no nível e preditores da orientação para relações sexuais casuais. In J. M. Moreira (Org.) do simpósio O que se faz por cá: resultados

- portugueses do “International Sexuality Description Project”, apresentado no *V Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, de 16 a 18 de outubro, Lisboa.
- Moura, M. L. S. & Oliva, A. D. (2009) Arquitetura da mente, cognição e emoção: uma visão evolucionista. In. *Psicologia Evolucionista*. E. Otta & M. E. Yamamoto (Ed.) Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Musie, G.; Elijah, P. & Ulla, L. (2009). Alcohol Abuse, Sexual Risk Behaviors, and Sexually Transmitted Infections in Women in Moshi Urban District, Northern Tanzania. *Sexually Transmitted Diseases*, 36(2), 102-107.
- Neto, P. M. & Alves, R. (2007). *3º Relatório Nacional de Direitos Humanos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Núcleo de Estudos da Violência, 584p.
- Plavcan, J. M. & Schaik, C. P. (1997). Interpreting hominid behavior on the basis of sexual dimorphism. *Journal of Human Evolution*, 32, 345-374.
- Penke, L. (2005). Evolved psychological mating mechanisms in context: A closer look at sociosexual orientations. *Talk given at the 4th LIFE Fall Academy*, Ann Arbor, MI, USA, October 14th-18th, 2005.
- Otta, E; Queiroz, R. S.; Campos, L. S.; Silva, M. W. D. & Silveira, M. T. (1999). Age differences between spouses in a brazilian marriage sample. *Evolution and Human Behavior*. 20, 99–103.
- Otta, E. & Yamamoto, M. E. (Org.) (2009). *Psicologia Evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan
- Ratcliffe, M. (2005). An Epistemological Problem for Evolutionary Psychology. *International Studies in the Philosophy of Science*, 19(1), 47-63.
- Rhodes, G., Simmons, L. W. & Peters, M. (2005). Attractiveness and sexual behavior: Does attractiveness enhance mating success? *Evolution and Human Behavior*, 26, 186-201.

- Rodríguez-Gironés, M. A. & Enquist, M. (2001). The evolution of female sexuality. *Animal Behaviour*, 61, 695-704.
- Schmitt, D. P. et al. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: a 48-nation study of sex, culture and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, 28, 247-275.
- Schmitt, D. P. et al. (2004) Patterns and universal of adult romantic attachment across 62 cultural regions. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 35(4), 367-402.
- Schmitt, D. P.; Couden, A. & Baker, M. (2001). The Effects of Sex and Temporal Context on Feelings of Romantic Desire: An Experimental Evaluation of Sexual Strategies Theory. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(7), 833-847.
- Schmitt, D. P.; Shackelford, T. K.; Duntley, J.; Tooke, W. & Buss, D. M. (2001). The desire for sexual variety as a key understanding basic human mating strategies. *Personal Relationships*, 8, 425-455.
- Seok, B. (2006). Diversity and Unity of Modularity. *Cognitive Science*, 30, 347-380.
- Sheroki, F. (2004). *Um estudo das relações entre apego e indicies de depressão e fobia numa população evangélica*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Simpson, J. A. & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(6), 870-883.
- Simpson, J. A.; Gangestad, S. W. (1992). Sociosexuality and romantic partner choice. *Journal of Personality*, 60, 31-51.
- Simpson, J. A. & Lapaglia, J. (2006). Strategic pluralism and human mating: Patterned changes in women's mate preferences across the ovulatory cycle. *Sydney Symposium of Social Psychology*, Sydney, Australia, March.

- Simpson, J. A. & Orina, M. (2003). Strategic pluralism and context-specific mate preferences in humans. In: *From mating to mentality: Evaluating evolutionary psychology*, ed. K. Sterelny & J. Fitness. Psychology Press, 39–70
- Thiessen, D. (1994). Environmental tracking by females: Sexual lability. *Human Nature*, 5, 167–202.
- Tooby, J. & Cosmides, L. (1989). Evolutionary psychology and the generation of culture: part I. Theoretical considerations. *Ethology and Sociobiology*, 11, 375-424.
- Tooby, J. & Cosmides, L. (1992). The psychological foundations of culture. In: *The adapted mind: Evolutionary psychology and the generation of culture*, ed. J. Barkow, L. Cosmides & J. Tooby. Oxford University Press.
- Todd, P. M. & Gigerenzer, G. (2000). Precis of “simple heuristic that make us smart.” *Behavioral and Brain Science*, 1, 727-780.
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. Em B. Campbell (Org.), *Sexual selection and the descent of man*. Chicago: Aldine Atherton, 136-179.
- Van IJzendoorf, M. H. & Sagi, A. (1999). Cross-cultural patterns of attachment: Universal end contextual dimensions. Em Cassidy, J. & Shaver, P. R. (Org.), *Handbook of attachment*. New York: Guilford, 713-734.
- Varella, M. A. C. (2007). Variação individual nas estratégias sexuais: alocação de investimentos parentais e pluralismo estratégico. 148f. Dissertação (Mestrado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Voland, E. (1998). Evolutionary ecology and human reproduction. *Annual Review of Anthropology*, 27, 347-374.
- Voracek, M. (2005). Shortcomings of the sociosexual orientation inventory: can psychometrics inform evolutionary psychology? *Behavioral and Brain Sciences*, 28, 296–297.

- Webster, G. D. & Bryan, A. (2007). Sociosexual attitudes and behaviors: Why two factors are better than one. *Journal of Research in Personality*, 41, 917-922.
- Weinrich, J. (1977). Human sociobiology: Pairbonding and resource predictability (effects of social class and race). *Behavioral Ecology and Sociobiology*, 2, 91–118.
- Williams, G. C. (1966). *Adaptation and natural selection*. Princeton University Press.
- Wilson, S. W. (1994). Adaptive genetic variation and human evolutionary psychology. *ethology and sociobiology*, 15, 219-235.
- Wilson, M., & Daly, M. (1997). Life expectancy, economic inequality, homicide and reproductive timing in Chicago neighbourhoods. *British Medical Journal*, 314, 1271-1274.
- Wilson, M. & Daly, M. (2006). Are Juvenile Offenders Extreme Future Discounters? *Psychological Science*, 17(11), 989-994.
- Wilson, M., Daly, M. & Gordon, S. (1998). The evolved psychological apparatus of human decision-making is one source of environmental problems. *Behavioral ecology and conservation*. Oxford University Press, 501-523.
- Wilson, M., Daly, M. & Gordon, S. (2003). Do pretty women inspire men to discount the future? *The Royal Society (Supplement)*, 271, S177–S179.
- Wright, R. (1996). O animal moral: porque somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista. Tradução L. Wyler. Rio de Janeiro.

ANEXO A

Pretende-se investigar variações individuais nas propensões para relacionamentos amorosos de curto e de longo prazo e alocação de investimento.

Por favor, responda às seguintes questões o mais sinceramente possível. Lembre-se que suas respostas são confidenciais, não identificadas e que não existem repostas certas ou erradas.

I - Dados Demográficos

Sexo: (M) (F); Idade (_ _); Curso: _____; Formação: _____;
 Cidade onde mora: _____; Estado Civil: _____;
 Qual é a sua altura? _____;
 Você é preferencialmente Destro ou Canhoto? (D) (C);

No caso feminino:

Está grávida? (S) (N);
 Usa contraceptivo hormonal (Ex: pílula.)? (S) (N);
 Ciclo menstrual regular? (S) (N);
 Ciclo menstrual mensal de quantos dias (ex: 28 dias)? (_____) dias;
 Data da última menstruação? (____ / ____) dd/mm;
 Primeira menstruação com quantos anos? (_____) anos

Sobre Irmãos e Filhos:

Indique o Sexo [Masculino ou Feminino] e a idade de cada irmão legítimo segundo a ordem de nascença. *Exemplo: 1º (_M_/27 anos), 2º (_EU_/__anos), 3º (_F_/12_ anos).*

1º (__ / __ anos), 2º (__ / __ anos), 3º (__ / __ anos), 4º (__ / __ anos), 5º (__ / __ anos)

Pais divorciados na sua infância: (Sim) ou (Não)?; Quantos anos você tinha? (_____) anos

Pais falecidos na sua infância: (Sim) ou (Não)?; Quantos anos você tinha? (_____) anos

Possui filhos? (S) (N);

Indique o Sexo [Masculino ou Feminino] e a idade de cada **filho legítimo** segundo a ordem de nascença.

1º (__ / __ anos), 2º (__ / __ anos), 3º (__ / __ anos), 4º (__ / __ anos), 5º (__ / __ anos)

II - Inventário de Status Sócio-Econômico

Marque com um "x" no número de eletrodomésticos de sua residência.					
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	()	()	()	()	()
Rádio	()	()	()	()	()
Banheiro	()	()	()	()	()
Automóvel	()	()	()	()	()
Empregada mensalista	()	()	()	()	()
Aspirador de pó	()	()	()	()	()
Máquina de lavar	()	()	()	()	()
Vídeo cassete e/ou DVD	()	()	()	()	()
Geladeira	()	()	()	()	()
Freezer	()	()	()	()	()

Marque com um "x" o grau de instrução do(a) chefe de família em sua casa.	
Analfabeto / Ensino Fundamental I Incompleto	()
Ensino Fundamental I Completo / Ensino Fundamental II Incompleto	()
Ensino Fundamental II Completo / Ensino Médio Incompleto	()
Ensino Médio Completo / Superior Incompleto	()
Superior Completo	()

Sobre seus hábitos

1- Num mês típico, quantas vezes você costuma sair à noite (bares, festas, danceterias, reuniões de amigos, etc)?

() Não costumo sair; (____) Número de vezes

2 - Sem levar em consideração seus compromissos diários você prefere:

Dormir: () Cedo; () Tarde;

Acordar: () Cedo; () Tarde;

3 - Quantos cigarros você normalmente consome em um dia?

() Não fumo; (____) Número de cigarros.

4 - Quantos cigarros você normalmente consome em uma festa?

() Não fumo; (____) Número de cigarros.

5 - Quantas doses (veja a tabela abaixo) de bebida alcoólica você normalmente consome em uma festa?

() Não bebo; () Número de doses.

Tabela de doses

Uma dose de cerveja _____ uma lata de 350 ml.
 Uma dose de vinho _____ um copo (tipo americano) 150 ml.
 Uma dose de vinho encorpado (martini, cinzano) __ 50 ml.
 Uma dose de destilado (pinga, uísque, conhaque) __ 36 ml.

III – Questionário de Desconto do Futuro

1- Seus pais estão vivos? (Pode marcar mais de uma alternativa)

- a) Pai sim
- b) Mãe sim
- c) Pai não
- d) Mãe não

2- Até que idade você imagina que vai viver? _____

3- **Seja um Vencedor!**

Você tem a chance de ganhar dinheiro. Você prefere ganhar dinheiro agora ou prefere esperar e ganhar uma quantia maior de dinheiro mais tarde?

Qual opção você prefere? Escolha uma opção em cada linha.

()	R\$ 34,00 amanhã	ou	R\$ 35,00 em 186 dias	()
()	R\$ 47,00 amanhã	ou	R\$ 50,00 em 160 dias	()
()	R\$ 22,00 amanhã	ou	R\$ 25,00 em 136 dias	()
()	R\$ 49,00 amanhã	ou	R\$ 60,00 em 89 dias	()
()	R\$ 19,00 amanhã	ou	R\$ 25,00 em 53 dias	()
()	R\$ 34,00 amanhã	ou	R\$ 50,00 em 30 dias	()
()	R\$ 14,00 amanhã	ou	R\$ 25,00 em 19 dias	()
()	R\$ 25,00 amanhã	ou	R\$ 60,00 em 14 dias	()
()	R\$ 11,00 amanhã	ou	R\$ 30,00 em 7 dias	()

IV - Inventário de Orientação Sócio-Sexual

Solicitamos que você responda às questões abertas sobre comportamento, **ESCREVENDO** sua resposta no espaço em branco sublinhado após a pergunta. Para **RESPONDER** às questões sobre seus pensamentos e atitudes, **CIRCULE** um valor de 1 a 9 referente ao grau em que elas se aplicam a você, sendo que 1 (um), a **mínima** e 9 (nove), a **máxima** aplicação da declaração a você.

1. Com quantos parceiros *diferentes* você teve relação sexual durante o ano passado? (_____).
2. Quantos parceiros sexuais *diferentes* você estima que terá nos próximos 5 anos? (Por favor, dê uma estimativa específica e realista) (_____).
3. Com quantos parceiros diferentes você teve relação sexual *somente* uma vez? (_____).
4. Com que frequência você fantasia em ter relações sexuais com outra pessoa além do seu(sua) parceiro(a) atual?

(Assinale uma das 8 respostas abaixo).

- | | |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| (1) Nunca | (5) Uma vez por semana |
| (2) Uma a cada dois ou três meses | (6) Poucas vezes em cada semana |
| (3) Uma vez por mês | (7) Quase uma vez por dia |
| (4) Uma vez a cada duas semanas | (8) Pelo menos uma vez por dia |

5. Por mim está tudo bem em fazer sexo sem amor.

1.....2.....3.....4.....5.....6.....7.....8.....9

Discordo fortemente

Concordo fortemente

6. Eu consigo me imaginar confortável e gostando de ter relações de sexo casual com diferentes parceiros.

1.....2.....3.....4.....5.....6.....7.....8.....9

Discordo fortemente

Concordo fortemente

7. Eu precisaria estar muito vinculado(a) (emocional e psicologicamente) a alguém para me sentir confortável e poder apreciar plenamente um relacionamento sexual.

1.....2.....3.....4.....5.....6.....7.....8.....9

Discordo fortemente

Concordo fortemente

Sobre sua vida amorosa

- Você está namorando? (Sim), (Não);
 Você é casado? (Sim), (Não);
 Você está envolvido em alguma relação amorosa de longa duração (*namoro firme, elevado comprometimento*)? (Sim), (Não);
 Você está apaixonado? (Sim), (Não);
 Quantas relações amorosas de longa duração você já teve? (____);
 Com quantos anos você teve sua primeira relação sexual? (____) anos;
 Você já teve alguma Doença Sexualmente Transmissível? (Sim), (Não);

V - Questionário de Estilos de Apego

Para as declarações abaixo **CIRCULE** um valor de 1 a 5 referente ao grau em que elas se aplicam a você, sendo que 1 (um), a **mínima** e 5 (cinco), a **máxima** aplicação da declaração a você. Marque o valor na escala abaixo de cada questão e, mesmo na dúvida, não deixe de atribuir nota a nenhuma delas.

1. Acho relativamente fácil me aproximar das pessoas.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente |_____| |_____| |_____| |_____| Me identifico fortemente

2. Acho difícil confiar nos outros.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente |_____| |_____| |_____| |_____| Me identifico fortemente

3. Muitas vezes fico preocupada pensando se meu parceiro amoroso realmente me ama.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente |_____| |_____| |_____| |_____| Me identifico fortemente

4. Acho que as outras pessoas não querem se aproximar de mim tanto quanto eu gostaria.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente |_____| |_____| |_____| |_____| Me identifico fortemente

5. Eu me sinto bem confiando nas outras pessoas.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente |_____| |_____| |_____| |_____| Me identifico fortemente

6. Eu não me incomodo quando as pessoas ficam muito ligadas afetivamente em mim.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente |_____| |_____| |_____| |_____| Me identifico fortemente

7. Eu acho que as pessoas nunca estão lá quando a gente precisa delas.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente |_____| |_____| |_____| |_____| Me identifico fortemente

8. Eu me incomodo um pouco com a proximidade afetiva das outras pessoas.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente |_____| |_____| |_____| |_____| Me identifico fortemente

9. Frequentemente me preocupo com a possibilidade do meu parceiro amoroso não querer mais ficar comigo.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente |_____| |_____| |_____| |_____| Me identifico fortemente

10. Quando demonstro meus sentimentos para os outros, tenho medo que eles não sintam o mesmo por mim.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente |_____| |_____| |_____| |_____| Me identifico fortemente

11. Muitas vezes me pergunto se meus parceiros amorosos realmente gostavam de mim.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente | _____ | _____ | _____ | _____ | Me identifico fortemente

12. Eu me sinto bem quando estabeleço relações próximas com outras pessoas.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente | _____ | _____ | _____ | _____ | Me identifico fortemente

13. Eu não gosto quando alguém fica muito ligado afetivamente a mim.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente | _____ | _____ | _____ | _____ | Me identifico fortemente

14. Eu sei que as pessoas estarão lá quando eu precisar delas.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente | _____ | _____ | _____ | _____ | Me identifico fortemente

15. Eu quero me aproximar das pessoas, mas tenho medo de me ferir.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente | _____ | _____ | _____ | _____ | Me identifico fortemente

16. Eu acho difícil confiar inteiramente nos outros.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente | _____ | _____ | _____ | _____ | Me identifico fortemente

17. Em geral, meus parceiros amorosos querem que eu fique emocionalmente mais próxima deles do que eu gostaria.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente | _____ | _____ | _____ | _____ | Me identifico fortemente

18. Não tenho certeza de poder contar sempre com os outros quando eu precisar deles.

1.....2.....3.....4.....5

Me identifico fracamente | _____ | _____ | _____ | _____ | Me identifico fortemente

Obrigado pela Participação!!!

ANEXO B

Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu sou pós-graduando do Departamento de Psicologia Experimental do IPUSP e estou efetuando a presente pesquisa de Mestrado, orientado pela Profa. Titular Vera Silvia Raad Bussab.

O objetivo da pesquisa é estudar o perfil cognitivo, de sexualidade e de investimento no futuro, em jovens adultos, através de dados demográficos, como idade, sexo, número de irmãos; através da resposta a questionários que investigam características psicológicas, de sexualidade e comportamentos sexuais, e hábitos cotidianos; e também através de outras variáveis como consumo de cigarro e álcool.

Pretende-se investigar variações individuais nas propensões para relacionamentos amorosos de curto e de longo prazo, em função de fatores de alocação de investimentos, com base na Psicologia Evolucionista.

Não há respostas certas ou erradas - gostaria que o participante se empenhasse em responder da forma mais espontânea possível. O participante pode deixar a pesquisa a qualquer momento se assim o desejar. O Termo não está diretamente vinculado ao questionário, que é anônimo, e não produzirá qualquer dano ou gasto para os respondentes. Os dados serão tratados de maneira compatível com a Ética da Pesquisa em Psicologia. Caso o participante tenha interesse poderá nos acionar a qualquer momento, estamos disponibilizando nossos endereços eletrônicos: vsbussab@usp.br e jh_benedetti@yahoo.com.br.

Consentimento

Eu, (abaixo assinado), concordo em participar da pesquisa sobre a alocação de investimento nos indivíduos jovens e declaro estar ciente que dados do questionário terão apenas fins científicos, que meu nome estará sob sigilo e que eu posso desistir a qualquer momento da pesquisa.

Data ____ / ____ / ____

Cordialmente,

José Henrique Benedetti Piccoli Ferreira

Pós-graduando responsável pela pesquisa

Nome do Participante

Assinatura do Participante

ANEXO C




UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Prot.013/08-CEPH-IP19/03/2008

Senhora Professora,

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (CEPH-IP) aprovou o projeto intitulado "*Sócio-Sexualidade e Desconto do Futuro: variações inter e intra-sexuais*" a ser desenvolvido pelo mestrando José Henrique Benedetti Piccoli Ferreira junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob orientação de V.Sa.

Atenciosamente,


Profa. Dra. Ana Maria de Barros Aguirre Camargo
p/Presidente do CEPH-IP

Ilma. Sra
Profa. Dra. Vera Silvia Raad Bussab
Departamento de Psicologia Experimental
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

ANEXO D

Você está participando de uma pesquisa que visa avaliar características psicológicas relacionadas à audição musical. As respostas são sigilosas, não identificadas e não existem respostas certas ou erradas. Tente responder o mais sinceramente possível a todas as perguntas.

Sexo: () Masculino; () Feminino; **Idade:** () **Curso:** _____

I – Esta escala consiste em um número de palavras que descrevem diferentes **sentimentos e emoções**. **Leia** cada item atentamente e **marque** a resposta apropriada no espaço próximo a esta palavra. Indique como você se sente **neste exato momento**. Use a seguinte escala para registrar suas respostas:

1- muito pouco ou nem um pouco; **2-** um pouco; **3-** moderadamente; **4-** muito; **5-** extremamente

_____ interessado			
_____ estressado	_____ assustado	_____ alerta	_____ atencioso
_____ excitado	_____ hostil	_____ envergonhado	_____ agitado
_____ triste	_____ entusiasmado	_____ inspirado	_____ ativo
_____ forte	_____ orgulhoso	_____ nervoso	_____ amedrontado
_____ culpado	_____ irritado	_____ determinado	

II - Faça uma **auto-avaliação do seu estado de ânimo** desse **exato momento** respondendo sinceramente às perguntas abaixo. **Circule** o número correspondente à intensidade do estado em que você se encontra. **Quanto você se sente:**

- **Desanimado(a)** 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10 **Animado(a)**
 - **Relaxado** 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10 **Agitado**
 - **Triste** 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10 **Alegre**
 - **Calmo** 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10 **Inquieto**
- **Submisso(a)** 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10 **Dominante**

III – Você tem a chance de ganhar dinheiro. Você prefere ganhar dinheiro agora ou prefere esperar e ganhar uma quantia maior de dinheiro mais tarde?

Qual opção você prefere? Escolha uma opção em cada linha.

a) ()	R\$ 34,00 amanhã	ou	R\$ 35,00 em 186 dias	()
b) ()	R\$ 47,00 amanhã	ou	R\$ 50,00 em 160 dias	()
c) ()	R\$ 22,00 amanhã	ou	R\$ 25,00 em 136 dias	()
d) ()	R\$ 49,00 amanhã	ou	R\$ 60,00 em 89 dias	()
e) ()	R\$ 19,00 amanhã	ou	R\$ 25,00 em 53 dias	()
f) ()	R\$ 34,00 amanhã	ou	R\$ 50,00 em 30 dias	()
g) ()	R\$ 14,00 amanhã	ou	R\$ 25,00 em 19 dias	()
h) ()	R\$ 25,00 amanhã	ou	R\$ 60,00 em 14 dias	()
i) ()	R\$ 11,00 amanhã	ou	R\$ 30,00 em 7 dias	()

Pare de preencher o questionário. Você ouvirá uma música instrumental por alguns minutos. Feche os olhos e concentre-se na música. Ao nosso sinal continue o preenchimento.

Por favor:

-Não vire a página até receber o sinal;

-Não comente nada com as pessoas ao lado até que os questionários tenham sido recolhidos.

IV – Leia novamente cada item atentamente e **marque** a resposta apropriada no espaço próximo a esta palavra. Indique como você se sente **neste exato momento**. Use a seguinte escala para registrar suas respostas:

1- muito pouco ou nem um pouco; 2- um pouco; 3- moderadamente; 4- muito; 5- extremamente

_____ interessado	_____ culpado	_____ irritado	_____ determinado
_____ estressado	_____ assustado	_____ alerta	_____ atencioso
_____ excitado	_____ hostil	_____ envergonhado	_____ agitado
_____ triste	_____ entusiasmado	_____ inspirado	_____ ativo
_____ forte	_____ orgulhoso	_____ nervoso	_____ amedrontado

V – Faça outra auto-avaliação do seu **estado de ânimo** desse exato momento respondendo sinceramente às perguntas abaixo sem se preocupar com suas respostas anteriores. **Circule** o número correspondente à intensidade do estado em que você se encontra. **Quanto você se sente:**

- **Desanimado(a)** 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10 **Animado(a)**
- **Relaxado** 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10 **Agitado**
- **Triste** 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10 **Alegre**
- **Calmo** 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10 **Inquieto**
- **Submisso(a)** 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10 **Dominante**

VI – Agora você tem outra chance de ganhar dinheiro. Você prefere ganhar dinheiro agora ou prefere

esperar e ganhar uma quantia maior de dinheiro mais tarde?

Qual opção você prefere? Escolha uma opção em cada linha sem se preocupar com as respostas anteriores.

a) ()	R\$ 54,00 amanhã	ou	R\$ 55,00 em 117 dias	()
b) ()	R\$ 28,00 amanhã	ou	R\$ 30,00 em 179 dias	()
c) ()	R\$ 54,00 amanhã	ou	R\$ 60,00 em 111 dias	()
d) ()	R\$ 25,00 amanhã	ou	R\$ 30,00 em 80 dias	()
e) ()	R\$ 55,00 amanhã	ou	R\$ 75,00 em 61 dias	()
f) ()	R\$ 24,00 amanhã	ou	R\$ 35,00 em 29 dias	()
g) ()	R\$ 27,00 amanhã	ou	R\$ 50,00 em 21 dias	()

h) ()	R\$ 15,00 amanhã	ou	R\$ 35,00 em 13 dias	()
i) ()	R\$ 20,00 amanhã	ou	R\$ 55,00 em 7 dias	()

VII - A respeito da sua própria musicalidade:

- Quanto de **experiência** você tem em cantar e/ou tocar algum instrumento musical?
0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10
Pouco *Muito*
- Quanto você **gosta de cantar**?
0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10
Pouco *Muito*
- Quanto você **gosta de tocar** algum instrumento musical?
0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10
Pouco *Muito*
- Quanto você **gosta de apreciar/ouvir** música?
0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10
Pouco *Muito*
- Quanto de música você **ouve por dia**?
0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10
Pouco *Muito*
- Qual a **importância** da música na sua vida?
0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10
Pouco *Muito*

VIII - A respeito da sua sexualidade: Solicitamos que você responda às questões abertas sobre comportamento, **ESCREVENDO** sua resposta no espaço em branco sublinhado após a pergunta. Para **RESPONDER** às questões sobre seus pensamentos e atitudes, **ASSINALE** com um "X" o número apropriado da escala fornecida.

1. Com quantos parceiros diferentes você teve relação sexual durante o ano passado? (_____).
2. Quantos parceiros sexuais diferentes você estima que terá nos próximos 5 anos? (Por favor, dê uma estimativa específica e realista) (_____).
3. Com quantos parceiros diferentes você teve relação sexual somente uma vez? (_____).
4. Com que frequência você fantasia em ter relações sexuais com outra pessoa além do seu(sua) parceiro(a) atual?
(Assinale uma das 8 respostas abaixo).

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> (1) Nunca (2) Uma a cada dois ou três meses (3) Uma vez por mês (4) Uma vez a cada duas semanas | <ul style="list-style-type: none"> (5) Uma vez por semana (6) Poucas vezes em cada semana (7) Quase uma vez por dia (8) Pelo menos uma vez por dia |
|--|--|

5. Por mim está tudo bem em fazer sexo sem amor.

1-----2-----3-----4-----5-----6-----7-----8-----9
Discordo fortemente *Concordo fortemente*

6. Eu consigo me imaginar confortável e gostando de ter relações de sexo casual com diferentes parceiros.

1-----2-----3-----4-----5-----6-----7-----8-----9
Discordo fortemente *Concordo fortemente*

7. Eu precisaria estar muito vinculado(a) (emocional e psicologicamente) a alguém para me sentir confortável e poder apreciar plenamente um relacionamento sexual.

1-----2-----3-----4-----5-----6-----7-----8-----9
Discordo fortemente *Concordo fortemente*

IX - Sobre sua **vida amorosa**:

- Você está envolvido em alguma **relação amorosa de longa duração** (*namoro firme, elevado comprometimento*)? (Sim) (Não);
- Você está **apaixonado(a)** por alguém? (Sim), (Não);

1. Se **Sim**, quanto?

0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10
Pouco **Muito**

- Com quantos anos você teve sua **primeira** relação sexual? (___) anos;
- Você tem **filhos**? (Sim) (Não);

- Você sente mais **atração sexual** por: 0---1---2---3---4---5---6---7---8---9---10
Homens **Ambos** **Mulheres**

X – Apenas para mulheres

Está grávida? (Sim) (Não); Usa contraceptivo hormonal (Ex: pílula.)? (Sim) (Não);

Ciclo menstrual **regular**? (Sim) (Não); Ciclo **mensal** de quantos dias? (Ex:28) (___)

Data da **última** menstruação? (___/___) dd/mm; Idade da primeira menstruação (___) anos

Obrigado pela participação!

ANEXO E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

FACES e música: o papel da música e da emoção na percepção de faces

Pesquisadores: Cecília Cesário Lérco, Débora Pukaro, Fábio Nakamatu, Heloísa Alves de André, Iara Maradian Pedó, Lilian Andrade, Lúcia Kaori Masumoto, Luiz Tadeu Gabriel Filho, Mariana Sica, Roberto Profeta, Suellen Maria Dantas e Tatiana Valle.

Monitores Pós-graduando: José Henrique Benedetti Piccoli Ferreira e Marco Antônio Corrêa Varella.

O presente estudo tem como objetivo analisar as relações entre a música, as emoções por ela despertadas e a influência desses fatores na percepção de faces e em escolhas monetárias.

Será acessado nos participantes o estado de ânimo, os mesmos ouvirão a uma música, responderão questionários para o acesso da influência da música em escolhas monetárias e percepção de emoções. Não há qualquer prejuízo financeiro ou psicológico nem desconforto físico decorrente da participação da pesquisa.

A adesão à pesquisa é voluntária, sendo possível a desistência a qualquer momento sem que haja nenhum prejuízo. Os pesquisadores estão à disposição para responder quaisquer dúvidas que surjam antes, durante e depois da pesquisa.

Não há respostas certas ou erradas - gostaríamos que o participante se empenhasse em responder da forma mais espontânea possível. O participante pode deixar a pesquisa a qualquer momento se assim o desejar. O Termo não está diretamente vinculado ao questionário, que é anônimo, e não produzirá qualquer dano ou gasto para os respondentes. Os dados serão tratados de maneira compatível com a Ética da Pesquisa em Psicologia.

Consentimento

Eu, (abaixo assinado), concordo em participar da pesquisa sobre a alocação de investimento nos indivíduos jovens e declaro estar ciente que dados do questionário terão apenas fins científicos, que meu nome estará sob sigilo e que eu posso desistir a qualquer momento da pesquisa.

Data ____ / ____ / ____

Cordialmente,

José Henrique Benedetti Piccoli Ferreira

Marco Antônio Corrêa Varella

Pós-graduandos responsáveis pela pesquisa